



MEMÓRIAS

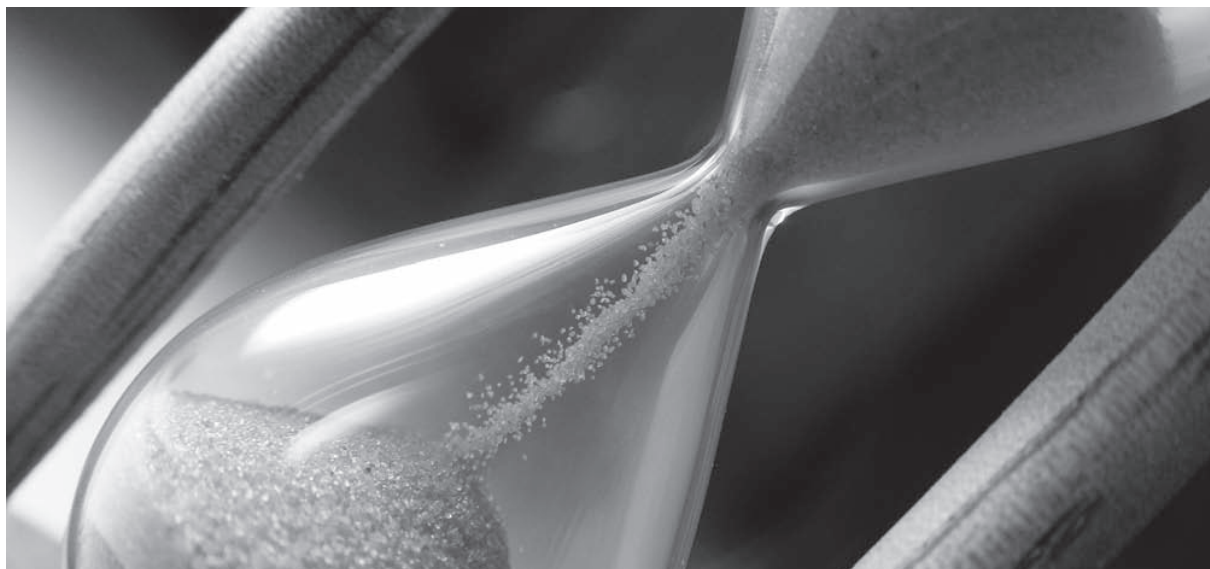
DE GERAÇÕES

Projeto Rádio Diversidade II

Planaltina-DF - 2013

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

BATISTA FILHO
REJANE ARAÚJO DE OLIVEIRA
REGINA COELLY FERNANDES SARAIVA
LEONIO MATOS GOMES
LUIZA PAULA ARAÚJO DE OLIVEIRA
Organizadores(as)



MEMÓRIAS

DE GERAÇÕES

1ª Edição
Planaltina-DF
2013

Memórias de gerações. / João Batista de Oliveira Filho, Rejane Araújo de Oliveira, Regina Coelly Fernandes Saraiva, Leonio Matos Gomes, Luiza Paula Araújo de Oliveira [organizadores(as)]. / Fundo Nacional de Cultura/MinC. / Brasília, 2013.

1ª edição. / 260 pág. / P & b. / 20x23cm. / 6000 unid.

ISBN 978-85-915481-0-1

1. Memórias. 2. Entrevistas. 3. Ciências sociais. I. Oliveira Filho, João Batista. II. Oliveira, Rejane Araújo de. III. Saraiva, Regina Coelly Fernandes. IV. Gomes, Leonio Matos. V. Oliveira, Luiza Paula Araújo de. VI. Fundo Nacional de Cultura/MinC. VI. Título.

CDU 82-929

Em memória de
Juliana Farias Cavalcante

Filha de Francisca e Djalma, licenciada em História e mestra em Desenvolvimento Sustentável (CDS) pela Universidade de Brasília, acreditava na Educação como instrumento de transformação da sociedade.

O seu último trabalho pela Rádio Utopia foi a entrevista com a primeira narradora presente neste livro. O seu desencarne ocorreu no dia 3 de agosto de 2010, mas sua presença amiga continua a se fazer sentir entre as pessoas que partilham dos seus ideais mais nobres.



***“Eu queria comer
felicidade no café da manhã!”***



Não, não foi um “adeus!” – foi só um
“tchau!”, um “até logo!” – nem por isso doeu
menos. Se penso nos dias como medida do
tempo, convivemos pouco: quatro anos,
apenas. Como coube tanto,
em tão pouco tempo?!

Sem ter a preocupação de me ensinar nada,
me ensinaste a compreender melhor as
dificuldades alheias. Sem ter a preocupação
de me ensinar nada, me ensinaste que a
vida de uma formiga, de um pássaro, de
um riacho ou de uma árvore torta – são
tão importantes quanto a vida de qualquer
mulher ou homem.

Tombaste tão devagarinho que pensei,
por um momento, tratar-se de mais uma
brincadeira tua.

Tombaste tão de mansinho que pensei,
por um momento, buscavas tão somente,
carinho de pai.

(Se até Cristo chorou a falta do amigo
Lázaro, por que comigo seria diferente?!)

Voltaste pras estrelas quando os bem-te-vis
mais cantavam. Voltaste pras estrelas na
floração dos Ipês Amarelos. Voltaste pras
estrelas com o sol mais forte, logo depois
do meio-dia. Foi no meu colo e no colo de
minha filha que sorveste, pela última vez,
o ar que respiro.

Foste na época em que o céu de Brasília é mais bonito e claro... e a secura mais cruel! Os sabiás que cantam no Plano Piloto são os mesmos que alegram Planaltina, sabias disso? Não?! Sim?! Há, há, há!!! Adoro o teu riso... aliás, todo mundo adora o teu riso.

Os bem-te-vis voam pra todo lado e cantam por tudo ou a pretexto de nada. A cor que mais se destaca nesses passarinhos é o amarelo: amarelo tão vivo quanto as flores do Ipê. Sempre amei os Ipês, Juju. Principalmente os Amarelos. Te falei sobre isso. Além das árvores tortas do Cerrado, amavas, de um modo especial, a florada dos Ipês Amarelos – me confessaste um dia.

Voltaste pras estrelas, viajante que és. É, qualquer dia a gente se reencontra, tal qual as lágrimas de hoje, que escorrem dos meus olhos, caem no solo e um dia tornarão ao meu rosto, como água da chuva. E aí a gente vai rir e chorar, de pura alegria. E mesmo sem asas, voar com os bem-te-vis, até os Ipês Amarelos, que encantam Brasília.

Por tudo isso, Juju, jamais te direi “adeus!”
Digo “tchau!” ou “até logo!”
... nem por isso, dói menos.





PARCERIAS

Escola Classe 08
Centro de Ensino Fundamental 04
Centro Educacional Vale do Amanhecer

Sala de Recursos de Altas Habilidades do CEF 04:
Artes Visuais
Artes Cênicas
Língua Portuguesa
Acadêmica (séries iniciais)
Sala de Recursos Generalista (CEF 04)

Universidade de Brasília - UnB:
Faculdade UnB Planaltina - FUP
Programa de Extensão “Comunicação Comunitária”
[Projeto dissonante.org](http://ProjetoDissonante.org)

miralto.com.br
TV Comunitária de Brasília
Centro de Integração, Esporte e Cultura - CIEC

REALIZAÇÃO



UTOPIAFM.COM

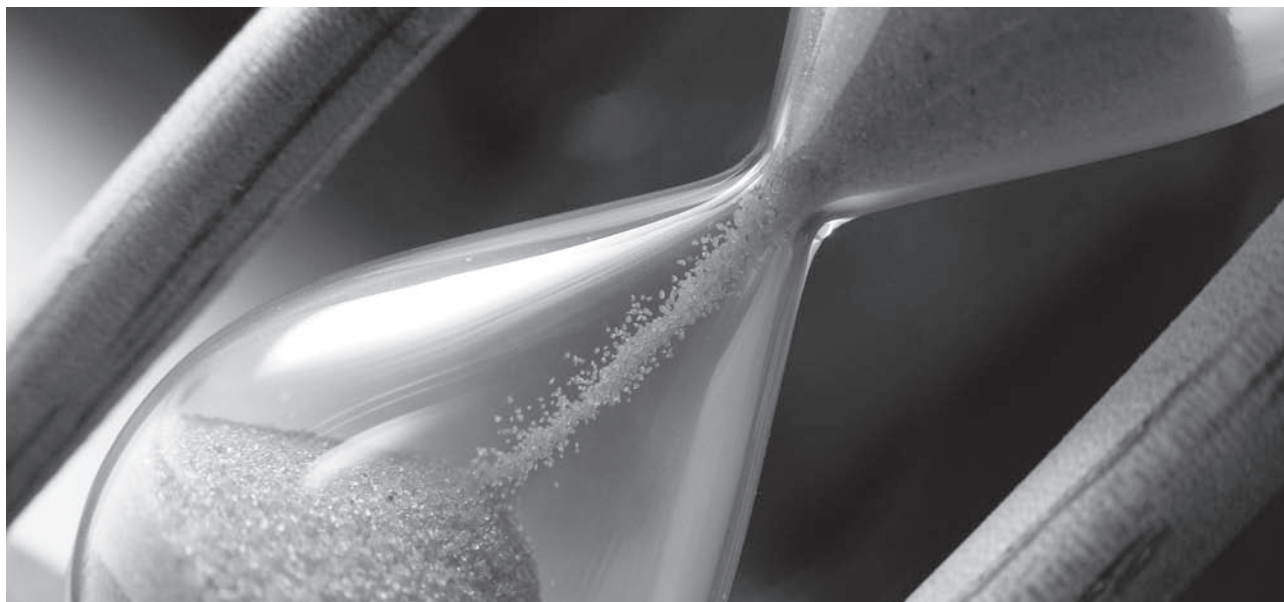
Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

SUMÁRIO

Introdução	10
Dois dedos de prosa e alguma poesia, a título de introdução	13
Planaltina: o lugar da fala	19
Narrativas: relação das narradoras por geração	31
Primeira geração	32
D. Oterlina, mãe de Olgamir e avó de Ludmila	33
D. Jaci, mãe de Márcia e avó de Maria Clara	49
D. Dos Anjos, mãe de Bartolomeu e avó de Letícia	67
D. Maria, mãe de Leila e avó de Brandon	85
Segunda geração	100
Olgamir, filha de D. Oterlina e mãe de Ludmila	101
Márcia, filha de D. Jaci e mãe de Maria Clara	119
Bartolomeu, filho de D. Dos Anjos e pai de Letícia	135
Leila, filha de D. Maria e mãe de Brandon	147
Terceira geração	160
Ludmila, filha de Olgamir e neta de D. Oterlina	161
Maria Clara, filha de Márcia e neta de D. Jaci	179
Letícia, filha de Bartolomeu e neta de D. Dos Anjos	195
Brandon, filho de Leila e neto de D. Maria	207
Artigos	216
A reconstrução do passado sob as lentes do presente	219
História, memória e identidade	222
Memória: a trama do cotidiano	225
A História Oral e os caminhos trilhados	228
História, oralidade e memória	232
Memória, diversidade e Comunicação Comunitária	235
História, sociedade e universidade	237
Roteiro Educativo-Cultural	241
Roteiro de Entrevistas	245
Um último dedinho de prosa	249
Agradecimentos	253
Referências	257

INTRODUÇÃO



Batista Filho
Regina Coelly F. Saraiva

Dois dedos de prosa e alguma poesia, a título de introdução

Batista Filho*

*N'algum lugar
poemas são escritos,
sem que muitos dos seus autores
tenham consciência de escrevê-los,
ou percebam a beleza e a importância
que perpassa por toda e qualquer Vida.*

*N'algum lugar
um poema-história é escrito e reescrito
desde a barra do dia ao ocaso de nossas existências.*

... Quem há de lê-lo?

LEITURA DE MUNDO

Em algum lugar, nesse momento, seja no aconchego de uma casa, ou no desamparo das ruas, histórias e mais histórias são escritas e reescritas, senão nos livros, pelo menos na memória de uma única pessoa, de uma família ou de uma comunidade, marginalizada ou não. Histórias de vidas. Vidas de pessoas de carne, ossos e sonhos.

Algumas pessoas criam raízes numa cidade semelhante às árvores e às gramíneas.

Com o passar do tempo, são notadas, reconhecidas e cumprimentadas. Muitas outras, mesmo tendo nascido ou morando na cidade há muito e muito tempo, pouco são vistas, e quando vistas, dificilmente reconhecidas... quanto mais cumprimentadas! Essas últimas, num determinado momento, quando por quaisquer razões partem, são como folhas arrastadas pelo vento, que se vão, sem deixar rastros... no máximo, uma lembrança – que por um *nadica de nada* nos escapa.

LEITURA DE LIVRO

Existem coisas que conhecemos de ouvir falar ou por outros meios: “Dom Pedro I rompeu os laços com Portugal e proclamou a independência do Brasil.” “Pedro Américo pintou o quadro Independência ou Morte”. Esses dois exemplos, por estarem nos livros de História e por serem ensinados nas escolas, retratam com fidedignidade o que se passou?

... E quanto a história daquela pessoa, que vez por outra pega o mesmo ônibus que nós? Qual o nome dela? De onde vem? O que faz? Qual a sua importância na vida da cidade? Qual a importância da cidade em sua vida? Enfim, qual a sua história? Porque história ela tem, assim como nós. E como moramos na mesma cidade, no mesmo planeta, de uma forma ou de outra, nossas histórias se interligam como o ar que respiramos ou como as ruas da própria cidade, ora sinuosas, ora retas, mesmo que não percebamos.

PARA NÃO DEIXAR QUE OS RASTROS SE APAGUEM

... Foi e é a razão primeira dessas *Memórias de gerações*.

Pessoas do Movimento Social, ligadas à rádio *utopiafm.com*, desde há muito trabalham pela preservação da memória da cidade e de sua gente. Preservar a memória “da cidade” ou a memória “dos habitantes” da cidade? Gente pode prescindir da cidade para existir? Qual cidade existe sem a interferência humana? As pessoas que moram nos mais diversos e distantes

lugares, como se sentem em relação às outras pessoas e aos outros lugares?

Tornar conhecidas, visibilizar as histórias de vida de quem construiu e constrói a cidade é, também, preservar a memória da cidade. Uma cidade não é feita só de tijolo, pedra, argamassa, madeira, tinta. Antes de ser construída – sonhos e mais sonhos se encontravam nas esquinas imaginárias. Mãos maltratadas deram forma e cor aos sonhos. E tanto esses sonhos quanto essas mãos – pertencem a pessoas que têm nome e sobrenome –, embora a maioria permaneça inominada, invisibilizada. Se quero preservar a memória da cidade tenho de falar das ruas, das praças, das casas... e o fundamental: tenho de falar sobre as pessoas, não somente daquelas que batizam ruas e praças. Antes, porém, tenho de ouvi-las... mas, por que falar sobre elas – se elas mesmas podem fazê-lo?!

SURGE A IDEIA DE UM LIVRO DE MEMÓRIAS

Nada de divinizar o passado ou fantasiar o presente e o futuro. Nada de romântico soneto ou um panfleto! – mas, sim, *ouvir pessoas*, suas narrativas de vida e, depois, *reuni-las em um livro* de memórias, *Memórias de Gerações!* – porque participaram deste projeto pessoas que tinham/têm um mínimo de três gerações numa mesma família: avó, mãe e neta, por exemplo.

No presente, o que importa é registrar as lembranças resgatadas do mais íntimo das narradoras. A seleção dessas lembranças, consciente ou não, ficará como registro para a posteridade de pessoas que amam, riem,

choram, sonham, fazem parte das instituições da cidade e contribuem para a construção da identidade local.

DA IDEIA À MATERIALIZAÇÃO

... UM CAMINHO A SER PERCORRIDO

Nossa equipe de trabalho inicial foi composta por membros da comunidade e professores(as) da rede de Ensino Público de Planaltina - DF. Foram utilizadas apostilas e referências bibliográficas, antes e durante a realização de reuniões para socialização e construção de conhecimentos. No transcurso do trabalho contatamos professores(as) e estudantes da Universidade de Brasília, parceiros de longa data.

Simultaneamente, integrantes da Rádio Utopia elaboraram o projeto Rádio Diversidade II, que veio a ser aprovado pelo Ministério da Cultura, em que o livro *Memórias de Gerações* é um dos produtos finais.

DAS RAZÕES DO CAMINHAR

1. Registrar e publicar histórias de vida, com um mínimo de três gerações de uma mesma família. Histórias de pessoas que exercem e recebem influência de Planaltina-DF, retirando-lhes o manto da invisibilidade que integrantes das elites nacionais e locais lhes impõem, com a conivência ou omissão da historiografia oficial.
2. Partilhar experiências e incentivar o Movimento Social a agir de forma similar, no sentido de atingir o máximo possível de comunidades pelo país.
3. Estreitar os laços entre pessoas e instituições que detêm conhecimento popular e aca-

dêmico, visando desenvolver estudos e ferramentas:

- a) para que se torne cada vez mais extensiva a utilização da metodologia História Oral;
- b) tornar tais estudos e ferramentas acessíveis a todas as pessoas e instituições de boa vontade que acreditem num projeto de construção do Brasil-Nação.

“PASSO A PASSO

SE CONSTRÓI O CAMINHO”

1. Escolha das pessoas a serem entrevistadas (de lugares distintos de Planaltina).
2. Nas entrevistas, utilizamos roteiro de perguntas, gravador, máquina fotográfica e filmadora.
3. As gravações foram transcritas na íntegra, passando, posteriormente, por um processo de revisão, com a participação das pessoas entrevistadas (narradoras).
4. Fizemos “recortes” em que excluímos perguntas, palavras e citações repetidas, substituímos alguns nomes próprios, reunimos frases e períodos e selecionamos trechos mais relevantes (trabalho conjunto com as narradoras, procurando preservar o máximo possível as suas falas).
5. Efetuamos pesquisas para confecção de *glossário*, com o significado das palavras e expressões menos usuais, e *contextualização* das narrativas (que poderão ser ampliadas com outras pesquisas nas escolas).

“... COM A MESMA MEDIDA

COM QUE MEDIRDES...” (Lc 6, 38)

Se parâmetros de aferição da “verdade” histórica, que alguns historiógrafos tentam impor

à História Oral, fossem aplicados à História Oficial, quanto do que é ministrado nas escolas permaneceria? Tomemos por exemplo o fato ou o mito da Independência do Brasil:

Se a partir do “Grito da Independência”, foram rompidos os laços com a coroa portuguesa, por que D. Pedro I, após a morte de seu pai, foi a Portugal assumir a coroa de lá - desistindo a contragosto por não poder manter as duas coroas simultaneamente? Se os laços estavam rompidos, por que retornaria e lutaria para manter sua filha no trono lusitano? E quanto ao quadro “Independência ou Morte”, pintado por Pedro Américo: a sua representação é ou não uma fraude histórica?!

HISTÓRIA ORAL, HISTÓRIA OFICIAL MEMÓRIAS... AO GOSTO DE CADA UM

Lembro aos que nutrem condescendência ou desprezo pela História Oral e pelo Conhecimento Popular: absolutamente *nada* que consta na História Oficial nos chegou ou chega como um livro ou monumento acabados. *Todos* os acontecimentos detalhados em livros e monumentos, provêm de recortes pinçados ou esculpidos de realidades – concretas ou idealizadas – tendo, também, o propósito de assegurar e legitimar as relações de poder existentes numa sociedade, valendo-se dos meios tecnocientíficos mais avançados e dos serviços dos mais brilhantes estudiosos, artistas e artífices disponíveis à época.

A Memória me lembra uma plantação de feijão... e a História, uma colheitadeira. Todos os pés de feijão retiram do solo e do sol o que precisam para germinar, crescer, florir

e dar frutos. Depois de maduro, é colhido, selecionado, posto a secar, ensacado, empilhado em prateleiras para exposição e venda ou guardado numa despensa. Quando vai ser consumido é desensacado, espalhado numa mesa, catado, lavado e depois, finalmente, temperado ao gosto de cada um e servido numa baixela de prata... ou numa lata de goiabada!

POR FIM... NADA FINDA

VIDAS (RES)SURGEM EM PLENITUDE

Não basta admitir que a Memória, individual e coletiva, é palco de disputa de uns poucos visando construir sociedades de acordo com os seus interesses, quando sabemos que esses poucos (re)escrevem a História de acordo com suas conveniências – colocando-se como protagonistas, enquanto condenam bilhões de pessoas à exploração, ao esquecimento.

Admitir que a Memória é palco de disputa, só prova que superamos parte de nossa ignorância. Saber e nada fazer a respeito, tornamos, no mínimo, omissos ou até coniventes, com vários embustes da historiografia oficial.

Ao divulgarmos as histórias de vida das pessoas da nossa aldeia, vidas (res)surgem nos silêncios e nas falas, nas memórias (re)vividas e escolhidas por D. Oterlina, Olgamir, Ludmila, D. Jaci, Márcia, Maria Clara, D. Dos Anjos, Bartolomeu, Letícia, D. Maria, Leila, Brandon... e a cidade passa a ter um sentido maior, posto que humanizada.

Há muito tempo, tentaram me ensinar que só as figuras citadas nos livros, autoridades e poderosos, é que faziam parte da História. Ainda criança, ria dessas invencionices de adultos!

*Às vezes é difícil entender ou aceitar
o louco (perambulando pelas ruas), o rato, o político, a cobra, o coqueiro
o mendigo, a criança, a prostituta, o idoso, a roseira, cães e gado
mulher e homem, ricos e pobres - nós -, vivenciando sonhos e desilusões
desperdício e fome, interligados de alguma forma.*

*Se quero falar sobre a cidade
preciso colocar cadeiras na calçada
conversar com os vizinhos de frente pra rua.
À luz dos postes, preciso ver crianças, cães e gatos
brincando, correndo, pulando.
Porém, hoje é perigoso brincar, correr, pular
à luz do dia, em plena rua!!!*

*Se quero falar sobre a cidade
preciso percorrer as ruas de madrugada
brincar com os vira-latas...
Pisar bem de mansinho, pra não espantar o sono
pra não afugentar os sonhos - de quem só tem os sonhos pra viver.
Viver coisas bem simples:
Não sentir fome
colocar cadeiras nas calçadas
de frente pra rua, sob a luz dos postes
ou à luz da lua... quem sabe, em pleno dia
ver crianças, cães e gatos - brincando, correndo, pulando
... sem medo!*

*Se quero sentir a cidade
preciso percorrer as ruas de madrugada
- mesmo com todos os perigos!
Pisar de mansinho, acalantar o sono
de quem nem lembra mais dos próprios sonhos.
Pisar bem de levinho, pra não espantar os sonhos
de quem só tem os sonhos pra viver!*

*Andando mansamente
sinto a cidade na madrugada luminosa.
Luminosa visão das casas, ruas, praças, igrejas, feiras...
Tantos sonhos, tanta gente pra ser lembrada!
Tanta história a ser ouvida, tanta história a ser contada!*

(Enxerto do poema “Às vezes”)

NOTA

* *João Batista de Oliveira Filho...* e pai(!), comunicador comunitário, pesquisador das mais diversas expressões de oralidade nas culturas populares, navegante das estrelas (com os pés no chão!), autor do versejar constante nessas *Memórias de Gerações*.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas, v. I, Magia e técnica, arte e política**. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
BOSI, Ecléa. **Cultura de Massa e Cultura Popular, leituras de operárias**. 6ª ed. Petrópolis – RJ: Vozes, 1986.
FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50ª ed., Rio de Janeiro: Paz e terra, 2011.
VÁRIOS AUTORES. **O grito (e mito) do Ipiranga. A Construção do Brasil**. in Revista de História da Biblioteca Nacional. São Paulo: Vera Cruz, 2006.

Planaltina: o lugar da fala...

Regina Coelly F. Saraiva*

Memórias de Gerações é um livro sobre Planaltina. Mas de qual Planaltina estamos falando? Trazemos aqui memórias de uma cidade e sua pluralidade. Planaltina é revelada aqui não somente como o Setor Tradicional, embora o berço original da cidade esteja presente nas narrativas e não poderia ser excluído. Mas os relatos trazem muitas Planaltinas, representada pelos vários bairros que formam a cidade.

A pluralidade da cidade vai ao encontro da história para revelar-se como cidade complexa que nasce sertaneja, se depara com a modernidade, e vai ganhando autonomia e identidade próprias. Rever a história de Planaltina nos ajuda a compreender suas complexidades, traduzidas aqui por meio das *memórias de gerações* que vivenciaram e vivenciam a cidade e suas muitas histórias.

Planaltina nasceu sertaneja. A cidade possui em sua essência o vigor da história. Sua origem remonta ao século XVIII, mas per-

tence ao Distrito Federal desde 1955 quando parte do seu território foi incorporado ao quadrilátero que deveria sediar a Nova Capital, Brasília. Planaltina é hoje uma das maiores cidades de Brasília, com mais de 235 mil habitantes (IBGE, 2010). É também uma cidade consolidada, mas muitos momentos da sua trajetória foram marcados por problemas e contradições sociais; muitos superados, outros ainda em busca de solução.

PLANALTINA CIDADE SERTANEJA

Planaltina nasceu como cidade goiana, em meados do século XVIII. A região onde se situa era parte do circuito do ouro em Goiás, que se movimentava em torno da Estrada Real da Bahia (ou Picada da Bahia). Esse caminho fazia a ligação, ao norte, entre o Sertão dos Goyases com alguns dos mais importantes centros da vida colonial daquele período: Salvador e Cachoeira (BA). Por ele circulavam tropeiros e mineradores. Além disso, esses caminhos eram, ao mesmo

tempo, vias de escoamento de mercadorias e instrumento de controle do comércio colonial: função atestada pelo estabelecimento dos registros e contagens (MAGALHÃES; ELEUTÉRIO, 2008).

O rápido crescimento das populações ligadas ao trabalho nas lavras dos Goyazes levou a Administração Colonial a tomar medidas facilitadoras para o estabelecimento de pequenos núcleos de apoio à atividade mineradora. Foram então doados imensos lotes de terras, as sesmarias, como forma de incentivo à fixação de agricultores e pecuaristas em locais próximos à região mineira. Criaram-se, assim, as condições iniciais para a formação dos primeiros povoados e vilas.

O Arraial do Mestre D'Armas, que dá origem a Planaltina, é desse contexto. Sua história remonta à década de 1770, quando, segundo a tradição oral, um descendente de bandeirantes escolheu o lugar para construir sua casa e se dedicar ao trabalho de ferreiro, de consertar e manejar armas. Esse mestre de armas se instalou na região, atendendo os viajantes que transitavam pelas minas de Goiás e Tocantins (no sentido da Estrada do Norte).

Na primeira metade do século XIX, o Arraial ganhou registro nos mapas da região, e é citado como referência devido a sua posição geográfica estratégica: estava localizado no centro divisor de bacias; passagem quase que obrigatória para os viajantes do sertão planaltino. Um desses documentos é o mapa produzido por José Raimundo da Cunha Mattos (Governador das Armas de Goiás, na época) resultado das visitas que

fez aos povoados da região, em 1824. A partir daí, rotas vindas do Rio de Janeiro e Salvador, convergiam para o Arraial de Mestre D'Armas: a mais antiga delas era a Picada da Bahia. Também havia a Estrada Real de Minas, que saía do Rio de Janeiro, atravessava Minas Gerais e chegava a Santa Luzia, pelo registro dos Arrendidos, e ao Arraial dos Couros (hoje Formosa-GO), pelo registro da Lagoa Feia. Para o Norte seguia a estrada cavaleira que dava acesso às Minas do Tocantins (no sentido da Estrada do Norte).

O território onde se situava Mestre D'Armas pertenceu, de início, à Vila de Santa Luzia, tendo se transferido para o julgado de Couros, em 20 de junho de 1837. A partir de então, sucessivas anexações e desanexações ocorreram provocadas por manifestações da população local, levando o povoado a pertencer, de acordo com as preferências políticas do poder dominante, ora a Vila de Santa Luzia, ora a Vila de Formosa (CHAVES; SINOTI, 2002). O Arraial de São Sebastião de Mestre D'Armas manteve o “santo nome” até 1891, quando então passou a se chamar Vila de Mestre D'Armas, ganhando pela primeira vez autonomia administrativa.

A região onde está situada Planaltina era parte do circuito do ouro em Goiás. Com o declínio da mineração, no final século XVIII, a base da economia passou a ser a agricultura e a pecuária, definindo a vocação rural de muitas localidades do interior goiano até meados do século XX. Essa vocação esteve durante muito tempo associada à visão de “decadência” que marcou toda a região, e que também atingiu Planaltina.

Dentre os mais variados argumentos alegados para justificar a decadência, temos a precariedade das estradas, a falta de incentivos da Coroa para colocar em funcionamento novos meios de comunicação e o constante ócio em que vivia o povo de Goiás... todo esse conjunto de negativas criou uma imagem de Goiás que ficou gravada, por intermédio da cultura dos viajantes, como verdade incontestável... Repetida pelos historiadores contemporâneos, Goiás passou a ter um perfil de decadência, retrato de uma sociedade que parecia não ter o mínimo básico para existir devido à sua inoperância, sua carência de tudo, sua solidão traduzida em isolamento, sua redoma de preguiça (CHAUL, 1997, p.35).

Essa visão de decadência foi construída historicamente ainda quando as vastas e indefinidas terras interiores do Brasil, ou o sertão, já era representado pela dicotomia sertão/litoral. O sertão era visto como o incógnito, lugar ermo e distante; espaço do bárbaro e da tradição em oposição ao espaço civilizado do litoral, onde floresce a vida urbana, centros de saber e progresso. Associado ao mundo rural, o sertão é o espaço delimitado para as sociedades tradicionais, marcadas pelo atraso e ignorância em oposição à vida urbana que representa a modernidade.

O espaço físico do sertão é imaginado como terras do interior, longínquas, ermas, isoladas, amplas, vazias, desérticas, pouco povoadas, áridas, selvagens, cheias de mato e de gado, terras do sem fim. O seu povo é imaginado como pobre, miserável, forte, bravo, macho, subdesenvolvido, ignorante, violento, inquieto, revoltoso, sem-lei, livre, sábio, criativo, supersticioso,

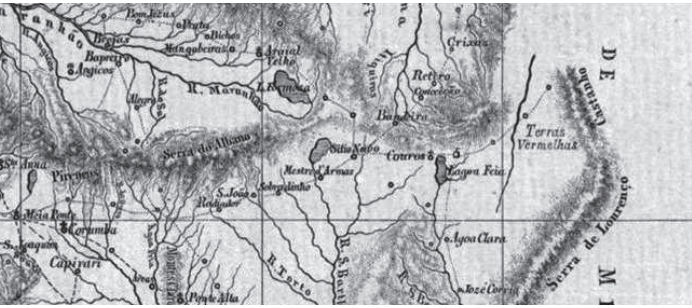
religioso, devoto, resignado, respeitador, austero e móvel. A sociedade que compõe esse povo é tradicional, anacrônica, rural, latifundiária, autoritária e mística. Imagina-se a cultura desse povo como rústica, simples, popular, regional, rural, tradicional, folclórica e rica (SCHETTINO, 1995).

No século XIX, a visão de decadência das cidades goianas também foi reforçada por viajantes que percorreram o interior goiano e se depararam com o processo de ruralização que marcou a região, no período pós-mineração (CORRÊA, 2001).

Modernizar o sertão passou a fazer parte do projeto nacional, a partir da “decretação” getuliana da “Marcha para o Oeste”. Esse projeto de modernização proposto por Getúlio Vargas tinha a intenção de integrar as regiões interiores ao restante do país. A inauguração de Goiânia, em 1937, foi a primeira tentativa de trazer o moderno/urbano para a região, em meio a cidades coloniais remanescentes do período do ouro e fazendas de gado que se distribuíam por todo o Goiás.

Em 1910, a Vila de Mestre D’Armas teve seu nome alterado para Vila de Altamir, que significa “boa miragem” e, só a partir de 14 de julho de 1917, passou a chamar-se Planaltina.

Na década de 20, a cidade viveu um período de prosperidade e muitas mudanças: automóvel, energia elétrica, implantação de uma empresa de curtume, fábrica de calçados, e abertura da estrada de rodagem ligando Planaltina a Ipameri. Ganhou visibilidade no cenário nacional no ano do Centenário da Independência do Brasil, 1922, quando houve o lançamento, em seu território, da Pedra



Arraial Mestre D'Armas, por José R. Cunha Mattos



Célio Rodrigues

Pedra Fundamental, Planaltina-DF



Rejane Araújo

Igrejinha de São Sebastião, fundada no século XIX

Fundamental da Futura Capital, assentada no Morro do Centenário, Serra da Independência. Planaltina, nessa época, ficou conhecida em todo o país, como o local que abrigaria a futura Capital do Brasil.

Na década de 30, as ideias de transferência da Capital perderam força. Planaltina também viveu um período de interrupção no surto de desenvolvimento da década anterior, devido a questões políticas entre o interventor de Goiás, Pedro Ludovico e a família Caiado que, tradicionalmente dominava a vida política de Goiás.

Nos anos 40, a mudança da Capital é retomada no cenário político e Planaltina hospedou a Comissão Poli Coelho, que decidiu pela manutenção da localização da futura Capital no mesmo local indicado pela Missão Cruels, em 1892. O quadrilátero do Distrito Federal foi delimitado somente em 1955, com uma área de 5.814 Km quadrados, abrangendo a sede e grande parte do território de Planaltina. Com essa nova definição e com a inauguração de Brasília, Planaltina passou de sede de município goiano para “cidade-satélite” de Brasília, hoje Região Administrativa VI.

A ideia de integração das terras sertanejas a um projeto de modernidade do país foi retomado somente com Juscelino Kubitschek que concretizou esse projeto a partir de 1955 quando assumiu o governo. O grande marco simbólico desse projeto foi a inauguração de Brasília, em 1960. A Capital Federal foi construída no centro do país, ladeada pela cultura sertaneja que, em meio a uma mistura de desejo e espanto, viu a cidade ser erguida: “era a coisa mais esperada aqui para nós, aquela

força de vontade que viesse (...) era Brasília.” (Relato de Viriato de Castro, In: MONTI, 2002, p. 67).

O desejo da transferência da Capital para o interior do país é antigo: data do período colonial e percorreu muitos momentos da história. Planaltina se entrecruza com essa história, quando em 1922, foi inaugurada na cidade a Pedra Fundamental da futura Capital da República, a partir do projeto do deputado goiano Americano do Brasil. Entre os sertanejos, era forte a ideia de

que a construção da Capital no interior traria novas oportunidades e possibilidades para a região. Essa ideia circulava com intensidade e, com JK, ela se efetiva.

A construção de Brasília é a marca da modernidade. A cidade, ao ser erguida em pleno sertão, tinha como objetivo mudar o quadro social, político e econômico que predominava nas terras interiores do Brasil. Desconstruir a ideia de decadência, associada à região, e romper os laços de tradição bastante fortes na porção central do país eram intenções do projeto, que tinha no urbano, na cidade modernista, seu elemento concreto.

A construção de Brasília imprimiu muitas modificações a Planaltina. A autonomia política da cidade foi o primeiro aspecto a ser modificado. Em 1955, parte do território de Planaltina foi incorporado ao quadriláte-

Rejane Araújo



Entrada de Planaltina DF, 2013

ro do Distrito Federal e Planaltina perdeu a condição de município goiano. A outra parte do município que ficou fora do DF, passou a chamar-se Planaltina de Goiás, mais conhecida como “Brasília”.

Ao ser incorporada como “cidade satélite” de Brasília, a tradicional Planaltina se viu diante da necessidade de se modernizar. Com isso, parte do seu patrimônio arquitetônico, festas e outros elementos da tradição cultural sertaneja foram bastante afetados: casas foram demolidas e muitas festas tradicionais deixaram de ser realizadas. A ideia de ter de acompanhar o ritmo modernista da Nova Capital predominou durante muito tempo. Nesse sentido, Planaltina teve muitas perdas.

Planaltina, como cidade pertencente a Brasília, se deparou com a condição de ser

também uma “cidade moderna”, com seus problemas e dificuldades: falta de emprego, violência urbana, crescimento desordenado, entre outros exemplos. Houve anos que a cidade chegou a ser considerada uma das mais violentas do Distrito Federal, exigindo do poder público uma atuação mais presente. Modos de ver Planaltina como “cidade-satélite” ou “cidade de periferia” impõe uma condição de marginalidade à cidade que a esvazia dos seus sentidos próprios.

PLANALTINA NO PLURAL: PLANALTINAS

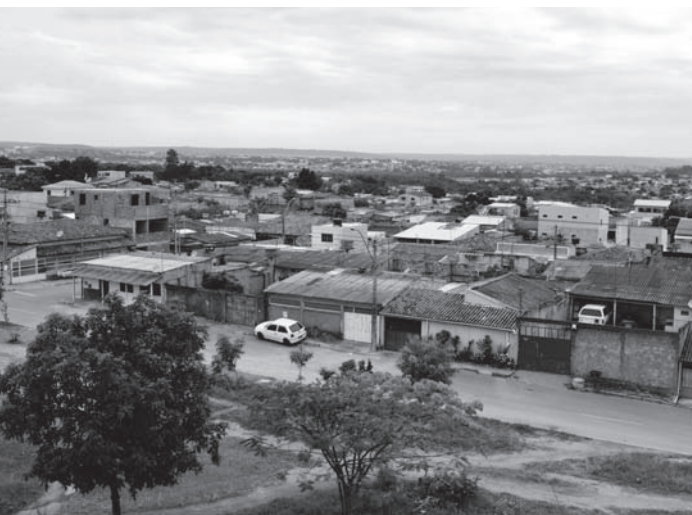
A pluralidade de Planaltina se revela na existência dos vários bairros, condomínios

Rejane Araújo



Condomínio Estância Mestre D'Armas (à direita)

Rejane Araújo



Setor Residencial Nova Esperança

e áreas rurais, todos com identidades próprias, e que formam a Região Administrativa VI. A vida urbana de Planaltina é intensa e cada lugar da cidade possui uma característica peculiar que, ao mesmo tempo, for-

ma uma única cidade. O núcleo urbano da cidade é formado pelo Setor Tradicional, Vila Vicentina, Buritis I a IV, Estância Mestre D'Armas I a V, Mestre D'Armas, Mestre D'Armas Itiquira, Rural Mestre D'Armas, Nova Esperança I e II, Mansões Itiquira, Park Mônaco, Estância, Mansões Mestre D'Armas, Vila Nossa Senhora de Fátima, Jardim Roriz, Arapoangas, Vale do Amanhecer e vários condomínios que foram sendo criados para atender a demanda de moradia na cidade.

As *Memórias de gerações* trazidas neste livro contemplam o Setor Tradicional, o Buritis I, o Buritis IV e o Vale do Amanhecer. Cada um desses lugares revelam histórias e memórias diferentes da mesma cidade.

O Setor Tradicional traz a marca da origem da cidade. Grande parte da história de Planaltina está associada a este Setor, representada nos antigos casarios que ainda con-

servam e que sofrem constantes ameaças de desaparecimento. Mas o núcleo original foi se ampliando ao longo do tempo e também foi se adaptando aos ares de modernidade que a cidade assumiu ao ser parte de Brasília. Em 1958, antes da inauguração da Capital, na gestão do prefeito Veluziano Antônio da Silva (Seu Luza), ocorreu a primeira expansão do núcleo original. Nessa expansão surgiram as avenidas Gomes Rabelo, São Paulo, Independência, Setor Sul e Setor Norte (ELEUTÉRIO, 2013).

A Vila Vicentina também é resultado do processo de modernização da cidade. Atraídos pela construção de Brasília migrantes goianos, mineiros e nordestinos passaram a ocupar um espaço de terras próximo a sede do município. Nessas terras, administradas pela Congregação de São Vicente de Paula, formou-se a Vila Vicentina.

O Setor Tradicional, nome que ganhou a partir da expansão da cidade, teve outra ampliação a partir de 1965, sob a coordenação do arquiteto Paulo Magalhães, então Administrador de Planaltina. Nesse ano, também foram criados bairros operários como moradia definitiva dos trabalhadores da construção de Brasília, e de novos moradores que chegavam de várias partes do País. É dessa época a criação da “Vila Buritis”, oficialmente chamada de Setor Residencial Leste (que compreende hoje o Buritis I, II, III e IV).

O surgimento desses lugares impôs à Planaltina a “condição de ser mais moderna”, e gerou muitos conflitos. Havia, nos primeiros anos, uma clara insatisfação, entre os mais tradicionais, com o fato de a cidade ter que

Rejane Araújo



Praça do Museu, Setor Tradicional

Paulo Costa



Vila Buritis I

Rejane Araújo



Vila Nossa Senhora de Fátima, 2013



Rejane Araújo

Vale do Amanhecer



Rejane Araújo

Condomínio Arapoangas



Rejane Araújo

Vila Buritis IV (ao fundo, Arapoangas)

abrigar pessoas que vinham de fora. Os moradores da “antiga Planaltina” se viram diante da condição de ter que conviver com o novo.

O incipiente contexto trouxe um ritmo diferente à cidade, trazendo novos valores e novas identidades. O modo de vida tradicional sofreu reveses nessa época, mas ao mesmo tempo permitiu traduzir o lugar como a “marca da tradição”. Essa distinção é um diferencial daquela parte da cidade. Até hoje, é comum as pessoas se referirem a “Planaltina”, apenas como a área do núcleo histórico. Diz-se comumente: “eu vou lá em Planaltina”, quando se vai ao Setor Tradicional.

O Vale do Amanhecer também trazido nas *Memórias de Gerações* possui uma história muito particular no contexto da história de Planaltina. É parte da história moderna da cidade que tem forte relação com Brasília. O Vale do Amanhecer forma hoje o Setor Habitacional do Vale do Amanhecer.

O Vale do Amanhecer foi criado em 1969 quando Neiva Chaves Zelaya (mais conhecida como “Tia Neiva”), Mário Sassi e seus familiares, instalaram a 6 km de Planaltina, nas antigas terras da fazenda Mestre D’Armas, a sede da Ordem Espiritualista Cristã (criada em 1964). O local logo passou a ser chamado de “Vale do Amanhecer”. À Brasília, desde a época de sua fundação, foi associada forte componente místico-esotérico, estimulando a vinda para a Nova Capital de grupos religiosos como a Ordem Espiritualista Cristã (IPHAN-DF, 2010).

Em 1976, o local já oferecia moradia para muitas famílias. Nessa época os barracos de madeira começaram a ser substitu-



Relaine Araújo

Vila Buritis I, Carnaval 2013

idos por construções de alvenaria, os templos começaram a ser erguidos e o governo local, reconhecendo a demanda dos moradores, deu início a instalação da infraestrutura básica, como construção de escola, água encanada, luz elétrica e ônibus. Hoje, o Vale do Amanhecer é um bairro consolidado, com aproximadamente 30 mil habitantes. Os moradores não são exclusivamente seguidores da Ordem, vivem hoje, no local, protestantes, católicos e adeptos de outras religiões.

Os vários bairros de Planaltina estão associados ao contexto de modernidade da cidade. A demanda por moradia e a chegada

cada vez maior de migrantes, a partir da década de 70, levam a consolidação de muitos lugares em Planaltina, como o Buritis I, que nas últimas décadas, tem se afirmado como o local de maior pujança comercial entre os bairros da cidade.

A expansão da Vila Buritis para II, III e IV também está associada à realidade de atender o direito à moradia de inúmeras pessoas que já viviam no local, e outras que

continuavam chegando à Planaltina. No final da década de 80, a expansão do Buritis já era apontada como uma necessidade, no sentido de atender especialmente a demanda de uma população de baixa renda. Entre 1989 e 1994, foi executado pelo governo local um dos maiores programas de assentamento voltado para essa população, com uma oferta de aproximadamente 100 mil lotes urbanizados, atendendo várias localidades do Distrito Federal, entre elas Planaltina (PDOT, 2009).

No sentido de fortalecer sua identidade e o futuro que deseja afirmar, os moradores de Planaltina revelam toda sua efervescência cultural nas festas e comemorações que ense-

jam a participação da comunidade em manifestações religiosas (católicas, evangélicas, ou espíritas) ou profanas. A Via Sacra, a Festa do Divino Espírito Santo, os ritos do Vale do Amanhecer, a Festa de Pentecostes, os blocos carnavalescos, são algumas expressões características de Planaltina. A cidade, entre as outras que formam o Distrito Federal, se destaca por mobilizar seus moradores e toda a população em torno dessas múltiplas tradições.

Essa atitude/mobilização chama a atenção para o fato de que a cidade não é só uma “cidade periférica” marcada por problemas sociais. Planaltina se revela, entre outras coisas, por meio de sua particularidade histórica e cultural. Demarca sua importância ao pertencer a Brasília, não somente por ser uma das maiores cidades do Distrito Federal, mas por possuir valores e identidade próprias.

NOTA

* **Regina Coelly F. Saraiva** - Professora da Universidade de Brasília, atuando na Faculdade UnB Planaltina - FUP/UnB. Graduação em História pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília (1986), Mestrado em Ciência Política pela Universidade de Brasília (1992) e Doutorado em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (2006). Tem experiência na área de História, atuando principalmente nos seguintes temas: história ambiental, patrimônio cultural, meio ambiente, cerrado, identidades. Tem desenvolvido pesquisas voltadas para o registro de saberes e fazeres de comunidades tradicionais associados à biodiversidade do cerrado, patrimônio cultural e identidades, tendo como referência teórico-metodológica a história oral.

REFERÊNCIAS

- CHAUL, Nars Nagib Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. Goiânia: Editora UFG/Ed. UCG, 1997.
- CHAVES, Teresa Paiva; SINOTI, Marta L.. Planaltina, In: **Patrimônio nas Ruas**. Brasília: Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal, Diretoria de Patrimônio Histórico e Artístico, 2002.
- CORRÊA, Margarida Maria da Silva. **Naturalistas e viajantes estrangeiros em Goiás (1800-1850)**, In: CHAUL, Nars Fayad; RIBEIRO, Paulo Rodrigues (Orgs.). **Goiás: identidade, paisagem e tradição**. Goiânia: Editora UCG, 2001.
- ELEUTÉRIO, Robson. **Na rota das nascentes: a história da região do DF**. Brasília: Editora Instituto Cerrateense, 2013.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), **Censo Demográfico**, 2010.

IPHAN-DF. Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Distrito Federal.

Vale do Amanhecer: Inventário Nacional de Referências Culturais. Brasília-DF: IPHAN-DF, 2010.

MAGALHÃES, Luiz Ricardo e ELEUTÉRIO, Robson Eleutério. **Estrada Geral do Sertão:** na rota das nascentes. Brasília: Editora Terra Mater Brasilis, 2008.

MONTI, E. **Sertão-Brasília:** história, cultura e meio ambiente: interações na criação de materiais educativos. Dissertação de Mestrado, Centro de Desenvolvimento Sustentável/UnB, Brasília: Universidade de Brasília, 2002.

SCHETTINO, M.P.F. **Espaços do sertão.** Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia/UnB. Brasília: Universidade de Brasília, 1995.

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO URBANO E MEIO AMBIENTE. **Plano Diretor de Ordenamento Territorial do Distrito Federal (PDOT).** Documento Técnico. Brasília-DF, novembro de 2009.

PORTAL DO GDF – www.planaltina.df.gov.br. Acesso em 27 de junho de 2013.

NARRATIVAS

Primeira geração

D. Oterlina

D. Jaci

D. Dos Anjos

D. Maria

Segunda geração

Olgamir

Márcia

Bartolomeu

Leila

Terceira geração

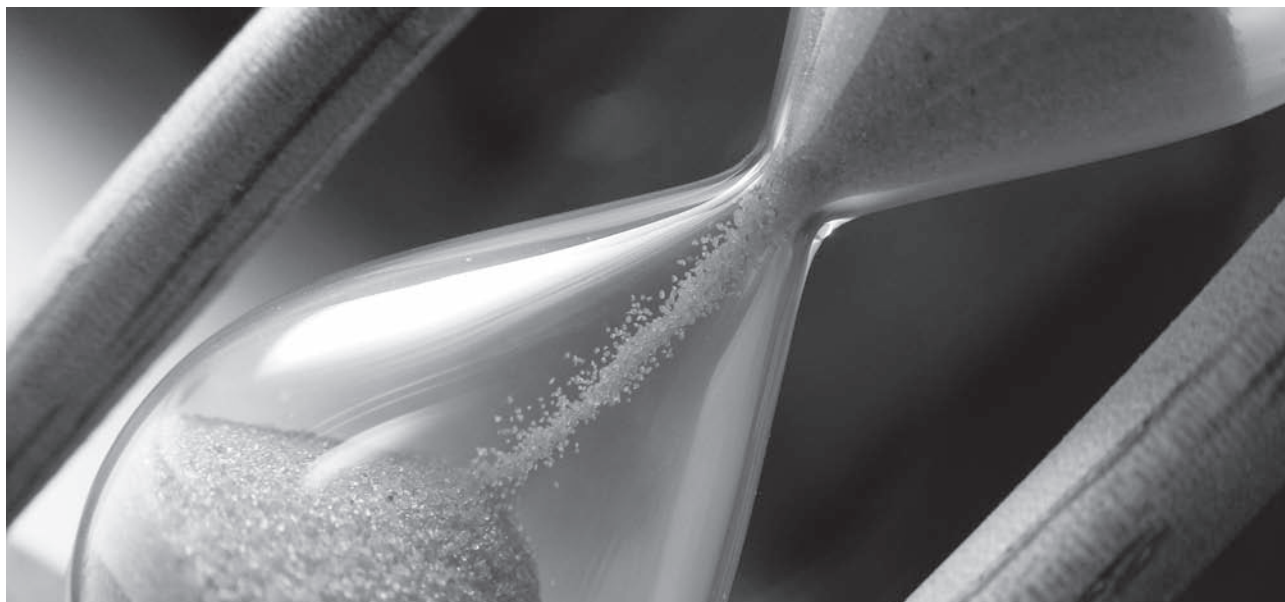
Ludmila

Maria Clara

Letícia

Brandon

PRIMEIRA GERAÇÃO



D. OTERLINA,
mãe de Olgamir
e avó de Ludmila



Ludmila, Olgamir e D. Oterlina

De uma imagem pedra
onde mãos
igualmente duras
(outras pedras)
só uma coisa destempera
a dureza dessas pedras

De uma imagem pedra
só força se espera
pois desde antanho
nessa terra
é a força que impera
... só uma coisa destempera
a dureza dessa terra

De uma imagem pedra
onde quem morre
é quem enterra
tal a dureza
da gente dessa terra...

diga, d'uma vez
qual coisa destempera
a dureza dessas pedras?!

De uma imagem pedra
onde mãos, igualmente duras, outras pedras
onde só a força se espera, só a força é que impera
onde quem morre é quem enterra, tal a dureza da gente dessa terra
a única coisa que destempera a dureza dessas pedras
é o leite que jorra dos peitos, igualmente pedra
da Mãe-terra!

CONTEXTO



Igreja Matriz de Sant'Ana em Cavalcante-GO

1 – Cavalcante

Município localizado no estado de Goiás ao norte da Chapada dos Veadeiros. Abriga o Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga, principalmente no Povoado Engenho II, Vão do Moleque, Prata e Vão das Almas. Sua origem remonta a 1736.

2 – Nova Roma

Sua origem está relacionada às atividades de garimpo no século XVIII. O município está localizado no norte goiano da Chapada dos Veadeiros.

3 – Primário

O que hoje chamamos de Ensino Fundamental, antigamente era conhecido como Ensino Primário e Ensino Ginásial. Sendo que o Primário era formado pelas séries iniciais do atual Ensino Fundamental.



Me chamo Oterlina Neres dos Santos. Nasci no dia 28 de setembro de 1926, na fazenda de minha avó, no município de Cavalcante¹. Na época, minha mãe morava no município de Nova Roma², porque meu pai era de lá. Minha mãe foi pra casa da minha avó pra eu nascer. Depois voltamos pra Nova Roma, onde meu pai me registrou. Com três anos de nascida meu pai faleceu. Quando eu tinha onze anos fomos pro meio da família de minha mãe, em Cavalcante. Ali morei até os quarenta anos. Quando me casei, fiquei morando na fazenda. Menino nascendo e tudo. Aí comecei a colocar o mais velho na cidade, a mais velha na cidade. Lá só tinha o *primário*³ e quando terminaram, tinha que procurar um jeito melhor. Aí tive que pegar a turma...

Sou filha única. Meu esposo faleceu tem nove anos. Íamos fazer cinquenta anos de casados. Tenho oito filhos, vinte e cinco netos e quatro bisnetas. Cada uma mais bonita que a outra!

Quando eu era menina e estudava na cidade, eu fugia muito, porque lá tem dois rios. Não são muito grandes, mas pra nós eram! Eu vejo o povo nadar hoje aí com a cabeça enfiada dentro d'água. Eu aprendi a nadar às minhas custas, com a cabeça fora d'água. Eu fugia pra tomar banho de rio em lugar perigoso. Eu não era santa não! Eu tinha um trauma muito grande comigo, porque minha mãe me corrigia demais. E ela era boa pra bater. Batia que só vendo! Mas de-

pois eu vejo assim que merecia mais do que apanhei. Quando ia me corrigir, ela falava assim: “Você não tem pai!” Eu ficava numa revolta! Porque, ora, eu não tenho culpa de não ter pai, né? Por qualquer nada que eu fazia, um malfeito, ela dizia: “Você não tem pai!”, não sei o quê. Eu custei a compreender, eu só vim compreender isso depois de velha. Ela achava que os filhos dos outros tinham pai pra corrigir e ela era só. Então ela falava aquilo pra mim e eu achava muito duro: “Você não tem pai!” Mas depois eu entendi muito bem! Ela queria o meu bem! Mas apanhei que só!

Da porta da minha casa, lá na fazenda em Cavalcante, quando o rio estava cheio, eu via a água da cachoeira, jorrando: a fumacinha assim, ó! A fumacinha da água da cachoeira. Lembro das brincadeiras... só não gostava de brincar de boneca. Não gostava, porque eu colocava ela lá e ela ficava quieta... Brincava de cozinha, brincava de casinha, tomava banho de cachoeira, essas coisas que eu gostava. Gostava de entrar no pasto, pegar os animais e montar a cavalo.

Toda vida fui assim muito aventureira. Eu fui umas duas ou três vezes à cidade de Formosa – a cavalo! –, *pra mim* comprar alguma coisa assim de novidade, né? Uma semana de viagem! Aí, nessa época, eu já tinha meus 17, 18 anos. Nossa, era um céu!

Eu vim pra Planaltina com quarenta anos. Eu vinha pra Formosa, porque eu gostava era de Formosa. Aí meu primo me chamou e falou: “Formosa é muito bom pra vocês morarem. Vocês conhecem tudo lá, mas o melhor pra você é Planaltina, fica mais próximo lá

do Plano Piloto, que é como o centro de Brasília é conhecido, vai ter mais facilidade dos meninos estudarem, trabalharem e tal”. Aí eu já tirei a ideia de Formosa e pensei: – Mando meu marido comprar casa em Planaltina, levo os meninos, ponho lá e quando eles melhorarem, quando eu encaminhar todo mundo, eu volto. E essa volta... até hoje! As notícias de Brasília eram boas: correndo dinheiro e tal, mas o que me fez vir foi o estudo dos meus meninos. Não foi dinheiro, nem nada, porque dentro do possível, dava pra viver muito bem. Mas meu primo devia ter me

Só não gostava de brincar de boneca. Não gostava, porque eu colocava ela lá e ela ficava quieta.

aconselhado ir mais pra lá – lá pra Brasília, porque era mais fácil, né? Eu tinha condição de ter comprado lá, naquele tempo. Mas agora eu não quero mais não. Eu estou satisfeita.

Olha, a minha mudança é um negócio assim, incrível, porque meu marido só sonhava com fazenda! O que ele sonhava pros filhos dele era cada um ser fazendeiro. E eu sonhava com um diploma pra cada um! Aí, eu tanto fiz que ele comprou uma casa aqui em Planaltina. A casa ficou fechada uns dois anos e ele me enrolando, mexendo com



Monjolo

4 – Monjolo

Engenho rústico, movido a água, utilizado na moagem de grãos.

5 – Caesb

Companhia de Água e Esgotos de Brasília, atualmente é identificada como Companhia de Saneamento Ambiental do Distrito Federal, mesmo mantendo a sigla antiga.



Rejane Araújo

Vila Vicentina, Planaltina-DF

6 – Vila Vicentina

De acordo com depoimento de Clélia Marra, pioneira e primeira professora da Vila Vicen-

fazenda. Aí eu combinei com minha mãe: – Eu vou pra Formosa, fazer curso – que eu lecionava lá em Teresina de Goiás –, e quando for *nuns* dias de janeiro a senhora freta um caminhão, bota essa meninada *tudo* em cima e pode ir embora pra lá. E assim ela fez. Aí, eu estava em Formosa quando recebi o aviso que ela já tinha chegado aqui com os meninos. Chegou no dia 26 de janeiro de 1966. Mas quando o meu marido chegou em casa que não me achou, ele chegou aqui em Planaltina primeiro que os meninos! – que ele veio de carro pequeno e os meninos vieram de caminhão!

Eu morava ali em cima, na avenida São Paulo, que era a última rua que tinha. A Avenida Independência não tinha. Ali era cerrado. Eu morava aqui, mas nessa época dava aula em Teresina de Goiás, perto de Cavalcante. Eu ia e ficava lá um mês. Ficava lá com menino no braço. Eu sou de luta, minha filha! Mas fiquei pouco tempo lá. Depois eu aposentei e vim. Nesse tempo a gente ainda tinha fazenda e meu marido ficava lá.

Agora, aqui foi luta! Era difícil. Eu cheguei nessa avenida São Paulo, nem luz tinha! A minha casa não tinha luz, não tinha água encanada. Eu cheguei pra pegar água lá no chafariz. Tinha era uma torneira pra quadra toda! E todo mundo pegava lá na esquina. Lá onde eu morava antes era água a vontade! Tinha dois rios, que tocava monjolo⁴ e tudo. Eu olhava assim, onde é que eu vim parar?! Sempre sonhando com a educação dos meninos. Aí eu fui lutando...

Toda vida eu sou muito boa pra sonhar. Logo que eu cheguei eu consegui colocar

água em casa: com dificuldade mas consegui. Tive que implorar pra Caesb⁵. Só que ainda não tinha nas casas. Aí eu fui ajeitando... coloquei água. Tinha água já estava bom, né? Mas não tinha luz.

Olha, aqui em Planaltina era o seguinte: tinha a Cachoeirinha, tinha um tal de córrego do Atoleiro. Uma vez ficamos sem água uns quinze dias e a gente ia lavar roupa lá. Quando eu mudei *pr'aqui* era muito calmo. Você podia dormir de porta aberta. Podia deixar tudo aí. Tinha uma delegacia ali, onde é aquele artesanato.

Quando vim pra cá já tinha a Vila Vicentina⁶. Só que a gente tinha muito medo, porque quando eu vim *pr'aqui*, minha vizinha me assombrava: “Vixe, na Vila Vicentina só mora nordestino; são tudo valente!” A gente ia lá assim... Mas fizemos as pazes com a Vila quando chegou o Buritis. O “defeito” passou pro Buritis e a Vila ficou “mansa”, ficou boa.

Depois da Vila Vicentina apareceu o Bairro de Fátima, ao lado. Não é nem a Vila de Fátima, era o Bairro de Fátima. O povo que morava lá era uma pobreza, uns barracos... Mas pra cá não tinha nada. As primeiras construções foram de mutirão. A Avenida Independência, que é essa grande aí, era tudo cerrado. Era onde os meninos pegavam cagaíta, pequi, essas coisas. Daí *pra diante* tudo era mato. Era só da Avenida São Paulo pra cá.

A relação com o pessoal do Setor Tradicional era uma relação boa. Eu sou uma pessoa muito fácil. Mas eles sempre tinham aquele prazer de dizer: “Eu sou da tradicional”. Mas como gosto de ser eu mesma, falava: – Eu moro na Tradicional, mas não sou

Arquivo de família



Zózimo, D. Oterlina e Antônio

tradicional. Eu moro, não sou tradicional, mesmo! Olha, eles não entendiam. Na maneira deles... e até hoje têm deles que dizem assim: “Ah! eu pertenço aos Gomes Rabelo”. Que eram os primeiros, os ancestrais que fundaram. Não sei se porquê eram ricos, eles acham até hoje que aquilo é um vínculo mesmo. E também não gosto, nisso eu sou muito esculachada mesmo. Eu não sou tradicional. Pronto e acabou! Pra ninguém pensar que faço parte. Mas o engraçado é que quando mudei *pr'aqui* até no cemitério tinha a parte dos tradicionais. Você sabe disso? Quando minha mãe faleceu, não sei porque ela foi sepultada do lado dos tradicionais. Então nós vamos ficar todo mundo lá!

Lá mais pra Vila, tinha uma parte que chamava Vila da Palha, Rua da Palha. Eu não conheci. Quando eu cheguei aqui a minha vizinha comentava da Vila da Palha. Era na divisa da Vicentina com a Tradicional. Acho

tina, o núcleo inicial do setor contava com aproximadamente vinte famílias, situado à Rua da Palha ou Rua Piauí. Era uma rua extensa, com casas em adobes e telhado de palha, sem asfalto, sem água e sem energia elétrica. A rua era cortada por pequenos córregos que levavam água de uma casa para outra. O transporte era feito por meio de charretes, carros de bois e pequenos carros puxados por carneiros. Inicialmente o comércio existente eram o Café sem Troco e o Bar Café Goiano.

Em 1956, Clélia Marra conseguiu uma casa nessa rua, onde passou a lecionar. Parte das terras da Vila Vicentina pertenciam à fazenda do Sr. Abraão Justino Marra que loteou a área vizinha à Rua da Palha, ampliando assim, a Vila Vicentina.

7 – Jogava lá na taquara

Expressão para designar uma região sem nenhuma infraestrutura no meio do cerrado onde o poder público literalmente jogava as pessoas contempladas com lotes.



Kéjane Araújo

Igrejinha de São Sebastião, Planaltina-DF

8 – Igrejinha de São Sebastião

Antiga matriz da cidade se localiza na Praça São Sebastião. Foi construída em 1870 e tombada em 1982 como patrimônio histórico e artístico do DF.

que o povo mais pobre ficava mais *pr'ali*. Tinha o Bairro Sucupira, onde é a Vila de Fátima hoje, tinha uns pobres que moravam ali dentro do cerrado. Uma casinha aqui, outra ali... Eu trabalhava com catequese, a gente dava o catecismo lá. Eles não deviam ter lote, acho que eles chegavam e iam levantando os barraquinhos, depois foram retirados todos. Lá, eu sei bem de uma senhora que morava

E vi a mulher na lama,
descalça, com um
menininho num caixote,
tudo molhado.

e que tinha vindo de Formosa. Os outros eu não sei, eu não me lembro.

Olha, ônibus vinha de uma em uma hora e parava ali... sabe onde é a prefeitura velha? Ali era o ponto. Todo mundo da Vila, de todo lado, que quisesse pegar o ônibus tinha que ir a pé, até ali. Pegava ali e deixava na rodoviária do Plano. O resto, você que se virasse.

Aqui tinha três escolas. Tinha a Escola 1, era a rainha. A Paroquial era aqui nesse casarão velho. E a Vicentina era na igreja de São Vicente. Eram essas três escolas, mais nada! Não tinha escola particular, não tinha nada. Só essas três e pronto. Quando eu cheguei, vim logo cedo e consegui por meus meninos lá na Escola 1, que naquele tempo era linda!

Quando eu cheguei aqui comecei a ficar perdida: não conhecia ninguém, não conhecia nem o padre. Entrava na igreja olhava de cima a baixo. Mas eu continuei. Eu ia lá na Igrejinha São Sebastião⁸, levar a meninada *tudo* pra rezar. Aqui tinha a festa do Divino. Aí continuei...

Quando começou a Vila Buritis, o medo era muito grande. Quando começou a jogar o povo ali no Buritis, chegavam aqueles caminhões e jogavam lá dentro do capim. Os caminhões traziam a mudança e jogava lá na taquara e cada um ia levantando o seu barraco. Aí a gente ficava muito alegre, porque a cidade estava crescendo, mas a gente também tinha o temor, por causa do pessoal que vinha... Foram tirando todo o pessoal pobre daquelas redondezas lá do Plano Piloto e foram trazendo. Foram jogando tudo lá. Aí a gente ficava com medo e tal. Aí depois foi bom, que quando chegou o Buritis, a Vila Vicentina ficou amiga. Aí, quando chega o Pombal, que é outro bairro, o Buritis já fica amigo, já ficava com medo dos outros. A vida continua. Quando o povo fala: “Mas tem muito ladrão no Jardim Roriz”. Eu falo: – Ladrão não está amarrado. Ele anda por todo lado. Não precisa pensar que está lá, que está aqui.

Eu trabalhava no Clube das Mães Cristãs, com este negócio da pobreza. No Buritis tinha muita mulher necessitada. A gente distribuía sopa três vezes por semana *pr'aquelas* mulheres que iam com as vasilhas buscar sopa pros meninos, outras iam pra fazer o uniforme, outras iam pra fazer roupa pra gestante. Então eu comecei a conhecer todo

Rejane Araújo



D. Oterlina

mundo. Até hoje muita gente diz: “Eu conheço a senhora do Clube das Mães!” E às vezes, nem me lembro mais...

No Clube eu fazia o levantamento dessa pobreza: quantos filhos e tal. Eu via muita coisa triste, muito triste. Tinha casa que você chegava e via cinco, seis crianças na poeira,



Karolina Xavier

Moradores reivindicam melhor transporte público.
Planaltina 11/04/2012

9 – Transporte público urbano

Nas décadas de 1930 a 1980, principalmente, o Brasil agrário se torna Brasil urbano. A economia brasileira se modifica de agrário-exportadora para industrializada.

Infelizmente, os governos não investiram em trens e navios, meios de transportes mais compatíveis com o tamanho continental do país. Foi priorizada a indústria automobilística, sem nenhuma preocupação em atender as necessidades da população com relação ao transporte público nas cidades, cada vez mais populosas e cheias de carros.

O meio de transporte individual foi, e continua sendo, prioridade dos investimentos em mobilidade urbana. Resultado: trânsito caótico, passagens caras, ônibus sem conforto, população insatisfeita. Por isso os protestos de usuários são cada vez mais frequentes, não só em Planaltina como no Brasil.

Paradoxo – Enquanto isso, autoridades, eleitas ou não, utilizam veículos oficiais e passagens aéreas nos seus deslocamentos, nem sempre a serviço – com o nosso dinheiro!

num barraco, que só Deus sabe como! Aque-la meninada sem roupa, *tudo* assim... Aí você tinha de fazer aquelas fichas, ver tudo.

Tem uma família do Buritis que eu fico muito satisfeita de ver, porque essa mulher chegou, eu fiz a ficha dela no Clube e ela estava pra ganhar neném. Fiquei sabendo da situação toda dela. Aí falei: – Vamos fazer uma reunião, fazer uma cesta pra levar, que a mulher não tem nada. E ela não apareceu mais aqui no Clube, deve ser porque ela ganhou neném. Aí fui. Quando eu cheguei lá, ela tinha ganhado a criança. A chuva batendo em cima. Aí ela pôs os meninos pra arrancar capim e por na lama! Ela não tinha uma sandália pra por no pé! Aí eu tinha feito um levantamento, ganhei umas coisas, fiz a cesta e consegui cinco reais (acho que era cruzeiro, naquele tempo). Esses cinco reais eu tinha levado pra comprar uma carne. E vi a mulher na lama, descalça, com um menininho num caixote, *tudo* molhado. Uma coisa assim que eu fiquei sem saber o que eu ia fazer com aqueles cinco reais. Aí saí pra comprar uma sandália havaiana pra lhe por no pé. Eu saí e comprei a sandália, mas ainda ficou um dinheiro, com que eu comprei um pouquinho de carne pra ela. Deixei ela lá e vim.

Eu tinha uma amiga que tinha sofrido um acidente e ela tinha feito um voto de dar cinquenta reais pra uma pessoa pobre. Eu cheguei pra ela e disse: – Você tem de dar os cinquenta reais, então você me dá pra eu comprar umas telhas pra cobrir o barraco da mulher. Aí ela me deu. Fui lá, comprei as telhas e o material todo. Aí ela cobriu o bar-

raco. Ela era tão trabalhadora, que precisava ver! Quando ela morreu deixou uma casa à custa do serviço dela! Os filhos dela estão bem de vida. Só que o compadre sumiu, que eu não sei pra onde foi. Eu batizei os meninos dela. Ela teve bem uns doze! Eu tenho dois afilhados dela.

Essas famílias carentes eram famílias recém-chegadas. Os maridos, uns trabalhavam, outros não. Uns, porque não tinham emprego. Outros, porque não queriam. Era desse jeito. Sempre as mulheres trabalhavam mais, porque elas trabalhavam de doméstica, lavavam roupa pra um, pra outro. Sempre trabalhavam mais.

Depois eu deixei o Clube e passei a trabalhar na Comunidade de Renovação, Esperança e Vida Nova (Crevin). Lá eu amo de paixão, mesmo! Lá eu já fiz de tudo: cozinava, fazia pamonha pra vender, fazia tudo. Depois foram chegando muitos voluntários, muitas pessoas. Hoje eu só trabalho com voluntários. Tenho um grupo gente boa. Minha profissão agora é só essa! Agora, eu afirmo pra vocês: é muito valioso! Eu gosto! É bonito, lá! Eu trabalho duas vezes por semana. Eu tenho uma turminha da minha idade e aí a gente faz bordado, crochê, colcha de retalho. O que a pessoa sabe fazer pode fazer. Aí a gente vende, pra tirar o dinheiro pros velhinhos. Serve pra comprar um gás, comprar uma coisinha...

Quando eu vim *pr'aqui* não tinha nada. A luz terminava perto de casa. Foram criando mais escolas, surgindo mais empregos. As pessoas foram melhorando. Melhorou muito. Aqui só tinha uma farmácia! Se você não

Arquivo de família



Ludmila (neta), D. Cesária (mãe) e D. Oterlina

achasse um remédio aqui, tinha que ir no Plano ou em Formosa. Só tinha uma loja de mercadorias. E mais nada. Não era fácil não. Aí foi surgindo tudo, foi melhorando...

Ruth, minha filha mais velha, fez três cursos, três faculdades no Plano. Naquele tempo ela ia no ônibus comum. Não tinha nem lotação. Se perdesse o ônibus tinha que aguardar o outro! Só Deus sabe quando! Ela trabalhava de dia e estudava à noite. Aí depois foi melhorando, foi vindo lotação, isso e aquilo. Mas os primeiros enfrentaram barra pesada. Tinha dia que ela chegava aqui meia-noite, uma hora da manhã, porque perdera o ônibus... E quantas vezes o ônibus quebrava com a turma na estrada? Era difícil⁹.

E hoje, quando o povo fala que está ruim, eu acho que está é bom! Pelo o que eu vi, pelas dificuldades que eu já passei, pra mim está bom! Eu amo Planaltina. Gosto daqui!

10 – Boleia

Cabine do caminhão.



Blog PM Planaltina-DF

Via Sacra, Planaltina-DF

11 – Via Sacra

A Via Sacra de Planaltina foi encenada pela primeira vez em abril de **1973**, pelo grupo Juventude Unida Planaltinense (JUP), sob a influência do Padre Aleixo Susin, pároco da cidade. Logo depois a encenação ficou a cargo do Grupo Via Sacra ao Vivo. Em **1987** passou a fazer parte do calendário oficial de eventos do DF.



Fernando Fideis

Morro da Capelinha, Planaltina-DF

12 – Morro da Capelinha

Nesse local é encenada a Via Sacra de Planaltina. Está localizado aproximadamente a 6 km do centro histórico da cidade.

Aqui é meu lugar. Não tenho nada pra falar mal, não!

Toda a vida eu sempre fui muito aberta pra ajudar o povo. Na Copa de 1970, lá em casa, a sala era pequena. Os colegas dos meus meninos iam sentando no chão. A sala não tinha mais lugar pra gente ficar. Não deu pra eu assistir, porque não tinha lugar! A minha televisão foi das primeiras, telefone foi dos primeiros.

Da política eu sempre estava por dentro porque eu sou assim, mais da esquerda. Meus meninos sempre foram muito influentes com esse negócio... eles eram menores, mas sempre viam, comentavam e tal. Em Cavalcante, quando eu morava lá, eu era cabo eleitoral *d'um* amigo meu. Eu trabalhava nas eleições como fiscal nas urnas, toda a vida. Toda a vida, na fazenda, o pessoal era *tudo* da direita. A família toda era da direita. Só eu era da esquerda. Os eleitores tinham de ir pra Cavalcante de caminhão. O povo ia na carroceria. Meu primo falou que eu não podia ir no caminhão porque eu era da esquerda. Eu falei: – Tem ônibus que passa na linha, por isso não vou deixar de ir. Tinha que caminhar uns dois quilômetros pra pegar o ônibus. Aí um tio meu falou: “Se ela não for no caminhão eu também não vou”. Ele era da direita, mas aí os outros foram na carroceria e eu fui na boleia¹⁰!

A tradição era assim: todo mundo achava que dinheiro é que era importante. Eu achava que estudo é que era importante. Então aqui tem muitos fazendeiros que tinham melhor condição que a nossa e que os meninos não formaram, nem nada. Ficaram mexendo

com fazenda, porque achavam que o certo era isso... e meu marido quase que *acompanhava* eles! Agora, toda a vida eu sonhava muito alto. Eu queria ver meus filhos todos formados: todos! Tem um que deixou a faculdade no último semestre, problema dele!

Os tradicionais achavam que a gente tinha de votar com eles. A gente ficava como ovelha negra, porque não acompanhava eles. Eles cobravam, achavam que a gente estava errada. Inclusive, uma época, um menino meu chegou da universidade lá da Paraíba e estava desempregado. Uma amiga minha conversou com alguns pra arrumar um emprego pra ele. Mandaram me dizer que eu mandasse o currículo do menino, com a condição de votarmos pra eles. Aí eu falei: – Muito obrigado, eu nunca usei voto de cabresto! Dispensou o emprego.

Lazer aqui em Planaltina não tinha era nada! Tinha era a Cachoeirinha... a gente tinha uma chácara lá perto, os meninos iam lá, mas eu não. Já não tinha mais aquele entusiasmo não. A gente ia era cuidar de menino. Os meninos iam tomar banho de cachoeirinha, essas coisas... mas também não dava muita trégua não!

Quando a Via Sacra¹¹ começou eu já morava aqui. Eu lembro. Eu participava. Ia a pé: lá no Morro da Capelinha¹². Eu lembro que a última vez eu fui, foi uma vez que Joãozinho Trinta estava.

Depois que eu vim *pr'aqui* ainda tinha umas festas de sanfona. Seu Maurino tocou muita sanfona pra festa junina. Essa festa era aqui nessa praça, que não tinha igreja. Fazia barraquinha... depois que eu moro nessa

Arquivo de família



D. Oterlina e a filha Ruth

casa é que construíram a Igreja Matriz de São Sebastião¹³. Eu me lembro da construção da igreja. Eu já morava aqui. Aqui em casa era onde o povo tomava água, pedia o banheiro. Eu não me lembro, ao certo quando começou essa igreja. A inauguração foi em 1980. Eu vim *pr'aqui*, pra essa casa, em 1976.

Eu frequento a Igreja só uma vez... por dia! Vou na missa de seis e meia da manhã. O sino agora morreu, agora não toca mais. Este sino foi meu esposo que doou: aquele do meio, foi ele que doou. Ele tocava três vezes por dia e eu achava bom! Tocava as seis da manhã, meio dia e as seis da tarde... agora morreu.

Os nomes dos meus filhos estão todos enterrados no subsolo da igreja. O padre, no dia de inaugurar o sino, mandou que *pusesse* lá as coisas queridas da gente. As coisas melhores que tenho na vida são os meus filhos... coloquei os nomes de todos debaixo do altar: todo mundo!

Viver em Planaltina pra mim é muito bom. Muito bom! Meu ponto certo é esse: vou na



Fernando Fideis

Igreja Matriz de São Sebastião, Planaltina-DF

13 – Igreja Matriz de São Sebastião

Localizada na praça Pe. Antônio Marcigaglia, foi inaugurada em 1980.



Ipê Amarelo

14 – Florada dos Ipês Amarelos

O planalto central lembra uma tela de Van Gogh durante o mês de agosto, na florada dos ipês amarelos.

“Na cabeça do tempo/ eu plantei um Ipê Amarelo/ bem no centro da vida/ eu finquei o meu mastro de ferro/ e na palma da mão/ do meu pai/ vi o mundo de perto (...),” Canto dos Ipês Amarelos, Dércio Marques.

igreja e vou na Crevin. Agora as outras coisas, banco, compras, eu falo pras meninas ou pro meu neto, que eu crio. As coisas que faltam os meninos compram lá no Plano Piloto.

Outro dia uma moça falou assim: “Se a senhora quiser uma bengala, aqui na Crevin tem muita”. É que o pessoal fica doente, pega a bengala e doa pra lá; pega a roupa e doa pra lá. E o pessoal vai morrendo... “Tem um bocado de bengala aí. Se a senhora quiser uma...” Eu falei: – Tá, depois. Aí eu cheguei em casa e

Coitada, não foi de gosto. Ainda queria viver mais!

disse: – Eu, pegar a bengala de velho, lá? Com tanto filho que tenho, que precisão tenho de pegar bengala dos outros?! No dia que eu quiser bengala, falo pra eles comprarem.

Uma amiga chegou pra mim e disse: “Oterlina, eu tô fazendo um negócio ali: até falei pro moço guardar um papel pra você preencher. Um negócio muito bom!” – Quê que é? – “É um plano de funerária”. – Como é que é isso? – “A gente vai pagando e o dia que a gente morrer, avisa lá, a funerária vem, faz o enterro: tem tudo!” Falei: – Menino, com tanto filho que eu tenho, se eles não derem pra fazer um enterro pra mim, problema deles! Não vou fazer plano de funerária, não! Se enterrar

feio é vergonha pra eles, não é pra mim, não. Você é besta?!

Olha, aqui em Planaltina ainda tem muita coisa que deixa a desejar. Não tem um cinema, não tem nada disso. Muita gente, muitos meninos pobres que não têm condições, não sabem nem o que é um cinema, não sabem o que é nada. Aqui de diversão não tem nada! Quem pode vai no Plano, mas quem não pode, fica sem! Isso não é mais pra mim. Mas a mocidade precisa. Pra mim tá bom ter a igreja aí, né?

Ah, eu sou apaixonada pelo ipê amarelo!¹⁴ Eu queria plantar um aqui na minha porta porque quando eu era menina e estudava lá em Cavalcante, eu baseava as férias pelo ipê. Quando o ipê *estourava* estava chegando as férias porque ele dava mais flores no mês de agosto. Aí quando eu via: – Olha, está chegando! Até hoje, quando vejo um ipê, eu fico alegre.

Voltando atrás, minha mãe tinha um decreto. Ela dizia assim: “Se não trabalhar durante o dia, não pode dançar”. Porque tinha que fazer biscoito o dia todo. Aí, eu deitava pensando que tinha que levantar e não perdia tempo não. Levantava era cedo pra cuidar da vida, pra noite ter direito de ir à festa. Eu falo pra vocês: – Pra mim, toda minha vida sempre foi boa! Os problemas que tinham, a gente levava assim... resolvia! Outro dia uma menina falou pra mim: “Dona Oterlina, a senhora é uma pessoa que ninguém vê tris-

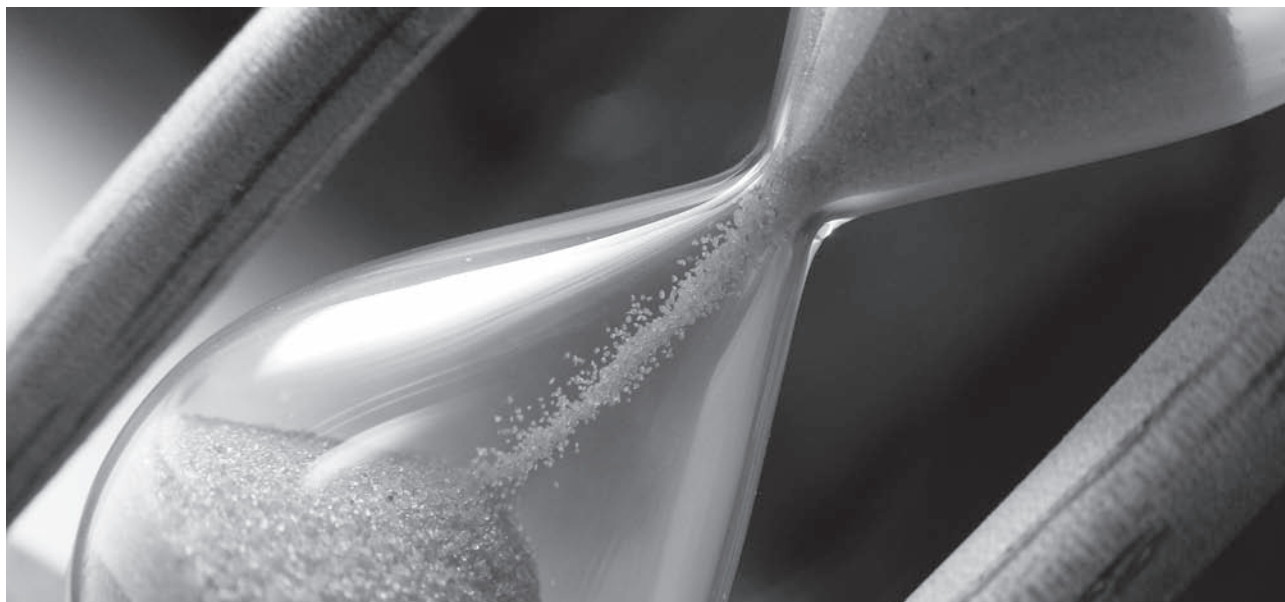


D. Oterlina em uma excursão à Jerusalém, 2008

te. Só vê a senhora alegre e rindo”. Eu falei: – Minha filha, tem dias que às vezes você está rindo, mas aqui dentro está chorando. Então ninguém me vê triste. Cara feia pra mim não resolve. Meu jeito é esse aqui, todo o tempo.

Olha, o que eu espero... eu estou realizada! O que espero é que os meus filhos tenham uma vida melhor. Pela luta que nós já tivemos eu espero que eles consigam se realizar pra chegar nos meus netos e bisnetos. Isso é o que eu espero. Eu estou realizada, graças a Deus! Tenho uma vida boa! Porque a morte é certa, no dia que o senhor ouvir falar que eu morri, pode dizer assim: – Coitada, não foi de gosto. Ainda queria viver mais!

PRIMEIRA GERAÇÃO



D. JACI,
mãe de Márcia
e avó de Maria Clara



Maria Clara, D. Jaci e Márcia

Ser dono de muita ou pouca terra,
não quer dizer que se gosta dela.

Pra se gostar da terra,
num carece de ter,
de ser dono dela.

Pra gostar da terra,
basta a gente se sentir parte
... ou sentir que a gente é dela.

Mas tem outras formas
de sentir, de gostar da terra:
quando se vê que não existe separação entre a terra e a gente;
que a terra e a gente é uma coisa só:
desde o começo dos tempos – pedacinhos d'estrelas – luz e pó!

CONTEXTO



Campos Belos-GO

15 – Campos Belos

Localiza-se na microrregião da Chapada dos Veadeiros, no norte goiano. Os seus primeiros habitantes chegaram no final do século XIX, em busca de ouro. Atualmente sua economia se baseia principalmente na pecuária e no comércio.



Fuso

16 – Fuso

Objeto utilizado para fiar, fazer fio para tecelagem. Sua data de origem é desconhecida. Arqueólogos encontraram objetos semelhantes ainda na era neolítica.



Meu nome é Jaci Rodrigues dos Santos. Nasci no dia 10 de abril de 1939. Fui registrada no dia 25, mas comemoro dia 10! Nasci em Campos Belos¹⁵, Goiás.

Na verdade, não nasci

bem lá, nasci numa fazenda chamada Luizinha, município de Campos Belos e me criei lá mesmo, interiorzão, fazenda! Meu pai chamava Marcionilio Rodrigo dos Santos. Minha mãe, Maria Araújo Cardoso. Minha mãe teve os filhos tudo com parteira. Minha mãe teve dois partos de gêmeos e eu sou uma das gêmeas. Tive onze irmãos: meninos e meninas. E eles se criaram. E depois de grande morreu um bocado, porque sempre morre, né? Eu mesma, minha irmã que é gêmea comigo já morreu. Meu pai trabalhava na fazenda que a gente tinha. A gente era pobre e colhia algodão. Do algodão fazia roupa pra vestir, coberta pra embrulhar. Aprendi a fiar lá mesmo, na fazenda Luizinha. Quando era menor fiava no fuso¹⁶. Quando mocinha fiava na roda¹⁷. Tinha o tear. Mas antes de tecer você planta o algodão, depois colhe – tudinho! –, e ensaca num balaio. O balaio é um cesto de palha de coco: só que era um mundo da natureza, de grande! Meus tios faziam os balaiois. Minha mãe ou meu pai diziam: “Você vai ter que fiar esse tanto aqui e você aquele acolá”. E eram só as mulheres que fiavam. É difícil: você pega aquele algodão, descaroça todo e depois vai fazendo as tirinhas e vai fiando. No que vai fiando ele vai virando linha e você vai enrolando no fuso. Aí o fuso fica com a barrigona

deeesse tamanho! Quando o fuso está cheio, pega e enrola num novelo. Quando quer fazer a coisa colorida, você pega o novelo, enrola tudo e faz tipo uma *miada*¹⁸ grande assim, ó! Aí pega umas folhas de anil, que tinha lá no mato, bota de molho e tinge. Fica azul. Quando está seco, de novo você pega aquelas *miadas*, torna a desenlinhar todinha e novela. Depois que estão prontos os novelos, aí vem a hora de tecer. Depois de fazer o tecido costurava na mão, que a gente não tinha máquina e o pano era grosso. Aí fazia coberta, fazia vestido, fazia calça. É um processo bonito, sabe? Era cansativo, mas era bom. Quem tinha onze filhos, tinha que arrumar alguma coisa pra eles fazerem, né mesmo?

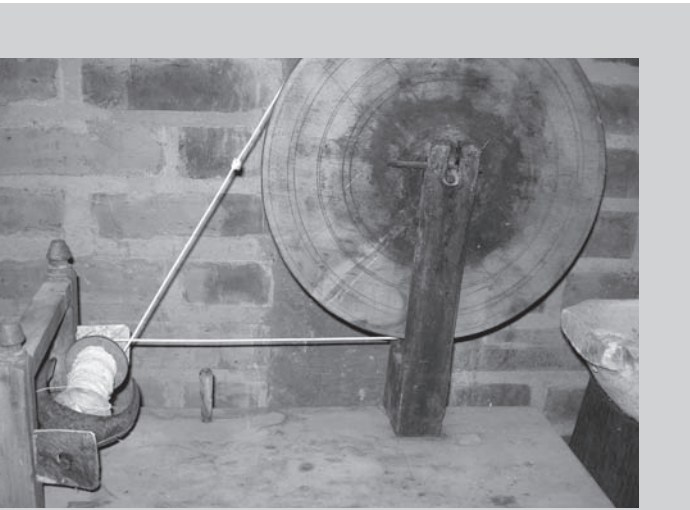
Aí a gente mudou da fazenda Luizinha pra fazenda Taquaruçu. Meu pai comprou três alqueires de terra. Lá a gente se criou. Tinha índio quando meu pai comprou a terra. Quando a gente ia capinar achava pedaço de panela dos índios, desse tamanho! Muitas vezes, à noite, a gente via vulto passar e ficava com medo. Pensava que era defunto, assombração. Muitas vezes a gente xingava. No outro dia cobriam nossa casa de pedra: *prá-prá-prá!* Aí o pessoal falou: “Ó, não xinga, não! Quando você ver, à noite coloque sal lá no *jirau!*” A gente não tinha armário. Fazia um *jirau*, com pedaços de pau, pra colocar as coisas. Aí a gente colocava sal e amanhecia a vasilha limpinha! Um dia minha irmã levantou de noite e foi pegar água *pr’um* irmão. Aí ela viu um índio. Saiu gritando, correndo, *arrumou na parede*¹⁹, caiu, derramou a água. Meu pai levantou, pegou a espingarda, porque lá a gente tinha medo de tudo, né? Olhou

e não tinha ninguém. A gente chamava os índios de *compadre*.

A avó da minha mãe foi pega a dente de cachorro! Ela disse que ia correndo, correndo. O povo de lá caçava. Era tempo de caça. Viram aquela mulher bonita e sozinha. Meteram os pés atrás dela e os cachorros pegaram. A minha avó se chamava Maria Preta, era índia. Ela não casou com meu avô, mas ela teve a minha mãe que casou com meu pai.

Ah, era boa a infância! Apesar de ser pobre era rica de harmonia, de brincadeira. Subia nos paus, caía lá de cima: *tcham!* Eu mesma já caí dum pé de árvore. Caí lá embaixo, morta que nem falava, nem nada, ficava só: *ôooooooooo!* Aí minha irmã fez xixi e me deu. Aí acabou aquela dor e consegui respirar, gemer e falar. Como não tinha água lá, naquela hora, eu tinha que tomar xixi.

Eu deveria ter uns dez anos quando tive malária. Quando terminou essa febre, esse *ombrinho* aqui virou uma coisa grossona de tanto tomar injeção. Fiquei amarela, da cor *d’uma* abóbora! Minha barriga ficou *deeesse* tamanho! Aí disseram que era baço. Meu pai era benzedor. À noite ele pegava o cocô dos cabritos, amassava, juntava com sumo de capim açu, colocava na minha barriga e amarrava com um pano. E melhorei. Era cheio de gente lá em casa pro meu pai benzer de dor de cabeça, de dor de barriga, de mau-olhado. Meu pai benzia a gente também quando era uma coisa simples, pois quando era coisa mais séria, só Deus *na* causa, que médico não tinha! Depois a gente começou a usar comprimido. Alguém ia na cidade se consultar com farmacêutico qual era o comprimido



Roda de fiar

17 – Roda de fiar

Ferramenta rústica utilizada para fiar.

18 – Miada

Corruptela da palavra Meada, novelo de linha ou lã.

19 – Arrumou na parede

Bateu de encontro a parede; chocou-se contra a parede.

Mulheres com *arrudias***20 – Arrudia**

Corruptela da palavra *rodilha*, que é um pedaço de pano que se coloca sobre a cabeça para transporte de carga, na maior parte das vezes, latas.

melhor pra gente tomar. Aí ele mandava e a gente tomava.

Quando a gente estava doente, sem querer comer, abria um buraquinho num pé de jatobá, tirava vinho dele e bebia com água. Era ruim, amargava, mas era uma beleza pra saúde! Minha mãe fazia lombrigueiro com semente de mastruz, rapadura, azeite de mamoná. Olha que mastruz é ruim, com semente então?! A gente estava num soninho bom e a mãe acordava pra dar aquele mingau pra beber. Dava vontade de vomitar até as tripas, mas se vomitasse ou jogasse um *golim* fora, você tomava mais ainda. Botava verme que não tinha tamanho! Que o povo do interior andava com os pés no chão, fazia as necessidades era no mato mesmo. Então a gente tinha muito verme.

Nossa casa era de barro e de taboca, que é um tipo de bambu mais fino. Aí a gente pegava uns pedaços e ia botando em pé. Quando a casa estava pronta, tapava em cima com as tábuas de *imburuçu*. *Imburuçu* é uma árvore grandona, parecida com barriguda, mas mais fina. Aí a gente cortava e tirava as talas. A maioria dessas talas de *imburuçu* é que tampava as casas. Embaixo era de taipa, enchia de barro aquelas varinhas das tabocas, barreava. Pra fazer a massa a gente tinha que botar água e barro. Era diversão também, metia os pés dentro, até amassar tudo. Enquanto uns amassavam a gente carregava, amontoava lá, porque já tinha uma pessoa que ia barreando. E a gente ficava feliz quando via aquela casinha pronta porque a maioria não tinha nem a casa barreada, era só aquelas taboquinhas encostadas.

O rio era perto. Pegava água, banhava. Onde minha irmã mora, lá em Tocantins, no pé do morro, tem um pessoal que faz aqueles potes grandes! Não é a toa que a gente tem a cabeça toda amassada: é de carregar os potes d'água na cabeça! Você tinha que encher, fazer uma *arrudia*²⁰, colocar na cabeça e trazer lá do rio pra casa. Eram muitas viagens que a gente dava. Tinha um pote que botava na sala, que era pra beber água bem *friinha*. Só que a água era salgada, mas era boa de beber porque era *friinha*. A gente lavava a roupa no rio.

Quando era abril, a gente ia *pr'um* lugar entre Campos Belos e Arraias. Ficava quinze dias lá, tirando e quebrando coco, aquele monte de mulheres, sozinhas. Lá era a terra do coco, que era a coisa mais linda do mundo! Depois, quando quebrava, a gente botava nas *bruacas*²¹, em cima dos cavalos. E a gente vinha pra casa. Aí tirava o óleo e vendia pra comprar coisas. A maioria dos parentes morava ali por perto. Na época de quebrar coco ia todo mundo pra lá... todo mundo não! Ia um bocado, que os outros morriam de preguiça, não tinham nem coragem de quebrar o diacho dos cocos! Eu pensava: – Meu Deus do céu, como é que pode?! Tinha gente que morava ali há mais de trinta anos e não tinha um pé de pimenta plantado na porta de casa! Aí o povo foi vendendo as terras que tinha lá. E foi indo embora pra cidade. E os baianos chegaram. Foram tomando conta das terras, foram comprando. Tem um ditado que diz: “Os baianos chegavam lá miando, quando era com três anos eles estavam rosnando”. Eles

não eram bestas, sabiam trabalhar, né? E muita gente comprou lá. Já tem japonês pra cacete! Já tem tudo quanto é nação de gente!

E assim foram acabando aqueles lugares tão bonitos, aquelas coisas lindas que a gente tinha: muito pé de árvore, muita mata virgem, que você caminhava daqui até mais longe do que lá na saída de Planaltina, sem ver o sol. Era só naquela trilha, por debaixo e por dentro do mato!

Lá no interior só tinha igreja na cidade. O padre vinha uma vez por ano, casar e batizar todo mundo da roça. Tinha gente que esquecia o menininho em casa e na hora de batizar: “Cadê o filho?” – “Ficou em casa”. Era difícil! Outros não casavam porque não sabiam fazer o sinal da cruz. O padre dizia: “Esse miserável eu não caso, não!” Eu tinha uma prima que rodou não sei quantos dias atrás do padre porque o noivo não sabia fazer o sinal da cruz! Mas era um lugar que tinha muita reza, muita Folia do Divino, Folia de Reis²², que o povo vivia pela fé. Minha mãe era festeira de Reis, todo ano. Dia 1º de janeiro o pessoal reunia os foliões pra sair girando com a folia. De dia o povo dormia, de noite o povo girava nas casas. Era um barulho grande: zabumba, gaita, viola, violão, caixa. Seis dias! Quando terminava recolhia a Folia. Das esmolos que tirava, fazia comida pra dar ao pessoal no dia da reza, 6 de janeiro. Ganhava porco, banda de vaca, frango... O pessoal ia girando e ia recebendo as doações. Menino, era uma senhora festa! A maioria do povo tinha que girar porque tinha promessa. O povo adoecia... num falei que lá, a gente vivia pela fé? Fazia uma promessa ao Santo

21 – Bruaca

Bolsa de couro cru, utilizada nos burros ou cavalos para transportar objetos.



Folias de Reis

22 – Folia de Reis

Manifestação da cultura popular brasileira de origem portuguesa, ligada às tradições católicas que fazem parte do ciclo natalino. A Folia teria sido introduzida no Brasil no século XVI, pelos jesuítas como elemento de catequização de indígenas e negros. Com variações regionais, destaca-se a devoção ao Menino Jesus, a São José, à Virgem Maria e aos Reis Magos. Ocorre entre o Natal e o dia 6 de janeiro (Dia de Reis).



Gato maracajá

23 – Maracajal

Corruptela para gato Maracajá, conhecido como onça pequena.

Reis que ia girar de Joelho, assistir o canto de Joelho, que era pra alcançar a graça. Eles alcançavam e iam. Mas a maioria de nós não podia ir, que minha mãe era festeira. A gente ficava em casa ajudando a fazer a festa: fazia comida pra eles comerem. Eu acho que essa festa já vinha da raiz, de muito tempo, que não tinha padre não, sabe? A gente rezava, juntava aquele pessoal pra botar a Folia. Tinha outras festas também. Janeiro tinha festa de São Sebastião. Em junho era Festa do Divino. Nossa família sempre participava porque a maioria dos irmãos era folião, os tios também eram foliões.

A gente levou tanta carreira de onça, daquela pequena, uma tal de *maracajal*²³. A gente ia pro mato tirar mel de abelha jataí, tiúba... tinha tanta abelha! Às vezes deu pra ir de noite. O pai fazia aqueles *fachões* de fogo. Sabe aquele bagaço de cana? A gente botava pra secar e quando estava seco, a gente guardava pra fazer uma lamparina bem grandona pra gente ir pescar. Pescar até que não era muito não, era caçar! Caçava veado, tatu, que tinha demais! Vixe, era tanto bicho com nome feio! Aquele tal de ouriço caixeiro espinhento, ele subia no pau, a gente subia atrás, com uma vara *zucava*²⁴ ele que caía no chão e os cachorros pegavam. Gente, era uma vida maravilhosa que a gente tinha! E a gente não sabia. Que depois que você perde isso tudo é que você vê que a vida cada dia vai acabando mais. Isso tudo a gente procurava ali, na nossa redondeza mesmo, tudo pertinho. Você saía de casa e chegava *no* rio. Tanta fruta! Puçá, que era uma frutinha redonda assim. Comia articum, goiaba, pitomba, manga, caju.

Cada uma dessas frutas tem o tempo delas. No tempo do pequi, tinha demais! Você via *taaanto* pássaro bonito cantando! Você via jacu, jaó, sabiá, pássaro preto, tudo cantando! Parecia assim uma orquestra, de tanto bicho que cantava, sabe? Tinha uns pés de barriguda, desse tamanho! Era a coisa mais linda que existia! Na beira do rio você olhava assim e via cada coisa bonita que você falava: – Meu Deus, o quê que é aquilo?! Era muito boa a vida da fazenda... e a gente não sabia.

A gente plantava roça, criava porco, criava galinha. Aí chegou uma época que até tinha

mundo quer aquele lugarzinho e ninguém pode mais comprar de volta. Porque foi pras mãos dos que têm dinheiro, né? A maioria do pessoal de lá, os que não morreram, estão na cidade. Quando os irmãos vieram pra Campos Belos, eu já não estava mais lá.

Eu saí de lá e já vim pra cá. A gente já era grande. Acho que tinha uns 23 anos. Vim direto pra Sobradinho. Sei que Brasília inaugurou, ela faz aniversário no sábado, parece que eu cheguei na terça-feira. Vim pra cá porque era febre, todo mundo vinha pra cá. Só que eles vinham e não ficavam muito tempo não. Acho que não davam conta de ficar, voltavam e quem estava lá queria vir, né?

Com um mês que cheguei fui trabalhar numa firma que fazia asfalto. Eu despachava comida e lavava vasilhas. Quando *dava* onze horas batia um sino: *pá, pá, pá!* Fazia uma fila na porta da guarita onde servia a comida. Aquele povo trabalhava na firma e vinha *pr'aquele* acampamento pra comer e dormir. Tinha um salão de segunda onde o pessoal comia da comida mais ralé. E tinha o salão de primeira. No salão de primeira a comida era melhorzinha. Era o pessoal que trabalhava no escritório. Para os pobres que trabalhavam nos canteiros de obras, eram bem uns três caminhões que levavam marmitta. O pessoal chamava esses caminhões de *boiero*²⁵.

Eu morava em Sobradinho, depois saí de lá e da firma e fui trabalhar na W3. Aí morava no serviço mesmo, que era doméstica. Às vezes a patroa mandava comprar alguma coisa. Era muita chuva, tudo em construção na W3, às vezes a gente saía e levava choque porque os fios estavam expostos. Tive a Már-



Arquivo de família

D. Jaci e sua irmã Nenenzinha, Tocantins

umas vaquinhas. Depois, meu pai morreu, minha mãe morreu. Chegou uma época que a gente já não tinha quase nada. Aí teve que vender. Quem estava lá vendia o pedacinho que tinha pros outros irmãos. Depois o irmão que ficou com tudo também teve que vender, pois não deu conta de ficar lá. Hoje, todo

24 – Zucava

Cutucava, batia com a ponta de uma vara.

25 – Boiero

Caminhão de transportar boia (comida) e pessoas, na época da construção de Brasília.



Arquivo Público do DF

Complexo Hospitalar Juscelino Kubitschek de Oliveira, hoje Museu Vivo da Memória Candanga

26 – Vila do IAPI

Com a Campanha de Erradicação de Invasões (CEI) promovida pelo governo no início dos anos 1970, os moradores da Vila do IAPI foram removidos para a Ceilândia, cidade criada para abrigar os ocupantes de uma extensa área de invasão entre o Núcleo Bandeirante e a área que hoje pertence ao Guará. A vila chamava-se “do IAPI” porque ficava ao lado do hospital que pertencia ao Instituto de Assistência e Previdência dos Industriários, um dos fundos de pensão que construíram os primeiros blocos das superquadras sul.

As pessoas encasteladas no poder e/ou a serviço da especulação imobiliária, jamais permitiram que os construtores humildes de Brasília morassem no centro da capital da “esperança”. Por isso, paulatinamente as pessoas mais pobres são empurradas para as periferias.

cia, minha filha mais velha. Aí ficava com ela no serviço, depois já não dava mais certo.

Um dia conheci um pessoal que estava fazendo uma invasão no Aeroporto. Aí fui pra lá. Eu trabalhava e no fim de semana a patroa falava assim: “Jaci, tenho um sofá bonzinho, te dou”. Eu não sabia onde botar o bendito sofá. Depois ganhei umas *tabinhas*. Aí eu falei: – Ah, que bom! Falei *pr’um* senhor na invasão: – Dou esse sofá pro senhor levantar um barraquinho pra mim. Aí ele foi e levantou o barraco. Quando estava pronto eu disse: – Ah, meu Deus, agora tem que cobrir! Nesse mundo tem gente boa. Tinha uma vizinha, ela falou: “Jaci, lá em casa tem quatro telhas de zinco, grandonas!” Eu estava de bucho da Marcela. Pegamos uma carroça na W3 e fomos pro Aeroporto, levar essas telhas. Com três telhas cobri minha casa.

Depois removeram a gente do Aeroporto pra Vila do IAPI²⁶. Chegando lá, cada um tinha a rua certa de morar. Numeravam o barraquinho da gente porque depois teria o destino de ir pra Ceilândia. Meus irmãos vieram do interior e fizeram meu barraquinho. Eu trabalhava no Plano Piloto e morava na Vila do IAPI. Os meninos tinha dia que ficavam sozinhos, tinha dia que ficavam com meu irmão, tinha dia que um irmão arranjava emprego e ia trabalhar e outro irmão não estava trabalhando, tomava conta, fazia a comida. E eu trabalhando de doméstica.

Aí, outra mudança, dessa vez pra Ceilândia. Vinha um caminhão da prefeitura pra carregar aquele povo todo. Cada dia levava um monte de gente. Chegavam os funcionários da prefeitura, amontoavam tudo. Ao che-

gar na Ceilândia jogaram as tábuas da gente lá: “Esse aqui é o seu lugar”. Você olhava pra cima e pra baixo, não tinha água, não tinha comida, não tinha nada. Pegava as telhas, fazia tipo cabaninha. Aí você ia pregando os esteios pra fazer o barracinho. Meus irmãos estavam lá pra me ajudar. Cheguei num dia e no outro dia só fiquei com a Marilde, a menorzinha porque mamava no peito. Mandeí a Márcia e a Marcela lá pro Goiás, pra casa da minha mãe, até levantar o barraco. Depois meus irmãos trouxeram as duas. Eu fiquei numa rua que era muito boa, na principal, na Leste da Ceilândia. Fiquei ali muito tempo. Na Ceilândia eu já não pude mais trabalhar direto no emprego. Tinha que trabalhar de diarista porque vieram mais filhos, até completar seis: três homens e três mulheres. Depois chegou neto, depois chegou bisneto e eu estou aqui, pra contar a história.

Um dia deixei a Márcia e a Marcela em casa e fui trabalhar. Deu uma chuva tão grande que arrancou o telhado da casa. Quando cheguei as duas estavam sentadas, lá num cantinho, no sofá. Elas embrulhadas com coberta, juntinhas. Nossa Senhora! Não gosto de lembrar. Esse aí foi um pedaço muito pesado, sabe? Eu falei: – Deus, ajuda! Subi no telhado e botei um pedaço de plástico grande. Graças a Deus os vizinhos arrumaram o telhado pra mim, no outro dia!

Quando fui morar na Ceilândia ainda trabalhava em casa de família, no Plano. A Márcia começou a trabalhar com nove anos na casa de um engenheiro. A mulher dele via a minha situação que era muito difícil. Aí ela pediu: “Deixa a Márcia comigo, pra

estudar aqui!” Mas a Márcia foi meio topetuda, ela foi crescendo um tiquinho, não quis mais ficar na casa de ninguém. Ela queria ser minha filha pobre, mas não queria ser filha do povo lá.

Eu não estudei. Sou analfabeta. Às vezes as pessoas falam: “Como é quê você é analfabeta, se você fala até bem?” Meu sonho é que estudassem. Quando Marcela e Márcia começaram a namorar eu disse: – Olha, vocês não namorem agora não que está cedo! E depois a Márcia conheceu o Omar na igreja. Graças a Deus, viraram umas meninas reli-

Acervo de família



Maria Clara (neta), D. Jaci, Nenenzinha (irmã), Tingú (irmão), Carlos (cunhado). Atrás: Marlon (filho) e Georgia (nora). Arraias-TO

giosas! Não saíam da igreja. Eu acabei sendo igrejeira por causa delas. Eu achava que só tinha tempo de trabalhar. Eu era mãe e era pai. Eu tinha que trabalhar, dar comida pra elas e dar roupa. Eu queria que elas só estudassem!



Flora medicinal

27 – Chazeira, benzedor: conhecimentos tradicionais

“A medicina é a arte de imitar os processos curativos da Natureza”, afirmou Hipócrates, considerado por muitos “o pai da medicina”. Por essa e outras razões, nesse mundo afora, chazeiras(os) ou raizeiras(os), benzedoras(es) e parteiras(os) são as pessoas mais capacitadas - ou as únicas, em determinadas regiões -, que o povo encontra para tentar resolver questões de saúde e doença, mesmo nos dias de hoje.

A Medicina Popular faz parte dos Conhecimentos Tradicionais de comunidades e povos. Até há pouco ignorados ou desprezados pelas sociedades modernas, tais conhecimentos são alvo da ganância da indústria biotecnológica como forma de economizar tempo e dinheiro em pesquisas sobre elementos que se encontram presentes nas plantas.

Além do remédio contido nas plantas, a medicina popular agrega rezas e simpatias.

Mas elas optaram por casar. Eu disse: – Então tá bom. Vou fazer *um queima*: casar logo as duas! Quando casei essas meninas, até hoje não sei como é que eu fiz! Só sei dizer que ao invés de dar “parabéns” pras meninas, davam pra mim, que uma mãe sozinha, morando na Ceilândia, casar duas filhas de uma vez, né? Graças a Deus, casar mesmo!

Nas férias, quando os meninos eram pequenos, pegava eles e ia pro interior. Eles se divertiam. Subiam nos pés de goiaba, pitomba, cajá – lá na beira do rio. Depois que elas começaram a crescer, que começaram a participar da igreja, pronto: aí tinha encontro, tinha passeio. Agora a gente ia com o padre. O padre reunia, alugava um ônibus e a gente ia com o pessoal, passear pelo entorno do DF.

Criar filho sozinha era difícil, mas criei. Eu tinha muito patrão bom, davam roupas dos filhos deles. No meu lugar, eu fui a primeira a ter televisão colorida porque eu trabalhava com um senhor que na época da Copa do Mundo disse: “Jaci, vou te dar uma televisão que é pra você fazer valer, lá na sua rua!” Nossa Senhora! No meu barraquinho o pessoal botava cadeira fora de casa porque todo mundo queria ver a Copa na televisão colorida e a minha era a única na rua!

Não quis casar, não! Arrumei a Márcia, depois arrumei a Marcela... Nesse tempo não existia essa história de ir atrás do pai pra dar pensão. Eu também não fui atrás de ninguém, não. Tinha coragem pra trabalhar, aí fiquei com meus filhos. E sempre tive uns irmãos que me ajudaram muito. Um vinha, morava um tempo por aqui, queria trabalhar, depois não gostava de ficar em Brasília, voltava,

mas dava uma força com meus filhos. Teve um tempo que eu até queria ir embora, mas depois eu vi que era mais difícil lá: os filhos cresceram – o quê que eles iam fazer lá? Não sabiam mexer com roça. Sozinha?! Desisti.

Meu pai era benzedor, mas não aprendi a benzer não. Aprendi a fazer chá. Nasci, criei, através do chá. Fazia chá pra dor de cabeça, outro pro estômago ruim, outro pra não sei o quê. Porque eu sou uma *chazeira*²⁷. Se você tiver uma pessoa ruim, eu faço um chazinho e ela levanta já! Conheço muita planta. Cada uma serve *pr'alguma* coisa. Tem planta que amarga, tem planta que é pra gases... Muita gente me procura pra fazer chá.

Uma vez fui trabalhar de diarista no Setor Militar Urbano. A patroa era casada com um coronel. E a patroa tinha um neném novo. Cheguei lá e a neném chorava que ficava roxa. Perguntei: – Quê que ela tem? – “Não sei dona Jaci, ela tá chorando sem parar!” Lá no Setor Militar as casas são de chão, tem muita plantinha. Peguei umas folhas de hortelãzinha, fervei, *rapei* um pouco de noz-moscada, fiz um chazinho, abafei e depois falei pra ela: – Você acredita em chá? – “Eu acredito em qualquer coisa que alivie a dor dela”. Quando o chá esfriou a mãe deu pra neném. Daí um pouco a neném *garrou* no sono. Quando essa neném acordou, arrotou, fez *pum*, aí, pronto! “Ai, dona Jaci, pelo amor de Deus! A vizinha quer que a senhora vá lá fazer um chazinho”.

Trabalhei muito tempo com um pediatra. Um dia cheguei lá e o pai e a mãe tinham vindo do Rio de Janeiro. O pai tossia que faltava morrer. Eu disse: – Meu Deus, coitado desse *véi*! Tinha uma bandeijinha, *cheinha* de xa-

Arquivo de família



D. Jaci e netos: Murilo, Samara, Maurício e Juliano, Morro da Capeliha, Planaltina-DF

rope. Aí a mãe falou assim: “Olha, dona Jaci, isso aqui tudo o Fulano bebe, mas não dorme de noite, tossindo”. Falei: – Vamos fazer um remédio pra ele. Comprar uma sena, planta purgativa. A senhora compra folhas secas, agora, se tomar muito, é laxante. Expliquei como fazia o chá. Depois do chá pronto, bata uma gemada com açúcar, mas de preferência, rapadura. Eu ia lá de oito em oito dias pra fazer faxina. Quando cheguei lá: “Jaci, o Fulano ficou bonzinho!” Falei pro patrão: – Doutor, deu tanto remédio pro seu pai e ele não ficou bom?! – “Jaci, tu tá me passando pra trás com essas medicinas do mato!” Outro dia cheguei lá, a filha do doutor estava espremendo uma bolha. Eu falei: – Fulana, que é isso? – “É uma alergia que saiu em mim”. – Você teve febre, esses dias? – “Não Jaci, não tive febre; eu tive o corpo doído...” – Não espreme não, que isso aí é catapora. – “Ah, não é não! Meu pai falou



Fernando Fideles

Setor Comercial Administrativo de Planaltina-DF

28 – Impermeabilização do solo

As cidades dos homens se tornaram as cidades dos carros. “... só faz pista, só faz asfalto, só faz essas coisas e aí não tem nem mais chão, não tem mais terra pras plantas...”

Com essas palavras simples e diretas dona Jaci expõe um gravíssimo problema de nossa cidade. Para piorar a situação, vias pluviais em número reduzido e/ou entupidas impedem o escoamento natural d’água, o que ocasiona alagamentos e enchentes; solo asfaltado ou concretado interfere na captação de água que iria para lençóis freáticos e aumenta insuportavelmente o calor.

Tetos “verdes” suavizam o clima. Ruas com paralelepípedos permitem o escoamento d’água e melhoram a qualidade de vida. Vale a pena debater essa e outras ideias que contribuam para uma melhor qualidade de vida no Planeta.

que era alergia”. Disse pra mãe dela: – Dona, isso aí é catapora. – “Será? Não acredito!” – Dá chá de açafão com folha de sabugueiro pra ela. E assim fez. Aí foi nascendo mais caroço. Ela bebendo chá e nascendo mais caroço. Na outra semana a pele da bichinha estava toda preta de tanta catapora! Aí o doutor olhou pra mim: “Huum, né? Mais uma vez está me passando pra trás”. Mas quem mandou o senhor só entender de medicina, né, doutor? Não entende de raiz...

Quando os meus meninos ficavam doentes, fazia um chá e dava a eles. Quando era doença mais séria, vinha cuidar num posto de saúde, na W3.

Só conheci mesmo Planaltina quando meus filhos receberam lotes aqui. Um dia eu vim aqui pra ver esses lotes. No dia que nós viemos pra ver, falei pra minha neta: – É aqui que você vai morar. – “Aqui, vó?! Eu não vou ficar não!” Chegamos, tomamos uma chuva grande, nos melamos de barro até no meio das canelas! Falei pro meu povo: – Vocês tem que meter a mão na massa e ir embora pra lá, porque aqui em Ceilândia vocês não vão fazer nada, não! É, não tinha mais jeito deles ganharem lote em Ceilândia, porque eles já tinham ganhado era pra cá e eles tinham que correr atrás. A Márcia disse: “Mãe, já ganhei mesmo o lote em Planaltina, nós vamos embora pra lá”. Ela conseguiu um lugar pra se enfiar debaixo. Eu vinha e ajudava no quê podia. Eu sempre digo: – Graças a Deus que a Márcia mudou pra cá! Cuidou dos filhos dela pra cá porque pra lá era muito difícil. Foi bom pros meus filhos virem pra Planaltina. Eu já conhecia um pouco. Conheço mais

o Morro da Capelinha. Eu adoro a Via Sacra! Quando fiz 70 anos eu fui, quando fiz 71 não fui, quando fiz 72 fui e agora, com 73, quero ir de novo, se Deus quiser! Outra coisa, aqui em Planaltina tem mais folha de chá que em Ceilândia. Vai modernizando, vai acabando com tudo e só faz pista, só faz asfalto, só faz essas coisas e aí não tem nem mais chão, não tem mais terra pras plantas nascer e crescer²⁸.

Depois que os filhos crescem é meio complicado. Um casa, vai *pr'um* lado, o outro casa, vai *pr'outro*. Meus seis filhos moram no DF. Tem o Marlon, que ainda está morando comigo. Tenho três que estão aqui em Planaltina: o Marcílio, a Marilde e a Márcia. Tem o Marco Aurélio, que está morando na saída de Brazlândia, onde tem uma clínica de recuperação de drogados e ele trabalha lá. Hoje eu sinto que, sei lá, estão mais distantes, mas eu não sei... Mas, graças a Deus! – com 73 anos, não tem trabalho pra *mim* vir aqui. Tem hora que eu estou lá em Ceilândia, pego um ônibus velho, não pago passagem mesmo, venho embora pra cá. Fico aqui, chego e não sei ficar parada: ajudo um, ajudo outro. Chego aqui na Márcia. Eu não posso ajudar em situação financeira, mas posso lavar a roupa dos meninos dela, posso ajudar a cuidar deles enquanto eu estou aqui. A Marcela tem banca lá na feira dos goianos. Ela mesma produz, ela mesma vende. Vejo todos eles sempre. Domingo mesmo, esse que trabalha na clínica fez aniversário, fui pra lá fazer um almocinho. Faço questão que nós estejamos sempre perto. Todo final do ano a gente reúne a família, aluga uma chácara e vai todo

Arquivo de família



Marcela, Marlon, Marcílio, D. Jaci, Marcos Aurélio, Marilde, Márcia

mundo pra lá.

Olhando pra trás, pra mim está bom porque tenho os meus filhos, criei todos eles. Graças a Deus, nenhum virou marginal, cada um tem seu trabalho! Graças a Deus, tive muito apoio dos meus irmãos que ficavam comigo, que foram uns pais também, que me ajudaram muito com meus filhos! Pra mim foi muito bom, mas eu acho que o tempo que eu vim pra cá, se fosse agora, eu não viria de lá, quer dizer, eu podia não estar lá na fazenda, mas eu podia estar na cidadezinha do interior, que era bem mais fácil do que eu vir pra cá. Hoje eu vejo assim, por causa do pessoal que eu tenho lá, meu irmão, minha família que ficou lá. Se aquele tempo fosse hoje, eu não viria pra cá porque é muito difícil, é muito sacrificante tudo o que a gente passou aqui, tanta dificuldade. Você tem que ter muita fé em Deus. Confiar. Não deixar seus filhos se bandear por muita coisa. Eu saía de manhã, ia trabalhar e as meninas iam pra escola. Eu falava: – Não tragam ninguém da

29 – Questão do emprego doméstico no Brasil

No Brasil temos 7,2 milhões de trabalhadores(as) domésticos(as). O Brasil é o país com o maior número de trabalhadores(as) domésticos(as) no mundo, em números absolutos, em comparação feita com 117 países.

- 93,3% são mulheres (ou seja, 6,7 milhões).
- 61,7% do total de trabalhadoras domésticas são mulheres negras.
- Uma a cada 5 mulheres maiores de 18 anos são domésticas.
- Apenas 32% das trabalhadoras domésticas têm carteira de trabalho assinada, somente 30,1% contribuem para a previdência social e sua remuneração é, em média, mais baixa que o salário mínimo.
- Em 2009, havia 383 mil meninos e meninas entre 10 e 17 anos no trabalho infantil doméstico. Desses, 340 mil eram meninas e 233 mil, meninas negras.



Cena doméstica, pintura de Debret, séc. XIX

30 – Zuada

Barulho muito alto

escola pra vir passear em casa enquanto eu não estou. E nem vocês saiam da escola e vão pra casa de seu ninguém! Porque se um dia acontecer uma coisa errada lá, vocês estavam lá, e se acontecer aqui em casa é porque vocês trouxeram alguém que não deveria trazer pra cá. As meninas sempre seguiram essa regra, mas era muito difícil, muito! Agora, por eu ser mãe solteira, eu era muito criticada. Tanto que quando foi pra casar as duas meninas, meu vizinho do lado virou pra mim assim: “Quem diria, Jaci, quem diria: ‘você’, casar duas filhas, de uma vez?!” Quer dizer, eu saía todo dia pra trabalhar²⁹. Eu trabalhava a vida

Eu acho que Deus me ajudou muito pra eu criar meus filhos, aqui, nesse lugar.

inteira, eu não tinha muito convívio com os meus vizinhos porque era só final de semana que eu tinha pra ficar em casa, né?

Que foi uma terra boa pra criar os filhos, isso foi, graças a Deus! Não se formou quem não quis se formar. Todo mundo trabalha. Então eu acho que Deus me ajudou muito pra eu criar meus filhos, aqui, nesse lugar. Quando eu tive os meninos, eu falei: – Meu Deus, se eu tiver que morrer, deixe ao me-



Reliane Araújo

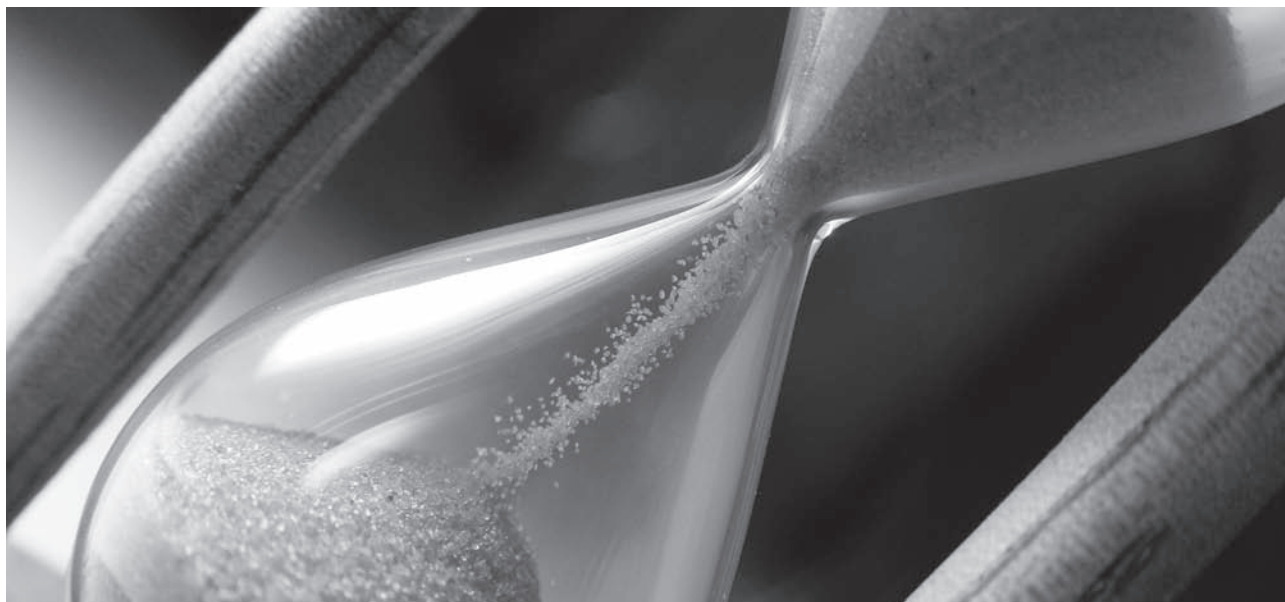
nos a Márcia ficar maior, que ela dê conta de cuidar dos outros irmãos dela porque é uma menina dedicada, deixe ao menos ela ficar maior, que ela dá conta de dar comida pros meninos, que eu sei que de fome eles não vão morrer, que tem muita gente que ajuda. Quando eles cresceram, eu falei: – Deus, agora mais uma etapa, deixa *eles* comerem com as próprias mãos, que aí eles sabem o que vão fazer da vida deles.

A minha infância foi boa. Era difícil, era pobre, mas a gente viveu uma vida muito boa, sabe? Por ser na roça, muito filho... Depois, todo mundo foi crescendo, foi ficando maior, cada um foi *pr'um* lado. Casou, mudou. Irmão que foi embora pro Pará. Outros morreram. Eu, graças a Deus, ainda estou aqui, contando vitórias! Eu disse que a gente ficou longe demais, mas a gente ainda se reúne. A gente se reúne principalmente nessas Folias de Reis. É o lugar da gente se encontrar mais. Tem a Folia do Divino também. Hoje a gente faz questão de se encontrar muito. Eu tenho irmão que mora no *sertão de meu Deus*, que lá, pra ouvir uma *zuada*³⁰ de avião, você tem que ter o ouvido muito biônico, senão não escuta nada! E ele mora num lugar tão bonito, você precisa ver, sertão, na beira do Paranã!

O que eu achei de falar da minha vida? Eu achei bom, porque às vezes a gente tem uma vidinha que é meio escondida... as pessoas não sabem, né? Foi uma coisa assim que eu pude falar, que eu gostaria de falar. Porque um dia eu falei: – Se eu fosse falar sobre a minha vida, do tempo que eu aprendi fiar na roda, até agora, daria um fio bem grande!

Márcia, D. Jaci, Maria Clara e Ana Tereza

PRIMEIRA GERAÇÃO



D. DOS ANJOS,
mãe de Bartolomeu
e avó de Letícia



Bartolomeu, Letícia e D. Dos Anjos

Ninguém parte
de todo.

De todo
ninguém fica.

Quem parte
se parte
re-par-te.

Leva
e
deixa
pe-da-ços.

Quem fica
vai... na vontade!
Também se re-par-te
em mil pe-da-ços
... valsando pelo espaço!

CONTEXTO



Rejane Araújo

Cidade de Dona Inês-PB

31 – Dona Inês

Com uma área de 132.445 km² e uma população pouco superior a dez mil habitantes (IBGE 2010), os primeiros relatos sobre a região datam de 1850, quando vaqueiros que estavam em busca de gado desgarrado teriam avistado uma mulher branca acompanhada de um negro. Tal mulher teria se identificado como Inês. A partir daquele momento o local ficou conhecido como Serra de Dona Inês. Por muito tempo fez parte do município de Bananeiras. Em 1959 conquistou sua autonomia como município.

Do ponto de vista econômico, da segunda metade da década de 1950 até a primeira década de 1960 teve um grande crescimento com o cultivo do sisal. Com o surgimento de produtos sintéticos essa atividade entrou em decadência. Atualmente observa-se a prática de uma agricultura de subsistência.



Meu nome é Maria dos Anjos Araújo de Oliveira. Nasci no dia 29 de novembro de 1941, no Sítio Lagoa de Cozinha, município de Dona Inês³¹, Paraíba. No

lugar onde morava havia uma lagoa que dá nome ao povoado. Naquele tempo quase não existia carro e o povo carregava as cargas em tropa de burros. Eles chegavam naquela lagoa, botavam as cargas abaixo pra descansar e comer. A região passou a se chamar Lagoa de Cozinha. Próximo do lugar tem a cidade de Dona Inês e o Umari³², que é um povoadinho que tem uma igrejinha, onde a gente assistia missa. Tem outros sítios: Caiçara, Panelas, Ginó, Salgado e Marias Pretas. O nome do meu pai é José Araújo e minha mãe é Mariana. Minha mãe teve vinte e dois filhos e quatro abortos. Criou dezessete filhos. Nunca encontrei gente pra ter mais disposição. Meu pai já faleceu e minha mãe está com noventa anos. Papai me contou que o avô dele morava num lugar chamado Zé Paz. Os meus bisavós tinham muita terra. O nome do meu avô era Bartolomeu, o “pai Berto”, e minha avó era Alexandrina, a “mãe Xandina”. Meu bisavô, era mascate. Aí papai disse que ele foi fazer uma compra e no caminho morreu. Enterraram o meu bisavô lá mesmo, porque naquele tempo não iam levar gente morta pra muito longe. Minha bisavó ficou com os filhos pequenos. Ela vendeu as terras do Zé Paz e levou os filhos pra uma propriedade que tinha no brejo, em Vila Maia.

Em 1930 meu pai serviu na Revolução de São Paulo³³. A carteira dele foi escrita à mão, naquele tempo nem máquina de escrever se usava. Quando ele foi dar baixa na carteira, o comandante falou: “José, não vá embora que garanto lhe dar um cargo bom dentro do exército. Eu vou fazer de você um grande homem”. Aí papai disse: “Não! O senhor pode dar baixa, porque minha mãe está muito triste e eu quero voltar pra lá”. Aí, quando ele voltou, comprou esse terreno na Cozinha, que foi onde nós nascemos e nos criamos. Meu pai morreu com 90 anos e dizia que era o homem mais feliz do mundo.

Meu pai era católico fervoroso, já meu tio Luiz Berto não acreditava muito em igreja, sabe? A Igreja Católica tinha muito preconceito contra negros e tinha certas coisas que meu tio não concordava. Ele também falava que existia muito roubo na política. Acho que aprendi a ver esse lado com ele. Meu avô era um homem alegre, contador de histórias engraçadas. Ele teve três filhas que foram ser freiras: Mariana, Nina e Marieta. Ele dizia: “Tenho um sentimento muito forte de tristeza de minhas filhas terem ido embora ser freiras. Uma pessoa pode servir a Deus até debaixo de um pé de pau. Não precisa se trancar num convento pra servir a Deus”. Aí eu fui aprendendo tudo isso, mas sempre respeitei a religião que era dos meus pais. Eu acredito muito em Deus, na lei do retorno. Eu acho que quem faz o mal aqui, vai sofrer mais do que quem não faz.

A vida lá era difícil. Era difícil a água, meio de transporte, tudo era difícil! Mas pro povo e pra eu mesma, nada disso parecia

fazer falta. Porque eu adorava minha terra. As mulheres ficavam cuidando da casa e os homens cuidavam do serviço da roça e dos animais. Nós estudávamos numa escolinha perto de casa e posso dizer que eu fui só alfabetizada. Quando ia uma professora com quinta série o povo dizia: “Agora a gente vai aprender, porque chegou uma professora que sabe ensinar”. Nós íamos pra escola e pegáva-

“Não precisa se trancar num convento pra servir a Deus”.

mos um riacho que vinha até em casa. Quando chegávamos, a roupa, daqui pra baixo, era só lama. Entrávamos escondidas da minha mãe, pra ela não ver como chegávamos molhadas. Era uma vida boa, sabe?

A minha mãe gostava de fazer festa em casa. Todo mundo lá da comunidade gostava da casa de papai e da gente: eles eram tão amigos de todos nós! Minha mãe fazia novena e convidava o povo. A casa enchia de gente. Uns tocavam rabeça, outros sanfona e tinha o João Redondo³⁴: armavam uma cobertura na sala e os bonecos brincavam em cima. Tinha também o Boi de Reis, que é quase como se fosse Bumba meu boi³⁵. Desde a tarde a gente arrumava as coisas pra noitada de festa. Tudo enfeitado e o povo todo animado! E assim era nossa vida. A gente trabalhava em casa, minha mãe era



Umari, município de Dona Inês-PB

32 – Umari

Povoado localizado no município de Dona Inês - PB, próximo ao rio Curimataú. Na região são encontradas pinturas rupestres pré-históricas.



Ao centro, Getúlio Vargas, 1930

33 – “Revolução” de Trinta

O fato histórico que leva esse nome foi um movimento armado liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul que culminou com o Golpe que depôs o presidente da república Washington Luís em 24 de outubro de 1930, impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes e pôs fim à República Velha. Pouco depois do Golpe assumiria Getúlio Vargas que governou até 1945. Uma das figuras históricas retratadas nesse período, João Pessoa, foi governador da Paraíba. Seu assassinato, em 1930, foi utilizado como justificativa para o Golpe mencionado.

exigente, gostava das coisas limpas. Também trabalhávamos na roça. A gente apanhava algodão, agave³⁶ e plantava feijão. Papai não deixava a gente trabalhar na enxada, era trabalho dos homens.

Na época da seca a água era difícil. Me lembro que uma vez saímos de madrugada, fomos buscar uma carga d'água. Ficamos até tarde esperando que aquela cacimba, aquela minazinha, fosse juntando água pra gente trazer. Nós tínhamos em casa uma cisterna e um tanque da prefeitura. Vinha um carro pipa de Bananeiras com aqueles tambores com água. Quando chegava à casa do papai, a fila já vinha do tamanho do mundo! Aqueles que chegavam primeiro ainda pegavam uma aguinha e os que chegavam por último levavam a vasilha vazia. Também tinha muita fome no tempo em que fui criada, porque naquele tempo os velhinhos e as pessoas doentes não tinham aposentadoria. No ano que chovia, fazia um feijãozinho, uma coisinha. Os pais já viviam com dificuldade: criavam os filhos, que logo começavam a *trabalhar no alugado*³⁷, pra comer um bocado. Quando vinha uma temporada difícil o povo sofria. Mas quando vinha uma temporada boa, todo mundo era feliz e se divertia. Não morria muita gente de fome, porque uns iam repartindo com os outros o que tinham.

Meu pai trabalhava com agricultura e tinha um gadinho. Ele comprou um motor de agave e plantava aqueles partidões de agave. Além de ter uma vida melhor, o meu pai pagava pra muita gente trabalhar. No ano que casei veio uma época boa: o agave deu preço, ficou muito bom! Aí o povo melhorou um

pouco. Papai tinha uma vendinha e na época da seca e da fome, da fome mesmo! – o povo comprava fiado. Papai comprava aquelas coisas na cidade e trazia pra vender. Vendia o bacalhau que vinha em barrica, manteiga por peso, biscoitos, aves de arribação secas, peixe agulha e *avoador*³⁸. Os bombons e as balinhas eram chamados de *confeite*. Meu pai tinha muita pena de quem passava fome. Tinha gente que dizia assim: “Compadre Zé Berto, eu nunca vou lhe pagar o que devo, só se um dia os meus filhos crescerem e arrumarem alguma coisa porque minha conta é muito grande”. Vinha gente de longe com arqueiro nos olhos pra minha mãe tirar, porque não tinha hospital. Ela era temperamental, forte, não tinha medo de enfrentar qualquer homem, se fosse pra defender outra pessoa. Quando ela chegava, com três palavras estava tudo resolvido! Ela é uma lenda na minha terra. O povo de lá dizia que minha mãe não era uma mulher não, era um anjo.

As bonecas eram de pano: a gente brincava, fazia noivinha. De tempos em tempos minha mãe comprava uma boneca. “Olha, gente, eu trouxe uma boneca pra nós todas, porque essa boneca é cara e não dá pra comprar uma pra cada”. Ficava todo mundo feliz com a boneca. Era um mundo bem diferente. Os meninos faziam bois de barro de louça. Uns bois tão bem feitinhos. Brincavam de atirar pedra com baladeira, com bodoque³⁹, pernas de pau. Eu era danada: andava em cima de tambor, aquele tambor rolando, andava a cavalo, subia no pé de coco, gostava de andar no riacho cheio d’água e de brincadeira de roda.

Rejane Araújo



D. Dos Anjos, Bananeiras-PB, 2011

Às vezes íamos dar água aos animais. No dia em que papai deixava era uma festa pra nós mulheres! O gado se misturava, corria um atrás do outro por aquelas *amorosas* cheias de espinhos. E nós montadas nos burros, só em osso, né? A gente podia rasgar os braços, se machucar, voltava todo mundo feliz.

No mês de maio o grupo jovem brincava queimando as flores. O mês todinho a gente botava flor nos pés de Nossa Senhora. Minha mãe trocava as flores todas as noites e guardava as secas num cesto, pra queimar na fogueira. Juntava aquele povo todinho e fazia tipo uma coroa de papel crepom: prendia com dois grampos nos cabelos das



Teatro de mamulengos

34 – João Redondo ou Teatro de Mamulengos

Teatro de bonecos popular do Nordeste.



Boi de Reis

35 – Bumba meu boi

Também conhecido como Boi de Reis, é uma das festas populares mais tradicionais do Brasil, onde se misturam dança, música e teatro. O festejo surgiu no contexto das fazendas de criação de gado e reuniu influências dos elementos étnicos que formaram o povo brasileiro.

meninas vestidas de anjinho. Depois a gente botava as flores na toalha. Vinha todo mundo rodeando a fogueira, cantando e soltando um raminho de flor seca na fogueira. Depois cantavam: “Queimemos as ‘fulores’ do mês de Maria...”

O padre celebrava a Missa do Galo no Umari. A gente levantava de madrugada e ia a pé. Levava o sapato na mão e ia descalço, porque o sapato fazia calo e tinha que andar muito. A gente assistia a missa e ficava andando nas barraquinhas.

Tinha circo, mas papai não queria que a gente fosse porque as mulheres vestiam maiôs. Mas minha mãe dava um jeitinho. Ela tinha um cunhado que era bem pra frente. O meu tio Luiz, apesar de ser um homem pobre que morava na roça, comprava jornal todo sábado quando ia pra cidade. Passava o carnaval e meu tio chegava com a revista Manchete. Eu corria pra ver as histórias. Histórias de Carmem Miranda, Evita Peron... Ele lia aqueles livrinhos de cordel, levava um monte de revistas velhas pra gente ver. Numa das revistas descobri uma história tão interessante que fiquei emocionada, mas faltava um pedaço! Na casa do meu tio nunca faltava um baralhinho pra gente se divertir. Então a minha mãe dizia: “Zé Berto, as meninas hoje querem ir ao circo. Mas não vamos nos importar, porque elas vão mais Luiz Berto e a Severina”. Ele dizia: “É, sendo com eles, podem ir”.

Tinha a festa do fumo, que era o dia de fazer fumo. Só quem sabia torcer e enrolar fumo era papai e o meu marido. Fazia aquela roda de homens e de mulheres no meio do

salão. Cada um preparando as folhas. Uns cantavam, outros contavam histórias ou contavam piadas. As mulheres lá na cozinha, fazendo comida *pr'aquela* povão.

Não existia televisão. Uma vez passou um homem que tinha uma máquina de passar filme. Minha mãe contratou esse homem pra ir lá em casa. O filme cortava toda hora e tinha que arrumar, mas as pessoas morriam de rir com a história. As coisas sempre aconteciam na nossa casa. O povo se arranchava⁴⁰ lá: papai dava comida, lugar pra dormir e não cobrava nada, não!

O povo fazia chá de casca de laranja e botava um pedacinho de telha dentro do chá, não sei pra quê! O povo mais velho achava que era isso que era bom. Fazia chá de alecrim, chá de cebola branca, de erva doce pra barriga inchada. Quando extraia dente e ficava infeccionado fazia chá da casca do caju pra gargarejar. Quando as mulheres ganhavam neném passavam quinze dias sem andar dentro de casa. Sete dias ela não levantava da cama. Cuidava com água inglesa. Duas coisas que não podiam faltar quando a mulher ganhava neném: água inglesa e cachimbo. Cachimbo é uma bebida feita de aguardente e mel de urucu ou abelha italiana. A abelha urucu está em extinção. Quase ninguém vê mais! No resguardo, pirão de galinha e um copinho de água inglesa. Até as vacas lá da região bebiam água inglesa, quando adoeciam!

O povo passava muita fome, mas quando chegava à época de feijão verde, ia ao roçado da gente e apanhava feijão. O Severino Pascoal, meu cunhado, era de socieda-

Geziel Freitas



Casa onde moraram dona Mariana e Zé Berto, Lagoa de Cozinha, município de Dona Inês-PB

de conosco na terra e no gado. Tinha um motor de agave com meu marido. Quando amanhecia o dia ele tirava o leite, mandava pros meus meninos, tirava pros filhos dele, aí distribuía pra cada família que tinha criança e não podia pagar um centavo pelo leite. Quando chegava na casa, as mulheres pegavam e botavam água no leite. Elas não tinham outra coisa pra dar aos filhos. Quando eu dava a última papa do dia pros meus filhos, o leite que sobrava eu saía correndo pra levar pra uma vizinha. Ela estava com cinco meses de gravidez e passava uma fome tão grande que se sentava e ficava encostadinha ali. Só saía quando eu fazia a comida e dava pra ela comer.

Naquele tempo as cartas iam pra cidade e da cidade eram levadas pra roça. Depois que eu casei, começaram a chegar os primeiros rádios e tinha as novelas. As mulheres, ave



reignaldotacatia.blogspot.com.br

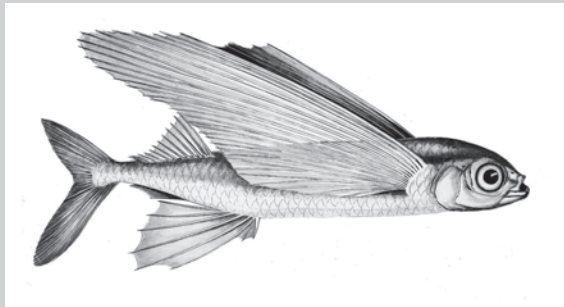
Transporte de fibras de agave ou sisal

36 – Agave

Nome popular, *sisal*. Nativa das Américas, é uma planta utilizada para fins comerciais. Destina-se à indústria de corda, fios, tapetes e objetos artesanais. No Brasil, os principais produtores são a Paraíba e Bahia.

37 – Trabalhar no Alugado

Contratação de serviço, mediante pagamento em dinheiro em que as tarefas são combinadas antecipadamente.



38 – Avoador

Nome popular de um peixe marinho. Ele tem cerca de 25 cm de comprimento e pode planar até noventa metros. Encontrado em águas tropicais.

Maria! – eram apaixonadas por novela! Lembro de uma propaganda do rádio: “*Lava louça, lava prato, tudo fica mais barato com sabão cipel*”. Era aquela propaganda no intervalo da novela, né? Tinha “Recordação de um grande amor”, de Ivanir Ribeiro. E tinha aquela, que eu adorava, “O direito de nascer⁴¹”. “*Mamãe Dolores falou: Albertinho, não me faça sofrer. Dom Rafael vai dar a bronca e vai ser contra o direito de nascer*”. Quando as pilhas do rádio estavam fracas nós colocávamos Bombril pra ver se aumentava a voz.

O dia da eleição era um dia bom. Eu ouvia a vizinha dizer: “Ah, eu só queria que chegasse o dia da eleição pra eu comer carne”. E no dia da eleição era liberado almoço pra todo mundo.

Meu pai foi vereador dois anos. O que ele ganhava como vereador era tão pouco que quase não era dinheiro. Era só pra dizer que tinha aquele grupo, né? Pra arrumar coisas pra região, mas dinheiro mesmo que era bom, ninguém via não. Os vereadores vieram ganhar dinheiro de uns anos pra cá, né? O prefeito da época, amigo de papai, mandava tecido quando chegava a época de eleição pra fazer roupa *pr’aquele* povo lá da roça. Mandava vacina. Era do Estado que ele conseguia. Mandavam pulverizar as casas e fazer o recenseamento, ia tudo pra casa de papai. Quando meu pai foi vereador, as professoras ganhavam tão pouquinho que fazia vergonha! O prefeito disse: “Compadre, se nós ganharmos essa eleição, fala pras professoras que nós vamos aumentar o salário delas. Elas votam na gente e nós aumentamos o salário delas”. Aí papai fez a campanha e quando

terminou a eleição ele falou: “Prefeito, cadê a nossa promessa pras professoras? Até agora não saiu nada pra melhorar os salários”. O prefeito disse: “A prefeitura não tem recurso”. Papai se chateou: “Compadre, o senhor me conhece. O senhor me disse que falasse pras professoras que o senhor ia dar um aumento, agora que ganhou a eleição o senhor vem me dizer que não tem aumento?” Papai falava com ele desse jeito, com qualquer um. O prefeito respondeu a meu pai: “Compadre Zé Berto, pra ganhar uma eleição a gente tem que ganhar em cima de alguma coisa”. Meu pai disse: “Compadre, eu não sou homem pra isso, não! Eu nunca menti. Como é que eu vou chegar pras professoras agora?! Vou me desligar da política, compadre, eu não nasci pra ser político não!” Papai não gostava de prometer uma coisa e não fazer: pra ele era a maior desmoralização, por isso ele decidiu que não ia mais concorrer às eleições, ia deixar de ser político.

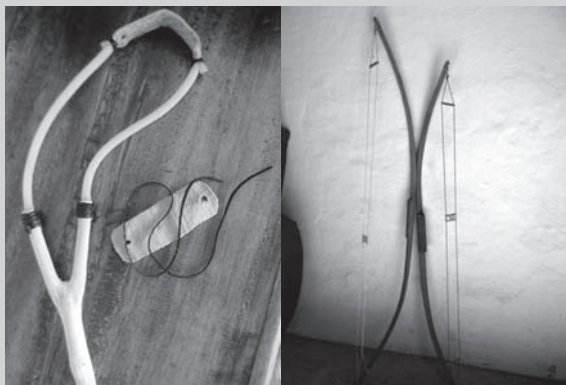
Na minha adolescência continuei bem dizer do mesmo jeito! Lá não tinha muito segredo não, continuou a mesma coisa, até quando me casei em 1959, com Jaime Casado de Oliveira. O apelido dele é Louro. Quando me casei com o Louro estava com 18 anos. Minha mãe nos preparou pra casar. Era o sonho da minha mãe ver as filhas todas casadas, mas com o homem que ela escolhesse, do jeito que ela queria! Se uma filha arranjasse um namorado que ela não queria, não casava não, porque ela não deixava!

Quando eu tinha treze anos, o Louro começou a ir lá em casa, atrás de namorar comigo. Aí minha mãe *pegou* dizer: “Ele quer

namorar com você. Ele é uma pessoa direita”. Ele vivia direto lá em casa até que namoramos. Passamos uns cinco anos namorando e nos casamos. O que mais me atraiu no Louro foi ele ser uma pessoa alegre, divertida e trabalhadora. Toda vida eu fui quieta, nunca gostei de badalação. Então eu via nele aquela pessoa que gostava de se divertir, era animado, né? E quando a gente estava se divertindo ou namorando, ele era tão tranquilo, tão satisfeito da vida, tão contente. Eu me apaixonei por este lado dele.

Minha mãe nos levava pra passear e eu adorava ir com ela pras festas. Na boca da noite, quando ela era nova, o povo ia lá para ouvir minha mãe cantar. Ela era tão divertida, tão cheia de vida! Pra compensar, meu pai era um homem calado, conversava pouco, não se importava que minha mãe fosse pras festas conosco.

Quando eu estava pra casar as Ligas Camponesas⁴² estavam se movimentando: eram os agricultores reivindicando terra. Um vizinho nosso era da Liga Camponesa e começou a chamar os agricultores pra se unirem à Liga. E o povo foi. Tinha que assinar uma carteirinha. Quando o movimento estava forte o governo mandou prender quem estava ligado ao movimento. O prefeito, amigo de meu pai, falou: “Compadre Zé Berto, o negócio está feio. Vão prender todas as pessoas da Liga Camponesa. O senhor avisa pros conhecidos e manda eles se retirarem o mais rápido possível”. Papai foi à casa desse vizinho que era da Liga e falou: “Fique escondido e no dia em que tudo se resolver nós damos um alerta e você volta”. Aí ele foi embora pro ser-



Estilingue e bodoque

39 – Baladeira (estilingue) e bodoque

Armas rústicas com que as pessoas da região caçavam pequenos animais e aves.

40 – Arranchava

Albergava, pousava.



Rejane Araújo

Rádio com válvulas

41 – O Direito de Nascer

Foi ao ar pela Rádio Nacional na década de 1950. Texto original de Felix Cagnet com tradução e adaptação de Eurico Silva. Foi o maior fenômeno de audiência em toda a América Latina. A novela era produzida e divulgada por meio do rádio.

tão e deixou a mulher passando necessidade com os filhos. Passaram uns tempos e quando *quietou* o prefeito disse: “Compadre, pode chamar seu vizinho de volta. Pode falar pra ele voltar que já está tudo limpo”. Aí ele voltou pra mesma vida de antes.

Quando me casei, o Louro estava bem de situação e resolveu com o meu cunhado, nosso sócio, mudar pra Santa Rita. Eles compraram um ponto de cereais na feira de Santa Rita e outro em João Pessoa. Eu não tinha vontade de morar na cidade porque toda vida gostei da minha vidinha no interior. Moramos dois anos em Santa Rita e depois voltamos. As coisas não iam bem. Naquela época o agave pegou preço, nós voltamos, compramos um motor de agave, um terreno pra nós, a casa e o gado. Nesse tempo a gente vendia o agave, os homens levavam os caminhões de agave pra João Pessoa e de lá eles embarcavam no porto pra outro país. Não sei o que eles faziam com o agave. Só sei que a gente fazia corda e artesanato.

Eu tive oito filhos e um aborto, morreram duas meninas pequenas e criei seis. Só os dois derradeiros que tive no hospital. Eu tive dois filhos sozinha, sem ter ninguém em casa! A Rejane, ganhei em Santa Rita. O Bartolomeu, o Marcelo, o Flávio e o Edísio eu ganhei no Sítio de Cozinha. Só o Paulo, que é o mais novo, nasceu em Planaltina.

Vim pra Brasília em 1968. Eu estava com 27 anos. Depois que vim, digo pra todo mundo: você pode amanhecer o dia, tudo normal dentro da sua casa, mas antes de uma hora, tudo pode mudar na vida da pessoa. Eu tinha dois irmãos que estavam com um comércio



Acervo de família

Família de D. Dos Anjos: pais, irmãos, tia e sobrinhos

em Natal e meu papai resolveu ir embora pra lá. Mas o marido de uma das minhas irmãs saiu de casa pra Brasília, sem deixar nenhuma pequena notícia. Depois de mais ou menos um mês mandou uma carta pra minha irmã, dizendo pra vir pra Brasília porque as coisas na Paraíba estavam difíceis pra eles. Ele arrumou um emprego em Planaltina, onde já tínhamos um outro tio que morava, irmão da minha mãe. Então minha irmã Luzinha veio pra Planaltina e trouxe um irmão nosso, o Zé Araújo. Aí meu irmão mandou uma carta dizendo que – se era de papai ir pra Natal, onde emprego era difícil –, viesse pra Planaltina, que em Brasília era melhor *pros* outros irmãos encontrarem serviço. Eu morria de medo de sair da minha casa. Mas aí, Louro disse: “Dos Anjos, você quer ir pra Brasília também?” Aí eu chorei, chorei! Era uma decisão muito pesada pra mim. Depois

de uns dez minutos, perguntei: – Louro, você quer ir? Ele disse que sim. Aí eu falei: – Louro, se você realmente quer ir, nós vamos! Fizemos um acordo que se um de nós dois se arrependesse não deveria culpar o outro. E viemos!

Vimos de ônibus. Mais da metade das cadeiras do ônibus veio ocupada por nossa família: veio minha mãe, meu pai, meus irmãos e irmãs. Eu e minha irmã Neném viemos com os filhos e maridos. Veio também uma prima nossa, com dois filhos. Ela foi pro

Núcleo Bandeirante encontrar o marido. Fomos de caminhão até Campina Grande e pegamos o ônibus na terça-feira, às três horas da tarde, dia 30 de janeiro de 1968. Chegamos aqui em Planaltina na sexta-feira, à meia noite. Quando chegamos nosso irmão já havia alugado uma casa pra gente, na Vila Vicentina. Era um casarão velho, grande, pra caber todo o povo. Quando chegamos já tinha o Bairro Nossa Senhora de Fátima e estava começando a botar luz na Vila Vicentina. Existia também o Setor Tradicional.

Meu marido foi trabalhar de pedreiro em Sobradinho. Ele nunca tinha trabalhado de pedreiro. Ele chegou e ficou desempregado, não sabia o que fazer, porque a terra aqui era o oposto do lugar onde nós vivíamos. Ele já havia feito algumas casas, mas na roça. Quando cheguei na Vila Vicentina um filho meu teve um sarampo muito forte. Antes de terminar

42 – Ligas Camponesas

As Ligas Camponesas foram associações de trabalhadores rurais formadas em Pernambuco e, depois, em estados como Paraíba, Rio de Janeiro e Paraná. Iniciaram as atividades em 1955 e se estenderam até 1964, com o objetivo de lutar pela reforma agrária e pela posse da terra.



Trabalhadores rurais integrantes das Ligas Camponesas, década de 1950

No Brasil, onde pouco se valoriza a Memória das lutas do Povo, menos conhecido ainda é a participação das mulheres nessas lutas. É o caso de Elizabeth Teixeira, esposa de João Pedro Teixeira, dirigente da Liga Camponesa de Sapé (PB), assassinado sob ordens de latifundiários em 1962. O casal residia nas proximidades dos engenhos Melancia e Sapucaia. Tinham várias coisas em comum com os camponeses vizinhos: muitos filhos, por vezes passando fome, analfabetos e sem maiores perspectivas de mudança de vida. Ao se ver na condição de viúva com onze filhos para criar, ao invés de ficar amedrontada e se esconder, Elizabeth ocupou o lugar do companheiro assassinado e passou a divulgar a importância da Reforma Agrária, ao mesmo tempo que denunciava

o sarampo atacou a bronquite. Em todos os lugares que eu morei, os vizinhos foram bons pra mim: aí correram logo. Sabe o que arrumaram pra eu ir pro INPS⁴³, que nesse tempo era chamado SAMDU⁴⁴ – uma charrete. Fomos da Vila Vicentina até o posto de saúde de charrete, porque quase não existia carro. Naquela época, tinha uma benzedeira. Ela me curou de uma *espinhela caída*⁴⁵. Mandou me deitar numa cama, enrolou um pano na altura da dor, aqui no estômago, rezava e ia puxando nas duas pontas do pano.

Eu gostava de Planaltina, mas sofri muito, fiquei doente e emagreci. Quando morava na Vila Vicentina deu uma chuva de pedra (granizo) e eu fiquei assustada. Nunca tinha visto uma chuva de pedra na minha vida! Nem um vento tão forte. Eu fiquei debaixo da mesa com os meninos. O vento arrancou as telhas lá de casa e cortou os pés de bananeira. Depois disso, eu fiquei com medo desse lugar. Quando eu cheguei aqui a escola era difícil. Toda escola que tinha lá na Vila Vicentina é aquela que hoje é a Escola Classe 05. Nesse tempo as professoras davam aula na Igrejinha.

Recebi o lote na Vila Buritis em 1969. Fiquei sabendo que a administração estava cadastrando família pra receber lote e fui atrás. Meu pai e as minhas irmãs Neném, Luzinha e Têca também receberam. Não tinha energia. Eu vi *cortando* isso aqui. A Novacap⁴⁶ estava retirando uma invasão do Plano Piloto e trazendo pra cá. O povo estava chegando em cima dos caminhões, trazia as tábuas do outro barraco, ficava às vezes debaixo de lonas e tinha que montar o barraco bem rapidinho.

Papai fez um acordo pra realizar um mutirão pra fazer os adobes. Louro, que era pedreiro, foi ajudando a construir as casas pra eles ajudarem no serviço da nossa. Louro tirou o barro pra fazer os adobes daqui do fundo do lote e pegou toda a madeira no cerrado. Eu vim uns quatro meses depois, porque não tinha dinheiro pra terminar de construir. Eu estava tão apaixonada pelo Buritis. A minha vontade era vir embora logo pra cá. Aqui eu me identificava mais com o mato. Isso aqui tudo era cerrado! Eu estava com cinco meses de gravidez. Cheguei aqui em junho de 1969, Paulo nasceu em outubro. Não tinha água em casa, havia apenas torneiras nas ruas. Luz? Nem sinal! Não tinha transporte. Uma vez meu marido chegou duas horas da manhã em casa, porque não tinha ônibus. Tinha um córrego que passava bem aqui atrás, foi desviado pra fazer a quadra cinco. Os meninos iam fugidos de casa tomar banho lá. Eu ainda lavei muita roupa nesse córrego. Ele vinha do córrego Atoleiro e passava pela Vila Vicentina. Eu ia pegar lenha e trazia cagaita. Aqui era muito descampado, por isso dava cada redemoinho de dar medo!

Nessa época a minha relação com a minha terra ficou parada. Eu não ficava escrevendo, nem nada. Mas quando vinha uma pessoa de lá, eu ficava louca pra saber notícia! Eu passei nove anos sem voltar pra lá. Então, com

nove anos, Louro resolveu que nós íamos. Eu fiquei com uma ansiedade tão grande que fazia o arroz sem sal!

Quando chegamos em Brasília meus irmãos não conseguiram emprego e foram pra São Paulo. Meu pai ficou trabalhando numa sinuca com o meu cunhado. Meu pai estava achando que a sinuca não estava dando certo, mas era como ele dizia: “Minha filha, o homem nasce com inteligência: quando uma coisa não dá certo, a gente passa pra outra. A gente não tem uma só linha de vida, não! Se a gente perde um emprego, não dá certo um negócio que a gente está fazendo, a gente vai por outras linhas de vida e dá certo”. Papai disse pro meu marido: “Compadre Louro, se eu quisesse fazer um barraco de tábuas aí no fundo do seu lote pra botar um comérciinho, você deixava?” – “Deixo, compadre Zé Berto! Na hora que o senhor quiser fazer, pode fazer”. Papai botou o comércio com meu cunhado e o negócio começou a melhorar,



D. Dos Anjos, Louro e família

a impunidade dos assassinos. Com o Golpe militar-civil, em 1964, teve de viver muitos anos na clandestinidade. Sobre o tema é essencial conhecer o documentário “Cabra marcado para morrer”, de Eduardo Coutinho.



<http://observatoriodaagreste.blogspot.com.br/>

Elizabeth Teixeira, líder camponesa

O Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, MST, dentre outros movimentos ligados à luta pela terra, atualmente ocupa o papel que um dia foi desempenhado pelas Ligas Camponesas.

43 – INPS

Instituto Nacional de Previdência Social

44 – SAMDU

Serviços de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência (extinto).

45 – *Espinhela Caída*

Termo da medicina popular utilizado para dor lombar ou lombalgia.

46 – Novacap

Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil

porque nesse tempo não havia ninguém vendendo nada. Aí eles compraram esse lote daqui da frente, na esquina e levaram o comércio pra lá. A mercearia foi crescendo e papai mandou chamar o meu irmão que morava em São Paulo pra ajudar no comércio. Em 1973, meu marido ainda estava trabalhando na construção civil. Ele ia de ônibus pra obra, mas só passavam três ônibus por dia. Era difícil. Aí meu irmão Zé, falou: “Vou botar um armarinho de sociedade com o Louro. Nós entramos com o dinheiro e Louro entra com o trabalho e o local”. E assim foi. No primeiro Natal, depois que abrimos o armarinho, Louro disse: “Dos Anjos, você fica aí, que eu vou na rodoviária do Plano comprar umas coisas pra vender”. Quando ele saiu o armarinho começou a encher de gente e o povo dizia: “Eu quero aquele brinquedo, eu quero esse...” Não tinha aonde comprar nada, né? E eu pensava: – Meu Deus, tomara que Louro já chegue! Fiquei tão feliz da vida porque estava vendendo! Nessa época já tinha luz. A água vinha da mangueira que Louro puxou das torneiras da rua. Nós tínhamos um tambor pra armazenar.

A relação do Buritis com o Setor Tradicional era distante, a gente não se misturava muito, não! Ficava um grupo pra lá e outro grupo pra cá! Então não tive convivência nenhuma com eles, só com o povo da Vila Vicentina.

Eu não sei avaliar muito bem as mudanças ocorridas em Planaltina, porque fiquei no meu mundo, só pelejando com filhos, lutando. Só ia ao Plano quando íamos nos consultar no hospital de Base, por isso não

acompanhei o desenvolvimento de Brasília. Eu não me lembrava de questionar cidade. Não tinha tempo pra questionar nada. Aqui as pessoas foram desmanchando os barracões, fazendo casa de alvenaria. Os que moravam em casa de alvenaria foram melhorando as casas. Alguns, com dificuldade foram comprando um carrinho e o comércio foi melhorando. E foi nesses termos, mais ou menos assim.

Eu passei os anos aqui, mas eu vivi lá!

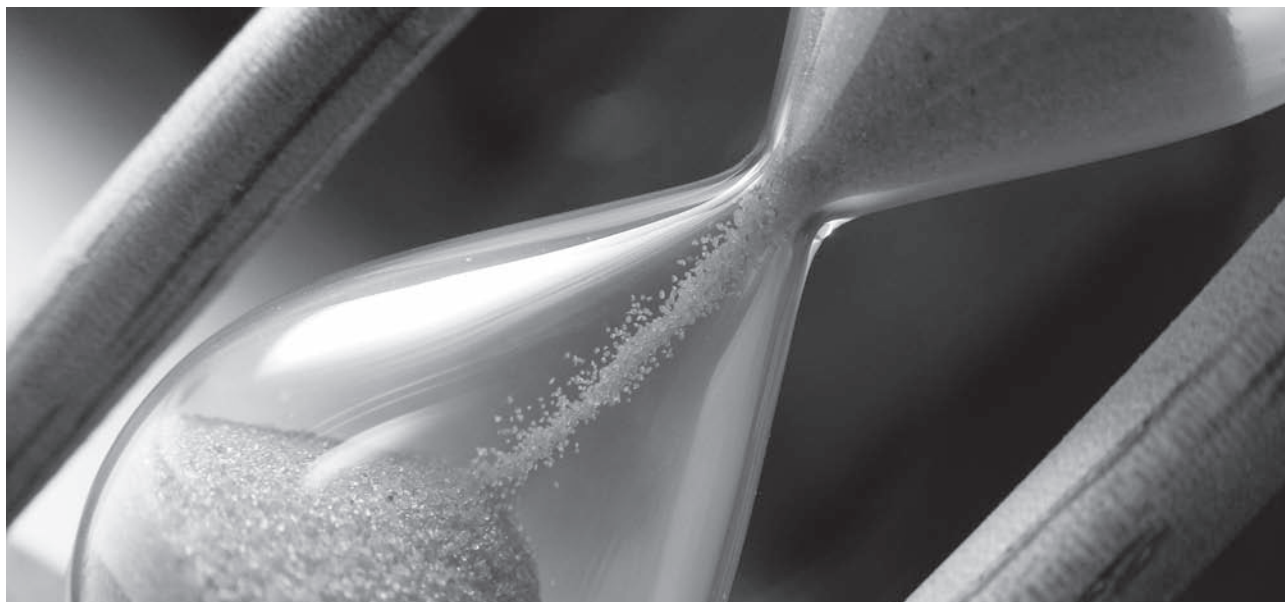
Planaltina é hoje uma cidade grande. O desenvolvimento é bem maior do que na época que eu cheguei. Vejo muita violência, também: passou dos limites! Sabe, eu fico muito triste quando ouço dizer que a pobreza é responsável pela violência. Na minha região eu vi muita gente passando fome, enquanto um pessoal que era um pouquinho melhor de vida criava galinha solta. As galinhas trançavam pelo terreiro de quem tinha e de quem não tinha o quê comer, mas nunca ouvi dizer que alguém roubou uma galinha dos outros. Então eu fico muito triste quando *vejo* dizer que a pobreza é responsável pela violência. Quem é responsável pela violência é a cultura. Violência sempre houve e vai haver. Agora não moro numa vilazinha, moro numa cidade grande, com

todas as coisas de cidade grande mesmo. Se eu pudesse caminhar... deixei de caminhar porque achava muito ruim caminhar na cidade. Aumentou o número de carros e de invasão de área pública. As calçadas estão tomadas e você tem que caminhar no meio das ruas. Gosto de andar no campo, fazer minha palavrinha cruzada, me absorver em um livro. Quando eu vim ver as primeiras revistas de Romance Moderno me apaixonei pelas histórias.

A minha maior alegria foi os meus filhos terem se criado e estudado, que era meu sonho, hoje eles trabalham para darem conta das famílias deles. Pra mim foi a realização total! Agora eu vou à Paraíba todo ano. Aí, quando eu chego lá, digo: – Ô, gente, eu estou perdida no mundo: nem sou mais de lá e nem daqui! Na verdade eu me sinto como se tivesse perdido minha identidade. Quando voltei lá, há doze anos, eu tive vontade de chorar: eu já não pertencia nem lá e nem cá...

Eu gosto de Planaltina. Mas só que eu... era assim: se eu sonhasse com uma coisa, tinha que ser lá no Nordeste. Lá tudo tinha um significado! E aqui eu vivia por viver, sabe? Olha: lá, se eu comprasse um vestido... os que comprei aqui, acho que se acabaram no guarda-roupa, sem eu vestir. Mas na hora que estava comprando, eu não estava comprando pra usar aqui, não! Eu estava comprando era pra vestir lá. É! Você pode acreditar: eu vivia neste mundinho aqui, a rua pra mim não existia, o mundo não existia. Eu digo mesmo: vivi vinte e sete anos no Nordeste. Saí de lá com vinte e sete anos. Mas eu vivi lá! Eu passei os anos aqui, mas eu vivi lá!

PRIMEIRA GERAÇÃO



D. MARIA,
mãe de Leila
e avó de Brandon



D. Maria, Leila e Brandon

Tal qual a fala e o silêncio fazem parte da Linguagem,
lembrar e esquecer fazem parte da Memória.

Sim, somos o que somos
porque lembramos e esquecemos.
E assim prosseguimos:
pouco lembrados,
geralmente esquecidos,
prosseguimos,
assim como o Tempo
– que não para por causa de ninguém.

E nesse prosseguir,
construímos outras lembranças, outros esquecimentos.
As cicatrizes dos tombos que levamos,
marcas indeléveis no corpo e na memória,
estarão conosco onde quer que estejamos.
Tais marcas dizem pelo quê passamos, d'onde estivemos,
mas não devem jamais apontar pr'onde vamos.

Sim, tal qual a fala e o silêncio fazem parte da Linguagem,
lembrar e esquecer fazem parte da Memória.

CONTEXTO



Guaraciaba do Norte-CE

47 – Guaraciaba do Norte

Cidade cearense assentada na Serra da Ibiapaba, na divisa com o Estado do Piauí, está localizada a aproximadamente 300 quilômetros de Fortaleza. Possui um clima agradável, até em função da sua altitude de pouco mais de 900 metros acima do nível do mar. Guaraciaba do Norte, é uma das duas cidades mais altas do Ceará e a 11ª do Nordeste. Segundo dados do IBGE de 2010, apresenta uma população de 37.777 habitantes. Possui uma boa infraestrutura para receber visitantes apreciadores do contato com a natureza, bem como um comércio dinâmico com feiras-livres diárias. O município produz uva, cana de açúcar, banana, café, abacate, manga, limão e laranja, verduras orgânicas, mandioca, milho, feijão, tomate, mamona, fumo, melancia, morango e jaca.

48 – Cangalha

Armação de madeira que se coloca no lombo dos jumentos e burros para transportar cargas.



Meu nome é Maria Ferreira Matos, nasci no dia 3 de agosto de 1954, em Guaraciaba do Norte⁴⁷, Ceará. Saí de lá mais ou menos com oito pra nove anos, por isso tenho poucas lembranças dessa época.

Fomos morar numa fazenda chamada Areias, ficava no pé da serra. Guaraciaba fica no alto da Serra Grande e Areias no pé da serra. Lembro de quando morava em Areias e a gente visitava meus avós, que ficaram em Guaraciaba. Meus avós moravam em uma fazenda, Lamerão, que chamava. Era pertinho

*Colocava cambitos
grandes na cangalha
e enchia de cana.*

do centro de Guaraciaba, cidadezinha onde as pessoas que queriam fazer compras iam na feira, que quase não tinha lojas.

Não queria falar da época em que minha mãe morreu... foi uma grande perda. Eu era muito criança, tinha nove anos e a gente acostumou a viver com nossas irmãs. Minha irmã mais velha foi quem criou a gente. Eu era uma das mais novas e a gente acostumou com o trabalho. A gente criança trabalhava e brincava. Trabalhava durante a manhã e brincava a tarde. Tinha horário da gente

brincar. Era muita criança, onze irmãos: seis mulheres e cinco homens. Fazíamos um time: um era goleiro, outro chutava a bola e assim ia. E a gente brincava de bola no quintal, que lá chamava terreiro. Aos sábados e domingos a gente não trabalhava, ia à missa.

Meu pai fazia cachaça. Tinha um barril grande, parece que era de zinco. A gente moía a cana no engenho, pertinho de casa. Tinha trabalhadores também, eram poucos. Não tinha muita coisa pra fazer então uns iam cortar cana, outros limpavam a roça. Cortavam as canas que já estavam prontas pra moagem e a gente pegava os jumentos, colocava a cangalha⁴⁸, que é aquele negócio que coloca no animal pra colocar um jacá dum lado e do outro. O jacá é um cesto comprido que a gente comprava na feira. Os jacás a gente usava na época de manga ou caju. Já na moagem da cana, ao invés dos jacás a gente colocava *cambitos*⁴⁹ grandes na cangalha e enchia de cana, de comprido e levava pra moer no engenho. *Cambito* é um gancho de madeira.

Nessa fazenda tinha um rio muito bom que a gente usava pra tudo: lavar roupa, tomar banho, dar água pros animais. Faziam barragens no rio. A barragem era feita com

Aervo de família



Leilane, Raquel, Leila, D. Maria, Leonio e Brandon

madeira e bagaço de cana. Fazia tipo uma cerca, toda amarradinha de cipó e jogava pedra e o bagaço da cana. Não cheguei a fazer, porque era um serviço muito pesado e eu era muito criança. Nós tomávamos banho na barragem. Em época de chuva não era todo mundo que passava por lá, porque enchia muito. Eu falei que usava o rio pra tudo, mas não. Pra beber a gente cavava (não era cisterna, porque a água era muito rasiinha) e encontrava aqueles olhos d'água, que era tipo uma água mineral. Mas tinha locais em que a água era amarela, salgada. Não era em todos os locais da fazenda que tinha água boa.



reghaldotatcaia.blogspot.com.br

Cambito

49 – Cambito

Gancho (forquilha) de madeira que se prende aos dois lados da cangalha para aumentar a capacidade de carga dos animais.

50 – Veio d'água

Mina, nascente. Lugar onde a água brota da terra.



Rejane Araújo

Mulheres lavando roupa no lajeiro (lagedo)

51 – Lajeiro

Afloramento de rochas do solo, podendo, em determinados trechos, correr água de riachos e rios.

A gente estudava na fazenda vizinha. Davam livros pra gente até certas etapas, no caso, primeira e segunda séries. Mas não eram todos os livros que davam não. A gente tinha de comprar livros também. Íamos a pé pra escola. Da nossa fazenda até lá não era muito longe não: era uma meia hora andando. Lá de casa mesmo, só iam três pessoas. Tinha bastante criança na sala de aula e a professora. As cadeiras eram comuns. Tinha uma mesinha, mas nem todos tinham o privilégio de ter uma mesa pra escrever. Só comecei a estudar em Areias, mais ou menos com dez anos.

Trabalho pros homens era a roça mesmo. Trabalho pra mulheres era cuidar de casa. A roça, só assim, na época da colheita, porque tinha muito caju, muita manga pra colher.

Quando eu tinha mais ou menos treze anos houve uma devastação: choveu muito e levou muitas coisas que a gente aproveitava. Acabou com o canavial, acabou com o rio, porque tinha muitas coisas de cima da serra e veio levando tudo. Então o rio ficou impraticável, não dava mais nem pra gente usar, tomar banho. Ficou aquela areia movediça! Aí a vida ficou muito difícil, porque acabou com muita coisa, com a fartura que tinha e porque a água não prestava nem pra lavar roupa! Até a água que a gente pegava pra beber ficou difícil. E tinha outro veio muito distante, muito mais longe do que daqui do Vale até Planaltina. Tinha que pegar água, porque a água de lá era muito boa, limpinha. Esse veio d'água⁵⁰ ficava num lajeiro⁵¹ que são pedras lisas onde a água corre por cima. Então minhas irmãs tiravam uma vez na semana pra juntar toda roupa suja da família e de quem

tivesse lá. Colocavam a roupa suja nos jacás e no lombo dos animais levavam pra lavar. Uma irmã ficava fazendo almoço, enquanto as outras passavam o dia lavando roupa. Quando chegavam, estendiam a roupa no varal. Tiravam uma vez na semana pra fazer isso. A colheita ficou difícil. Ficou difícil até pra sobreviver.

Esse veio d'água ficava num lageiro que são pedras lisas onde a água corre por cima.

As festas de lá... bem, eles recolhiam donativos, porque o pessoal de lá era muito católico, fazia muitas promessas de curas. Vamos supor, tenho um filho, o filho estava doente, então eu fazia uma promessa *pr'aquele* santo que eu tinha uma fé imensa. O santo fazia o milagre e a pessoa ficava boa. Então aquele filho tinha a penitência de ir pedir as coisas nas casas, nas portas dos vizinhos e o que ele recebia – feijão, farinha, rapadura, o que fosse, ia tudo a leilão. O dinheiro recolhido era pra colocar no cofre do santo. Essa era a tradição de lá, as fogueiras e leilões também. As fogueiras eram em junho. Dia dos santos: Santo Antônio, São João e São Pedro. Tinha outras festas também que a gente ia. O padroeiro de lá era São Francisco de Assis. O pessoal fazia muitas promessas com ele.

Na época, parece que em outubro, o pessoal fazia romaria pra Canindé⁵², alugava caminhões e levava as pessoas todas pra lá, pra entregar o dinheiro pro santo. A maioria do povo ia pra romaria.

A gente ia pra missa, mas eu nunca gostei de missa não! Tinha o vestido de ir à missa aos domingos. Todo mundo se reunia. Era uma festa! Nossa, a meninada só sabia brincar! Era o dia da alegria, era o nosso dia mais feliz! Na nossa fazenda se fazia leilão também. Enfeitava o quintal. Era muito animado e se você visse uma bandeirinha no quintal é porque tinha festa e todo mundo ia lá. Quando meu pai foi pra essa fazenda ele trabalhava de meio a meio para o patrão, que morava na cidade. O que ele fazia, metade era dele e metade do patrão. Era só cachaça o que meu pai fazia. Nessa fazenda tinha engenho movido a bois. Amarrava cabos grandes nas cangas⁵³ dos peçoços dos bois pra eles puxarem. Tangi muito, mas eu tinha o maior medo dos bois.

Quanto a comida da região, lembro do doce de mamão. Fazia assim: pegava o mamão, ralava e colocava pra ferver, pra tirar aquele leite. Fervia um pouco, colocava rapadura e deixava ferver mais, pra deixar curar, dar o ponto. Mamão verde: tinha que ser verde! A gente usava rapadura pra qualquer coisa, pra comer com farinha, com qualquer alimento. Tudo se fazia no fogão de lenha⁵⁴ e nas panelas de ferro. Boa na cozinha mesmo era a minha irmã mais velha. No café da manhã era assim: quem queria, tomava café com farinha ou leite, porque tinha o leite também. Pros trabalhadores meu pai matava porco: aí tirava aquela manteiga do porco com o toici-



Romeiros em Canindé-CE

52 – Canindé

Cidade do Ceará onde acontece uma das mais antigas festas religiosas do Brasil: a Festa de São Francisco das Chagas.



Canga de boi

53 – Canga

Peça de madeira encurvada, simples ou dupla, presa no pescoço dos bois.

“... U’a vontade aqui mi dá/ dum dia arresolvê/ quebrá a cerca da manga/ e dexá de sê boi-manso/ dexá carro, dexá canga/ de trabaíá sem descanso/ Me alevantá nos carrasco/ lá nos derradêro sertão/ vazá as ponta, afiá os casco/ Boi Turuna e Barbatão” (Peão na Amarração, Elomar).

nho, fazia farofa e levava pros trabalhadores comer com café. Essa era a merenda dos trabalhadores, que ficavam muito felizes quando tinha uma merenda dessas. E aproveitava também os miúdos que sobrava dos bichos pra fazer farofa pra comer. Era muito gostosa. A farinha era feita lá mesmo, mas era só pro consumo. A gente fazia beiju⁵⁵, tirava aquela goma, que o pessoal chama polvilho, aquela goma purinha e fazia os beijus.

Quando adoecia, cuidava era com chá. Quando tinha caso mais sério, que foi pouco que aconteceu, tinha uma cidade chamada Ipu, que tinha médicos formados. Mas enquanto pudesse aliviar as dores em casa, cuidava em casa mesmo. Todo mundo sabia fazer esses chás caseiros. Fazia chá de erva cidreira, dava um comprimido Melhoral, que era o comprimido mais popular.

A gente plantava roça de milho, feijão, arroz também. Tudo que se plantava e se colhia

Tudo que se plantava e se colhia era dividido ao meio.

era dividido ao meio. O terreno era grande e tinha muita fartura, então a gente não passava necessidade. Foi muito bom. Mas depois meu pai teve que sair de lá, porque não tinha mais condições, muitos filhos pra criar, tinha que comprar roupas, tudo. Os meninos



Maria Francisca, D. Maria, Maria Anésia, Maria Teresa, Maria Dominé e Maria das Graças

começaram a crescer, outros completaram 18 anos e foram embora e aí foi ficando mais difícil. Eu fiquei lá até os quatorze anos. Meu pai ficou lá. Alguns dos meus irmãos também. Meu pai se casou e eu não concordei muito. Porque não era a vida que eu queria, então eu procurei o meu destino.

Minha irmã mais velha casou. Aproveitei e fui morar com ela. Morei com minha irmã mais ou menos seis anos. Aí nós fomos pro sertão mesmo. Acho que era Boa Sorte, o nome de lá. Mas precisava de uma boa sorte mesmo, porque era longe de tudo! O esposo dela tinha uma condição de vida até boa. A sobrevivência de lá era gado, ovelha, essas coisas. Era fazenda também. Eu ajudava ela em casa. Lá eu não fui mais trabalhar na roça, porque eu nunca concordei em trabalhar em roça. E lá eu não fui estudar. O marido dela comprou uma casinha pra ela em Araras⁵⁶ e

foi pro Rio de Janeiro. E a gente foi embora pra cidade de Araras. Porque lá o pessoal sempre faz isso: deixa as esposas e vão procurar coisas melhores lá fora, nos outros lugares. Teve que ir, porque lá era bom, tinha essas coisas, mas não era todo dia que tinha dinheiro, o dinheiro sempre *pegou*, porque era um pouco difícil. Quando tinha gado pra vender tinha dinheiro, mas e aí, quando acabava?! Aí ficava difícil também.

Em Araras estudei onde chamava Grupo Escolar. Estudava no período da tarde. Lá só estudava quem tinha dinheiro pra comprar uniforme. A professora era bacana. Nessa escola não tinha mesa. Eram bancos grandes e escrevia na perna, porque era muita gente. Todos juntos. Uma professora só. Era uma sala só, um galpão enorme! Quem passava dos quinze anos não estudava mais lá não, porque já estava velho, ia trabalhar mesmo.



Rejane Araújo

Fogão a lenha

54 – Fogão a lenha

Muito usado nas áreas rurais de todo o Brasil.



Beiju

55 – Beiju

Comida de origem indígena, também conhecida como tapioca.

Eu estudei lá até os meus quinze anos. Depois eu sai de lá e fui pra uma escolinha particular, com professorinha dentro de casa. E aí pronto: eu estudei pouco.

Em Araras as mulheres gostavam de fazer uma espécie de trança de palha de carnaúba. Com isso a gente fazia balaios pra colocar rapadura e farinha, especialmente. A gente fazia também chapéu de palha e redes de pesca. As mulheres de lá sobreviviam de chapéu de palha e os homens de pesca. O dinheiro dos chapéus, balaios e redes de pesca que eu fazia era meu, pra comprar vestido bonito e sandália pras festas, pras novenas, pra passear.

Meu Deus do céu,
que lugar é esse,
tão iluminado?!

Minha adolescência passei em Araras e foi pouca, um ano ou dois. Lá tinha amigas... Ah, e namorados! Lá era bom. Eu não trabalhava na roça, porque não gostava da roça mesmo. As festas lá começavam em julho. Mas não era festa junina não, era a festa da padroeira de lá, acho que Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Então tinha nove dias de novena. Era padre indo pra missa, todo mundo indo rezar e quando terminava a missa, todo mundo ia *pr'aquelas* barraquinhas de vender refresco e pro parquinho de diversão. Era muito boa a época de festa. As meninas fica-

vam andando, paquerando os meninos. Era assim que a gente se divertia lá.

Eu achava Brasília o fim do mundo. O pessoal de lá falava que era um local bom de se viver, porque o dinheiro em Araras era muito difícil, mas em Brasília trabalhava e ganhava seu salário mensal, recebia o seu dinheiro. Então a maioria das pessoas vinha pra cá ou pro Rio de Janeiro. Só sabia que Brasília era um lugar do governo. Eu nunca nem imaginei vir embora pra cá. Naquela

época, lá no Ceará, eu era muito desligada. Nunca ouvi ninguém falar em política. A gente escutava a Voz do Brasil⁵⁷, pelo rádio. A gente não dava muito ouvido às coisas do presidente, até porque era uma coisa muito distante pra nós. Presidente pra nós era um nome que a gente jamais conseguiria alcançar. A gente ligava o rádio só pra ouvir as canções. Tinha novela, mas eu mesma não acompanhava. Lembro do nome da novela “O direito de nascer”.

Tinha acabado de completar dezessete anos, quando casei. Porque lá, a moça que começava a namorar já era pra casar, tinha que se casar. E eu não pensava em casamento não. Queria era me distrair. De repente o pai do Leo, meu filho, apareceu lá. A gente começou a namorar e se casou. Ele me deixou lá, porque morava em Brasília. Meu marido

<http://onibusantigosbrasileiros.blogspot.com.br/>



Rodoviária de Brasília, década de 1960

já estava com a passagem comprada pra vir e veio. Mandou me buscar uns quatro meses depois e eu vim com meu pai.

Eu tenho um tio que mora no Núcleo Bandeirante e eu fui pra casa dele. Meu esposo veio me buscar na rodoviária e a gente foi pra casa do meu tio, isso pela manhã. Quando foi à tardinha deixei meu pai com meu tio e vim com meu esposo pra nossa casinha, que era um barraquinho de madeira em Sobradinho. Quando eu cheguei, que eu desci, que eu olhei aquele... Eu não sei se a gente vem pelo Colorado quando vem lá do Ceará, eu não sei, nem me lembro de onde surgiu que vi tantas luzes acesas ali. Eu disse: – Meu Deus do céu, que lugar é esse, tão iluminado?! E fiquei muito pasma de ver um lugar tão iluminado, porque sair de uma roça pra ver tantas luzes ali... Vimos morar em Sobradinho, na quadra 15.



Açude Araras, Varjota CE

56 – Araras, atual Varjota

A cidade de Varjota, no Ceará, anteriormente conhecida como Araras, em alusão ao Açude Araras (nome oficial, Paulo Sarasate), que além de ser um importante suprimento de água potável, impulsiona a agricultura, a pesca e o turismo da região.

57 – A voz do Brasil

Programa radiofônico transmitido em caráter obrigatório, desde 22 de julho de 1935, com o objetivo de levar informação jornalística diária aos mais distantes pontos do país. “A voz do Brasil” detém o recorde de ser o programa de rádio brasileiro há mais tempo no ar. A música que ficou por mais tempo como tema de abertura, “O Guarani”, popularizou o nome do seu compositor, Carlos Gomes.

58 – SHIS

Sociedade de Habitações de Interesse Social, órgão do governo do Distrito Federal, atual Secretaria de Habitação, Regularização e Desenvolvimento Urbano - SEDHAB.

Era só o barraco no lote. Tinha um quintalzinho, umas plantinhas. Até me agradou porque tinha plantas. Não tinha pia, não tinha torneira, não tinha nada, só o registro da água. Lá nos fundos do lote tinha uma torneira onde pegava água pra lavar, cozinhar. E quando o marido saía eu pensava: – Meu Deus, o que eu vou fazer da minha vida aqui? Nunca tinha morado num barraco e eu dizia: – E agora? E ele ainda dizia assim: “Cuidado pra não jogar palito de fósforo perto das paredes, porque senão elas pegam fogo!” Quando ele saía eu trancava as portas e ficava lá dentro de casa. Não tinha costume de ver pessoas estranhas. E só abria pra pegar água. Ah, o banheiro era do lado de fora, aquela cisterna de madeira que a gente tinha que colocar jornal e revista pro povo da rua não ver quem estava lá dentro. Foi muito difícil fazer amizade com vizinho. Eu nem lembro como é que foi. Acho que foi através de um garotinho, filho *d’uma* vizinha. Ele começou a conversar comigo – e eu também, muito criança –, comecei a fazer amizade com o menino. A mãe às vezes chamava ele. E foi assim que a gente começou a ter contato com vizinho. Acho que eu morei ali um ano ou dois. A minha filha mais velha, Leila, nasceu nesse barraquinho. Quando chovia eu precisava colocar um plástico pra não molhar ela. Foi a época que meu esposo tirou a casa da SHIS⁵⁸ num programa habitacional do governo. E a gente foi embora pra Taguatinga, onde o segundo filho nasceu, já numa casinha melhor. O governo já entregava a casinha pronta: quarto, sala, cozinha e um pedacinho do muro já levantado, pra fazer a divisão dos lotes. Aí foi outra luta comi-



Vale do Amanhecer, 2010

go mesma pra fazer amizade com os vizinhos. Eu já tinha a minha filha mais velha e logo arranjei outro filho. Através das crianças a gente fazia amizade com os vizinhos. O esposo ia trabalhar. Foi o tempo que ele saiu da Fundação Educacional e arranjou outro emprego. Aos sábados não trabalhava, ficava mais tempo em casa, comigo. O pai e outro irmão dele moravam aqui. Eles tinham vindo embora pra mandar o sustento pra família que tinha ficado em Araras.

Ficamos pouco tempo em Taguatinga. A gente vendeu a casa e comprou um barraco de madeira (de novo!) na quadra 4, aqui de Planaltina. Foi a época que o pai do meu es-

poso mandou buscar toda a família dele pra cá. Eu tinha vindo aqui uma vez só, antes de ter a minha filha mais velha... e não foi nem em Planaltina, propriamente dito, foi no Vale do Amanhecer. Aquela vizinha de Sobradinho, do menino pequeno, ouviu falar da Tia Neiva e me convidou pra vir. Daí eu vim (e só voltei quando compramos o barraco, anos depois). Eu ouvia falar que Planaltina não era um lugar muito bom não, porque era longe do Plano. Tudo barraco de madeira, fora aquelas casinhas da SHIS, perto *d'uma* feira, no Conjunto G.

Num determinado momento da vida meu esposo conheceu a Doutrina do Vale

59 – Importância da água tratada

Cerca de 70% da Terra se encontra coberta por água, mas só 3% desse volume é de água doce. Grande parte dessa água doce está em regiões de difícil acesso ou poluída por atividades humanas.

De acordo com o último Relatório da ONU sobre o desenvolvimento dos Recursos Hídricos de 2013, entre 3 a 4 bilhões de pessoas não têm acesso a água tratada em seus lares.



Tratamento de água do Vale do Amanhecer

O Brasil detém 53% do manancial de água doce disponível na América do Sul – mesmo assim, o país sofre com a escassez de água potável em alguns lugares –, dentre outros motivos pela distribuição irregular: aproximadamente, 72% dos mananciais estão presentes na região amazônica, 27% na região Centro-Sul e apenas 1% na região Nordeste do país. 55% das residências brasileiras não dispõem de água tratada e nem saneamento básico, o que contribui para uma série de problemas de saúde da população – dados que infelizmente ilustram a falta de políticas públicas para o setor.

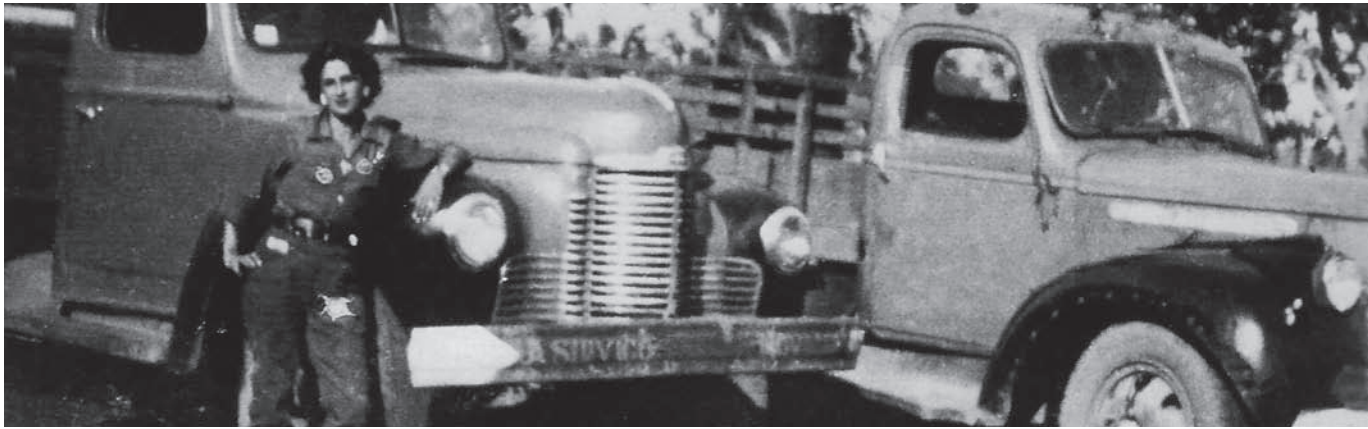
Obs. A comunidade do Vale do Amanhecer só passou a contar com tratamento de água a partir da metade da década de 1990. Isso em plena capital da República!

do Amanhecer, me trouxe e eu gostei muito. Entrei na Doutrina e nunca mais saí. Depois, por causa das voltas que o mundo dá, eu e meus filhos ficamos no Rio de Janeiro por dez anos. Aí a gente resolveu vir embora porque lá no Rio, mesmo tendo um Templo, era muito longe, tinha de atravessar de barca, eu com os filhos. Ficava muito difícil.

Finalmente viemos embora pra cá, pro Vale do Amanhecer, de novo. Apesar de gostar muito daqui, nem tudo a gente tem aqui. Médico, pronto socorro, dentista, tem que procurar Planaltina. Quer um supermercado melhor? Tem que procurar Planaltina ou o Plano.

As pessoas que conheço e com quem eu tenho comunicação mesmo são de dentro do Templo. Antigamente aqui era mais tranquilo. A gente saía do Templo e só chegava em casa porque sabia o rumo, porque era muito escuro, não tinha energia elétrica. Dentro de casa, só luz de lampião e vela. Muitas vezes, fora de hora, vinha lá do Templo e ninguém nunca mexeu comigo. Não tinha perigo nenhum morar aqui.

É muito importante a água, porque ali tem uma estrela que depende muito da água dos rios, dos córregos. Os córregos foram muito importantes, porque a gente não tinha água encanada⁵⁹. Então a gente usava essa água que até passava no meio das casas. A gente fazia desvio, encanava e passava pra casa da gente. A água era suja mesmo. Quando chovia vinha suja de barro. Muitas vezes você abria a torneira e saía peixinhos. A gente tirava e rezava. Usava essa água sem tratamento nenhum, só a nossa Fé. Diz que a Espiritualidade, todo dia, as seis horas, vinha fazer



Tia Neiva, caminhoneira na construção de Brasília, 1958

a limpeza d'água. A gente acreditava nisso, porque nunca pegou doença.

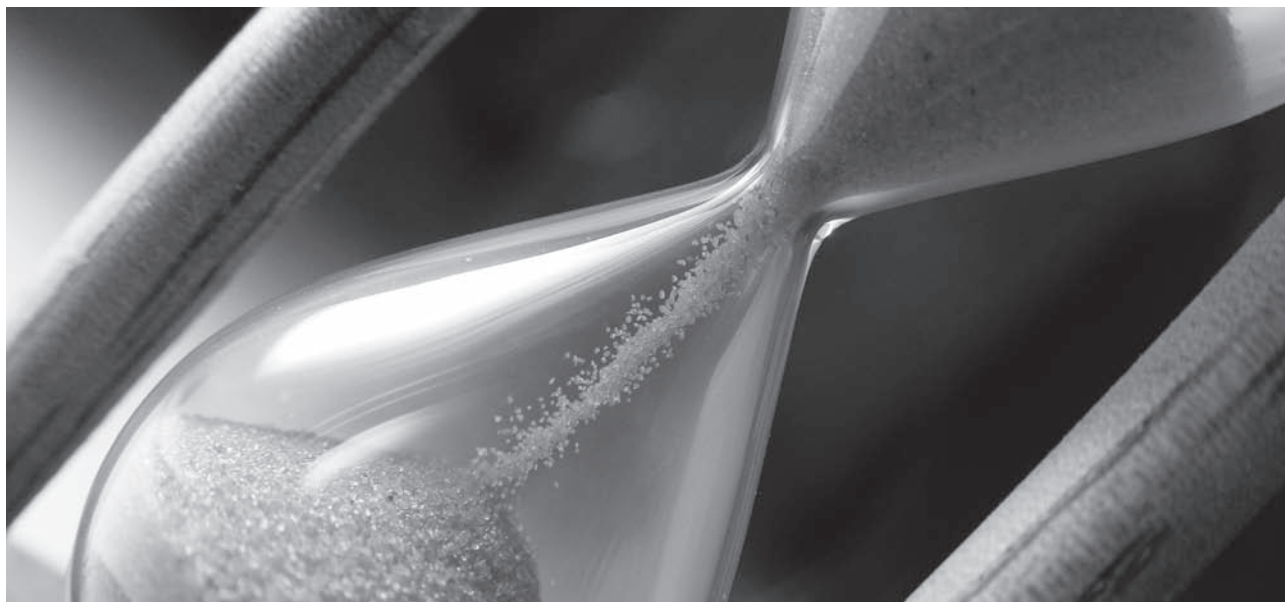
Conversei com Tia Neiva poucas vezes, porque ela era cercada por muitas pessoas e eu nunca gostei de incomodar ninguém. Eu sempre coloquei na minha cabeça que os meus problemas sou eu que resolvo. Estou na Doutrina porque com a ajuda de Deus você vai a qualquer lugar. Eu confiava muito nela porque ela era vidente e eu tinha certeza que ela estava me vendo, sabia o que eu estava passando.

Acho que toda a vida eu fui daqui mesmo, porque eu gosto de ver e acreditar que aquilo é real. As rezas do catolicismo eram muito fracas pra mim, não me sentia bem chegar ali e rezar, botar aquele véu na cabeça. Sempre me perguntava: – O que eu estou fazendo aqui? Criança ainda me mandaram fazer a primeira comunhão e eu disse: – Vou conversar com o homem, pra quê? Aqui não. Quando eu cheguei, vi logo o resultado. São coisas que eu acredito e vejo o resultado. Muitas pessoas não acreditam, mesmo sendo daqui. Desde a primeira vez que eu vim aqui, que eu acreditei que aqui realmente

existia alguma coisa de Deus. Não que eu esteja desfazendo as outras religiões. Pra mim, aqui é tudo. Aqui existe, aqui não enriquece ninguém, também não empobrece, não coloca ninguém a perder, aqui põe a pessoa consciente daquilo que ela é. E o Vale pra mim é isso e eu passo pros meus filhos, pros meus netos, tudo! Aqui é a realidade da vida. Aqui não tem um meio termo: eu sou ou deixo de ser, ou você acredita ou não acredita, eu prefiro acreditar. Meus filhos, meus netos, as noras, genros, todos fazem parte da Doutrina. Por isso que eu me encontrei aqui, por isso que eu andei, andei, virei, virei, morei e saí, voltei. Porque lá no Rio de Janeiro eu poderia ter uma vida financeira bem melhor, mas eu escolhi aqui, porque eu acho que o dinheiro não é tudo.

Ao ser entrevistada eu me senti feliz e triste, porque tinha coisas que eu não gostaria de ter falado nem lembrado, mas eu tive que lembrar, porque tem coisas que eu não posso falar e nem devo. Mas estou bem, gostei muito de ter falado sobre o Vale também. E isso é tudo.

SEGUNDA GERAÇÃO



OLGAMIR,
filha de D. Oterlina
e mãe de Ludmila



Ludmila, Olgamir e D. Oterlina

igual d
a
fraterni d
liber e

um sonho
pra se contar, cantar
espalhar no vento
correr mundo
através do tempo

paz
terra
pão

um sonho
contado, cantado
ao vento
no mundo
no tempo
será somente um sonho?

“Amai-vos uns aos outros...”
... será somente mais um sonho?!

CONTEXTO

60 – Turmas multisseriadas

Maneira de organização das turmas onde estudantes com idade e séries diferenciadas são atendidos em uma mesma classe.



Santa Ana, por Leonardo da Vinci

61 – Festa de Santana e Festa de Conceição

Festas religiosas, sendo a primeira em homenagem a Sant'Ana, mãe de Maria e a segunda à própria mãe do Cristo. Tais festas chegaram ao Brasil quando do período da colonização portuguesa.

Com relação a Santa Ana, Sant'Ana ou simplesmente Santana, segundo a tradição é a mãe de Maria e avó de Jesus Cristo. Seu culto se popularizou na Idade Média. Normalmente sua festa é comemorada com novenas que chegam a durar uma semana, culminando com uma procissão em 28 de julho.



Meu nome é Olga-mir Amância Ferreira de Paiva, nasci em 8 de março de 1958, dia internacional da mulher. Tenho dois filhos: Thiago e Ludmila. Nasci em Caval-

cante, Goiás, numa fazenda dos meus pais, onde fiquei até os sete anos. Minha mãe foi minha primeira professora, minha alfabetizadora, naquelas turmas multisseriadas⁶⁰, de pessoas com seis, sete e também de dezessete, dezoito anos de idade e que trabalhavam na fazenda.

Sou a quarta de uma família de oito filhos. Meus grandes companheiros de brincadeiras eram meus irmãos e meus primos. Eram brincadeiras da roça: montar cavalo, montar juumento, correr no quintal, ir no cerrado pegar caju, mangaba... passar mal de tanto comer!

Na fazenda onde nasci meu pai produzia tudo que a gente precisava. Tínhamos uma rotina de toda semana fazer bolo, biscoito, porque naquela época não tinha coisas para armazenar. Quando matava uma vaca, tinha que preparar a carne e colocar naquelas latas com gordura, pra não estragar.

Minha mãe nos levava à todas as festas religiosas da região. Na fazenda onde nasci, tinham duas festas: Festa de Santana⁶¹, no mês de julho e a festa de Conceição, em dezembro. Eram nove dias de festa: toda a fazenda se mobilizava.

Na minha infância, a comunidade kalunga⁶² não era tratada na perspectiva de um povo com história. Era tratada quase como

uma ameaça, até por desconhecimento. Me lembro da minha avó dizendo: “Vão dormir logo, porque senão o kalunga vai te pegar!” Essa comunidade, que poderia ser uma experiência de outra vivência, de outra religião, de outra cultura – não era tratada como algo que a gente pudesse recepcionar. Morei ali até os sete anos, cresci e não vi nenhum kalunga. Tínhamos duas referências pra nos amedrontar: kalunga e tapuia⁶³. Associavam a ideia do desaparecimento de algumas crianças aos tapuias: “Olha, vai dormir! Vai pra dentro! Não está na hora de ficar de fora, porque tapuia vai te pegar!” Mas se você olhar a comunidade, se você olhar minha família, ela é negra! Meu pai é negro. A família da minha mãe tem essa mistura mesmo. A mãe do meu pai é filha de índio. Era uma coisa muito misturada, entretanto as pessoas não se reconheciam dessa maneira, elas se achavam branquinhas. O referencial delas é um referencial branco.

Minha infância foi muito legal. Eu fui aquela criança que fez tudo que você possa imaginar: subia em árvore, corria, montava a cavalo. Fazia tudo que os meninos faziam. Eu não tinha essa boneca urbana. A boneca que a gente tinha era minha mãe que fazia: boneca de tecido, parecendo uma cruz... ou boneca de milho: a espiga grande era a mãe, a pequena era a filha.

Lá na fazenda tinha um canteiro com poejo, hortelã, essas coisas que são do conhecimento popular. Usavam também imburna, barbatimão, garrafadas com raiz. Então, quando a gente tinha qualquer coisa, sempre tinha um remedinho. Meu pai benzia de eri-

sipela, uma doença de pele. Benzia com um tição aceso. Também tinha Dona Benedita, que benzia a gente.

A gente não tinha a cultura da missa: tinha a cultura das orações da minha avó. Missa era coisa rara, só quando o padre ia visitar. As notícias chegavam via rádio. Minha bisavó era uma pessoa influente na região. Ela recebia jornais, cartas. Tenho um tio-avô que escrevia lindamente pra minha avó e nas cartas dizia as coisas que estavam acontecendo nos outros lugares. Então a gente tinha acesso por esses mecanismos.

Na fazenda não chegava carro. O carro chegava até o outro lado do rio São João. Quando meu pai chegava, descia do carro e todo mundo corria pra margem do rio pra esperá-lo. Levávamos um cavalo pra ele. Ele botava um filho na frente, um do lado, outro atrás e a gente vinha morrendo de alegria!

Eu não trabalhava, só estudava. Meus dois irmãos mais velhos trabalhavam com meu pai. Eles estudavam, mas trabalhavam com gado. E era uma das brigas da minha mãe. Explico: meu pai comprou uma casa em Planaltina e por dois anos a gente não se mudou, porque todo ano meu pai postergava a vinda. Minha mãe queria vir pros filhos estudarem. Ela queria que a gente estudasse, meu pai também dizia que queria isso, mas todo ano ele adiava porque tinha mais um gado, tinha outra fazenda que tinha que cuidar, sempre tinha uma explicação pra não irmos. No terceiro ano minha mãe bancou a nossa vinda, à revelia do meu pai. Eu penso que pra época, inclusive, foi de uma ousadia fora de propósito, a posição da minha mãe.

62 – Comunidades Kalungas

O Brasil foi o último país das Américas a extinguir a escravidão. Durante cerca de quatro séculos os escravos daqui só tiveram basicamente a si mesmos para lutarem contra tal desumanidade. A maioria absoluta da população da época - formada por “cristãos” católicos e protestantes -, percebiam os negros como animais de trabalho. Mesmo os escritores de então eram indiferentes ou favoráveis à escravidão: Machado de Assis e José de Alencar, respectivamente. Algumas exceções foram Castro Alves e Bernardo Guimarães. Na atualidade não é raro a Polícia Federal encontrar pessoas submetidas ao trabalho escravo no campo e nas cidades.



<http://Glenn.blogspot.com.br>

As comunidades Kalungas são formadas por descendentes dos Quilombos, aldeamentos originalmente formados por escravos fugidos ou libertos. Localizam-se nas proximidades da Chapada dos Veadeiros, Goiás, nos municípios de Cavalcante, Monte Alegre e Teresina de Goiás, nas comunidades do Engenho Il, Prata, Vão do Moleque, Vão das Almas, dentre outras comunidades Kalungas.

Minha mãe, pra época, era bem intelectualzinha e pra região, revolucionária! Era a pessoa que saía pra estudar e não se curvava. Por exemplo: a mulher só podia montar de sião, que é uma sela onde a mulher anda de lado, toda comportadinha. Só que o sonho dela era andar montada como homem e ela montou: batalhou e conquistou esse direito⁶⁴!

Minha mãe tinha uma história de “amarrar na barra da saia”. Ela não batia na gente todas as vezes, não. Se eu fazia uma coisa hoje, que ela não gostava, ela falava: “Tô amarrando na barra da saia”. Olha, essa barra da saia era um negócio horroroso! Que ela ia amarrando, amarrando... era um “relatório” que ela ia fazendo na barra da saia, como diz ela. No dia que a gente transbordava mesmo, ela resolvia acertar as contas com a gente e resgatava a memória: “Essa é por aquele dia que você fez isso”. “Essa é por aquele outro dia...” Entendeu? A saia dela “segurava” e ela guardava, acumulava! Minha mãe era muito revolucionária, em algumas coisas, mas ela era muito dura com a gente.

Quando vim pra Planaltina eu tinha sete anos de idade. Planaltina era pequenininha, mas pra gente era grande! Foi difícil deixar os referenciais rurais pra assumir os referenciais urbanos. A gente veio pra cá, mas continuou sendo mantida pela fazenda. Meu pai trazia da roça o arroz, a carne, a banha de porco, trazia tudo! Nosso arroz era diferente do arroz industrializado: era socado no pilão. Minha mãe continuava fazendo bolo, biscoito, mas eu adorava o dia em que eu ia na casa das minhas colegas de escola e todo mundo

comia margarina! O pão quentinho e a margarina derretendo... eu achava aquilo o máximo, entendeu?! Porque eu não tinha aquilo na minha casa. A gente continuava com o mesmo costume, comendo as mesmas coisas: era manteiga da roça, era o queijo da roça. O rural e o urbano: eu queria comer aquilo, me incorporar àquilo. No fundo, imagino que eu pensava que aquilo era chique.

Qual era a grande atividade da família na roça? A gente sentava em círculo, todo mundo reunido. Aí, minha bisavó, minha mãe – contavam histórias. A gente ficava ali com aquelas histórias horrorosas de almas, de não sei o quê! Minha avó e minha mãe pediam pra eu ler pras pessoas, até pra mostrar aquela criança novinha que já sabia ler. Eu sabia de cor aquelas coisas da literatura de cordel: “Lampião subiu a serra com seu cavalo...” Lia poemas antigos: Juca Pirama, de Gonçalves Dias... É dessa realidade que venho. Aí, chego numa cidade onde a gente não conhece absolutamente ninguém...!

Quando minha mãe chegou com a gente ela foi orientada a nos matricular na escola, nas séries iniciais. Imaginaram que a gente estava alfabetizado. Colocaram a mim e dois irmãos mais velhos na mesma série. A diferença é que fui pra turma fraca, porque naquela época classificavam de turma forte e fraca. Só que eu, muito espertinha, no segundo semestre fui pra bendita da turma forte. E minha mãe conseguiu resolver a situação dos meus irmãos, porque eles ficaram n'outra escola. Veja bem: eu sai de uma turma única e vim pra uma escola. Nós só tínhamos duas escolas públicas naquela época na

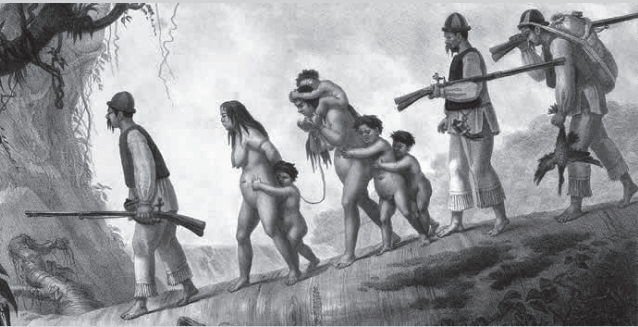
cidade, que era a Escola Classe 01 e a escola Paroquial. Eu fui pra Escola 01, que era uma escola gigantesca para o meu referencial. Imagino que ela não tivesse à época, mais que dez salas de aulas, mas pra *mim*, aquilo era um mundo!

Foi difícil deixar os referenciais rurais pra assumir os referenciais urbanos.

Nossa casa era onde é o Tradição Mineira, perto da Casa do Quibe. Meu pai comprou a casa e fomos morar lá. Era bem pertinho da Escola 01. Em Planaltina só tinha o Setor Tradicional e a Vila Vicentina. A Escola 01 era exatamente no limite entre o Setor Tradicional e a Vila Vicentina. Não existia Vila Buritis, não existia mais nada, além disso. A gente, de certa forma, morava no limite do Setor Tradicional. Quando mudamos, não tinha energia elétrica em nossa rua, só os postes. Moramos, talvez um ano, sem energia elétrica. A gente brincava ali na rua mesmo. A rua era sem calçamento. Descendo pelo lado direito tinha algumas casas, mas poucas. A maioria foi construída depois que a gente já morava lá. Era uma casa aqui, aí tinha três, quatro lotes vazios, outra casa... era assim, até chegar à Vila.

63 – Tapuia

Tapuia era a maneira pela qual os ameríndios (indígenas) do tronco Tupi se referiam aos povos que não falavam a sua língua. Os colonizadores ampliaram tal conceito aos nativos que viviam no interior. Como os ameríndios brasileiros não conheciam a escrita o conhecimento que temos do passado deles se baseia principalmente em relatos de viajantes do século 16, Hans Staden e Jean de Lery. Estudos antropológicos e arqueológicos nos permitem uma melhor compreensão de quem eram e como viviam esses povos.



Fundação Biblioteca Nacional

Captura e escravização ameríndia - Debret

Séculos e séculos de exploração levaram ao extermínio muitos povos nativos. Se por um lado as populações ameríndias têm crescido nos últimos anos, como constatado pelo Censo de 2010 do IBGE, d'outro lado graves problemas se somam aos antigos: alcoolismo, suicídio, desnutrição, bem como a dificuldade na demarcação de terras. A luta pela sobrevivência dos povos nativos conta com os inimigos de sempre: homens gananciosos que em nome de um suposto desenvolvimento econômico continuam a invadir e saquear territórios milenarmente ocupados pelos ameríndios, isso quando não apelam para estupro e assassinatos.

Naquela época, onde é hoje o Parque Sucupira⁶⁵, era uma região muito afastada da cidade. Não sei se é porque a gente era pequeno e tudo parecia longe. Lá moravam algumas famílias carentes. Lembro da minha mãe já atuando pra levar cobertor, levar comida e tal. Lá morava uma personagem que a gente chamava de “Doido da Sucupira”. Era um ex-combatente. Ele vinha andando, conversando sozinho. A gente era criança, mexia com ele pra ele brigar conosco. Aí a gente corria e tal. Se você pegar o pessoal da minha geração e até mais novos do que eu, todo mundo o conheceu. Eu nunca soube o nome dele...

Aqui a gente ia pra Cachoeirinha. Meu pai tinha uma chácara, ao lado da Cachoeirinha do Pipiripau. Cachoeirinha era o grande passeio da gente, todo final de semana. Ali onde é o Buritis quase a gente não ia, porque era cerrado. Cerrado fechado. Aí meus pais ficavam controlando pra gente não ir. Não era igual na roça que a gente ia catar caju. Ali a gente não ia não. Havia uma ideia de que era perigoso.

A grande questão cultural aqui era mesmo ir pra igreja, pra missa. Esse era o grande lazer da gente. A gente ia pra missa – na Igrejinha de São Sebastião, a antiga – e a melhor roupa, tudo era pra ir pra missa. E depois da missa tinha um percurso que se fazia ali na avenida Goiás: a gente ficava subindo e descendo, moças e rapazes. Eu já bem jovem, só podia ficar até nove horas. Terminou a missa, dava duas ou três voltas ali e... minha irmã, que já era mais velha aí ficava subindo e descendo pra poder namorar e tal. Naquela época, meu

pai controlava a gente, não podia namorar e pra namorar, era muito difícil.

A partir dos anos 1970, começa a retomada da Festa do Divino na cidade. É uma festa que tem a cara da cidade! À medida que ela é uma retomada, envolve a cidade como um todo. Só que ela ficou por muito tempo como sendo uma festa do Setor Tradicional. Ela não era uma festa de Planaltina: ela era uma festa da Cidade Tradicional. O Setor Tradicional era dono da festa. E aí, o que acontece? Uma parcela da comunidade tradicional local não recepcionava bem o pessoal da Vila Buritis em relação à Festa do Divino. Do Buritis, ninguém era escolhido “festeiro”. Pra ser escolhido “festeiro” tinha de ser alguém daqui de baixo: “de baixo” que a gente fala, é daqui, do Setor Tradicional ou da Tradicional. A concepção era essa.

Recentemente, talvez uns dez, quinze anos, no máximo, é que a Igreja compreendeu que essa questão deveria ser mais ampla, envolvendo outras comunidades, outras paróquias, passando a ser construído o entendimento de que a festa é da cidade. Com isso foi criado um representante da festa em cada uma das comunidades: Vila Buritis, Vila de Fátima... que têm um “festeiro” local. Mas, não deixou de ter o “festeiro” principal, que ainda é o “festeiro” daqui! Ele tem ajuda dos outros “festeiros”, mas “o festeiro”, “o imperador”, “o folião”, é daqui, da Tradicional.

A Vila Buritis, muito sabiamente, construiu sua identidade religiosa, do ponto de vista da igreja católica, com a Festa de Santa Rita de Cássia: que vem tomando um volume gigantesco e é maravilhosa!

Arquivo de família



Thiago, Aurecir, Olgamir, D. Oterlina e Ludmila, festa do Divino Espírito Santo, Planaltina-DF

Respeitando essas questões sociais e políticas, a Festa do Divino é uma festa que envolve a comunidade de Planaltina, mas principalmente a Tradicional. O pessoal se mobiliza. É uma festa que até hoje é muito mais financiada pelas doações. Eu penso que à medida que o Estado for assumindo ela vai se descaracterizar. É a comunidade que doa. As pessoas doam isso, doam aquilo... A festa não é feita pelo “festeiro”. A festa é feita pela comunidade. E é essa comunidade rural que tem a vaca, que tem a galinha, que tem não sei quê, que doa pra fazer a festa.

Planaltina reproduz o que acontece no Brasil: um processo de relação patrimonial mesmo, de achar que a cidade tem dono. Isso tem sido superado nos últimos anos,

64 – A luta pelo direito das mulheres

Depois de muitos anos de batalha, somente em 1932, as mulheres conquistaram o direito de votar no Brasil. Mas com ressalvas. As casadas só podiam votar com o consentimento dos maridos. As viúvas e solteiras só podiam votar se tivessem renda própria. Somente em 1934, na Assembleia Constituinte, as mulheres conseguiram assegurar o direito de comparecerem às urnas como eleitoras e candidatas. Dentre as milhares e milhares de mulheres que lutaram e lutam ressaltamos Dionísia Pinto Lisboa, mais conhecida como Nísia Floresta (1810-1885), grande educadora, precursora do abolicionismo, da república e da emancipação da mulher brasileira.



*“Flutuando como barco sem rumo ao sabor do vento neste mar borrascoso que se chama mundo, a mulher foi até aqui conduzida segundo o egoísmo, o interesse pessoal, predominante nos homens de todas as nações”.
Nísia Floresta, 1857.*

mas não foi superado absolutamente: a ideia mesmo de uma cidade com essa cultura patrimonialista. Na minha infância, me lembro que a Vila Vicentina é que era a excluída. Tinha uma diferença de quem morava na Tradicional e quem morava na Vicentina. Quando a Vila Buritis veio pra cá, o nível de resistência em relação aos moradores da Vila Buritis era muito grande. Porque a gente ficava daqui vendo os caminhões passarem. A informação que nos chegava é que os moradores que estavam vindo eram de favelas que tinham sido arrancadas de perto do Plano Piloto, onde o povo se matava a facadas e não sei o quê... era essa a ‘literatura’ que era passada pra gente. Então a gente tinha medo do povo do Buritis, de certa forma. Quando eles vinham estudar no Colégio, que era o único colégio que tinha em Planaltina, que era ao lado de minha casa, tinha uma separação nítida entre quem era de Planaltina e de quem era da Vila Buritis. Num primeiro momento, o olhar era de distanciamento, em relação a esses moradores. Tanto que a escola se dividia nitidamente. Tinha até palavra de ordem... coisa de xingamentos mesmo, em relação ao pessoal que era do Buritis: discriminação. Mas a juventude é interessante: num primeiro momento tem resistência porque você aprende aquilo – só com a convivência vai vendo que aquilo é uma bobagem – e consegue superar.

Num primeiro momento o Vale do Amanhecer também era discriminado por causa da questão religiosa. Só que aí é que a gente vê: o religioso e o financeiro têm uma relação muito forte. Era discriminado, porém como

peças muito importantes do governo no Distrito Federal, do governo brasileiro e atores da Globo frequentavam o Vale, isso, de certa forma, legitimava o Vale, em que pese a divergência com a questão religiosa, a divergência era menor. Por isso a gente diz que a questão de classe é muito mais profunda do que a questão cultural, do que a questão religiosa, por exemplo. Eu não tenho dúvidas de que o pessoal da Vila Buritis foi muito mais discriminado do que o pessoal do Vale do Amanhecer, por causa da questão da pobreza. O Vale não era essa estrutura que tem hoje. Quando surgiu era Tia Neiva com sua família. Aquela primeira leva de moradores do Vale, ainda é de moradores com uma condição financeira razoável. O Vale vai tomar a proporção que tomou hoje, um ambiente popular, muito depois.

Nós não tivemos problemas em relação a inclusão com a comunidade de Planaltina do Setor Tradicional. Fomos aceitos com certa tranquilidade, até porque muita gente que mora aqui tem relação com Cavalcante. Meu pai era conhecido de um pessoal daqui, que tinha fazenda próxima às nossas, lá em Cavalcante. Então a gente veio para um local onde meu pai e minha mãe já tinham alguns referenciais, tinham aceitação.

Porém, minha mãe tinha uma lógica que na minha família o negócio era estudar. Todo mundo tinha que estudar sempre. Isso foi criando um certo diferencial, inclusive em relação a outras pessoas. A gente sempre era apontada como “os filhos de dona Oterlina: os meninos que são estudiosos, são os cabeções”. Então, por mais que a gente fosse acei-

ta, tínhamos outras demandas, que não eram as demandas próprias de Planaltina.

A gente tinha outra forma de ver o mundo. Quando meu irmão começou a militância política, quem o seguiu precisamente fui eu e meu outro irmão. Quando a gente começou, um membro de antiga família tradicional de Planaltina, chamou meu pai pra dizer que era impensável que tivéssemos uma postura nesse perfil: “Por que os filhos estavam metidos nessa coisa?” Porque afinal de contas, nós tínhamos muito mais identidade com o tradicional, talvez por causa da questão socioeconômica. Minha mãe disse: “*Peraí!* Ele decide sobre a família dele. Ele diz como devem e como não devem agir – os filhos dele: os meus filhos não!” Tínhamos o amparo da minha mãe, pra gente fazer a militância. Certamente que aquilo a deixava angustiada, tensionada, mas sempre nos amparou.

Eu comecei minha militância estudantil muito cedo. Com dezesseis, dezessete anos eu era militante: já botava material contra a Ditadura⁶⁶ nas escolas. Aí a gente se insurgia, num processo mais revolucionário mesmo de luta contra a Ditadura, contra a opressão. Eu já me reunia com o pessoal da Universidade de Brasília que estava na clandestinidade. Eu sempre estudei em Planaltina, até o segundo grau. Eu fiz o normal e o científico. Eu não queria fazer o Normal, porque minha irmã e minha mãe já eram professoras e eu não queria ser professora. Mas fiz o Normal e o Técnico de Contabilidade. Eu estudava o dia inteirinho! Terminei o curso em dezembro e fiz o concurso. Passei e comecei a trabalhar em fevereiro do

65 – Parque Sucupira

Os movimentos sociais têm procurado se organizar em redes, buscando uma maior interlocução com os diversos grupos da sociedade, a fim de dar visibilidade às suas demandas. Na área ambiental esse diálogo pode possibilitar uma abordagem crítica, contextualizada e transformadora.

A realidade socioambiental em que se insere o Distrito Federal, não é diferente das demais localidades brasileiras, existindo um descompasso entre teoria e prática. O DF possui mais de 70 sítios ecológicos, sendo que a maioria deles não tem infraestrutura. É o caso do Parque Recreativo Sucupira, criado em 1996. A sua destinação está relacionada à preservação ambiental, desenvolvimento de atividades lúdicas e artísticas em contato com a natureza.



Acervo Ulopiá

Educação ambiental no Parque

Apesar da luta de setores do movimento social e de instituições de ensino no trabalho de Educação Ambiental e defesa do Parque Sucupira, os detentores do Poder Público continuam ignorando e/ou minimizando tais iniciativas, no afã de ocultar a importância da democracia participativa.

ano seguinte. Fui professora um ano e pouco, da primeira a quarta séries.

Eu só estudei no Plano Piloto no pré-universitário me preparando pro vestibular. Os meninos me convenceram a ir pra Paraíba. Eu já tinha dois irmãos na Paraíba. Pedi demissão da Fundação Educacional e fui morar na Paraíba. Fui estudar lá. Passei no vestibular para Engenharia Química.

Minha militância partidária é muito em sintonia com minha militância no movimento estudantil. Na universidade, principalmente na Universidade Federal da Paraíba, onde estudei, eu tinha uma militância muito grande, até porque meu irmão era o presidente do diretório dos estudantes universitários. Ali eu tive uma militância da greve, da manifestação pública, de correr da polícia, do gás lacrimogêneo, dessa coisa toda. Com barriga, com gravidez, com tudo! A minha trajetória como militante começa no movimento estudantil. Quando voltei pra Brasília, atuava no movimento sindical articulado com o movimento partidário, sempre sob orientação do meu partido. Sou comunista de alguns anos e só tive um único partido na minha vida: é uma escolha, é uma opção! Só que eu tenho uma formação religiosa muito forte e aí a contradição: eu caminho, do ponto de vista da racionalidade, no campo do materialismo histórico-dialético⁶⁷ na interpretação da realidade. Porém, não abro mão dessa questão da minha formação religiosa, da minha fé. Eu sou uma comunista que crê em Deus.

Antes de concluir o curso de Engenharia Química na Paraíba, retornei pra Planaltina, fiz novo vestibular e me formei em Matemá-

tica. Em seguida prestei um segundo concurso e fui aprovada na Secretaria de Educação indo trabalhar no Centrão. A direção da escola era extremamente invasiva com relação aos professores. Nós queríamos eleição, ter o direito de eleger diretor de escola. Estávamos saindo da Ditadura militar. Um membro da elite local chamou meu pai e disse: “Sua filha está liderando um movimento contra gente nossa! A diretora da escola é uma de ‘nós’. Sua filha também é uma de ‘nós’. Ela não pode fazer isso”.

Aí começamos a luta pra ter eleição. A gente conseguiu garantir que ocorresse eleição. Só que a direção manipulou: chamou os pais, o pessoal do Vale do Amanhecer... A escola tinha dinheiro demais, mesmo sendo uma escola pública. Os recursos vinham de atividades como a Rainha da Primavera, a Rainha da Pipoca, a rainha não sei do quê, a rainha disso e daquilo... Quando nós pedimos por eleição na escola, a direção fez uma reunião com os pais e colocou: se tivesse eleição a direção da época sairia da escola, não se submeteria ao processo. Como a escola era considerada a melhor escola de Planaltina, pessoas dormiam na fila pra matricular um filho, houve reação dos pais. Então os pais chegaram na escola e disseram que não iria ter o processo. Disseram o mesmo para o diretor da Regional de Ensino e mais: caso nós insistíssemos, eles não responderiam pelo que fariam. Além disso, a direção começou a chamar os professores e cobrar os favores todos que tinha feito.

Meses depois, quando a direção percebeu que tinha invertido a lógica e que já havia uma

Arquivo de família



Olgamir e Thiago

outra correlação de forças, aceitou ir pro processo eleitoral. E ela ganhou. E aí nós saímos: dezessete professores. Porque não tínhamos condições de ficar na escola. Isso foi nos anos oitenta. Que a eleição foi em oitenta e cinco, a primeira experiência que nós tivemos.

Eu comecei minha luta muito cedo. Ainda em 1982, ano que praticamente eu entro na Secretaria, também foi o começo da minha militância política como sindicalista. Em 1985, eu me tornei delegada sindical. Eu sempre nesse movimento, participando na condição de delegada sindical, ajudando a construir essa luta, na compreensão que a gente precisava fortalecer a luta dos professores, a luta dos trabalhadores na Educação, como forma de dar maior qualidade ao processo educativo. A principal bandeira que a gente tinha, nos anos 80, era a bandeira

66 – Ditadura militar-civil*, 1964–1985

Após a 2ª Guerra Mundial os Estados Unidos (EUA) criaram a Doutrina de Segurança Nacional, cujo objetivo declarado era conter o avanço comunista no mundo. Na década de 1960 a Escola das Américas, criada pelos EUA, amestrou ideologicamente mais de 33 mil oficiais latino-americanos (desses, um contingente foi adestrado em técnicas de torturas), que atuaram em Golpes no Paraguai, Brasil, Peru, Bolívia, Equador, Chile, Uruguai, Argentina e Suriname. A maioria das elites (militar e civil desses países) instaurou ditaduras brutais, corruptas e corruptoras, de modo **servil** aos interesses dos EUA, contando com o apoio da igreja e da grande imprensa para legitimá-las e alienar a população.

Vinte e um anos de ditadura no Brasil. Os seus efeitos nefastos perduram: técnicas de tortura utilizadas contra presos políticos foram disseminadas pelas delegacias do país; criminosos daquele período continuam na vida pública e privada, impunes; na Educação, desastre total - alguns dos maiores educadores brasileiros de todos os tempos, Anísio Teixeira, Paulo Freire e Darcy Ribeiro, encontravam-se no auge da capacidade produtiva e desenvolviam projetos na área da Educação que possibilitariam romper séculos de atraso que nos mantêm presos ao status de colônia. Perseguidos pela ditadura, tiveram seus projetos sepultados.

* Ou *Ditadura milico-servil*. “*Milico*”, para distinguir os golpistas fardados dos militares que não compactuaram com o golpe contra a Constituição que juraram respeitar. “*Servil*” - aqui temos um duplo sentido: civil/servil, como já explicado no primeiro parágrafo do verbete.

da democratização da escola, que passava não só pela democratização do acesso, mas a democratização da gestão. Porque a gente vinha de experiências muito ruins: aqui em Planaltina as escolas eram geridas por pessoas indicadas pelo poder público. À exceção de uma ou outra escola – que a gestão estava na mão dos moradores da cidade tradicional, de família tradicional –, as escolas estavam sob a gestão de pessoas de fora de Planaltina.

Essa era a realidade. A luta pela gestão da escola com um perfil democrático era muito forte pra nós que queríamos uma escola diferente. Ou você se acomodava e se submetia àquela regra – de fazer como o pessoal queria, definir o que podia e o que não podia –, ou você se insurgia. Eu estou nesse segundo caminho, de construir uma escola diferente. Nessa linha que eu pautei toda minha vida, toda minha vida acadêmica e profissional. Eu fui professora sempre em sala de aula, sempre em regência. Participei da luta pela democratização da escola, lutei pra eleição de diretor de escola e pra diretor de Regional. Participei de todas as greves desde 1982. Não teve uma única greve dessa categoria que eu não fizesse. Participei de todas e sempre na condição de dirigente no comando de greve! Então, toda a minha história é um pouco a luta pela Educação.

Penso o seguinte: como professor, o espaço primeiro da gente é a Escola. É na Escola que a gente tem de estar. Eu não tenho dúvida de como é difícil formar um quadro trabalhador. Leva muito tempo porque a gente não tem disponibilidade, condições pra essa formação – a militância não se dá apenas na



Rejane Araújo

Professores e estudantes da FUP e do CEF 04 em trilha no Parque Sucupira. À direita, Olgamir, 2010

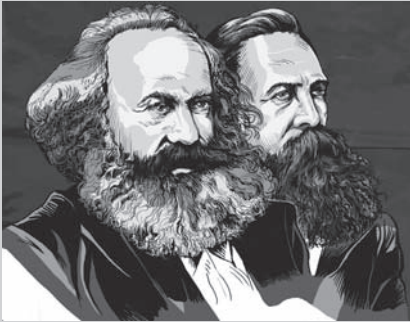
esfera do movimento sindical, lá na direção do sindicato. A militância tem de se dar no cotidiano, inclusive na sala de aula. Então você precisa ocupar todos esses espaços – o tempo todo! Eu me coloquei o tempo todo. Entrei como diretora do sindicato em 92. Quando terminou meu mandato em 1998 retornei pra sala de aula. Voltei pro Centro de Ensino 03 e pro Centro de Ensino Fundamental Nossa Senhora de Fátima, em 98/99. Depois eu me afastei quase três anos pra fazer o mestrado. Retorno para a Secretaria de Educação em 2002 sendo encaminhada para o Centro de Ensino Fundamental 04 de Planaltina onde permaneci até 2010. Neste período, concomitante ao trabalho docente, fiz o doutorado na Faculdade de Educação da UnB. Em março de 2010 assumi o concurso de professora Adjunta na UnB no campus de Planaltina (FUP), onde passei a trabalhar principalmente com a formação de professores(as) para a educação básica.

Sou mestre e doutora em Política Pública e Gestão da Educação. Minha formação tem a

ver com a minha trajetória como professora de Matemática. Eu sempre fui professora de uma disciplina que era reconhecida o tempo todo como uma disciplina que tinha “autoridade” pra excluir. Todo mundo achava que era normal que nós, professores de Matemática, reprovássemos. Tanto que quando chegava no conselho de classe, que o professor de Matemática dizia que um estudante estava reprovado, ninguém questionava. Agora, se fosse o de Artes, todo mundo queria saber porquê tinha reprovado aquele aluno. Aquilo me incomodava. Eu sempre lutei pra desmitificar essa questão: como sempre gostei de Matemática eu queria que todo mundo gostasse também. Hoje me sinto feliz quando ex-alunos me encontram e falam: “Professora, eu sou professor de Matemática, viu?”

Quando fui diretora do Sindicato, tive oportunidade de conhecer de perto a realidade das escolas rurais. Se a opressão é grande na zona urbana, muito maior na zona rural! As escolas eram muito pequenas, com um grupo pequeno de professores e um número signifi-

67 – Materialismo histórico-dialético



Karl Marx e Engels

Ouvimos falar da riqueza de Salomão, das conquistas de Júlio César, da bondade da princesa Isabel ao “abolir” a escravidão. Habitamo-nos a ler histórias de uns poucos homens e mulheres que nos são apresentadas como se representassem a história de “toda” a Humanidade. Na realidade a construção e evolução das artes, das culturas, dos inventos, das riquezas materiais, dentre incontáveis realizações humanas - são frutos do trabalho coletivo -, contudo, foram e continuam sendo creditados aos poucos que integram as elites. De tanto ouvir, ver e ler que a riqueza, o poder e a aparente benevolência de reis, ditadores, princesas e especuladores têm origem superior ou divina, muitas vezes não conseguimos perceber quão parasitas são da força do trabalho e dos sonhos humanos.

Formulado por Karl Marx e Engels, o Materialismo histórico-dialético é um referencial teórico que permite interpretar a realidade e construir uma nova prática - que para além da crítica social teórica, oferece a condição ao ser humano para (re)construir o mundo e a si mesmo nos seus aspectos cultural, econômico e político. É inegável tal formulação para compreender e superar a exploração do homem pelo homem e o consumismo que ameaça a vida no Planeta.

cativo deles sem contrato definitivo. Os diretores eram tutelados pelas Regionais de Ensino, que tinham os cargos indicados e eles faziam e aconteciam, dentro das escolas! Muitos professores moravam nas escolas porque não tinha ônibus na zona rural. Professor era mandado pra uma escola rural e ele tinha que ficar a semana inteira. Nós temos escola na zona rural de Planaltina que fica a 100km daqui!

Planaltina hoje vive um momento muito difícil, do ponto de vista da ocupação do espaço. A cidade foi assolada por uma política muito desagregadora, desenvolvida pelo governo Arruda e pelo governo Roriz, de instalar as pessoas de forma completamente descomprometida com a questão ambiental, com a questão da sobrevivência, sem estrutura, sem nada. Então ela padece desses males, que são males que assolam boa parte das cidades brasileiras. Então ela vive isso, é inquestionável! Porém, penso que Planaltina ainda consegue guardar uma identidade de uma cidade, que ela é um “mix”: essa coisa de ter esse caráter tradicional, não o tradicional rançoso, aquela coisa patrimonialista, mas a tradição expressa nos valores do seu povo. Nessa perspectiva, acho isso muito bom! Ela tem potencialidades que podem ser desenvolvidas e que fazem dela uma cidade com um diferencial em relação as demais cidades de Brasília - e que a gente precisa trabalhar pra manter, pra preservar!

Eu gosto da ideia dos meus filhos crescerem aqui, eu gosto da ideia de morar nessa cidade, por mais que ela tenha crescido. Por mais que a gente “não conheça” mais a cidade, a gente ainda “se conhece”, a gente ainda

tem uma identidade. Você sai na rua, conhece as pessoas e elas te conhecem! Trinta anos de magistério: o que eu tenho de aluno esparramado por aí! Aqui, acolá eu encontro com meus alunos.

Penso que a vinda da Universidade de Brasília (UnB) para Planaltina foi um grande ganho. Nesses últimos tempos a gente vivia uma contradição: uma cidade com uma população com uma renda baixa, mas que estava muito mais estimulada para a escola privada, no âmbito da educação superior. A UnB não era mais uma referência para nossos alunos. Aí, um ou outro professor que ficava ainda tentando estimular, mas a UnB não era mais a referência. Nós já tínhamos uma cultura nesse sentido: se vai fazer educação superior, vai para o setor privado. O sonho da educação pública superior estava meio que abortado. A vinda da universidade pra cá nos aproxima no ponto de vista da estrutura, porque ela passa a estar ali, na Vila de Fátima. Ela vai se materializando no nosso imaginário, no imaginário dos nossos alunos.

A vinda da UnB aproxima esse referencial de que a universidade pública é uma possibilidade pras famílias menos favorecidas, inclusive comunidade como a nossa! Além disso, cumpre o papel social da universidade, que é o papel de dar respostas, de ajudar a construir alternativas pra que a população possa viver melhor. A Universidade dá outra cara pra nossa cidade: potencializa as condições pra nossa juventude.

O fato de ser hoje professora na UnB de Planaltina, é algo que me deixa muito feliz. Eu vim pra cá com meus pais, mas hoje é

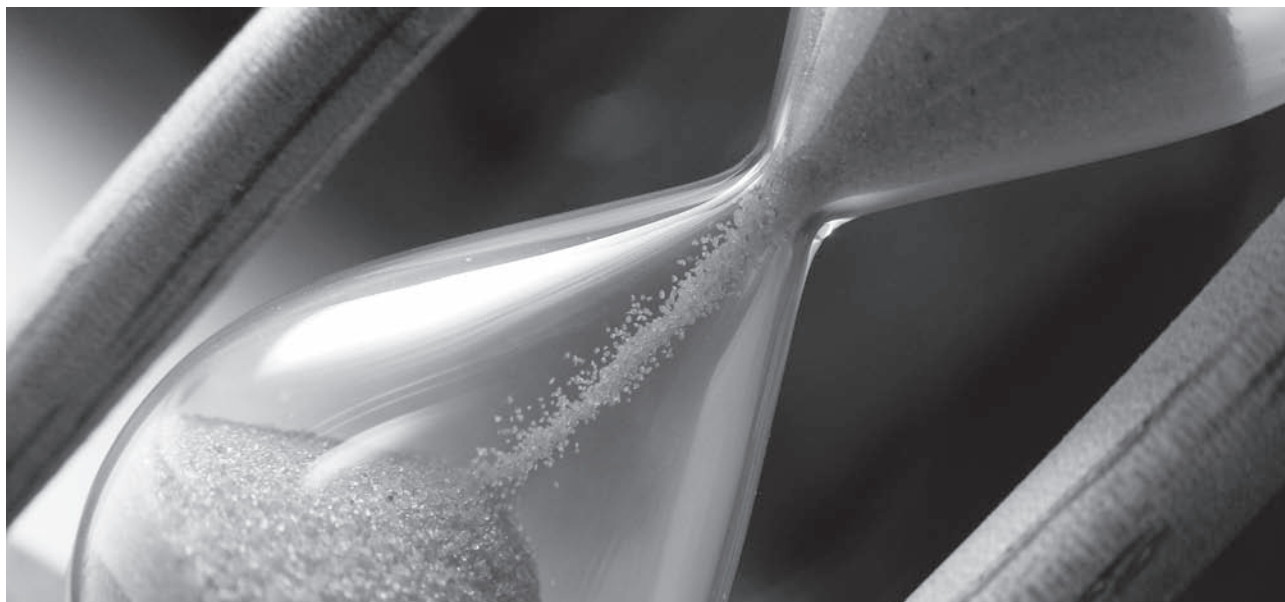
Acervos: UtopiaFM.com



Projeto Parque Sucupira, CEF 04, Olgamir e estudantes, 2006

uma escolha minha permanecer em Planaltina. E aí você ter a oportunidade de trabalhar numa universidade aqui, uma universidade que você acredita e que está na área em que você se reconhece como sendo parte dela?! É tudo o que acho que uma pessoa desejaria! Profissionalmente estou numa fase importante pra mim, porque eu sou o que eu sou porque fui professora da educação básica, fui militante sindical, fui militante política. Eu sou isso tudo! Estar nessa condição hoje é um presente! Na UnB alunos já perguntaram: “Tem uma professora que disseram que é daqui: é a senhora?” “Professora, você é mestra ou é doutora?” Isso circula aqui, acolá, mas circula entre eles que tem uma professora que é daqui de Planaltina. Isso eu penso que é algo bom, não só pra mim. É bom pra eles também – a referência. É possível que alguém dessa cidade, que alguém possa ser professor da universidade. Se ela pode, eu também posso. Não é verdade? Eu acho que isso ajuda.

SEGUNDA GERAÇÃO



MÁRCIA,
filha de D. Jaci
e mãe de Maria Clara



Maria Clara, D. Jaci e Márcia

O pequeno raio de sol
para sua surpresa, viu-se só.

O dia já ia ao meio
sem o claro do amanhecer
... sequer um bocejo!

Pulou do berço
contemplou o silêncio nas almas sombrias:
esparsas palavras desconexas, atônitas
ante a noite em pleno dia.

Seu claro sorriso desperta, enfim.

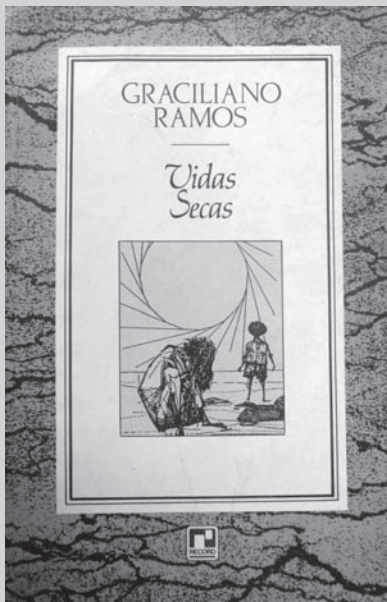
Um raio de sol basta
pra acender o fogaréu do dia.

Um
sorriso
é o que basta
pra um mundaréu
de risos fazer a festa
deixar a terra, subir ao céu.

CONTEXTO

BB – Migração

Os ameríndios foram os primeiros brasileiros forçados à migração. Levados à força para o trabalho agrícola, foram privados de seu chão. Os índios que não fugiram para o interior, foram escravizados para plantar na terra que há pouco era sua. Não menos dura foi a sorte dos negros trazidos escravos para as plantações de cana-de-açúcar, mineração e trabalhos domésticos: a maioria perdeu o país, a tradição, a família, a língua e a religião. À custa de muita luta uma parcela conseguiu preservar suas tradições culturais e religiosas.



Importante obra sobre migrantes

Em nível interno, o nordestino é o migrante brasileiro por excelência. Vítima das secas ou da exploração latifundiária, foi para a Amazônia explorar a borracha. No século XX, foi o responsável pelo desenvolvimento da indústria e construção civil em São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Brasília.



Meu nome é Márcia Rodrigues Xavier. Nasci dia 18 de setembro de 1964, em Brasília. Minha mãe é goiana, tinha os filhos aqui, mas registrava no Goiás. Sou can-

danga de nascimento, mas goiana de registro. Fui registrada quando tinha 11 anos. Minha mãe juntou os filhos, levou pra Campos Belos e registrou todos, de uma única vez! Só a certidão de nascimento é que é de lá, pois só vou em Campos Belos passear. Vivia pagando mico, até me adaptar que eu era de lá e não daqui. Nossa, que vergonha! Perguntavam: “Você nasceu aonde?” – Nasci no DF. E quando pegavam minha identidade: “Mas aqui está Goiás?!”

Minha mãe veio pra cá⁶⁸ em 1960. Trabalhava como empregada doméstica e morou um tempo na invasão do Aeroporto. Depois foi removida pra Vila do IAPI. Até os meus oito anos ainda morávamos nessa Vila. Aí, toda a Vila foi removida pra Ceilândia. De quando moramos nessa Vila, lembro que adorava ver Shazan, Xerife e Cia, mas a gente não tinha televisão. A gente corria pro barraco da vizinha e ficava espiando da janela. Um bocado de meninos. Se fizessemos barulho ela *botava* a gente pra correr ou fechava a janela. Como era barraco de madeira, sempre tinha umas frestinhas que dava pra gente assistir. Minha mãe deixava comida pronta e saía pro trabalho. Aí era só esquentar. E sempre tinha um irmão da minha mãe que ajudava a cuidar da gente. Não me lembro



Acampamento de trabalhadores na construção de Brasília

de ter escola. Os filhos da minha mãe e da vizinhança toda, ninguém estudava. A gente passava o tempo todo brincando. Correr na chuva, como era bom! Lembro das brincadeiras de roda... Com sabugo de milho ou pano a gente fazia bonecas e os brincos com envelope de comprimido Sonrisal.

Naquele tempo era menos violento, não tinha muro, não tinha cerca, os vizinhos ajudavam uns aos outros. Mas como nem sempre tinha um adulto por perto, a gente meio que se autoeducava. Antes da mudança pra Ceilândia vieram funcionários numerando os barracos com tinta. Só falavam que iriam remover a gente pra uma nova cidade. Era assim que a gente ouvia: a remoção da invasão. Não falavam o nome Ceilândia. Minha mãe também falava da mudança. Ela tinha tanta esperança que ia ser uma cidade com água e luz e que ninguém ia mexer mais com a gente. Mas

ela deu ouvidos a boatos, tipo: “A remoção será pra uma cidade urbanizada, uma cidade boa. Na nova cidade puta não terá vez, puta vai perder o lote”. Minha mãe é uma trabalhadora, desde criança; uma mulher honesta, uma boa mãe e teve medo de ser considerada puta, só porque era mãe solteira! Como não era casada, ela pensou que poderia perder o lote. Aí ela correu e transferiu o lote dela pro nome *d’um* irmão que era casado.

Minha mãe tinha muita filosofia de vida. Ela dizia que não queria a gente na rua, nem queria a gente na casa dos outros, mas também não queria filhos dos outros na nossa casa. Quando a gente começou a crescer ela ia explicando as coisas do jeito dela. Tinha um monte de regrinhas pra gente. Eram regrinhas simples, mas funcionavam. Essas foram as minhas primeiras lembranças na Vila do IAPI, que ficava perto do Morro do Que-

A partir da década de 1930, promoveu-se a Marcha para o Oeste, com a ocupação do Mato Grosso e Goiás. Em seguida, dos estados de Rondônia, Acre, Roraima, etc. Gaúchos, catarinenses, paranaenses, paulistas e outros fundaram e fundam novas comunidades, dedicando-se à agropecuária.

A grande migração do final do século XX foi o êxodo rural, com o inchaço das cidades e o empobrecimento de famílias que retiravam da roça o necessário para viver. Em três décadas, a população brasileira mudou de 80% no meio rural para 80% no meio urbano. Atualmente, segundo estudos do IBGE, há uma tendência generalizada de queda no fluxo migratório.

69 – Trabalho Infantil

Normalmente famílias pobres e pais com pouca ou nenhuma escolarização acreditam que para sobreviverem as crianças precisam “ajudar em casa”, denunciando com esta decisão a pouca ou nenhuma política pública de proteção e amparo das crianças em determinada cidade ou município. Erradicar o trabalho infantil é cuidar para que a família tenha condições de manutenção e desenvolvimento.



<http://reporterbrasil.org.br>

Crianças trabalhando em carvoaria

rosene. A gente morava muito próximo do Poder. E pra quem estava no Poder, a gente enfeava a paisagem.

Depois veio a história de regulamentar, de urbanizar, aí fizeram Ceilândia. Foram vários dias pra remover todo o pessoal da Vila. Um caminhão do Serviço Social chegava na Vila, o pessoal jogava tudo lá em cima e partia. Quando a gente chegava na Ceilândia já tinha tudo piquetado. Jogavam nossas coisas lá e o caminhão voltava pra buscar mais gente. Pelo menos cinco dias moramos debaixo de telhas, até levantar o barraquinho. Não tinha esse negócio de fazer moradia e trazer o povo não, eles jogavam a gente lá e era muita gente no relento.

Sobre o lote de Ceilândia pra onde fomos removidos, infelizmente tivemos que vender. Minha mãe ficou em um lugar privilegiado. Porém, como tinha colocado o lote no nome do irmão dela, que era casado, dezoito anos depois o irmão apareceu com outra mulher e ameaçava vender o lote que legalmente era dele. Venderam e dividiram o dinheiro. Com a parte que recebeu minha mãe comprou uma casinha e morou no P Sul uns três anos. Voltou pra Ceilândia onde comprou um lote com a ajuda dos filhos.

Somos seis irmãos, três homens e três mulheres. Como mais velha, fui trabalhar como doméstica aos nove anos de idade⁶⁹ pra ajudar minha mãe que tinha um monte de filhos. Uma patroa da minha mãe, super gente fina, disse: “Jaci, deixa sua filha morar comigo e eu ajudo você. Ela me ajuda e eu ajudo”. Foi nessa que eu fui. Lavava louça, umas coisinhas assim. Aí eu fazia as coisas e ela me dava os estudos. Era assim, todo ano,

no Natal, no Dia das Mães, ela dava um presente pra minha mãe e me dava roupa e material escolar. Eu não recebia salário, minhas patroas “davam” alguma coisa pra minha mãe, como fogão, liquidificador, e por aí foi. Ou seja, quem comprou o primeiro fogão e o primeiro liquidificador pra minha mãe, fui eu, com meu trabalho!

Comecei a estudar com dez anos, lá na 316 Sul, onde fiz a primeira série. Aí saí da casa onde trabalhava e fui pra uma outra que era patroa da minha mãe também. No início eu estudava de dia, com uns 12 ou 13 anos passei a estudar à noite. Com doze anos fui ser doméstica mesmo, ganhar dinheiro. Só ia pra casa nos fins de semana, ficar com minha mãe, meus irmãos.

Fiz o meu primeiro grau todinho no Plano. Estudei até a 7ª série na 408 Sul. A maioria do pessoal da escola era morador de lá mesmo, do Plano Piloto. Mesmo morando no Plano a semana toda e indo pra minha casa só nos finais de semana, eu não tinha relação de amizade com as crianças do prédio porque não tinha tempo. Às vezes, quando eu descia, era com o filho da patroa, então não tinha amizade, era relação de trabalho mesmo. Na escola, brincava ali na hora do recreio, mas não tinha aquela coisa de ir em festinha em casa de colega, não tinha. Até porque sempre ficava mais tímida pela roupa, pelo lanche, pelo cabelo dos meninos, pela pele dos meninos, enfim, por tudo mesmo.

Quanto aos professores, eram muito legais! Quando eu fiz a 5ª série, na 402 Sul, eu trabalhava de dia e estudava à noite. Naquele tempo quem estudava à noite geralmente era

quem venciam a idade pra estudar de dia, ou então já repetiam não sei quantos anos. Uma noite estava marcado um jantar na casa da minha patroa, aí eu fui correndo na escola fazer uma prova de Estudos Sociais. Expliquei a situação pro professor, fiz a prova e ele me liberou. Na semana seguinte, na aula dele, eu fiquei super emocionada. Ele deu um sabão em todo mundo e disse pro pessoal se mirar em mim, pois eu tinha ido lá fazer a prova correndo porque eu estava trabalhan-

Fui trabalhar como doméstica aos nove anos de idade.

do e a maior nota da sala tinha sido a minha! Eu sempre fui boa aluna, sempre gostei de estudar. Quando estava lavando louças eu pregava o conteúdo na parede (menos Matemática) e ficava lendo. Eu fazia isso direto, em todo lugar eu pregava. Estudei no diurno até a 3ª série, depois fui pro noturno até concluir o segundo grau.

No último emprego como doméstica eu fazia a 7ª série. Um dia eu fui ao supermercado com o marido da minha patroa. Depois das compras ele me deixou carregar todas as sacolas e saiu andando na frente, só com a pasta dele. Eu era novinha, magrela, mas tinha noção, ele poderia ter sido um pouco gentil comigo. Pensei, não quero mais ser do-

Analisando o Atlas de Desenvolvimento Humano 2013, publicado pelo PNUD/IBGE, que utilizou dados do censo de 2010, constatamos que mesmo com o desenvolvimento crescente do País e cidades do interior se destacando, ainda temos 3,4 milhões de brasileiros com idade entre 10 e 17 anos trabalhando - o que representa 12,38% de jovens nessa faixa etária.

Os dados revelam que não somente a pobreza leva as famílias a “deixarem” suas crianças e jovens procurarem subempregos, mas a cultura do consumismo leva muitas crianças para o mercado de trabalho infantil. De acordo com a Fiscalização do Trabalho Infantil do Ministério do Trabalho, a fiscalização atualmente se concentra em cidades grandes onde o índice é mais alarmante: Brasília, São Paulo, Curitiba, Santo André e São Bernardo do Campo.

70 – Teologia da Libertação

Nascida na experiência da Igreja na América Latina, a Teologia da Libertação defende que Javé ao dizer em Ex 3,7-8 “que viu a aflição dos povos escravizados, ouviu seus clamores e desceu para levá-los a uma terra nova”, fez uma opção pelos pobres e pela sua libertação. Nas ações de Jesus Cristo, os teólogos da libertação veem concretizada esta opção. Em 1969, Gustavo Gutiérrez, escreveu o livro Teologia da Libertação, afirmando que a pobreza material de todos os dias - não é uma fatalidade, mas sim, fruto da injustiça. Por isso, os cristãos devem viver em solidariedade com os pobres, lutar com eles contra a pobreza e anunciar o Evangelho a partir deles. Surge então em todo o continente Comunidades Eclesiais de Base (CEBs, Círculos Bíblicos, Movimento de Fé e Política, Ação Católica, etc), que atuavam e atuam na defesa da justiça e superação da pobreza, como forma de sinal da Boa Nova anunciada por Jesus Cristo.

méstica, ninguém precisa ser tratado dessa forma. Mas eu não podia sair assim porque minha mãe morria de medo da gente morrer de fome. Quando minha mãe viajou, peguei uma tesoura e pelei minha cabeça. Cheguei na casa da patroa e falei: – Vou entrar *pr’um* convento e não vou mais trabalhar de doméstica. Eu saí do emprego já procurando outra coisa, senão matava minha mãe do coração. Fui ser vendedora de produtos de utilidades, de casa em casa.

As histórias das cidades são muito parecidas, principalmente em questões básicas. Só que os padres de Ceilândia eram muito engajados. O movimento social dentro da igreja era grande. Nos grupos eclesiais de base⁷⁰ a gente sempre debatia. Pegávamos a bíblia e trazíamos pra luz da nossa vivência comunitária. Através das missas o povo era chamado pra luta. A gente rezava o Pai Nosso não tradicional: “Pai Nosso revolucionário, parceiro dos pobres e pai dos oprimidos! Perdoa-nos quando, por medo, ficamos calados diante da impunidade”. O tempo inteiro a gente questionava o sistema, a própria juventude, que naquele tempo achávamos alienada. Alienação é o que vejo hoje. Entre os vários trabalhos desenvolvidos lembro do Cine Clube Pé no Chão, onde a gente passava filmes, depois debatia com o pessoal; do Centro de Integração à Cultura, onde também trabalhávamos com a juventude e do Mão na Massa, grupo de produção de pães com mulheres. Outra preocupação era resgatar a memória da comunidade. A pedido do padre consegui levar pra Ceilândia meus primos e uns tios de Campos Belos que tocavam na Folia de Reis.

São lindas as gaitas deles, lá eles chamam flauta de gaita, feitas de bambu com cera de abelha. Todos os instrumentos são eles que fazem. E a música é maravilhosa!

Eu fui uma pessoa de muita sorte, tanto é que eu achava que era a preferida de Deus! Quando estudava Secretariado, eu fazia parte da igreja lá em Ceilândia e o padre me indicou pra uma ONG que precisava de um agente de saúde. Eu ganhava 16 mil cruzeiros. Quando assinaram minha carteira e vi meu salário, quase morri: passei a ganhar 139 mil cruzeiros! Era tanto dinheiro, além do quê, pagaram meu curso Técnico em Laboratório! Nessa condição, pude ajudar minha mãe a construir nossa casa de alvenaria. Nessa ONG trabalhei na área de saúde. Atendíamos 120 crianças no pré-escolar, fornecendo café da manhã e almoço.

Eu trabalhava na Secretaria de Saúde e no Hospital Anchieta quando fizemos uma cooperativa dos funcionários e amigos do Anchieta. Por meio dessa cooperativa, no final de 1998, fomos contemplados com lotes no Setor Residencial Leste IV, mais conhecido como Buritis IV, em Planaltina. Como havia muito roubo⁷¹ de material de construção, tinha de ter gente pra vigiar. Foi feito um barraco e estocaram todo o material de cinco pessoas. Aí meu cunhado e minha irmã vieram em setembro de 2000. Numa noite, perceberam que tinha alguém tentando roubar as telhas. Meu cunhado tossiu, na esperança que os ladrões fossem embora. Pelo contrário, arreventaram a porta, entraram, espancaram meu cunhado, quebraram duas costelas dele. Minha irmã tinha entrado debaixo

Arquivo de família



Márcia e irmãos

da cama. Conseguimos chamar a atenção da televisão pra insegurança do local. Depois do que aconteceu com a minha irmã, eu pensava em violência, pensava em Planaltina. Vim pra cá por volta de abril/maio de 2001, e fiquei sozinha até metade de junho, mas pra quem está só, é muita coisa! E eu sempre esperando que a violência fosse explodir um dia, de alguma forma, porque a minha irmã tinha sofrido e eu achava que pudesse acontecer comigo também.

Foi muito rápido pra me envolver com a militância de Planaltina. A gente começou a se organizar⁷² logo que chegou porque não tinha asfalto, nem luz. A gente juntou a vizinhança, nos cotizamos e compramos lâmpadas pros postes, com sensor e tudo! A gente



<http://www.unicap.br>

Pe José Comblin e Dom Helder Câmara, 1982

Referências da Teologia da Libertação:

Além de Gustavo Gutiérrez (Peru), Juan Luiz Segundo (Uruguai), Enrique Dussel e Miguez Bonino (Argentina), Hugo Asmann, Leonardo Boff, Rose Marie Muraro, Luiza Etsuko Tomita (Brasil) e o padre Joseph (“José”) Comblin (1923, Bélgica - 2011, Bahia-BR). Este último, autor de “A Ideologia da Segurança Nacional” e “Teologia da Enxada”, trabalhou com camponeses na Paraíba, pondo em prática a ideia de que a formação teológica não deveria separar a pessoa do trabalho. Pediu para ser enterrado na Paraíba, ao lado do padre Ibiapina, cuja atuação ele considerava modelo.

botava interruptor no poste, aí um vizinho acendia e outro apagava. O asfalto foi fruto de uma organização que a gente teve aqui na comunidade. Isso chamou a atenção de outras pessoas. Uma delas me chamou pra ajudar outros setores com os mesmos problemas e a participar de uma reunião com pessoas do governo e do Sebrae. Fui. Chegando lá me pediram pra desenhar alguma coisa no crachá. Aí eu fiz uns óculos cor-de-rosa e me apresentei: – Eu estou morando aqui há pouco tempo, estou assustada, não sei o quê... hoje botei os meus óculos cor-de-rosa e vim conhecer isso aqui. Quando terminei a apresentação fui convidada e passei a participar dos trabalhos do movimento social local, juntamente com o Sebrae.

Próximo d’onde trabalho tem um lugar considerado perigoso, a Toca dos Ratos, ou Toca. Por intermédio de minha filha Karolina conheci um menino que declamava poesia. Aí ele falou: “Márcia, tem uns meninos ali que fazem uns *raps*”. Esses meninos vieram cheios de ideias. Na Toca tinha muita gente bacana, assim como tinha quem vendia e usava droga. Mas tinha uma galera que resistia a isso, que adorava um Malcom X e fazer *rap*. A gente montou um trabalho lá em cima, na ONG Girassol. Aí a gente conseguiu levar o Primeiro Emprego, programa do governo, pra lá. Montamos um telecentro que se chamava Toca Digital e também o artesanato. Trabalhamos com dezenas de jovens. Quando terminou isso, eu tive uma crise de pânico e decidi que não ia militar em mais nada. Na época morreram umas seis pessoas da minha família. Como eu trabalho na área



Arquivo de família

Casamento de Márcia e Omar, 1984

de saúde, o pessoal pensa que a gente é muito forte, então: “Vai reconhecer o corpo”. Márcia vai. “E o enterro?” Márcia vai.

Um dia, em 2005, quando eu estava “aposentada”, me aparece um cara lá na minha porta: “Meu nome é Batista. Você não me conhece, mas eu já te conheço”. Tínhamos conhecidos em comum, lá de Ceilândia, o pessoal da ONG que eu havia trabalhado e os Incansáveis de Ceilândia, que lutavam por moradia. Me pediu que desse uma “forcinha” no CIEC, Centro de Integração Esporte e

Cultura, que funcionava na Estância. Fui lá. Minha ideia era só dar uma forcinha e cair fora. O Batista é que caiu fora e me deixou no fogo! Com esse trabalho me apaixonei por Planaltina. Fui na igrejinha de São Sebastião e fiquei maravilhada: – Ô, meu Deus, eu não acredito que a gente tem isso aqui! Fui ao Vale do Amanhecer: – Mas o quê que é isso?! A cada momento eu ia me deparando com as coisas daqui e percebendo o potencial que essa cidade tem, as pessoas que tem aqui, o tanto que tem de cultura. Hoje eu sou muito grata por estar em Planaltina. Eu acho que Planaltina me acolheu de uma forma muito boa. Vejo minhas filhas, a forma como elas se adaptaram nessa cidade. Acho que não teria melhor lugar pra morar. Ainda tenho muitos sonhos pra isso aqui, porque lá no CIEC mesmo, no trabalho que a gente vem desenvolvendo, a gente trabalha com pessoas e muitas vezes eu percebo que elas não conhecem tanto da cidade, do potencial que esse lugar tem. Percebo que a gente ainda tem muito pra fazer por isso aqui, pra construir, pra resgatar mesmo o que tem de história, de patrimônio. Esse ano, por exemplo: no CIEC a gente tem uma proposta que todo nosso trabalho vai girar um pouquinho em torno do resgate da cultura da localidade.

Sabe, eu realmente gosto muito de Planaltina! Antigamente eu fazia 40 horas na Secretaria de Saúde, hoje eu faço 30. Diminuiu o meu poder aquisitivo, mas eu estou procurando buscar um significado maior pra minha vida, uma coisa de “eu fiz isso, isso valeu a pena, foi legal”. E eu acredito muito nisso. Esse ano eu espero em Deus que a gente real-

71 – Violência Urbana

A violência se apresenta de diversas formas: violência contra a mulher, violência moral, violência sexual, violência contra a criança e o idoso, violência no trânsito, violência entre torcidas, violência contra prédios públicos, violência policial, entre outras. Importante dizer que essas diversas formas de violência podem ser observadas em vários espaços, sendo o meio urbano o mais propício para o desencadear destes atos. Todo esse conjunto de violências pode ser inserido no âmbito da violência urbana.



Regiane Araújo

Fenômeno disseminado em quase todas as cidades sejam elas grandes, pequenas ou médias, a violência urbana é determinada por valores culturais, sociais, econômicos, políticos e morais de uma sociedade.

De forma mais específica, pode-se associar alguns problemas e práticas que contribuem como o crescimento da violência urbana: estrutura familiar, desemprego, mau exemplo das autoridades constituídas, tráfico de drogas, discussões banais, entre outros. A solução para o problema da violência urbana envolve menos a

mente consiga fazer esse trabalho do resgate da cultura com as mulheres que estão aqui, com o grupo de jovens. Nós temos três jovens que são campeãs nacionais de *kung fu*. São meninas da Estância, pessoas humildes que vêm da Estância pra cá. São sete quilômetros até aqui. Elas vêm até a feira e andam a pé até o Buritis IV. São pessoas que têm uma garra enorme. A gente vê que elas estão aí, batalhando. E elas estão competindo com pessoas que estão em academias, que têm toda uma atenção por trás, um financiamento, e ainda assim elas têm esse potencial. Elas vão lá e fazem essa diferença. Eu me envolvo muito nesse trabalho como forma de mostrar pras pessoas o tanto que a gente tem de bom. É ter um novo olhar sobre a gente, sobre a cultura da gente, sobre o quê a gente faz.

A sede do CIEC ficou na Estância até 2010. Tínhamos então um atendimento médio anual de umas 350/400 pessoas. Onde a gente estava só atendia uma comunidade. Aí a gente viu que tinha um potencial de atendimento bem maior. E a ideia era nos profissionalizar mais no acompanhamento das atividades que a gente fazia. Além das práticas, temos a ideia de trabalhar o desenvolvimento humano, o desenvolvimento cultural. Não tem sentido se você só dá ginástica, só dá *kung fu*, se você não está ajudando a formar um cidadão consciente, alguém que goste do lugar que mora e que queira fazer desse lugar o melhor lugar do mundo de se viver. Se todo mundo pra melhorar de vida sair de Planaltina, a gente nunca vai ter aqui um lugar decente pra viver, um lugar decente pra criar os filhos da gente, não vai ter um lugar de quê

se orgulhar. Então, pra gente é muito importante, além de dar as práticas, trabalhar essa questão do desenvolvimento humano, valorizando o que se tem aqui. A gente deixou um núcleo na Estância e trouxe a sede pra cá. Foi muito interessante porque aqui, ao invés de atender uma comunidade só, a gente está tendo oportunidade de atender o Jardim Roriz e o pessoal do Arapoangas, que é mais perto. De cinco às seis é lotado de gente pra ginástica! O pessoal vem do Buritis II, do Buritis III, tem gente que vem até da quadra 6 do Buritis I! Sem falar no pessoal daqui do Buritis IV. Então a gente acabou atendendo mais pessoas dentro de um espaço com os mesmos recursos que a gente tinha. O CIEC oferece oficinas de ginástica, kung fu, capoeira, balé, dança do ventre, ioga, artesanato, bordado e costura. Atendemos cerca de 1.500 pessoas. É muita coisa, né?

Ceilândia me deu meu marido Omar e três filhas maravilhosas: Karolina, Maria Clara e Hortência. Planaltina me deu dois filhos não biológicos, que enriqueceram ainda mais minha vida: Juliano e César. Agora tenho cinco filhos. Até isso Planaltina me deu, né? E ainda me deu minha neta, Ana Tereza! Temos agora uma casa com oito pessoas. É uma casa muito viva!

Desde 2007, temos parceria com a Universidade de Brasília (UnB) onde foi fundamental a professora Nina Laranjeira. É bom juntar o conhecimento científico à nossa prática de vida. Tanto é bom pro pessoal da comunidade local, quanto para os estudantes da UnB. Os estudantes que vêm pra cá acabam tendo uma outra percepção da organização da co-

munidade local e da própria vida. E as pessoas daqui também começam a perceber outras coisas que até então não viam, o que fortalece um pouco mais as próprias convicções.

Se todo mundo pra
melhorar de vida sair
de Planaltina, a gente
nunca vai ter aqui um
lugar decente pra viver.

Num determinado momento o Sebrae fez uma pesquisa que constatou que a maior reclamação da classe A de Brasília era a falta de espaços de lazer. Quando falei de todas as oportunidades que Planaltina oferecia, consegui empolgar o pessoal de lá. Coincidentemente estávamos numa parceria com o Centro de Excelência do Turismo da UnB. Aí o Sebrae fez um levantamento do que realmente Planaltina tinha. Fotografou todo o Centro Histórico, a Cachoeira do Pequizeiro... Depois, as próprias pessoas que estavam fazendo esse levantamento constataram uma série de bloqueios por parte de pessoas do Setor Tradicional, o que terminou por inviabilizar o trabalho que estava sendo feito. Outro exemplo é a própria Feira Alternativa de Planaltina. A ideia era primeiro catalogar os artesãos locais e fazer um treinamento pra esses artesãos. Depois disso a gente entraria

questão da segurança pública, mas sim, melhoria do sistema de educação, moradia, oportunidades de emprego, entre outros fatores e requer uma grande mudança nas políticas públicas e na sociedade como um todo.

72 – Movimentos Sociais

Quando um grupo de passageiros desce de um ônibus quebrado e o incendeia, temos aí a expressão da indignação coletiva através de um ato de revolta. Quando um grupo de usuários do transporte público decide fechar uma estrada colocando barricadas com fogo, exigindo a presença de representantes do Estado (governador, secretário, prefeito, etc) temos aí o movimento social, que segundo Maria da Glória Gohn são “ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas de a população se organizar e expressar suas demandas”.

Muito se fala hoje de novos movimentos sociais que surgiram a partir das manifestações de milhares de pessoas mobilizadas pela *internet*. Contudo, não podemos esquecer que a construção de novas relações entre o Estado e a Sociedade Civil não se dá apenas com movimentos “novos” mas também com mobilizações e organizações de lutas coletivas com bandeiras históricas: educação gratuita e de qualidade, reforma agrária, redução da jornada de trabalho, direitos das mulheres, direitos dos deficientes, erradicação do trabalho infantil, bem como a criação de sítios ecológicos, espaços para cultura e lazer, hospitais e postos de saúde dotados de infraestrutura adequadas.

Nota: É dever do Movimento Social lutar para que os recursos públicos a) sejam bem empregados; b) denunciar o mau uso dos mesmos (o gasto de mais de 1 bilhão e meio para construir um estádio de futebol no DF enquanto a maioria das escolas públicas não têm espaços adequados à prática de esportes, por exemplo).

com outro trabalho junto as agências de turismo, para que o pessoal de Brasília viesse consumir os nossos produtos. Era exatamente o artesanato, a comida e também os shows, os eventos culturais que teríamos. Na quarta reunião, que era pra dar forma às coisas, mas não era pra Feira acontecer ainda, pois faltava um levantamento com o pessoal do Sebrae, não nos convidaram mais pra participar. Alguns meses depois a Feira foi inaugurada e a gente não foi convidado pra nada, nem pra fazer parte da Feira!

Quero que minhas
filhas, meus filhos e
neta fiquem aqui.

A gente precisa trabalhar esse sentimento de pertencer, de se adonar da coisa, mas de uma forma que isso contribua para o desenvolvimento da localidade, não pra – “isso é patrimônio meu. Eu tenho isso aqui” –, assim a gente não consegue beneficiar a cidade. Percebo em Planaltina essa vocação pro turismo, essa vocação pra ser autossustentável. As pessoas não precisavam fazer dessa cidade uma cidade dormitório, como muita gente faz porque a gente tem tudo aqui. Em nenhum lugar você tem essa efervescência cultural como tem em Planaltina. Isso aqui é incrível! Planaltina só está precisando da gente somar forças, ter humildade de saber



Hortência, Karolina, Maria Clara, Márcia, César, Juliano e Omar, 2010

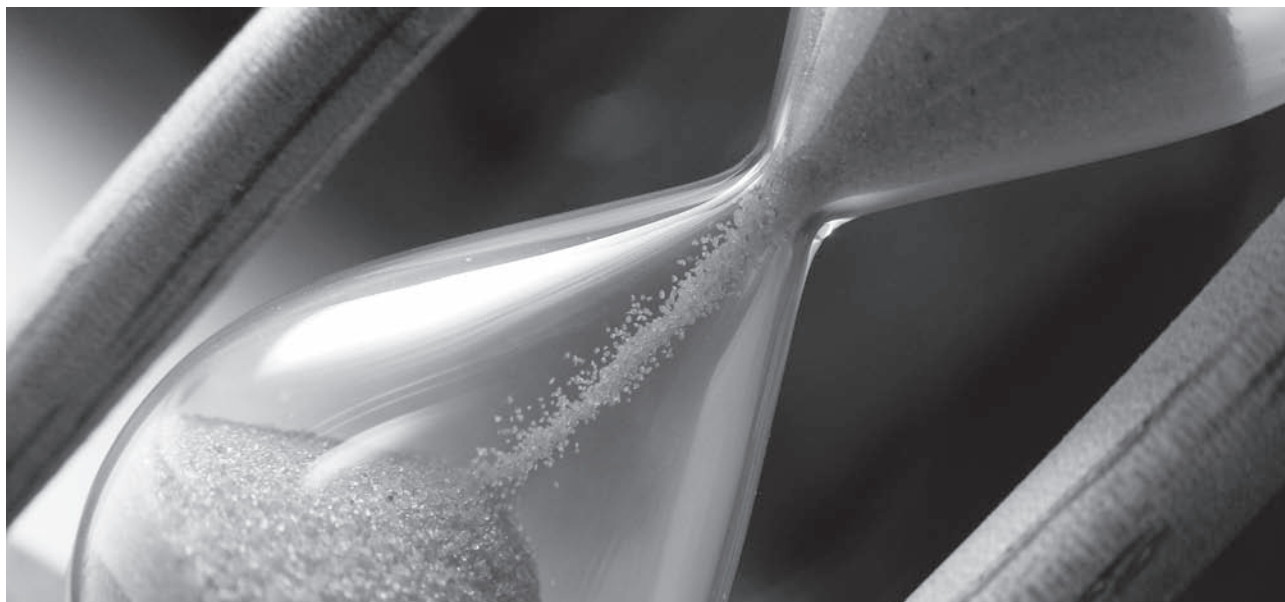
que sozinhos não vamos conseguir. Aqui tem tudo pra ser uma cidade de pessoas bem-sucedidas, inclusive materialmente. A pobreza e a falta de emprego existentes se deve também pela falta de um projeto de desenvolvimento local que seja construído de forma participativa, pra que a população se sinta corresponsável pela construção do seu próprio futuro, coisa que hoje, efetivamente não ocorre.

Sabe, muita gente que passa ou mora aqui, é completamente alheio ao Centro Histórico. Eu acho que é exatamente porque a gente não tem um eixo de valorização do que nós temos aqui. Eu acho que falta informação, falta divulgação e falta valorização. Eu entendo que é nossa responsabilidade lutar pra mudar isso. Eu lembro que uma vez, em Olinda, fui visitar uma igreja e chegou um monte de crianças de pré-escola. Aí a professora passou a contar a história da-

quela igreja. Já na escola a criança começa a valorizar o patrimônio histórico que ela tem. Aqui a gente não vê isso. Eu acho que é a globalização que faz isso: ela desacultura a pessoa e a pessoa começa a ter vergonha do que ela tem de fato. Tem gente que tem vergonha de dizer que mora em Planaltina, na Estância, no Vale do Amanhecer. Está faltando enraizamento. Falta esse entendimento, essa maturidade pra perceber que eu não preciso ser a mãe nem o pai do projeto, mas que eu preciso estar contribuindo ali de alguma forma. A gente se divide muito. Uns puxam *pr'um* lado, outros puxam *pr'outro*, sem entender qual seria o papel de cada um dentro desse processo.

Por incrível que pareça, confio muito que a gente vai conseguir! Não sei se sou muito sonhadora, mas eu acho que aqui a gente tem elementos muito fortes pra se estruturar enquanto cidade autônoma.

SEGUNDA GERAÇÃO



BARTOLOMEU,
filho de D. Dos Anjos
e pai de Letícia



Bartolomeu, Letícia e D. Dos Anjos

Não
medro
ilusões
por isso
é sempre
primavera
no meu jardim

CONTEXTO

73 – Lagoa de Cozinha



Regiane Araújo

Lagoa de Cozinha é um povoado do município de Dona Inês, na Paraíba, tendo São Francisco como padroeiro.

74 – Frutos do Cerrado

Os frutos do cerrado se destacam pelo sabor, aroma, cores e texturas e pelas propriedades benéficas à saúde. Consumidos ao natural, em sucos, geleias, licores, sorvetes e na culinária tradicional, ganha interesse das pesquisas gastronômicas e científicas. Destacam-se frutos como araticum, pequi, buriti, cagaita, jatobá, jenipapo, mangaba, cajuzinho e murici.



Pequi e araticum



Meu nome é Bartolomeu Araújo de Oliveira, nasci em Dona Inês, Paraíba, em 1964. O meu pai é Jaime Casado de Oliveira e minha mãe Maria dos Anjos Araújo de Oliveira. Sou comer-

ciante e me formei em Ciências Contábeis. Tenho cinco irmãos. Cinco homens e uma mulher. Casado com Maria Cilene Carvalho de Oliveira, tenho três filhos: Vinícius, Letícia e Vítor.

Vim para Brasília com cinco anos de idade. Lembranças, não tenho! Às vezes alguma coisa me vem à mente e parece sonho. Não tenho nem como dizer se é lembrança ou não. A única coisa que acredito que sejam lembranças dessa época, parece que estou andando em um caminho de terra... Acho que na viagem também vi luzes, tipo chegando na cidade grande.

Só voltei à Paraíba quando eu tinha quatorze anos. Cheguei a visitar alguns parentes no interior e fiz alguns percursos em Lagoa de Cozinha⁷³, o povoado que a gente morava na Paraíba. As minhas impressões estão relacionadas aos aspectos familiares: à casa dos parentes, o interior. É basicamente isso. Depois dessa viagem não voltei mais.

No Nordeste, os meus pais trabalhavam na agricultura e aqui meu pai começou a trabalhar na construção civil. Nós viemos morar na Vila Vicentina, que é um setor de Planaltina. Morávamos de aluguel em uma residência muito simples. As brincadeiras eram basicamente na rua, às vezes no quintal. Lembro

dos pés de bananeiras, de sair à rua pra comprar balinhas na venda perto de casa.

Depois de um certo período, minha mãe descobriu um programa habitacional e conseguiu a aquisição de um terreno na quadra 4 da Vila Buritis. Meus avós e tios também receberam lotes, construíram as suas casas e saíram do aluguel. Construíram de forma comunitária. Casas simples, construídas de adobe feito em fôrmas, pela gente mesmo. Cavava o chão, amassava com os pés, misturava a terra, colocava na forma e fazia o tijolo de barro. Meu pai me trouxe pra ajudar na construção da casa nesse terreno em que estamos agora. Me lembro do cheiro característico da colocação da alvenaria. Quando a gente é criança pega mais fácil o cheiro das coisas. Até hoje, em local que tem construção, lembro um pouco da minha infância.

Naquela época as crianças tinham muita liberdade, não eram “presas”, igual hoje. Não tinha esses instrumentos de informação, informática, computadores. As portas eram abertas e praticamente não havia portão. Tinha muro, mas não se pensava tanto em segurança. Os pais da gente não tinham muita preocupação, a gente ia pro colégio, voltava, saía, ia brincar na rua. Não tinha asfalto e tinha carência de água. Havia chafariz pra abastecer as casas. Tinha um ponto de água na rua ao lado de casa. Geralmente o pessoal usava um tambor ligado por uma mangueira pra enchê-lo. Me lembro dos morros de cascalho que colocaram nas pistas pra fazer a pavimentação. Aí a gente brincava, subia, descia e corria. Eram as brincadeiras. Graças

Arquivo de família



Construção do Armarinho Buritis

a Deus foi um tempo muito bom, de muita liberdade. Brincávamos de pião, finca, biloca, futebol. Aqui tinham alguns córregos – hoje talvez já não existam mais –, nós íamos pra lá, tomávamos banho. A galera toda saía do colégio e ia se divertir no meio do mato. Pegávamos frutas do cerrado: pequi, jatobá, araticum, cagaita, cajuzinho do cerrado, murici e maçazinha que era uma frutinha avermelhada e bem pequena⁷⁴. Dependendo da época, tinham outras. Caçávamos passarinho, hoje não pode mais, mas era o que a gente fazia. Vinha do Nordeste e tinha essa cultura. Tínhamos um cerrado preservado e a gente brincava muito nesse cerrado. A gente também pescava lambari.



Cagaita



Mangaba

O desmatamento indiscriminado do cerrado, o uso abusivo de agrotóxicos, a monocultura, o crescimento da malha urbana e a ignorância sobre a importância desse bioma, põem em risco a sua biodiversidade. A flora nativa, ainda pouco conhecida pela população, corre o risco de desaparecer. A preservação do bioma envolve a todos(as) por meio de ações educativas, de valorização e do exercício de cidadania junto ao Poder Público.

Nas festas juninas, a gente ia no cerrado e trazia madeira pra fazer a fogueira. Trazia rolando, trazia puxando, às vezes em carrinho de mão. Naquela época, tinha essa tradição. Hoje não existe mais, está tudo asfaltado e perdeu um pouco disso. A gente fazia a fogueira aqui em frente de casa. Juntava os irmãos, Paulinho, Edísio, Marcelo e Flávio e trazíamos lenha nas costas, mesmo.

Comecei a estudar com oito anos, numa escola na Casa Paroquial⁷⁵ no setor Tradicional. Foi difícil porque eu vinha de uma região de interior, era tímido e não tinha convívio escolar. Era uma escola com muitos alunos. A timidez me prejudicou, tive dificuldade de me adaptar. A escola era muito rígida, os professores não tinham talvez, um maior preparo. Lembro bem do ambiente, do telhado colonial, do quadro verde de giz, das carteiras. Um ambiente simples, mas agitado: aquela garotada, o lanche na sala de aula, as brincadeiras de colégio. Tinha festa junina. Naturalmente as amizades foram sendo formadas, algumas eram de vizinhos. Nessa época já morávamos na Vila Buritis e a escola era distante, mas o percurso até lá nos parecia uma coisa normal. A gente sempre ia de grupinhos: dois, três. O trajeto era feito a pé. Às vezes, quando saíamos da escola íamos colher frutas. Havia pés de manga em Planaltina e na praça tinha aquela fruta azeda, o jenipapo. Depois, dava uma fugidinha pra algum córrego. E ia levando a vida. Carro era difícil, até pra ter uma bicicleta tinha dificuldade em adquirir. Não tive esse privilégio pra ir à escola, não. Porque naquela época ter uma bicicleta era um privilégio. O meu

pai era pedreiro, a minha mãe trabalhava em casa. Éramos pobres. Cheguei a ir com ela lavar roupa no córrego, porque não havia água encanada. Depois meu pai conseguiu

Havia pés de manga em Planaltina e na praça tinha aquela fruta azeda, o jenipapo.

montar o comércio e as coisas começaram a fluir, melhorar. O espaço entre a Vila Buritis e o Setor Tradicional era aberto, não havia as construções de hoje: a feira, a biblioteca, os colégios, não tinha nada, só o cerrado.

Construíram a Escola Classe 04 aqui perto e passei a estudar nela, mas mantive contatos com muitos amigos da outra escola e até hoje mantenho algumas amizades. Muitos deles moravam e ainda moram aqui perto. Então a gente consegue manter esse vínculo. Nós frequentávamos as casas uns dos outros, íamos estudar juntos e depois brincar, soltar pipas.

Nessa época eu cheguei a vender limão e ovos na rua. Meus tios tinham um supermercado e forneciam os ovos. A gente pegava e saía vendendo. Às vezes ia com um primo ou com outros meninos. Entregava feira e compras em uma bicicleta cargueira. Com uns 12 anos eu tinha uma caixa de engraxate e cheguei a ir engraxar no Plano Piloto. Fomos

de ônibus engraxar sapatos, beleza! Foi como conheci Brasília. Era uma época de muita construção. Me lembro vagamente de um canteiro de obras com muita gente. Quando as pessoas estavam ocupadas, esperávamos a hora da folga e engraxávamos lá mesmo no acampamento. Aproveitava pra ver Brasília e ganhar um dinheirinho. Eu não lembro se eu cheguei a ir com meu pai, ou se foi com algum conhecido. Acho que foram poucas vezes no Plano Piloto, trabalhávamos em Planaltina mesmo.

Quando acontecia da gente ter problemas de saúde, minha mãe já procurava um hospital. Às vezes acordava de madrugada e ia ao médico quantas vezes fossem necessárias. Me lembro quando tive caxumba. Eu devia ter uns oitos anos. Fiquei acamado, só vendo a vida através dos barulhos aqui e ali. Minha mãe nos levava ao posto de saúde que havia no Setor Tradicional, ao lado da Casa Paroquial e ao hospital de Sobradinho. Geralmente fazia chá de laranja, erva doce... Esses chazinhos assim. Ela se preocupava muito com a comida quando a gente estava com algum problema de saúde, fazia um caldo... Graças a Deus, sempre foi uma pessoa muito dedicada à família, sempre teve uma vida de preocupação, principalmente nesse aspecto da saúde.

Quando eu estava com sete anos meu tio e meu pai montaram um comércio de sociedade aqui no lote. Com o tempo a sociedade foi desfeita e papai assumiu o armazinho sozinho. De mês em mês ele ia a São Paulo fazer as compras no Brás. Meu pai trazia mercadorias pra presentes. Lembro bem, porque eu ajudava a vender. Eram canequinhas, biscuit,



Jenipapo

Nota: fato ou ficção?

Sobre o Jenipapeiro da Pracinha do Museu circula uma conversa entre os moradores: antes da construção da cadeia pública, na falta de local mais apropriado, os presos eram amarrados ali mesmo, no Jenipapeiro! Fato ou ficção? Uma coisa porém podemos afirmar sobre essa árvore: atualmente os seus frutos são utilizados pela Associação dos Amigos do Centro Histórico de Planaltina para feitura de um delicioso licor.

75 – Escola Paroquial

O Centro de Ensino Fundamental 02, criado em 1937, em princípio funcionava na Casa Paroquial, no setor Tradicional de Planaltina. Daí o porquê de como é conhecido até hoje. Tempos depois foi transferida para a Avenida São Paulo, onde funciona até hoje.

elefantinhos, cachorros e vários bichos em louça. Quando a transportadora chegava, eu tinha uma curiosidade enorme! Abria as caixas e via às novidades. Acho que os clientes tinham a mesma curiosidade: chegavam as novidades e eles apareciam. Quando adolescente cheguei a viajar com meu pai pra São Paulo. Acho que foi assim que desenvolvi um vínculo com o comércio. Hoje sou comerciante e acho que essa vivência foi meu pai que me influenciou.

A mudança é lenta, mas é visível depois de certo período. Na minha fase de adolescência ainda existia liberdade, uma certa segurança. Nessa época a gente podia ir a uma festa sem ser convidado, chegava lá e as portas estavam abertas. Parece que o pessoal convidava todo mundo mesmo: “Hoje a festa é aqui!” Então a gente ia pra lá, entrava e nem sabia quem eram as pessoas da casa, mas o pessoal recebia, todo mundo dançando aquelas músicas bem coladinhas, românticas, né? Dali ia pra outra casa, onde tinha outra festa...

Uma vez ou outra, na minha adolescência, ainda íamos pros córregos. Mantive esse gosto pela natureza. Quando quero me divertir vou pra uma região mais primitiva. Uma região que tenha rio. Eu gosto de pescar. Nessas pescarias a gente volta pras origens. Ali você fica em contato com a natureza: o verde, a água, os bichos, os pássaros. Realmente é muito bom!

Até uns dezesseis anos o meu contato com o Plano Piloto era pouco. Depois que terminei o segundo grau no Centro Educacional 01 de Planaltina (Centrão), fui fazer cursinho. Era difícil fazer cursinho no Plano Piloto, mas era também um privilégio. Eu estu-

dava em Brasília, né? Nem todos podiam fazer isso, então eu fazia esse percurso satisfeito. Todos os dias saía cedo, chegava às duas horas da tarde em casa. Eu tinha uns dezoito anos. Naquela época era mais fechado o acesso à universidade. Eram poucos os que tinham condições de passar na UnB. Vejo que com a vinda da Universidade de Brasília para Planaltina⁷⁶ facilitou bastante pra quem quer estudar, apesar de que ainda faltam alguns cursos.

Tinham as faculdades particulares, mas era difícil pagar um curso. Mesmo assim, meus pais conseguiram que a gente fizesse um curso universitário, mas não havia muita opção. Como eu havia começado a trabalhar na área de comércio, percebi que Ciências Contábeis iria contribuir melhor pra minha formação. Nesse tempo as amizades ficaram mais difíceis, porque na faculdade existia um distanciamento entre as pessoas, a forma de organização era diferente. No Ensino Médio tem aquelas turmas formadas. Então, começa e termina o ano com aqueles mesmos alunos. Já na faculdade a coisa é mais complicada, porque você faz a matéria em uma sala, vai pra outra sala ver outra matéria. O dia a dia é muito corrido, você trabalha, então fica mais difícil fazer amizade.

Eu trabalhava no ministério do Exército e fazia faculdade, aí meus pais contribuíram

Acervo de família



Cilene, Bartolomeu, Vítor, Vinícius e Letícia

pra que eu e Marcelo, meu irmão, montássemos uma loja de roupas no lote onde já havia o armário deles. Isso aconteceu em 1986. Conseguimos junto ao Sebrae um financiamento destinado às microempresas com juros mais em conta. No comércio você está em constante relação com muitas pessoas de todos os níveis sociais e culturais. A partir do momento que se consegue conversar e manter um nível de respeito com essas pessoas há um desenvolvimento muito grande. Nessas relações do dia a dia você vai agregando algumas coisas à sua própria formação. Acho que o comércio trás tudo isso. Todos nós almejamos nos desenvolver, ter uma atividade que nos dê orgulho, mas que ao mesmo tempo a gente possa aprender e sentir o reconhecimento pelo que fazemos.

Conheci a minha esposa Maria Cilene em uma festa muito boa: as bodas de ouro da minha avó Mariana e meu avô Berto! A

76 – FUP – Faculdade UnB Planaltina

A FUP se situa na Vila Nossa Senhora de Fátima e foi criada em 2006, como ação estratégica de expansão da Universidade de Brasília. Visa a democratização do Ensino Superior gratuito e de qualidade, e contribuir com a formação de homens e mulheres comprometidos com a ética e com a transformação social.

A FUP atua junto às comunidades de Planaltina, Sobradinho, Brazlândia, Sobradinho II, Formosa, Buritis, Cabeceiras, Planaltina de Goiás, Vila Boa e Água Fria de Goiás, promovendo parcerias em projetos e iniciativas que investem na construção do conhecimento, em eventos artístico-culturais e na melhoria da qualidade de vida da população.

Comunidade e universidade devem aproximar-se de modo que todos possam usufruir tanto das instalações físicas quanto, especialmente, das possibilidades de conhecer, dialogar e intervir no mundo, papéis que a universidade assume como agente de formação, mediação e interlocução entre os diferentes agentes da sociedade.



Nota: Urge que a população se mobilize para discutir e reivindicar a criação/implantação de cursos do seu interesse, já que para a implantação dos existentes não houve qualquer tipo de consulta popular.

festa foi no subsolo da Igreja Matriz, no Setor Tradicional. Nos conhecíamos de vista e na festa tivemos a oportunidade de conversar. Fomos nos encontrando outras vezes e hoje estamos casados. Fomos morar na quadra 02 da Vila Buritis. Minha esposa deixou o emprego que tinha pra vir me ajudar no comércio. Nosso primeiro filho foi o Vinícius. Quando a Letícia e o Vítor nasceram já estávamos mais estruturados. Acredito que eduquei bem os meus filhos. Sempre procurei sempre dar o melhor. Pra mim a educação é tudo, então sempre me empenhei para que eles tivessem acesso à informação e ao estudo.

Trabalhei com meu irmão Marcelo durante um bom tempo, onde tive oportunidade de aprender muito com ele, pois é uma pessoa inteligente e de ótimo relacionamento com as pessoas. Depois dividimos a sociedade. Continuei no ramo de confecção e ele montou uma agropecuária. Graças a Deus, a relação de irmãos e sócios funcionou bem. Hoje estamos aí, firmes e fortes!

Acredito em Deus, mas tenho minha forma própria de lidar com essa fé. Não tive o costume de frequentar festas religiosas. Ia à igreja pra batizar e casar. Quando criança tinha um vínculo maior, porque meus avôs maternos eram muito religiosos, então tinha o hábito de frequentar a Santa Rita que fica pertinho de casa.

Não tenho um envolvimento mais direto nas questões políticas e administrativas da cidade. O meu envolvimento é no dia a dia como cidadão. Procuro sempre agir de uma maneira que possa melhorar as coisas,

o local onde eu moro, as pessoas que estão ao meu redor, e politicamente procuro também, expressar isso na hora que eu vou escolher meus candidatos pros cargos políticos.

As condições de vida poderiam ser melhores na cidade, se os administradores públicos tivessem uma visão voltada para os mais necessitados. Utilizar a verba pública pra facilitar a vida das pessoas. Melhorar o saneamento da periferia, a segurança, a educação, o transporte, a moradia e a saúde. Essas deveriam ser a prioridades de quem está exercendo o papel da administração, do governo.

Moro e trabalho em Planaltina. As minhas raízes estão aqui. Não tem como ser diferente. A gente conhece as pessoas e começa a fazer parte da cidade. Vim para cá aos cinco anos, hoje estou com quarenta e oito. A minha ligação com a Vila Buritis é forte, vi o bairro surgir e acompanhei seu crescimento. Trabalho no comércio e estabeleço vínculos com as pessoas. O comércio sobrevive desse relacionamento com as pessoas. Então, as raízes são fortes mesmo. Quando olho pro passado e vejo que hoje tenho um comércio que sustenta a minha família isso pra mim é uma satisfação. A gente passa por momentos difíceis na vida e vai vencendo. Em alguns momentos a gente pensa que não vai dar certo, mas com persistência e com o apoio da família, dos amigos... Olhando essa trajetória fico feliz e ao mesmo tempo me sinto incentivado a olhar pra frente.

Planaltina pra mim são as pessoas, as pessoas é que fazem Planaltina. As coisas dependem primeiro de uma ideia, de acreditar nas coisas boas, de transformar, de cada um

Arquivo de família

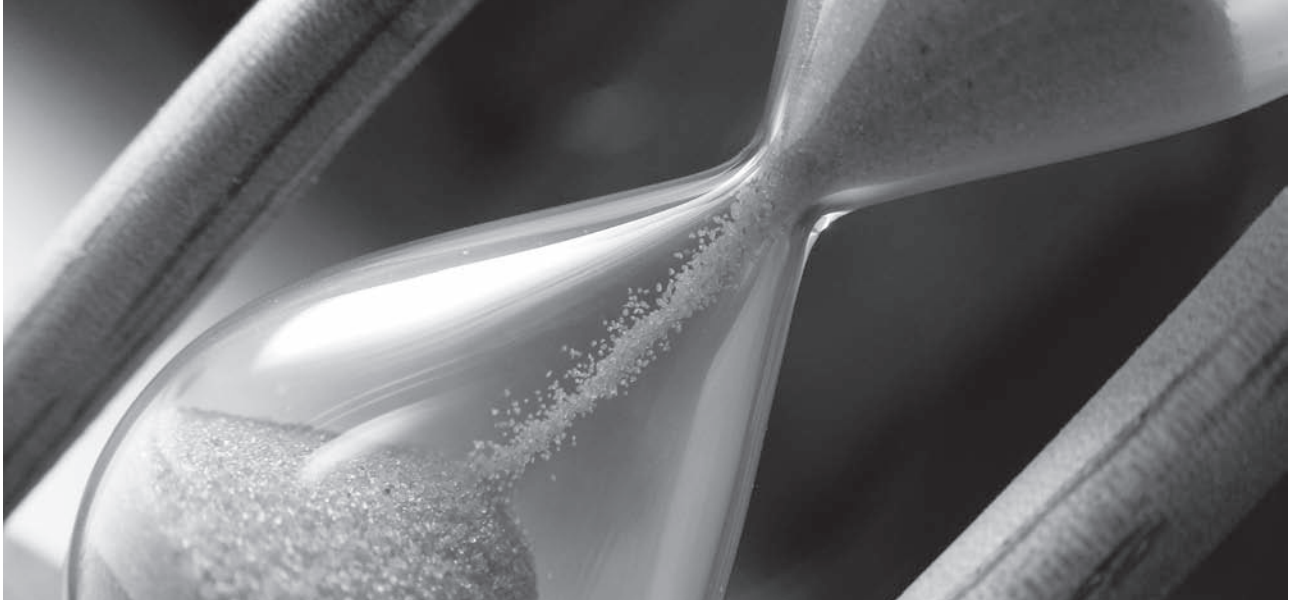


Bartolomeu e família, 2011

procurar fazer o seu melhor. Planaltina é um bom local pras pessoas morarem, pra construírem suas vidas. Não me vejo morando fora de Planaltina, minhas raízes aqui são profundas, mas ao mesmo tempo eu não me sinto preso aqui, eu me sinto parte da cidade. Acho um bom lugar pros meus filhos crescerem, se desenvolverem e criarem o seu mundo.

Falar sobre a minha vida foi fazer uma viagem no tempo e voltar à minha infância. Para mim foi um exercício de reviver uma vida, 48 anos no tempo...

SEGUNDA GERAÇÃO



LEILA,
filha de D. Maria
e mãe de Brandon



D. Maria, Leila e Brandon

Chega uma hora em que as despedidas
se tornam por demais pesadas.
Chega uma hora em que só se quer voltar
a cantar e a dançar ciranda
... mas o tempo não retroage.
Sequer detém sua marcha.

Diminuímos o passo.
Abandonamos o corre-corre
pra não chegar a lugar nenhum.

Ouvimos o murmúrio do vento,
quase um chamado.
Um ônibus se aproxima... hora de voltar.

CONTEXTO

77 – Escola: para quê?

Segundo as narrativas desse livro, ao pensar na Escola recordamos das primeiras amizades construídas fora do círculo familiar e de vizinhança. Ao pensar na Escola recordamos de brincadeiras que ajudaram no processo de aprendizado e socialização, as primeiras lutas por direitos básicos de cidadania, assim como o local onde aprendemos a ler, a escrever e a fazer contas...



Regiane Araújo

“Pintando o cerrado com as cores de Romero Britto”. Sala de Recursos de Altas Habilidades, CEF 04

Se por um lado a Escola representa um anseio e uma oportunidade para ampliar a visão de mundo e melhorar o padrão de vida de quem a busca, por um outro lado, quando mera reprodutora de conhecimento e subordinada às demandas mercantis, revela-se como mais um instrumento de poder a serviço das estruturas socioeconômicas e políticas estabelecidas – nesse caso, eliminando quaisquer possibilidades de transformação da sociedade –, pois o modelo de Educação assim ministrado



Meu nome é Leila Matos Gomes, nasci dia 9 de agosto de 1973, em Brasília.

A primeira lembrança da minha infância é na casa do meu avô, aqui em

Planaltina. Acho que devia ter uns três, quatro anos. Lembro que eu já estudava⁷⁷. Ia pra uma escola que tinham me colocado com meu irmão. Lembro que era num barracão. Tinha uma professora que ficava cantando. Ela juntava umas moedinhas e aí perguntava se eu tinha trazido um dinheiro pra poder ajudar a comprar o lanche, que era pão de queijo. Na sala de aula era só brincadeira mesmo. Era no Prezinho. Lembro pouca coisa: de ir pra escola, que era um pouquinho longe. Acho que era ali pelo Centrão, Centrinho. Lembro do colégio, das festas que tinha. Não lembro direito da festa, só sei que eu era uma índia. Fui vestida de índia. Minha mãe me vestiu um dia antes! Fui de índia pra escola e não era o dia da festa! Voltei de índia, de novo! Da professora eu lembro porque tem foto dela de quando eu estudava no Centrão ou no Centrinho. Lembro dela pela foto. Mas o nome dela eu já não lembro. Lá no Centrinho fiz muita brincadeira. A escola tinha uma parte de brinquedo, sabe? Tinha uma parte cheia de brinquedo, tinha muita massinha, tinha muito joguinho. Lembro também de uns caras cavando uma fossa: que a fossa anterior tinha enchido. Até sonhava com isso, que eu caía dentro daquela fossa, que era muito, muito funda! Meu tio falava

pra gente não se aproximar dali, que podia cair. Então eu sempre sonhava caindo naquele buraco. O banheiro era do lado de fora... que medo de cair na fossa! Também lembro quando começaram a colocar esgoto, pra fazer o asfalto entre a quadra 5 e a quadra 4. Pouca coisa, mas eu lembro dos tratores colocando aquelas manilhas gigantes. Eu nunca tinha visto um trator! Disso daí eu lembro. Na quadra 2, quando eu era pequena, não tinha muita amizade, minha mãe não gostava que a gente andasse assim, na rua, então a gente ficava mais dentro de casa, eu e meus irmãos. Se divertia em casa mesmo.

Quando a gente era pequena e ficava doente minha mãe fazia uns chás. Meu Pai também sabia fazer chá. Meu Deus do Céu, o chá do meu pai era pior do que o da minha mãe! Porque ele colocava muita... acho que era sucupira. Ele esmagava no algodão. Que negócio ruim! Acho que esse chá com sucupira era pra garganta. *Amaaaargo!* E quando ele fazia chá era muito forte. Só sei que ele botava todos os temperos da cozinha: tinha alho, tinha.... sei lá, tinha muita coisa naquele chá, não lembro direito, mas resolvia! Minha mãe adoçava, era um chazinho mais *light*. Ah, minha mãe tinha uma tal de banha de galinha, que ela esquentava numa colher e dava. Era bom, melhorava. Depois que tive filho quando ele adoecia eu levava pra minha mãe dar uma olhada. Como sempre morei próximo da minha mãe, nunca me afastei dela, ia lá e... tome banha de galinha!

No Gama eu me lembro: lá, a gente morou em dois lugares. Na primeira casa era um barraco grande, aí a gente se divertia, brin-

Arquivo de família



Alexandra, Raquel, Leila, Leonio, José Reinaldo (pai)

cava bastante, tinha uma escola, não lembro qual era o nome da escola. Mas a gente já tinha uma amizade, meu irmão estava maior, então a minha mãe às vezes saía, deixava a gente com meu pai, aí meu pai liberava. Aí a gente brincava, fazia casinha, cabaninha, era uma festa dentro de casa! Acho que isso foi no Gama Oeste, não sei. Depois a gente foi para o Gama Leste. Tinha um quintal muito grande, a casa era grande. Era bonita, sabe? A gente já fazia brincadeiras com o pessoal... era pouco distante, eles iam lá pra nossa casa

contribui para moldar as pessoas para que aceitem as injustiças sociais existentes, estimula o espírito de competição e o consumismo, e em última instância, termina por inviabilizar a nossa própria existência no planeta.

O momento em que o Brasil ficou mais próximo de deixar de ser o “país do futuro” e se tornar a “nação do presente” foi abortado com o Golpe de 1964, período em que estava em curso a maior revolução educacional que já tivemos, onde:

1) a erradicação do analfabetismo, sob a ótica de Paulo Freire, avançava pelo país; 2) tendo como relator Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro como ministro da Educação, em 1962 foi criado o Fundo Nacional de Educação, que previu e aplicou 12% da receita de impostos da União nesse setor.

Observação:

Vinte e um anos de retrocesso com o Golpe de 1964. De lá para cá governos civis totalizam 28 anos. Mudam governantes e formas de governo e o “salto” de qualidade na Educação não saiu do discurso: em 2013 o orçamento anual para a Educação não chegou a 4%!

Educadores brasileiros por eles mesmos



Anísio Teixeira
(12/07/1900, Caetité, BA - 11/03/1971, Rio de Janeiro)

“Só existirá Democracia no Brasil no dia em que se montar a máquina que prepara as democracias. Essa máquina é a da Escola Pública.”

e a gente brincava. Tinha brincadeira também na rua. Era tranquilo. No quintal tinha muita manga, goiaba, amora. Mamãe frequentava o Vale do Amanhecer em Planaltina. Às vezes ela trazia a gente, mas como terminava tarde e não tinha condução, então ela preferia deixar a gente em casa com meu pai. Mas quando a gente vinha, nossa! Era uma viagem, era longe demais! Em Planaltina fiz o Prezinho, no Gama a primeira série. Estava na primeira série, estava aprendendo a ler e a escrever. A gente via muito desenho. Não

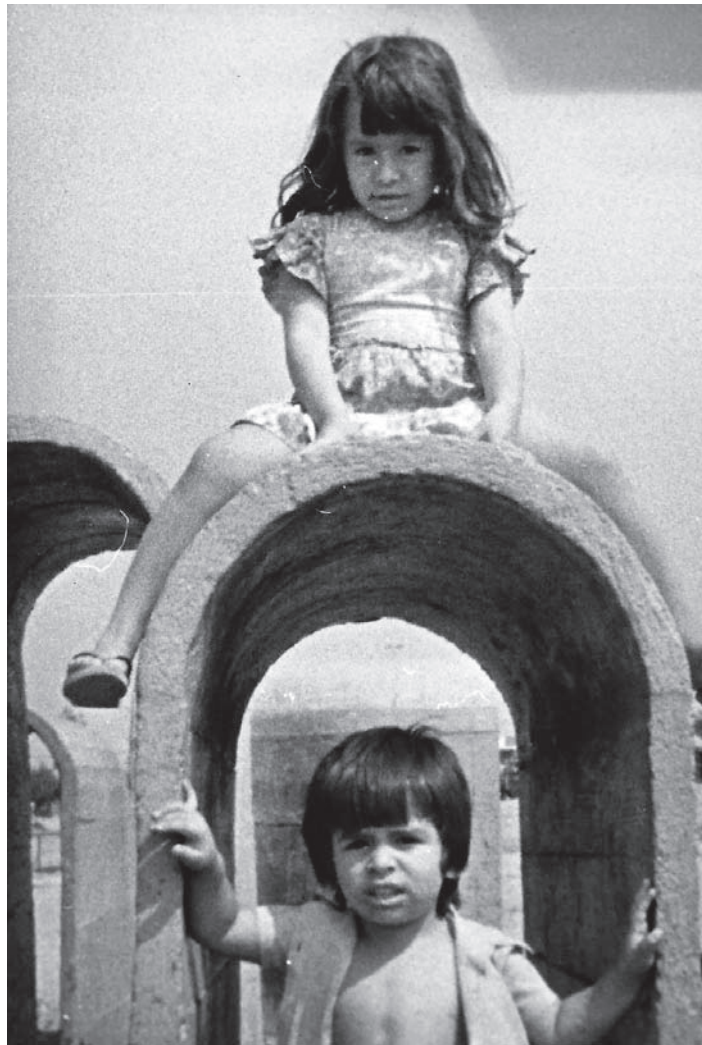
A gente brincava de escolinha, eu era professora, ensinava os irmãos menores.

lembro quais os programas infantis⁷⁸ que tinha, mas eu lembro de assistir muito desenho. Chegava da escola, acho que eu estudava de manhã. Quando chegava a tarde ficava em casa, vendo desenho mesmo. O lugar onde a gente morava era um lote e havia várias pessoas que moravam nesse lote. E tinha uma cisterna também, que eu tinha medo de cair! Acho que os vizinhos não tinham televisão, pois eles vinham assistir televisão na nossa casa. E a gente ficava até chateado porque a gente assistia o que eles queriam, não o que a gente queria. Aí a gente ficava meio frustra-

do, né? Mas era bem legal. A gente brincava com os vizinhos, meninas, crianças e tal, não era muitos amigos, mas era assim, pique-esconde... Lembro também de uma casa maior e sozinha, que tinha um quintal bem grande, onde a gente tinha muito brinquedo. A gente tinha uns sacões, cheios de brinquedos! Mas aí... não sei direito o que aconteceu, uns meninos fugiram, acho que foi do CAJE, não sei... só sei que entraram no quintal e roubaram os sacos de brinquedos, roubaram bicicleta, roubaram tudo que tinha. E a gente ficou meio triste, né? Sem brinquedo. Pegaram os brinquedos *tudo* da gente. Eu ia pro colégio de manhã e de tarde. Como eu tinha bicicleta, levava minha irmã menor pra escola. Aí voltava pra casa e esperava a hora de buscar ela. Às vezes brincava, ou então ia fazer dever, ou ficava vendo televisão. Só final de semana que a gente juntava a turma pra brincar. Eu devia ter, deixa eu ver... uns oito, nove anos, isso, no Gama. Não lembro quanto tempo fiquei lá.

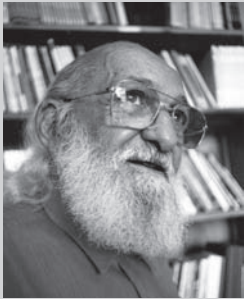
Depois a gente voltou pra quadra 2, na Vila Buritis, em Planaltina. Na mesma rua, mas uma casa acima. Tinha um vizinho com muitos filhos. Então a gente fez amizade com eles. A gente brincava de escolinha, eu era professora, ensinava os irmãos menores. A gente brincava na rua. Quando chovia então?! Porque lá na quadra 2 tinha umas descidas e aquelas enxurradas de água... e a mãe não estava em casa... aí a gente ia na chuva, brincava na enxurrada. Quando mamãe chegava ela sabia porque tinha uma vizinha que não gostava das nossas brincadeiras e contava tudo o que a gente tinha aprontado. Era

Arquivo de família



Leila e Leonio, entrequadras 3/4, Vila Buritis, 1978

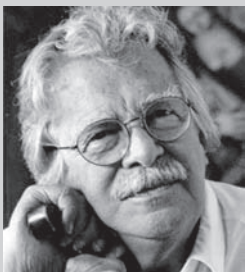
bem divertido! Depois de adulta cheguei a procurar pelas crianças daquela época... todo mundo grande! Mas hoje em dia não tenho mais contato, não. Os laços vão se quebrando. Naquele tempo estudava na Escola Paraná. Isso é: acho que era a Paraná, ali entre a quadra 1 e a 2. Eu gostava de lá. Estava na quarta série. Da escola, das coisas da escola, eu não me lembro muito. Lembro mais das brincadeiras que eu tinha na rua! Lembro



Paulo Freire
(19/09/1921, Recife-PE -
02/05/1997, SP)

“Não é possível refazer este país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo

a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda.”



Darcy Ribeiro
(26/10/1922, MG,
17/02/1997, Brasília)

“Fracassei em tudo o que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui.

Tentei fazer uma universidade séria e fracasei. Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracasei. Mas os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu.”

78 – Programas Infantis na TV

Cenários coloridos repletos de marcas e produtos. Apresentadoras vestidas como crianças – falando numa linguagem tatibitete. Intervalos preenchidos pelo mantra: – Compre, compre, compre! Como dissociar tais apresentadoras das marcas e dos produtos espalhados pelo cenário?! Por muito tempo esse foi o retrato da maioria da programação de TV direcionada ao público infantil, isso sem contar a salada de desenhos importados - para a felicidade dos estúdios estrangeiros!

que uma vez o pessoal organizou um desfile das meninas lá da nossa rua. Aí me convidaram. Eu estava até brincando e me convidaram pra fazer parte desse desfile. Era na casa de uma moça que não recordo o nome. Lembro a gente organizando esse desfile, eu não lembro se o meu irmão foi, eu não lembro disso, só lembro do desfile. E a gente achava que tinha marmelada, pois quem ganhou em primeiro lugar foi a dona da casa! E eu acabei ficando em terceiro lugar. Mas foi bem legal. Quando chegava da escola ia ensaiar o desfile. Aí tinha roupa de praia, tinha roupa de noite e uma roupa regional. Não sei se era de região ou se era do tipo... é, eu não sei direito. Só lembro que tinha uma vestida de tenista, outra vestida de índio. Foi legal. Acabei ganhando no terceiro lugar um jogo de panelinhas, que vinha com as tampinhas assim, coloridinhas. Ganhei uma e achei bom!

Aí a gente mudou aqui pro Vale do Amanhecer. Eu estava com 12 pra 13 anos. Foi muito estranho. Minha mãe fez a matrícula naquela escola lá de baixo, que era de latão. Nossa, como era quente! E estudamos lá. Eu e meu irmão. Acho que reprovei. Ah! lembrei agora: quando cheguei aqui, eu ainda estava estudando na Paraná! Então eu pegava ônibus. E eu não sabia como pegar ônibus! Eu nunca tinha andado sozinha. Então eu perdia o ônibus, ficava na rodoviária chorando, achando que nunca mais iria conseguir voltar pra casa. Aí conseguia pegar o ônibus, voltava. Finalmente, quando minha mãe colocou a gente pra estudar aqui, eu adorei, pois não precisaria ir mais pra Planaltina sozinha, que eu achava muito longe. Aí, eu achei mui-

to estranho, pois não tinha luz, não tinha a televisão que a gente gostava de assistir, mas também não ficou muito tempo sem luz, não. Não tinha muitas casas... então nossas amizades era mais com o pessoal da escola. Não lembro de brincadeiras na rua, assim pelo fato de estar sem luz. Eu lembro de ir descendo pro Templo, juntamente com minha mãe e outras mães com seus filhos. Naquela época, quando chegamos aqui no Vale, a maioria das pessoas fazia parte da Doutrina. Hoje em dia não, são pessoas de várias religiões que moram aqui. Antes era bem melhor.

Minha mãe chegou a fazer parte da cozinha do orfanato fundado por Tia Neiva. Como deixavam quem trabalhasse lá levar alimentação pra casa, ou eu ou meu irmão íamos lá pra pegar. Cheguei a estudar e a ter amizade com algumas pessoas de lá. Então quando eu ia conversava com o pessoal do orfanato que estudava comigo. Eu achava meio estranho ter uma casa mesmo e eles não. Eu tinha uma amiga que foi me mostrar onde ela morava no orfanato. Ela me mostrou o quarto. Era um monte de cama, mas tudo organizado! Eles já levantavam e organizavam. Era um quarto bem grande, cheio de ursinhos, de brinquedinhos. Além do quarto me mostrou o banheiro. Não tinha porta, então tomavam banho todo mundo vendo. Isso eu achei estranho. E tinha um local onde assistiam televisão. Às vezes eu até sentia pena dela não ter um pai ou uma mãe. Mas ela parecia ser feliz, no lugar onde estava. Não sei se ela gostava, qual era o sentimento dela, mas era bem organizadinho lá. Eu gostava, mas nunca cheguei a fazer a refeição junto com eles. Eu sempre pegava a

Acervo de família



Leonio, D. Maria e Leila, 1978

minha comida e levava pra casa. Com o passar do tempo perdi o contato com esse pessoal. Tem amizade que fiz desde a primeira vez que morei no Vale e que até hoje se mantém. A gente conseguiu continuar a amizade, mes-



Para sorte da criançada, até há pouco tempo, ainda era possível apreciar programas de alto nível como “A Turma do Lambe-lambe”, com Daniel Azulay, o “Canta Conto”, com Bia Bedran, o “Sítio do Pica Pau Amarelo”, adaptação da obra de Monteiro Lobato...



Daniel Azulay e Bia Bedran

Dentre os programas educativos que tiveram maior projeção na TV brasileira destacamos:

- 1) “Vila Sésamo” - uma adaptação estadunidense com uma proposta pedagógica ancorada num longo trabalho de pesquisa. O problema é que não contemplava a diversidade cultural nem do próprio país de origem, quanto mais dos outros países onde era exibido! De todo modo apresentava uma qualidade bem superior aos demais programas educativos da época;
- 2) “Rá Tim Bum” - influenciado pela linguagem do programa “Vila Sésamo”, criou uma estética rica e experimentalista, ao mesmo tempo que propiciou uma identificação com as culturas locais, posto que produzido e apresentado por brasileiros.

mo depois que fui pro Rio de Janeiro e passei a minha adolescência lá. Porque consegui vir duas ou três aqui e assim mantivemos os laços de amizade. Porque mesmo passando dez anos no Rio, nunca gostei de lá. Mesmo aqui não tendo uma infraestrutura igual lá, uma cidade grande, eu não gostava de lá, eu via uma violência que aqui não tinha. Eu vi coisa que eu não estava acostumada a ver. Era muito diferente da vida que eu levava aqui. Mas igual o que eles falavam: pra eles a gente era meio roceiro, era “paraíba”, mas eu preferia ser do meu jeito. Quando cheguei no Rio de Janeiro fiquei meio *desenturmada* pelo meu jeito de falar, meu jeito de andar, meu jeito de vestir. E carioca gosta muito de ficar zoando a gente, sabe? Tirando sarro. Eu que ainda não tinha feito amizade lá, me fechava mais. As minhas primas é que fizeram me soltar mais, me sentir melhor naquele ambiente. Aí fui descobrir a praia. Nossa, a praia era muito bom! E lá tinha cinema. Nunca tinha ido pro cinema porque aqui era longe. Então conheci cinema, conheci boate. Como é que era, como a gente falava o nome?! Ah, era matinê, né? Aí já tinha a matinê. Então já comecei a gostar do Rio pelo fato de estar adolescente e ter essa oportunidade de ir pra certos lugares que aqui não tinha como ir. Mesmo com tudo isso de bom, minha intenção era voltar. E nisso se passaram mais ou menos dez anos. Engravidei, tive meu primeiro filho. Aí é que eu não quis ficar lá mesmo, porque o lugar era muito violento, e meu filho era menino e eu tinha medo dele se envolver com drogas, virar um mau elemento. Quando minha mãe resolveu vir embora, eu achei melhor vir também,

pelo meu filho. Como gostei da minha infância aqui, eu achei que ele ia gostar também. Pensei que ele ia se sentir bem melhor, sem tanta violência que tem lá. Além disso, outras coisas também tinham influência: acho que pelas amizades, a Doutrina também... eu gostava daqui porque quando eu saí, eu já fazia parte da Doutrina. E lá era muito diferente. Eu não tinha as amizades que eu tinha aqui. Tive vínculos de amizade forte lá, que até hoje tenho, mas não era a mesma coisa: aquela coisa de infância, de crescer junto. Então minha intenção sempre foi a de voltar. Eu acho que lá é bom pra passear, visitar os tios e depois, voltar, que foi o que eu fiz!

Depois desses dez anos morando no Rio, voltamos pra Planaltina e fomos pro bairro Estância. Na Estância era difícil porque não tinha nada asfaltado. Quando não era lama era poeira. Coloquei meu filho Brandon numa escolinha particular. Ele não gostava de jeito nenhum! Chorava pra não ir. Ficou pouco tempo porque além de ser pequenininho pra colocar numa escolinha, ele chorava demais. Moramos lá um tempo, toda a família próxima de minha mãe. Casei novamente. Depois minha mãe e o restante da família foram embora pro Vale. Finalmente eu vim. E aqui estou. E aqui tive meu segundo filho, Brian Presley. Agora minha família está quase todinha aqui. Só falta minha irmã adotiva, que está morando em São Sebastião. Mas já tem uma casa aqui, e ano que vem já vai estar aqui! É a que mora mais distante, mas já, já, vai voltar pra cá também!

Aqui no Vale não tem uma infraestrutura como no Plano, Ceilândia, Taguatinga.

Arquivo de família

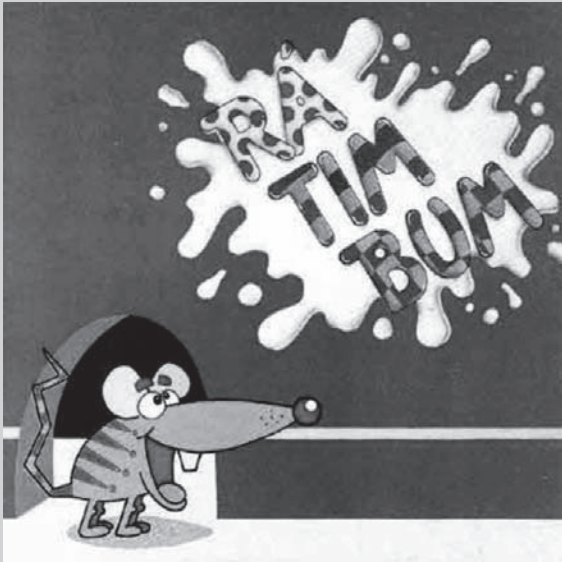


D. Maria, Leonio, Leila, Bruno, Leilane e Raquel, 1992

Por isso pode parecer melhor morar nesses lugares. Mas acho que pelo fato da Doutrina estar aqui, acho que isso une mais o pessoal. Lazer por aqui é pouco. Às vezes tem festa da própria religião. Então o pessoal se reúne nas quadras ou em frente ao Templo. Festinhas mais direcionadas pro pessoal da Doutrina mesmo. E diversão mesmo eu não vou. Em Planaltina eu sei que tem muita festa, mas não costumo ir muito. Agora fico mais em prol dos filhos.

Com relação ao contato com a natureza, quando a gente era menor minha mãe arrumava uns córregos pra gente fazer piquenique e pegar pequi! Não lembro o nome dos córregos, mas lembro que tinha um córrego pra cá, pra cima... e a gente já chegou a ir nesse de trás da ponte, o córrego do Pipiripau. Mas a gente gostava mais do lá de cima. Então *dava* sábado e domingo e a gente dizia: “Vamos pro córrego?” “Vamos!” Aí ar-

Um dos raros programas nacionais que teve um plano pedagógico consistente a orientá-lo.



Segundo o Decreto nº 52.795, Capítulo II, Art. 3º - “Os serviços de radiodifusão têm finalidade educativa e cultural, mesmo em seus aspectos informativo e recreativo...” Porém, o que é apresentado para o público infantil, basicamente são desenhos estrangeiros -, quase sempre deseducativos, alheios à nossa cultura e prejudiciais à nossa economia. Ademais, a falta de incentivo para produção e veiculação de programas educativos e desenhos animados locais, torna difícil a consolidação de equipes brasileiras multiprofissionais para o público infantil (pedagogos, psicólogos, professores das mais diversas áreas, desenhistas, roteiristas, etc.). A opção gananciosa e insensata dos donos de TVs ao optarem por produtos importados contribuem para nos manter cultural e educacionalmente como eternos colonizados.

rumava a farofa e todo mundo ia. Só a família. Chegando lá, sempre tinha um amigo. A diversão nossa era o córrego mesmo. Não tinha outra diversão: a gente ia pro corguiinho, a nossa praia!

No tempo de jovem de meu pai e de minha mãe, era o tempo do rádio.

Nesse tempo todo o Vale mudou bastante, cresceu demais. Agora tem pessoas de todos os tipos. As escolas aumentaram. Tem muita gente. Está bem movimentado. O comércio lá de cima, que antes não tinha quase nada, cresceu muito. Depois da pista do ônibus só tinha duas ruas. E aí, quando voltei da Estância, que diferença: tudo asfaltado, muito mais ruas! De todo modo, o comércio de Planaltina é bem melhor que o daqui: dá para achar tudo em Planaltina! É só procurar, não precisa ir pro Plano, Taguatinga e Ceilândia. Eu procuro e acho as coisas que eu quero aqui mesmo!

No tempo de jovem de meu pai e de minha mãe, era o tempo do rádio. Depois chegou a televisão. Eu lembro quando a gente morava com meu avô. Eu pequenininha, a televisão era preto e branco e colocavam uma tela azul ou vermelha. E aí, meu pai, eu

acho, foi um dos primeiros a arrumar uma televisão colorida. Foi muito legal ver tudo colorido. Eu lembro quando ele chegou com essa televisão, foi o máximo! Meu avô, minha avó, todo mundo quis ver como era essa televisão colorida. Quando fiquei adolescente eu ouvia mais era rádio, por causa das músicas. Eu gostava bastante de rádio. Agora é a internet! Eu não tinha Internet. Eu estou começando a me adaptar. Já sei ligar, entrar, desligar e sair... navegar na rede! Já

que a família da minha mãe está toda no Rio e mesmo o pessoal daqui, é bem mais fácil de se comunicar na rede, onde você tem uma comunicação bem mais rápida. Tem notícias mais rápidas dos parentes. Antes a gente não tinha muita notícia da família da minha mãe no Rio. Antes eu escrevia cartas. Hoje é tudo por computador.

O que significa a religião, a Doutrina do Vale?! Ah, eu cresci nessa religião! Nunca fui em outra. Por minha mãe sempre ter sido do Vale do Amanhecer, então ela sempre explicou muita coisa pra gente. Não sei qual é a cultura das outras religiões, só sei pela informação de televisão. Assim, eu cresci dentro dessa religião, eu acredito nela, tenho fé nela, eu vejo as coisas acontecerem. Vejo que real-

mente funciona. Acho que a gente tem que ter uma fé, pra ver se realmente é aquilo que está acontecendo. Tem coisas erradas? Tem. Tem gente que está ali pra fazer besteira? Tem. Mas eu acho que o mais importante é o princípio da fé que a gente tem nela. Então estou fazendo a minha parte, quem está lá e não estiver fazendo, problema dele! Estou seguindo o caminho.

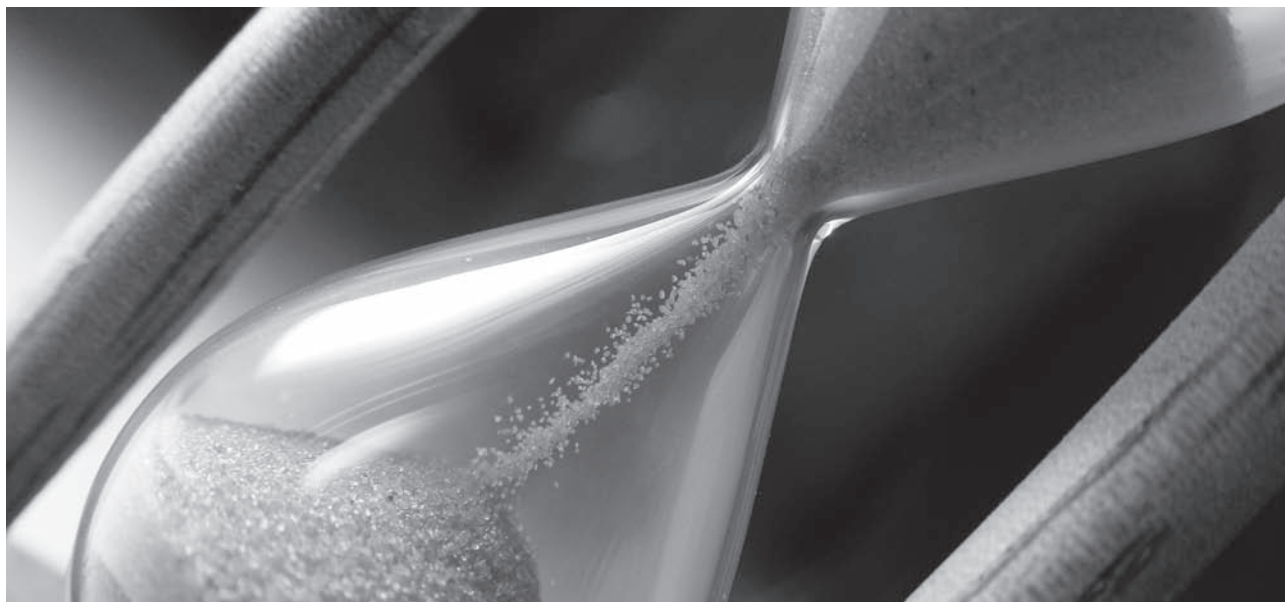
Eu gosto de morar aqui. Eu acho que não moraria em outro lugar não. Continuaría por aqui mesmo, mesmo com toda a dificuldade. Não atende tudo, mas eu gosto daqui. É questão de gostar, porque se fosse por uma necessidade maior, talvez não permanesse aqui, ficaria mais pelo Plano. Mas eu gosto mesmo é daqui.

Rejane Araújo



Vale do Amanhecer, 2010

TERCEIRA GERAÇÃO



LUDMILA,
filha de Olgamir e
neta de D. Oterlina



Ludmila, Olgamir e D. Oterlina

Vendo crianças correndo, sorrindo a brincar
como se brincar fosse a razão de viver
lembro: também já fui criança
a correr como o vento
apostando corrida
contra o tempo
e acreditando
ser possível
ganhar.

CONTEXTO

79 – Bonecas e brinquedos infantis

Durante muito tempo, retalhos de pano, sabugos e espigas de milho, e outros materiais do dia-a-dia ganharam vida transformando-se em bonecas. Ainda hoje, nas regiões mais pobres, observa-se a fabricação artesanal dos brinquedos, como era antigamente.

A partir da revolução industrial no séc. XIX, iniciou-se a fabricação de brinquedos em série. Com o passar do tempo, já no séc. XX, o público infantil tornou-se importante alvo do mercado. Um dos maiores exemplos disso é a boneca Barbie, que por meio de campanhas publicitárias se tornou um ícone consumista, fazendo com que as crianças a vissem como um objeto de desejo.

É interessante notar que as bonecas comercializadas reproduzem padrões estéticos hegemônicos na sociedade. As bonecas presentes nas prateleiras do comércio no país são geralmente brancas, destoando da realidade da maioria da população brasileira, que é negra e parda (50,74% - Censo IBGE, 2010).

Rejane Araújo



Bonecas confeccionadas em materiais diversos



Meu nome é Ludmila Ferreira de Andrade, nasci dia 19 de agosto de 1989, por coincidência, no dia do aniversário de Planaltina. Às vezes sou até conhecida como Altamira, o primeiro nome da cidade. Quando pequena, eu era gozada por conta disso. Não conseguia entender e ficava com raiva, porque eu achava o nome feio. As pessoas falavam: “Seu nome tinha de ser Altamira”. “Olha, você deu muita sorte: sua mãe ia colocar Altamira. Sua avó é que te ajudou pra não ser”. E eu: – Graças a Deus, porque tenho minha avó e meu irmão pra escolher Ludmila por mim! Nasci em Brasília, no hospital Santa Helena. Minha vida inteira morei em Planaltina. A minha mãe se chama Olgamir e o meu pai Aurecir. Tenho um irmão chamado Thiago, que é professor da rede pública. Meu pai nasceu no Rio Grande do Norte. A família dele é toda de lá. Quando o meu pai veio pra Brasília foi morar em Sobradinho. E quando meu avô faleceu, minha avó veio morar na cidade Ocidental com os outros filhos. Meu pai decidiu ficar em Planaltina.

Parte da minha infância, vivi na Vila Buritis, que é um lugar diferente do Setor Tradicional. Na Vila a comunidade é mais unida, as ruas são menores, todos os vizinhos se conhecem, saem ao final do dia e vão pra rua conversar e ver as crianças brincando. Sempre tive muitos amigos e brincava desde a primeira casa da rua, que era a minha, até a última. Brincava de escolinha por conta

da minha mãe, que é professora. Até hoje ela brinca que eu fiz alguns dos meus amigos e uma prima minha não gostarem de estudar, porque eu era autoritária, queria que eles estudassem e fizessem as coisas como eu estava falando que tinha que fazer. Meus pais trabalhavam fora o dia inteiro. Eu ficava em casa, mas tive autorização pra ter os meus amigos dentro da minha casa. Eu sempre tive uma relação direta com os vizinhos. Houve uma fase da minha infância que ficava um tanto só: eu estudava pela manhã e muitos colegas estudavam à tarde. Então, aprendi a brincar sozinha também! Às vezes eu sou motivo de chacota: “Ludmila você brigava com os seus alunos imaginários!” Eu brigava e falava: – Vocês estão conversando, estão me atrapalhando a dar aula! Por que não fizeram o dever de casa? Juntava as minhas bonecas⁷⁹, uma por uma, cada um dos meus ursos: – Vamos começar a aula de hoje.

A gente brincava na rua de jogar bola, queimada: brincadeiras que a gente aprendia no colégio. Fui campeã no campeonato de elástico! Já brinquei de beto, pique-esconde e até de polícia e ladrão! De comidinha a gente juntava as crianças e todo mundo levava um brinquedo. Nem todas tinham a cozinha inteira. Então uma levava o fogão, a outra a panelinha... no final das contas não saía comida nenhuma, mas ficava todo mundo lá, brincando.

Minha primeira escola era perto da escola Paroquial. Estudei lá do Jardim até a primeira série e de lá fui pro Centrão⁸⁰. Foi uma das melhores fases da minha vida. Era uma época em que havia um bom governo. A escola era

Arquivo de família



Ludmila

mais preparada, tinha professores excelentes. Fiz da segunda a quarta séries. Depois fui pra minha segunda escola particular, onde estudei da quinta série ao terceiro ano do segundo grau. Hoje faço o curso de Direito.

Lembro bem das brincadeiras de roda. Era quando eu ia pra fazenda do meu avô, sempre nos finais de semana prolongados, feriados e no final de ano. A gente brincava muito no rio de “Escravos de Jó...” Brincávamos com as pedras do rio e na área, no final do dia. As crianças já tinham tomado banho e estavam prontas pra jantar e dormir, então era onde a gente podia brincar porque a minha avó não queria que a gente brincasse na grama, pra não se sujar. No colégio a gente brincava de ciranda⁸¹. Aprendia todas as cantigas. Com o

É frente a essa situação, que Lena Martins, artesã, educadora popular e militante do movimento negro maranhense criou a boneca de pano *Abayomi* (“meu presente” em *yorubá*). A boneca estimula um fazer coletivo e a valorização da identidade e da cultura afro-brasileira.



profnangaretheixeira.blogspot.com

Bonecas Abayomi

Não só os padrões estéticos estão representados nas bonecas, mas também observa-se claramente uma demarcação das relações de gênero. Existem brincadeiras “de meninos” e brincadeiras “de meninas”. No entanto, essa realidade vem se modificando e os papéis sociais já não são tão definidos. Assim, as meninas reivindicam o direito às brincadeiras que até pouco tempo eram consideradas masculinas, como também atribuem, às suas bonecas, fazeres diferentes daqueles estabelecidos historicamente às mulheres.

Curiosidade:

Na literatura brasileira a boneca mais conhecida é a Emília, personagem do Sítio do Pica-pau Amarelo, escrito por Monteiro Lobato (1882-1948).

passar do tempo as brincadeiras e as músicas se tornam diferentes. Me recordo melhor da época que estudava no Centrão, que tinha essa coisa de incentivar com brincadeiras, de fazer gincanas na escola envolvendo as brincadeiras infantis. Foi na época em que fui campeã de elástico no colégio. Tudo isso foi

Brincadeiras não apenas ligadas ao brinquedo, porque nem todas as crianças têm brinquedos.

no Centrão: não sei se é pelo fato de ser uma escola pública, os professores terem uma vivência diferente, as crianças são incentivadas a brincar com brincadeiras alternativas. Brincadeiras não apenas ligadas ao brinquedo, porque nem todas as crianças têm brinquedos. Ou “menina só brinca de boneca”, “menina só brinca de casinha”. Não! Todos nós podemos brincar de todas as coisas, não precisamos ser reféns dos brinquedos e da questão material! Lembro disso no Centrão, nas outras escolas, não! No colégio particular que estudei, até me formar no segundo grau não tinha quase brincadeiras. Eles eram metódicos. A gente tinha que estudar, as coisas eram certinhas, rígidas. Até eu tive alguns probleminhas porque a gente tinha alguns

professores que eram como se fossem bedéis: “Você não pode abraçar”. Eu sempre tive primos no colégio e sou pegajosa: adoro beijos e abraços. Eu fazia mesmo de pirraça: – Não vai proibir de beijar meus primos e pronto, acabou! Não queria nem saber!

Quando eu morava na Vila Buritis, morria de vontade de morar no Setor Tradicional, porque muitas amiguinhas do colégio moravam aqui. Pela história, pela lenda de que era melhor pra morar, sempre quis morar aqui. Além disso, eu sempre vinha ver minha avó, sempre estava por aqui, brincando. Mas são realidades diferentes. O Setor Tradicional é bem mais tranquilo, mais pacato, é uma população – querendo ou não –, mais idosa. É aquela coisa de um vai à casa do outro e pronto. Já no Buritis, é diferente: você vê aquela *menineira* na rua, carro de som – que é até um pouco chato, quando você quer estudar. É assim: “Olha, a banana!” “Olha, a melancia!” Olha, não sei o quê!” O comércio é muito ativo lá em cima. É diferente, mas não deixa de ser bom. As pessoas que moravam no Setor Tradicional antigamente, viam a Vila Buritis de forma diferente. Por ser um bairro mais novo, muita gente tinha a ideia de que era um bairro, talvez mais favelado, alguma coisa assim. Às vezes eu sentia isso no colégio: como quem morasse no Setor Tradicional fosse a parcela rica da população de Planaltina – e quem morasse em qualquer outro setor, não! O quê não é verdade. Hoje, acredito que isso mudou. Na minha rua os moradores eram funcionários públicos: professores, policiais, funcionários do DER. Era uma rua tranquila e todo mundo se conhe-

cia. São realidades diferentes, mas nenhuma é melhor do que a outra. É bem nítida a diferença nas relações aqui em baixo: as pessoas são muito distantes, ficam dentro das suas casas, são mais reservadas. Lá em cima, no Buritis, não: todo mundo conhece todo mundo, todo mundo se fala. Por exemplo, como minha mãe sempre estava fora, as pessoas perguntavam: “Cadê sua mãe, Ludmila?” Elas entendiam que minha mãe estava trabalhando, que estava fora, mas quando ela aparecia, perguntavam: “Por que você sumiu? O que aconteceu? O que você estava fazendo?” E aqui, não! *Teve* uma época que a vizinha achou que estávamos viajando. Não era: a gente estava em casa!

Aí fazia fogueira,
brincava de fazer
barraquinhas...
A meninada estava
toda junta.

Uma coisa marcante na minha época de criança – e que é diferente da minha realidade agora, no Setor tradicional –, é que na festa junina todas as crianças da rua se mobilizavam pra arrecadar alimentos de casa em casa: milho de pipoca, óleo... coisas pros pais fazerem comida. A gente arrecadava até revistas, pra recortar bandeirolas e ornamen-

BD – “Centrão” e “Centrinho”

Apesar de já estar incluída no DF, no final da década de 60, Planaltina ainda era uma pequena cidade como tantas do interior de Goiás. A Av. Independência era apenas um projeto. Havia poucas casas acima da Av. Marechal Deodoro e nas ruas Gomes Rabelo e São Paulo. Nessa época, o GDF, num projeto de extinção das invasões próximas ao Plano Piloto, promoveu a instalação da Vila Buritis I em Planaltina. O novo bairro, constituído



Acervo Utopia

Feira Cultural Regional, Centrão, 07-11-2008

de seis quadras habitacionais, foi instalado muito acima do núcleo habitacional existente, criando espaço central enorme entre os dois núcleos urbanos: uma grande área vazia coberta de cerrado. Essa situação dificultou muito a integração entre os moradores dos dois bairros. No início, os alunos moradores da Vila Buritis tinham que atravessar essa área central de cerrado para estudarem na escola Paroquial São Sebastião, na época, ainda instalada na casa Paroquial, entrada pela Rua Hugo Lobo. Logo depois a escola foi transferida para o novo prédio (Hoje Centro de Ensino Fundamental 02) onde também passou a fun-

tar a rua! Aí fazia fogueira, brincava de fazer barraquinhas. Sempre tinha essas coisas. E era assim que funcionava. A meninada estava toda junta. Era época de malhar o Judas? Todo mundo tinha que fazer aquele boneco, sabe? De pegar roupa. Um, pegava um sapato: “Ah, não, mãe, por favor, me deixa pegar esse!” Época de Copa do Mundo? Todos juntavam dinheiro pra pintar a rua, pra fazer bandeirola e deixar tudo bonito. Quando tinha jogo, todo mundo saía pra rua pra assistir junto ou assistir em casa, com os vizinhos. Quando o Brasil fazia um gol, nossa! – a rua explodia e aqui não! Foi um choque pra mim ver a Copa do Mundo desse ano: a rua não tinha nada, nada! Cada um na sua casa, cada um com a sua ornamentação. No final de cada jogo, o meu irmão ia pro Buritis comemorar com os amigos de infância, que são todos de lá.

Consegui viver tudo o que a minha mãe contava que tinha vivido, quando era criança. Eu sempre fui curiosa: eu queria saber como era a vida da minha mãe na fazenda. Os meus primos falavam: “Ai, que saco! Por que você fica indo pra fazenda, por que você deixa a gente?” Pra mim era a melhor diversão! Eu parecia um menininho. No meio dos meus primos éramos duas meninas: eu e uma prima. E era eu que estava sempre jogando bola, brincando de laçar e montar em bezerro, ir ao pasto, buscar cavalo a pé, brincar no rio... Pra mim era maravilhoso tudo aquilo! Eu falava: – Mãe, eu acho que se eu tivesse morado na fazenda e tivesse a vida que você teve, seria legal. Aí minha mãe falava: “Eram muitas dificuldades!” Mas minha mãe transformava

tudo aquilo em coisas únicas. Ela me contava as histórias das bonecas dela: tinha uma com cabelo de cada cor, porque as bonecas eram feitas de sabugo de milho. Então tinha ruiva, loira, morena. Minha avó ajudava a fazer as roupinhas. Ela tinha boneca de todo jeito. Quando eu era criança as bonecas sempre eram brancas, com olhos azuis e loiras. Eu odiava aquilo! Eu não era loira, eu não tinha os olhos azuis: eu queria uma boneca igual a mim – e não tinha! Meu sonho era ter uma boneca negra. Quando minha mãe viajou pra Cuba, trouxe uma boneca negra. Foi a maior felicidade! Eu tenho essa boneca até hoje. Nunca tirei da caixa e nunca deixei ninguém brincar com ela. Eu brincava com ela assim. Eu tinha uma mania feia: era arrancar as roupas das bonecas e deixá-las pelas. Mamãe dizia: “Estão passando frio, *tadinhas!*” Eu tinha curiosidade pra saber o que elas tinham debaixo das roupas. Da boneca negra, eu nunca tirei. Eu não queria estragar a boina, o cabelo, a roupa que era colorida, diferente. Ela está na mesma caixa que veio, até hoje. Sempre tive ciúmes. Podiam brincar com todas as outras, com ela não!

Convivi com duas fazendas. A que foi do meu avô Josino, que é o pai da minha mãe e a do meu avô Chico, um amigo da família que é meu avô por consideração. A fazenda que era do avô Josino fica perto de Planaltina de Goiás. Na verdade não era nem uma fazenda, era mais uma roça mesmo. Era pequena e bem diferente, porque a casa era de tijolo de adobe, o chão batido. O curral não tinha porteira: tinha algumas toras fazendo uma entradinha. A casa era quase dentro

Rejane Araújo



D. Oterlina e Ludmila, 2013

do curral. Estudávamos em frente, porque de lá meu avô podia ver e controlar tudo. O rio era diferente também! Tinha milhões de pedras e um poço muito grande. A gente só podia visitar o poço com meu avô ou com a minha avó. Foi onde tive momentos muito bons. Eu ia com a minha mãe na fazenda do meu avô Josino. Era engraçado porque ele e minha avó remetiam muitas coisas da infância de minha mãe. Não esqueço: eu era uma das únicas, pra variar, que sempre queria ficar. Ia com o compromisso de levar meu avô e minha avó: levar e voltar! Chegava lá, eu queria ficar. Aconteceu algumas vezes de estar apenas com a roupa do corpo e querer ficar de qualquer jeito. Ia pro rio com minha avó. Ela lavava a roupa e colocava em cima das pedras, pra secar. Enquanto secava a roupa, eu estava dentro do rio, brincando.

cionar o Ginásio e o Colegial (hoje fase final do ensino Fundamental e ensino Médio).

A escola Paroquial não foi suficiente para atender o significativo aumento da demanda, então, em 1972, foi inaugurado o Centro de Ensino 01 (hoje Centro de Ensino Fundamental 01 ou CEF 01), na área central da cidade que passaria a chamar-se Setor Educacional. Essa escola ficou conhecida como “Centrinho”. Em 1973, nesse mesmo local, em uma área mais próxima à Vila Buritis I, foi inaugurado o Centro Educacional de Planaltina (hoje CEd 01), para atender aos alunos do curso de Magistério, da escola de Aplicação



Regiane Araújo

e do Científico (Ensino Médio). Devido a sua localização, a população passou a denominá-lo “Centrão”. Com a mudança, agora eram os alunos do Setor Tradicional que tinham de atravessar a área de cerrado para ir à escola. Atualmente várias escolas públicas, além de outras instituições, prédios comerciais, igrejas e estação rodoviária, ocupam essa área central da cidade.

Eu achava incrível aquilo: o tempo em que eu tomava banho, minha roupa secava! E pensava: – Como minha avó consegue fazer isso?! Tem uma cena que não esqueço de jeito nenhum. Foi uma das últimas vezes que fui pra fazenda. Meu avô estava mexendo com o gado e depois foi encontrar a gente. Ele pôs o cavalo na sombra, deitou de lado, enquanto olhava eu e meus dois pri-

Ele pôs o cavalo na
sombra, deitou de lado,
enquanto olhava eu
e meus dois primos,
brincando. Dormiu
assistindo a gente.

mos, brincando. Dormiu assistindo a gente. Minha avó tentava mostrar um bichinho, uma perereca! Ela mostrava pra gente e eu não conseguia ver, pois a perereca era transparente, era da cor da pele! Eu gostava de tudo da roça: subir no pé de manga, chupar manga, virar aquela meleca! À noite, como o piso era de chão batido, minha avó forrava e colocava os colchões. Meu avô dormia na rede, que ficava por cima da gente: – Já pensou se meu avô caísse por cima de mim?

A fazenda do meu avô Chico fica a quinze quilômetros de Água Fria de Goiás. Lá a

gente ficava no quarto com minhas primas e minha tia. Eu já estava maior. De manhã minha tia chamava a gente de “os menininhos do pijama de flanela”, porque todo mundo acordava bem cedinho, umas cinco horas da manhã, pegava uma caneca de alumínio, colocava farinha de milho na caneca e ia pro curral. Entregava a caneca pro meu tio, ele tirava o leite, enchia copo por copo e devolvia pra gente. Depois a gente voltava pra casa, podia dormir, brincar. E as brincadeiras eram essas: ir logo cedo pro rio; jogar bola, pois na frente tinha um gramado; chupar frutas – jabuticaba, manga, abacate; ter convivência com os animais...

Por isso acho que minha infância foi muito gostosa, sabe? Eu nunca fui presa a esse negócio de computador, internet. Eu sempre tive, ficava no meu quarto, mas nunca gostei. Eu gostava mesmo era de brincar, de estar com todo mundo naquela fuzarca! Eu acho triste a realidade desses meninos que passam o dia inteiro jogando videogame, joguinho no computador, dentro de casa. Não sabem o que é brincar de futebol, o que é machucar o dedo e chegar desesperado: “Mãããeeeê, quase arranquei o dedo fora!” Não têm essa realidade que eu tive e que foi muito boa, né?

Aqui em casa, meu pai e minha mãe têm essa cultura da roça: temos dois pés de jabuticabas, pés de manga, um pé de ipê, pé de cana. Minha sobrinha de três aninhos pega fruta direto no pé de jabuticaba. Acho que na Vila Buritis ainda tem um ou dois pés de buritis. Aqui em casa tem e atrai bichinhos pra cá: maritacas, araras. Na época em quê o pé de buriti está carregado, ouço

a barulheira delas, desesperadas! Fazem uma sujeira enorme, porque vão descascando o buriti todinho e jogando tudo no chão. *Num* tempo desses tinha uma arara azul, no coqueiro ao lado.

Quando estávamos na fazenda e não queriam que a gente fosse pra fora de casa, sempre vinham com aquelas histórias medonhas de onça, de monstro, de bicho! Cada um inventava uma pior ou então vinham com umas histórias antigas! Meus tios contavam, assim: “Não lembra daquela vez, na fazenda?!” E aí contavam histórias de cobra. Minha avó sempre foi famosa por matar cobra! Meu avô tinha aversão: “Não, você mata, eu fico olhando!” Enquanto eles contavam sobre essas coisas, a gente ficava assim, sabe como é, né? Menino é muito curioso, sabe que vai ficar com medo, mas queria ficar no meio: “Eu quero ouvir, quero ouvir!” E ouvia. História de alma penada que aparecia e fazia isso, mexia naquilo e as coisas da cozinha caíam... contavam sempre, só pra dar medo na gente! Quando chegava a noite, estava todo mundo com medo! Ninguém queria ir ao banheiro!

Aprendi a andar a cavalo muito pequena, nunca tive medo! Meu pai ia mais pra fazenda do que a minha mãe, aí percebi que ele gostava de me levar, pelo fato que eu não ficava... Eu sempre fui muito mimada: meu pai e minha mãe sempre me adularam, mas eu nunca fui fresca: –Ai, não pode isso! Ai, não como aquilo! Ai, não posso pegar nisso! Muitas vezes eu tentava ser mais forte, fingir que não tinha medo de nada pro meu pai não me achar chata e desistir de me le-

B1 – Cirandas

Do litoral ao interiorão brasileiro, quem já não brincou de roda ou não conhece músicas como: “Atirei o pau no gato, tô, tô...”?! Nem que seja mentalmente, quem ouviu completa: “... Mas o gato, tô, tô / Não morreu, reu, reu / Dona Chica, cá, cá...” Esse é um exemplo típico do quão forte é a influência da Cultura Popular em nossas vidas.



Dança de roda, Ettore Tito (1887-1941)

Unindo dança e cantiga a Ciranda encanta crianças e adultos. Durante a sua execução normalmente se transforma em brincadeira, inclusive com pagamento de prenda para os perdedores. De origem europeia, chegou ao Brasil por ocasião da Colonização e espalhou-se pelo país. Não raro, tanto lá, quanto cá, existem variações de uma mesma Ciranda.

A maioria das Cirandas é de domínio popular, ou seja, desconhecemos a autoria, ou até mesmo o local de onde veio. Das que vieram da Europa citamos:

“**Alecrim**, alecrim dourado / que nasceu no campo / sem ser semeado / Foi, meu amor / quem me disse assim / que a flor do campo / é o alecrim.” – De origem portuguesa, conta com várias versões;

var. Via que ele achava engraçado quando eu estava junto com os meninos, no meio do curral, laçando bezerro e montando, pra ver quem ficava mais tempo: eu, no meio de um monte de meninos! A verdade é que aquilo era maravilhoso!

Temos influência da cultura goiana e algumas expressões são bem específicas da região. Quando eu era pequena e ia pra fazenda do meu avô, ele sempre me pedia pra ajudar: “Toca o gado pra lá, toca pra cá...” Sempre amei andar a cavalo e um dia, estou lá, andando a cavalo com dois primos. Corre pra cá, corre pra lá, um gado se separou. Meu avô estava separando os bezerros das vacas paridas. Ele estava sem cavalo e nós estávamos montados. Ele gritou assim: “Esbarra Mila, esbarra!” E eu gritava: – O que é, vovô? E ele: “Esbarra, Ludmila!” E eu: – O quê o senhor quer que eu faça? Eu não entendia. O gado separou por inteiro, virou uma confusão. Aí me lembro que cheguei e perguntei: – O quê é que o senhor quer que eu faça? Ele: “Esses meninos não entendem nada. Não sei porque vão pra escola! A gente grita ‘esbarra’, e os meninos não entendem”. Aí, danei a chorar: – Vovô, o quê é isso? Minha avó: “Calma, Mila! ‘Esbarra’ é parar o gado. Ele está separando e é pra você voltar e juntar”. Vovô emburrou comigo, como se fosse a coisa mais estranha do mundo: “Como é que você não sabe o que é ‘esbarra’?” Outra expressão: “Apeia, menino, apeia!” E o menino desce a peia no cavalo...! E não é: é pra descer do cavalo.

Tenho uma vivência rural bem forte. Gosto dos bichos. Meu pai inculcou isso em mim: gostar de cachorro, de cavalo. Sempre

gostei dos animais e foi de onde surgiu minha paixão pela festa mais famosa de Planaltina, que é a festa do Divino Espírito Santo. Ela acontece todos os anos. Eu comecei mesmo a girar na folia, montada a cavalo, com os meus seis anos de idade. Eu não tinha chegado a girar a folia na roça por inteiro, a cavalo, porque os meus pais tinham que voltar pra trabalhar. A gente ainda não tinha uma

estrutura de mussunga: aquelas tendas que os grupos montam com suas barracas, com as cozinhas, pra dar suporte. Por mais que a casa do folião, de quem está dando pouco, esteja preparada pra isso, cada mussunga tem os seus equipamentos. Então eu acabava sempre voltando. Mas esse ano, pude ir a folia inteira! As pessoas estão perdendo a tradição. Pude ver como é realmente diferente da minha época de criança. Os pousos eram mais distantes: a gente passava horas a cavalo! Algumas vezes tinha que atravessar o rio a cavalo. Nossa, pra mim era o melhor! Quando a gente tinha que atravessar o rio era eletrizante! Era uma aventura. Eu pensava: – Nossa, já pensou se meu cavalo desce?!

Antigamente a Folia *alvorava* na sexta-feira e seguia até o próximo final de sema-

Acervo de família



Ludmila e Zózimo (avô), Festa do Divino

na, que era quando acontecia o Encontro das Folias no sábado, em Planaltina, aqui em frente à igreja Matriz. Hoje em dia está variando entre *alvorar* no sábado e *alvorar* no domingo. Este ano mesmo, *alvorou* no domingo. Só que todo mundo tem a cultura de ir dias antes: se *alvorasse* na sexta, o pessoal ia na quinta ou na quarta-feira, pra levar os animais, levar as tralhas das mussungas, todas essas coisas. Esse ano eu fui no sábado. Mas desde sexta-feira tinha muita gente! Até porque a cozinha estava em pleno vapor. Estava todo mundo lá: “Faz isso, faz aquilo...” É como diz o outro: “Folia não é preciso dinheiro, é preciso ter bons amigos e ter boas relações”. Não pela questão do interesse, mas sim, porque você vai visitando mussunga por mussunga. Em cada uma que você vai, é uma

“Lá na ponte da Vinhaça / todo mundo passa. / Lá na ponte da Vinhaça todo mundo passa. As lavadeiras fazem assim. / As lavadeiras fazem assim. / Assim, assim, assim, assim. / (...) / “As costureiras fazem assim. / As costureiras fazem assim. / Assim, assim, assim, assim.” À proporção que se mudam as profissões, as pessoas que cantam procuram imitar os gestos típicos de cada profissão. De origem francesa, “Vinhaça” se refere ao nome “Avignon”, cidade da França;



Dança de roda, Ettore Tito (1867-1941)

“Teresinha de Jesus / de uma queda foi ao chão. / Acudiram três cavaleiros / todos três chapéu na mão. / O primeiro foi seu pai / o segundo seu irmão. / O terceiro foi aquele / que a Teresa deu a mão.” Existem versões dessa música por toda a Europa.

Dentre as inúmeras Cirandas que circulam pelo Brasil, uma das mais conhecidas é a que transcrevemos abaixo:

“Ciranda, cirandinha”
vamos todos cirandar
vamos dar a meia-volta
volta e meia vamos dar.

ofensa ir e não aceitar... e o pior é você ir e ninguém te oferecer uma pinga, uma cerveja, um cravinho queimado, um quentão, alguma coisa assim, entendeu? E hoje é muito diferente. Antigamente as músicas, as cantorias, pular catira – era muito mais efetivo do que hoje. Antes tinham as festas à noite, as músicas, as pessoas esperavam a cantoria da chegada! E era uma coisa mais emocionante do que é hoje. Hoje, ainda tem muita gente que se emociona, mas é diferente. Eu sinto isso! Tenho devoção ao Divino Espírito Santo. E quando chega à minha casa, ou quando vou, eu sei de todo o ritual que acontece. Mas toda vez que vejo, toda vez que assisto, fico arrepiada e sinto enorme vontade de chorar: não sei explicar o porquê! Às vezes vejo as pessoas receberem assim tão... “Ah, tá: tudo bem!” Não vejo aquela devoção de verdade. Os jovens, muitos deles, não sabem mais as músicas de antes. É igual às rezas. Minha avó sabe muitas rezas antigas. Algumas eu tento aprender, mas às vezes acho que é falha minha: devia aprender mais. Tem rezas que eram, sei lá, eram da minha trisavó! São rezas importantes, mas hoje, quando junta minha mãe, minha avó, minha tia, alguém para e diz: “Como é que era aquele pedaço, mesmo?” Começa a lembrar, começa a anotar, fazer algumas coisas. As pessoas estão perdendo muito disso!

Viver em Planaltina é algo maravilhoso! Eu acho que é um povo mais humano, é um povo que está junto, sabe? Tem a questão da cultura, das rezas, das músicas, todas essas coisas. Como estou sempre no Plano Piloto, estudei e fiz curso lá, vejo que a realidade

de lá é completamente diferente! A questão de amizade, do seu vizinho do lado. Muitas vezes a gente não sabe quem é o vizinho. Sinto que meus amigos de faculdade levam a relação muito: – Você é meu amigo de faculdade, e nada mais. E aqui não, aqui você é amigo de colégio, de rua, você é meu amigo! Amigo tem realmente sentido de amigo, e lá, amigo talvez tenha o sentido de colega ou simples conhecido.

Quando eu era criança tive muita vontade de participar da Via Sacra, mas eu era muito pequena e é muito cansativo. Sempre assisti e fico emocionada. Vejo que tem gente que critica o Vale do Amanhecer ou os Centros Espíritas, mas eu acredito. Tenho uma tia que se identifica com a doutrina Espírita. A gente conversa e ela me explica, ela lê muito sobre o espiritismo. Tenho também, uma amiga espírita. Ela sempre conversou comigo sobre isso, ela sempre me esclareceu. A gente sempre conversou muito sobre vários assuntos relacionados à escola, à política e à religião. Eu consegui explicar pra ela muitas coisas sobre a visão católica e a gente chegava ao mesmo ponto, ela me explicando pelo lado espírita. Nunca tive medo. O Vale do Amanhecer eu acho diferente por causa das roupas e dos rituais. Acredito que eles devam achar diferente a nossa religião. Os evangélicos, por exemplo, também não podem achar estranho essa nossa cultura de acreditar em todos esses santos, de ter toda essa devoção por todos eles? Algo normal! A gente deve respeitar a diferença e também não ter esse preconceito pelas pessoas. Porque preconceito não é só a questão da cor da

Rejane Araújo



Ludmila, 2010

pele! Devemos aceitar a diferença do outro, respeitar o limite de cada.

Eu tenho um núcleo familiar pequeno: meu pai, minha mãe, meu irmão e eu. Mas no geral tenho uma família grande. Um almoço de família nunca é um simples almoço, é sempre uma festa! O Natal da avó Oterlina dá umas sessenta pessoas. A época de Natal, pra mim é a melhor época do ano. Vem todos os meus tios, se reúnem por conta da minha avó Oterlina, pois ela já está com 83 anos. Vem todo mundo pra cá e cada um vem com as suas histórias! Histórias que já são repetidas, todo mundo conhece, mas

*O anel que tu me deste
era vidro e se quebrou
o amor que tu me tinhas
era pouco e se acabou.*

*Por isso, fulano(a)
entre nessa roda
diga um verso bem bonito
diga 'adeus' e vá embora.*

(A pessoa chamada ao centro da roda tem de declamar um poeminha. Feito isso, reinicia-se a ciranda e depois outra pessoa é chamada. Quem não recitar uma poesia “paga” uma prenda.)

Cirandas originárias do Brasil: “O meu boi morreu”, “Peixinho do mar”, “Marinheiro, só”, “Bambalalão”, “Sapo jururu”, “Cai, cai, balão”, “Sambalelé”, “Pirulito”, “Ilororó”, “Sapo não lava o pé”, etc.



Curiosidade:

Algumas Cirandas, quando abrasileiradas, podem apresentar palavras ou expressões, por vezes, estranhas. É o caso de uma muito conhecida no Piauí: “*Bombaquim, bombaquim, deixa nós passar / Carregados de filhim / pra Jesus criar...*” No sul do país é cantada assim: “*Bom barqueiro / bom barqueiro / me deixai passar. / Tenho filho pequenino / pra acabar de criar...*” Para completar, mais uma versão: “*Bom barquinho / bom barquinho / me deixai entrar...*”

continua a ouvir. As piadas são as mesmas, mas você ri do mesmo jeito! É o dia inteiro, todo mundo junto!

Tenho conhecidos que moram ou trabalham em outros bairros de Planaltina. Conheço uma benzedeira que mora na Estância, meu irmão trabalha no Arapoangas e assim por diante. Mas, acho que Planaltina poderia ter uma interação maior com todos os bairros. Que tivesse uma política pública diferente porque alguns bairros são tachados de perigosos. A violência existe em todo lugar, inclusive no Setor Tradicional. Claro que em alguns pontos a criminalidade é mais acentuada. Mas eu acho que tudo isso é influência dessa questão política, mesmo!

Quando eu era pequena sempre tive a ideia de ajudar os outros, de não fazer só por mim, mudar a realidade da impunidade. Mudar a realidade de quem não tem nada continuar com nada e quem tem muito, sempre ter mais! Eu pensei em Direito e hoje vejo que fiz a escolha certa, mas percebo que são poucas as pessoas que têm esse ideal. A maioria quer fazer Direito pra ganhar muito dinheiro. Alguns professores trabalham com a ideia de despertar o interesse dos alunos pra cobiça mesmo: “Eu sou advogado disso e daquilo: e tenho muito dinheiro. Ando numa Mercedes zero, moro numa casa na beira do Lago, um jantar pra mim são quatrocentos reais”. Você pensa na realidade da nossa população: quatrocentos reais é o que muita gente ganha por mês, ou às vezes, menos.

A nossa cultura é rica, mas nem todos dão valor. Não temos uma política realmente voltada pra preservação da nossa cultura e pra



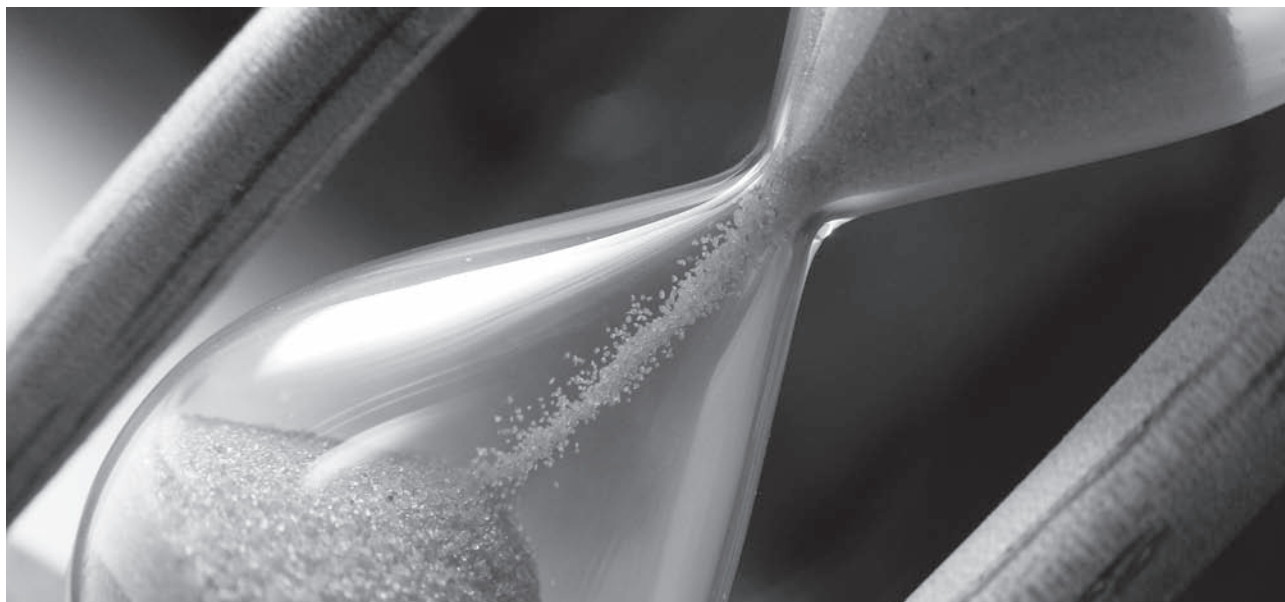
Festa do Divino

que a população fique realmente na cidade. Uma política que traga outras pessoas de fora pra conhecer, conviver e gostar de Planaltina. Querendo ou não, parte das raízes, da história de Brasília têm origem aqui, mas muitos desconhecem essa realidade.

O jovem planaltinense precisa de um olhar diferente por parte do poder público, um olhar que oportunize uma melhor educação e que ofereça novas perspectiva de vida. Precisa de uma cidade com espaços culturais e de lazer. Acho que poderia ser diferente para os jovens da cidade se tivés-

semos espaços de lazer. Um lugar pra jogar bola, pra se encontrar com os amigos. Bons lugares pra sair! E assim, trabalhar uma cultura de estudo e crescimento. Mas acho que o jovem de Planaltina ainda é mais feliz, mais humano. No Plano Piloto a realidade é diferente, está tudo pronto, é tudo mais fácil! Acho que aqui a gente vive a ideia de ser criança, das brincadeiras, da escola, de você realmente ser amigo, de ter amigos, de resgatar as culturas, as origens dos nossos pais, das histórias e até das mentiras que falavam pra gente ter medo!

TERCEIRA GERAÇÃO



MARIA CLARA,
filha de Márcia e
neta de D. Jaci



Maria Clara, D. Jaci e Márcia

quando o chão
faltar sob os pés,
ao invés de cair é hora de alçar voo
pr'além dos horizontes mesquinhos.

se não conseguir, tente de novo.

no lugar dos braços
pinte um par de asas
que te leve
ao alto mais alto.
e de lá, voe direto
pr'onde teu coração bate mais forte.

se não conseguir ainda, chorar, pra quê?

dê um abraço em quem você ama.
se a distância for maior que o alcance dos braços
feche os olhos. jogue um beijo ao vento...
viu?! – o Amor dispensa asas pra voar.

CONTEXTO

82 – Ceilândia/Santa Maria – Regiões Administrativas do DF

Ceilândia e Santa Maria, são localidades do Distrito Federal (DF), antes conhecidas como cidades-satélites, agora identificadas como Regiões Administrativas (RAs), IX e XIII, respectivamente. Contudo, para o IBGE e os Correios (ECT) tais localidades são “bairros” de Brasília. Essas contradições se devem, em parte, porque o DF é uma unidade da federação com características singulares. Com uma área de 5.814 km², é o território onde foi construída Brasília, para ser a sede administrativa e capital do país. Sua divisão em municípios é vedada pelo Artigo 32 da Constituição Federal de 1988.

Obs. Planaltina é a única RA do DF que já foi cidade e sede de município (quando ainda fazia parte do Estado de Goiás).



agenciabrasil.ebc.com.br/Arquivo Público

Chegava esperançoso. Pensava deixar para trás o jugo dos coronéis e seus currais eleitorais degradantes.

Com a inauguração de Brasília, o centro administrativo passou a funcionar com um prefeito nomeado. Em 1961 foram criadas cinco subprefeituras. De 1964 a 1989 foram criadas seis novas localidades, renomeadas de RAs. De 1993 a 1994 foram criadas mais seis



Meu nome é Maria Clara Rodrigues Xavier, nasci no dia 25 de maio de 1988, em Ceilândia, DF, filha de Omar e Márcia. Professora, pedagoga, trabalho na Secretaria de Educação.

Estudei na Escola Classe 10 de Ceilândia⁸² e eu gostava muito, tanto da escola, quanto das professoras. Estudei lá do Prezinho até a segunda série (depois mudei pra Santa Maria e retornei no Ensino Fundamental). Nessa escola fixei a imagem da professora, figura marcante que às vezes chamamos de “tia”. Me recordo delas: Ângela e Sônia. Sônia dizia: “Eu dei aula pra sua mãe” e isso criava um certo vínculo familiar, ela conhecia minha mãe, sabia que eu tinha duas irmãs. Na época cada escola tinha o seu modelo de uniforme, no caso, uma blusinha azul clara, com o desenho de uma pombinha do lado e uma bermudinha azul escura. Achava lindo!

Na Ceilândia, minha avó tinha um lote grande, onde chegou a morar ao mesmo tempo: minha mãe, tia Marcela, tia Marilde, tio Marcílio – cada um com sua própria família –, minha avó, tio Marco Aurélio e tio Marlon. Tínhamos muitos primos pra brincar. Só que na rua tinha muito mais crianças! A gente tinha liberdade de chegar da escola e num determinado horário ia todo mundo brincar na rua⁸³. A gente brincava de pega-pega, pique-cola, pique-bandeira, “seu lobo”, futebol, três cortes... tinha brincadeira que os mais velhos judiavam um pouco dos mais novos: a brincadeira do garrafão, onde

se você pisasse na linha levava uns tapas nas costas. Bete é uma brincadeira de equipe em que quem não corria muito quase não brincava. Queimada é outra em que os mais fortes sobressaíam: quem tinha mais força, mais habilidade, *tacava* a bola e “queimava” o outro. Das brincadeiras de roda, uma me marcou: de um lado, o pobre, com muitos filhos; do outro lado, o rico, sem filhos. O pobre cantava, acompanhado da filharada: “Eu sou pobre, pobre, pobre de marré, marré, marré...” Depois o rico cantava: “Eu sou rico, rico, rico, de marré, marre, marré...” No final, o pobre ficava sem nenhum filho e o rico ficava com todos os filhos do pobre. Brincava de carrinho de rolimã também. Os carrinhos de rolimã eram dos meninos. As meninas quase não brincavam, porque era uma coisa “meio perigosa”. Mas eu tenho essa lembrança do carrinho de rolimã: o pessoal fazendo os carrinhos de madeira, sem muita estrutura e empurrando naquela rua esburacada. Inventávamos brincadeiras. Tinha uma que era de colar: como a rua não era larga e tinha calçadas, a gente tinha que atravessar a rua com um pé só, tentando driblar quem estava no meio e queria colar você. O vencedor era quem driblasse os outros e conseguisse passar pra outra calçada. Quando escurecia os pais iam lá pra frente, conversar com os vizinhos e a gente continuava brincando!

Minha vinda pra Planaltina foi conflituosa. Eu morava em Ceilândia há um tempo. Tinha o pessoal com quem crescera junto. Início de adolescência, quando a gente começa a sair, a dançar, essas coisas. Eu vinha pra cá e achava aqui um buraco, não conhe-

cia ninguém, não tinha nada, enquanto em Ceilândia, além das amizades, dos conhecidos de infância, tinha Taguatinga pertinho, tinha shopping e a gente passeava, tinha lazer mais próximo. E quando mudei pra cá, só conhecia o caminho da escola que eu estudava.

Nesse período de mudança, de cidade e de escola, fiquei meio revoltada. Usava calça rasgada, uma blusa de frio preta, coturno preto e ia pra escola desse jeito. Metida a revoltada, mas de atitude mesmo, não tinha nada. Foi uma forma que utilizei pra chegar na sala de aula e ficar na minha. Meus amigos tinham ficado em Ceilândia. Não sabia quando faria e como seriam os novos amigos. Mas a escola é um espaço que não tem como a gente ficar indiferente. Alguém puxa assunto e você acaba se envolvendo. Lembro uma professora de Geografia que fazia uma espécie de gincana como avaliação. Ela deu um monte de perguntas e a gente tinha de estudar pra encontrar as respostas. Eu tinha estudado bastante. Se os outros levaram, sei lá, dez aulas pra terminar a gincana, terminei em duas. A partir daí, algumas pessoas começaram a se enturmar comigo e comecei a participar da Educação Física. Porque Educação Física tem aquilo: lá na escola era o vôlei, duas equipes. Se você não conhecesse ninguém, se você não fosse boa, você não ia entrar no time, ia ficar só olhando. Você ficava lá, parada e não fazia nada, durante a aula toda. Na 8ª série eu já me sentia parte, tanto da escola, quanto da própria cidade. Lembro que participei do Projeto de Artes Cênicas e Artes Visuais no Centro de Ensino Fundamental 4 (CEF 4). Em outubro a gente

RAs. E finalmente, de 2003 a 2012, foram criadas mais 13, o que totaliza 31 Regiões Administrativas. Com isso, o governador (Executivo) nomeia 31 administradores regionais, na maioria das vezes *indicados* por deputados distritais (Legislativo), em nome da “governabilidade”, ou “acordos políticos”, o que, no mínimo, solapa o princípio democrático de independência entre os poderes.

Executivo, Legislativo & Cia

A Câmara Legislativa do DF deveria criar leis em benefício da sociedade e fiscalizar os atos do Poder Executivo, dentre outras funções. O Executivo local deveria administrar o DF, cabendo-lhe, dentre outras coisas, arrecadar impostos e aplicar os recursos públicos em benefício de *toda* a população (sem esquecer que o governador e administradores regionais, eleito e indicados, respectivamente, estão sujeitos ao controle de atos/gestão da coisa pública por parte do Legislativo, do Tribunal de Contas, do Ministério Público, etc.).

Contudo, o que acontece quando um deputado (integrante do Poder Legislativo) assume cargo ou indica um preposto no Executivo? – uma Administração Regional, por exemplo, somando-se a isso as indicações/nomeações da massa que *vota no cabresto*? Como esse parlamentar, umbilicalmente envolvido com o Executivo, poderá fiscalizá-lo com isenção?

Porque perguntar não deveria ofender...

O clientelismo entre integrantes do Executivo e do Legislativo não nasceu, tampouco se encontra circunscrito ao DF., todavia, um questionamento se faz necessário:

Essa prática corrente entre o Executivo e o Legislativo envolvendo as atuais 31 Administrações Regionais do DF (e as que estão por vir!), lembra ou não, a política dos *currais eleitorais* disseminada pelo país?

fez uma peça em homenagem aos professores. *Teve* a Feira de Ciências que eu também participei. Lembro que *teve* a questão de um pessoal que estudava num barracão: cheguei a participar de uma passeata de alunos que queriam a inauguração de uma escola, pois não queriam estudar longe. Participei, mas não lembro detalhes. Foi importante, até como meio de afirmação.

Estudei o Ensino Médio no Centrão. Já tinha tirado a carapuça da revolta: – Ah, não gosto daqui! Já tinha assumido que aqui era o lugar que eu ia morar e que eu deveria gostar. Insatisfeita com a direção da escola, comecei a militar no movimento estudantil⁸⁴. Como representante de turma conheci representantes de entidade estudantil. Fizemos reuniões com pessoas de outras escolas pra participar *d’um* congresso nacional de estudantes, que aconteceria em São Paulo. Juntei minhas coisinhas superempolgada! Foi importante porque tive contato com outras pessoas, outras visões. Sempre tive vontade de participar de grupos, de lutar pelos meus direitos e pelo dos outros. O congresso foi traumatizante pra mim. Só conhecia poucas pessoas daqui e eram pessoas do país inteiro! Eu era a mais nova que tinha saído do DF. Lembro que não consegui me enturmar legal. Me senti discriminada. Pouco antes estivera numa fila debaixo de chuva e as pessoas foram simpáticas, enquanto precisaram do meu voto, depois, como eu usava o cabelo escovado a chuva desmanchou, fizeram uma musiquinha pra mim... fiquei muito ofendida. Resultado: foi o único congresso de estudantes que participei. Continuei no movimento es-

tudantil, mas não como antes. Lembro que a gente participou de algumas plenárias na Câmara Legislativa. O pessoal até pagava nossa passagem. Ainda no 2º ano participei de um grupo chamado Evoluir. Algumas de minhas melhores amigas: Luiza, Thais e Amanda também participaram. Depois percebemos que estávamos sendo usadas, pois numa assembleia que participamos em defesa dos professores, chegou um pessoal e ao nos ver com a camiseta do Evoluir, falou assim: “Ah, então vocês são a juventude do deputado fulano de tal!” Abrimos os olhos pra essa questão de estarmos sendo manipuladas. Como éramos mais jovens que os demais não tínhamos experiência político-partidária. Aí a gente se voltou mais pra dentro da escola, tentando montar um Grêmio Estudantil. No final das contas a gente não montou o Grêmio, mas valeu como experiência. E a gente montou um grupo de amigas!

Ainda no assunto escola, de grande importância foi um projeto interdisciplinar que nos levou a conhecer os bairros de Planaltina, identificar os seus problemas e a tentar apontar soluções. Quem coordenava o projeto era o professor Carlos Humberto, de Geografia e Filosofia. Tinha a professora Evoli, de Português e o professor Campos, de Matemática. A escola foi fundamental pra minha socialização. Ter participado do movimento estudantil foi importante pra me autoafirmar, conhecer pessoas que tinham pensamentos parecidos e diferentes dos meus, discutir e até saber um pouco mais do que eu queria da vida.

Nessa época eu saía pras barraquinhas da igreja, pra Feira Alternativa e pras serestas

Arquivo de família



Márcia e Maria Clara com um ano e quatro meses

no Ginásio Funções. Eu já não precisava ir pra casa da minha avó, na Ceilândia, pra sair. Perdera contato com os amigos de lá, pois muitos tinham mudado. Outra forma de conhecer a cidade foi visitando amigos e amigas. Como sempre gostei de caminhar, de bater perna, visitava esse pessoal que morava em lugares diferentes: Vila Buritis I, II e III, Arapoangas... Além disso, como minha mãe trabalhava no Centro de Saúde 2, trabalhei lá como voluntária. Uma vez por semana eu ia lá e ensinava a fazer biscoito pras gestantes.

83 – Jogos e brincadeiras infantis populares

Em 1560, o pintor espanhol Pieter Bruegel (1525?-1569) pintou a obra *Jogos infantis* mostrando 84 brincadeiras infantis da época: muitas delas se mantêm até hoje.



Jogos infantis, Pieter Bruegel, pintor espanhol

As brincadeiras quase sempre estão presentes no cotidiano das crianças e servem como estímulo para o seu desenvolvimento e aprendizagem. É por meio das brincadeiras que as crianças interagem entre si, desenvolvem a criatividade e a percepção acerca de si mesma e do outro. Além da função lúdica, o brincar agrega um sentido cultural e pedagógico.

Atualmente, existe na grande mídia um verdadeiro bombardeio de propagandas de brinquedos que surgem todos os dias no mercado, alimentando o consumismo no público infantil. Contudo, velhas e boas brincadeiras sobrevivem. Um bom exemplo é a “pipa”, que continua a encantar as pessoas, geração após geração. Conta a história que as pipas teriam nascido na China, séculos antes de Cristo. O eterno desejo do homem de voar?! Papel de

Quanto ao Setor Tradicional, não fazia parte da minha realidade. A ideia que eu tinha é que quem morava ali era gente rica. Tinha uma colega de turma que morava lá. Uma vez um conhecido foi visitá-la e eu perguntei depois: – A casa dela é uma mansão? Porque eu tinha essa ideia. Eu não tinha essa questão de entrar no Setor Tradicional e dar voltas, andar por ali e conhecer. Ia até a praça de São Sebastião, onde era a Feirinha, mas não sabia que ali fazia parte da cidade antiga, que era parte do centro histórico de Planaltina. Eu tinha essa relação maior com a periferia mesmo: a parte de cima de Planaltina.

Tomei conhecimento da Rádio Utopia por meio de Angélica e Luiza: “Que tal montar um programa de rádio, eu, você, Amanda, Thaís e Angélica?” Nós tínhamos afinidades, éramos amigas, tínhamos terminado o ensino médio, era uma forma de continuarmos próximas e fazer algo de bom pra comunidade. Na véspera da estreia, líamos alguns poemas, quando Rejane, mãe de Luiza, sugeriu o poema de João Cabral, *Tecendo a Manhã*, que a gente adaptou pra “*Tecendo o Amanhã*”, como nome do programa. Os assuntos tratados eram: literatura, juventude (questão estudantil, dicas de vestibular e lazer) e política. Fazíamos debates também. Trabalhávamos a valorização da música popular brasileira. Tínhamos ouvintes assíduos que ligavam direto! Nosso público-alvo era a juventude, mas logo percebemos que também estávamos sendo ouvidas por pessoas mais velhas. Começamos em fevereiro de 2006 e ficamos no ar até agosto, quando a Anatel fechou a rádio.

A rádio ficou fechada cerca de um ano. Nesse período, ao lado de minha mãe, participei da luta por melhorias na infraestrutura do nosso bairro, bem como trabalhei como voluntária no Centro de Integração, Esporte e Cultura (CIEC) e no Centro de Saúde onde minha mãe trabalhava. Nessa época a UnB veio pra Planaltina. Em 2008/2009 a rádio conseguiu dinheiro pro projeto Rádio Diversidade, onde trabalhamos com escolas públicas, tendo a UnB como parceira. Foi uma experiência que me trouxe bagagem, me motivou a fazer outros tipos de pesquisa, me motivou a aliar a questão da Educação, que estava sendo minha área de estudo superior. Me senti realizada quando trabalhei com esse projeto, porque estava fazendo uso do meu curso de graduação. Voltei a apresentar um programa radiofônico, o Panaceia.

Em determinados períodos, ora trabalhava como bolsista, ora como voluntária. Minha experiência profissional basicamente se deu nos trabalhos desenvolvidos no movimento social. A maioria dos meus amigos trabalhava como estagiário, como assistente, em escolas particulares. Só que escola particular nunca foi meu foco porque achava distante da minha realidade e controverso a gente dar aula pro filho do rico que, às vezes, uma mensalidade é mais alta que o salário do professor. Até por isso, no período de estágio optei por fazer um deles em Escola Particular, pra conhecer melhor tal realidade. Fiz um estágio na Zona Rural, na Escola Classe Osório Bachin, outro no CAIC, que foi de regência e fiz um estágio numa escola particular do Plano Piloto. Com isso adquiri



Maria Clara apresentando programa radiofônico, 2009.

um pouco de visão do que eu queria. Se fosse lecionar seria em Escola Pública, onde me identificava mais.

Em outubro de 2010 iria ter concurso pra Secretaria de Educação e resolvi me preparar. Tencionava ficar só estudando na casa da avó Dina, mãe do meu pai, em Ceilândia. Nem tudo sai como planejamos. Uma das coordenadoras dos projetos da Rádio Utopia, Juliana Farias, veio executar um projeto em Planaltina, o Cerrado em Pauta, do Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB. Ela coordenava o projeto na cidade e precisava de colaboradores. Na época eu estava sem fonte de renda e esse trabalho seria remunerado. Como não era um projeto presencial, sobraria tempo pra continuar estudando. Resolvi participar. Já trabalhara com Juliana antes, mas foi nesse projeto que estreitamos os laços. Fizemos um bom mapeamento de quem trabalhava com arte e cultura na cidade com viés ambiental.

seda, taletas, cola, tesoura e linha e está pronto um brinquedo milenar que faz a felicidade da meninada nos períodos de férias, sobretudo na periferia.



Réjane Araújo

Oficina de produção de pipas. SRAH CEF 04, 2013

Brincadeiras como bolinha de gude, betebola, peteca, pular corda, futebol, queimada, elástico, pique esconde, passar anel, salve latinha, enfınca, polícia e ladrão, pião, corre cutia, amarelinha, cama de gato, baliza, bibloquê (biloquê), escravos de Jó e tantas outras, atravessaram gerações divertindo a criançada. No entanto, com o processo de urbanização e a insegurança vivenciada pela a nossa sociedade, a calçada* e a rua, espaços tradicionalmente consagrados às brincadeiras infantis, deixam de ser o centro das brincadeiras, cabendo à escola o papel de manter vivo esse patrimônio cultural.

** Na cidade de Planaltina-DF, as poucas calçadas existentes ou se encontram em péssimo estado de conservação, ou invadidas pelo setor privado, com a conivência e/ou omissão de pessoas que ocupam cargos públicos e que demagogicamente falam que têm preocupação com “acessibilidade”!*

Paralelo à execução desse projeto pela UnB, a Rádio Utopia acertava os últimos detalhes pra assinatura de convênio com o Ministério da Cultura, visando executar o Projeto Rádio Diversidade II. Eu não iria participar por causa do concurso que eu queria fazer.

Em plena execução do Cerrado em Pauta, Juliana morre. Isso me marcou muito. Passara a ter uma relação de maior proximidade com ela, inclusive buscando orientação pras questões dos estudos... aí ela nos deixou. Não foi por acaso estávamos trabalhando juntas. Poucas horas antes dela falecer, conversamos sobre a questão do mestrado. Ela me falou assim: “Se você precisar de ajuda pra escrever, vou te ajudar”. Eu tinha meio que tomado ela como orientadora pra realização d’um sonho meu: fazer mestrado... e ela se foi. Juliana era coordenadora pedagógica do Projeto Rádio Diversidade II, já que o convênio terminara de ser assinado. Não estava nos meus planos trabalhar nesse projeto. Porém, com a morte de Ju assumi a responsabilidade que seria dela nos dois projetos – e dei minha contribuição da melhor forma possível. Tentei continuar estudando, não foi tão fácil assim.

Em setembro fiz a prova da Secretaria de Educação e em outubro descobri que estava grávida de um mês e meio. O relacionamento não dera certo. Claro que tive de replanejar muita coisa, muita tensão, uma série de problemas que tiveram que ser superados. Não foi fácil. Ainda em outubro saiu o resultado do concurso: tinha sido aprovada na primeira etapa. Fiquei um pouco mais segura, mas até ser chamada... muita ansiedade, muito

trabalho, muita coisa aconteceu até que no final de janeiro de 2011 fui convocada pela Secretaria de Educação!

Seis meses de gravidez. Em casa não tinha estrutura pra receber mais uma pessoa. Tivemos que fazer uma reforma. Nos últimos meses de gravidez foi tempo de reforma da casa: era uma zorra! Pra mim ficou tudo confuso: a questão de ser mãe, de ser mãe solteira, de estar grávida. E também de assumir como professora. Até então tinha ido pra sala de aula como estagiária, auxiliando a professora. Minha primeira turma foi uma de cinco anos, de segundo período, porque após três meses saíria de licença maternidade. Inclusive foi uma das coisas que me aliviou, saber que teria direito à licença, direito remunerado e poderia criar minha filha como eu acreditava, sem ter que passar necessidade. Aí fui dar aula. No começo não fui uma professora muito boa, devido a falta de experiência pra planejar e coordenar. Sem contar o mal estar que a gravidez nos traz: a coisa do sono, do cansaço. Eu sei que não fui uma professora muito organizada, mas dentro do que eu podia, fui uma boa professora.

E aí foi isso: minha filha nasceu dia 7 de junho e entrei de licença maternidade. Durante a licença fiquei em casa, curtindo Ana Tereza! Voltei a trabalhar no início de 2012, minha filha com oito meses. O período da licença maternidade foi o tempo que tive pra me dedicar inteiramente a ela. Depois tive que me readaptar à nova realidade. Mudar o ritmo que eu tinha, pois pegava muitas coisas pra fazer ao mesmo tempo; parava pouco em casa; saía bastante com amigos pra assis-

Arquivo de família



Hortência, Maria Clara e Karolina

tir shows por todo o DF. E aí, ser mãe! Tive que parar pra refletir, refazer planos, porque sabia que não ia poder estudar à noite ou fazer minha pós-graduação: tinha um bebê pra cuidar, um trabalho novo por fazer.

Olhando a trajetória da minha avó e da minha mãe, fica muita coisa positiva. Minha avó foi mãe solteira. Minha mãe foi criada numa família matriarcal. Aí eu tive essa questão muito forte: da mulher dentro de casa e da mulher saindo pra trabalhar – isso é cuidar! As questões do trabalho e do cuidar sempre achei muito importantes. Minha avó trabalhou na roça desde criança. Quando veio pra cidade trabalhou como doméstica pra manter os filhos. Parou o trabalho de doméstica pra ajudar os filhos a cuidar dos netos. Minha mãe sempre trabalhou. Nos contou as experiências dela: o tanto que aprendeu, inclusive como doméstica, aos nove anos de idade. Minha mãe sempre trabalhou com e pela comunidade. Eu acho que herdei um pouco disso. Também fiz minhas

B4 – Movimento Estudantil

O movimento estudantil ganha espaço a partir da segunda metade do século XX, quando se organiza e promove ações em diferentes partes do mundo, impelido pela luta por ideais de justiça social e transformações nos sistemas educacionais.

Na década de 1960, jovens estadunidenses se mobilizavam contra a Guerra do Vietnã, somando-se a tantos outros que promoviam a Primavera de Praga, o Maio de 1968 na França e a luta contra a ditadura, no Brasil.

Nesse período, a União Nacional dos Estudantes (UNE) participou da luta por reformas estruturais e pela democratização do país. Alguns de seus membros foram presos, torturados, assassinados e desaparecidos, como é o caso de Honestino Guimarães.



Movimento Fora Collor

Os estudantes participaram ativamente de reivindicações históricas como “Diretas Já”, “Fora Collor”, contra as privatizações - e aqui em Brasília, em 2009, do “Fora Arruda”* -, movimento que pediu a saída do governador Arruda por corrupção, segundo a investigação “Caixa de Pandora”, da Polícia Federal (PF).

escolhas voltadas pra isso: aí fica a questão da referência de mulher. Tenho uma filha: já é a quarta geração direta de mulheres! Eu sempre tive isso muito forte: essa questão da mulher à frente, da mulher cuidando da família. Minha mãe não foi mãe solteira, mas sempre teve pulso firme dentro de casa, de trabalhar fora pra educar os filhos, na independência do marido, de cuidar dos filhos, de cuidar da casa – mesmo com uma jornada

Eu sou um pouco
resultado do que
a minha avó viveu,
do que a minha
mãe viveu.

que não para! Eu também me vejo um pouco assim. Não acho que eu seja só resultado das minhas próprias vivências. Eu sou um pouco resultado do que a minha avó viveu, do que a minha mãe viveu. Tanto que quando fiquei grávida não fiquei nessa de “preciso casar pra criar minha filha”. Eu assumi mesmo! Assumi a responsabilidade de ser mãe, de ter que parar outras coisas, de ter que trabalhar, pra poder cuidar da minha filha.

Tirando o período da minha chegada... logo me apaixonei por Planaltina. Quando pensei e ainda penso, em fazer Mestrado,

vejo Planaltina como meu objeto de estudo. É uma cidade apaixonante, quando a gente começa a conhecê-la mesmo, não só a questão histórica, mas a sua essência, a luta diária dos moradores, do cuidado que se tem de ter com a cidade. Penso em Planaltina, lembro Thiago de Melo no poema “Sugestão”: “Faze, enquanto é tempo, uma cidade eterna – e nela habita. Antes que venham ventos e te levem do peito – este amor, tão grande amor”. Eu tenho um pouco essa coisa de ter Planaltina como essa cidade que habito, sabe? Uma cidade meio de sonhos, meio de realizações. Não sei se vou ficar a vida inteira aqui, não tenho isso bem claro, ainda. Mas é uma cidade que eu quero conhecer mais, estudar mais. Na faculdade eu sempre utilizava exemplos de Planaltina. Agora eu me sinto parte dela. Eu me reconheço nela. Por onde ando eu me reconheço, conheço novas pessoas e gosto dessa relação.

Quanto a questão dos outros bairros que foram agregados à cidade, tenho isso muito forte. Assim como tenho forte a questão direta dos moradores: eu gosto de conversar com as pessoas, de ouvir histórias. De querer trabalhar aqui, de querer que a cidade se desenvolva, de querer que o bairro em que eu moro seja um bairro melhor! Também vejo essa questão de forma crítica: – Por que outro lugar tem isso e aquilo e Planaltina não tem?! O quê podemos fazer, de forma conjunta, pra melhorá-la? Tenho assim, esse gostar, esse me identificar com a cidade. Essa cidade é minha, sou moradora daqui, não nasci aqui, mas eu me reconheço aqui! Tenho muito amor pela cidade!

Rejane Araújo



Maria Clara apresentando o II Festival Parque Sucupira de MPB, Planaltina-DF, 2011

Agora que tenho uma filha que nasceu aqui, começo a olhar a cidade como a cidade que quero pra ela. O lugar que eu quero que minha filha cresça, os valores que eu quero que ela tenha. Começo a olhar a própria rua onde moro. De pensar que agora não é mais só pra mim. Não quero um lugar melhor só pra mim, não posso pensar



Rejane Araújo

Manifestação Fora Arruda, 9/12/2009

Atualmente, os jovens lutam pela a manutenção e ampliação de direitos, ética na política, democratização dos meios de comunicação, contra práticas discriminatórias de exploração e violência contra mulheres, negros e homossexuais.

Paradoxalmente, a maioria das entidades de classe - inclusive estudantis -, nesses últimos anos tem se alinhado ao governo de plantão, com isso perdendo representatividade e autonomia.

** A luta estudantil e popular conseguiu o intento desejado: a saída do ex-governador Arruda, acusado de corrupção (acusação semelhante que pairava e paira sobre uma série de ex-aliados políticos). Contudo, afastá-lo de suas funções foi o mais fácil: quanto a sua base de apoio político, praticamente toda migrou para o governo eleito logo em seguida – inclusive pessoas envolvidas na investigação criminal “Caixa de Pandora”!*

o acesso à educação, à cultura como uma coisa só pra mim. Não quero dizer com isso que antes pensasse só em mim, de forma alguma. Sempre pensei no coletivo, mas agora, com minha filha existindo, tenho uma motivação maior pra pensar em termos de futuro pra cidade. Agora penso numa ci-

Com minha filha existindo, tenho uma motivação maior pra pensar em termos de futuro pra cidade. Agora penso numa cidade melhor pra minha filha, também!

dade melhor pra minha filha, também! Os sonhos que tenho pra cidade, alguns tive que adiar um pouco. Quanto à contribuição que posso dar pra cidade, dentro de minhas possibilidades sei que contribui, pode até ter sido pouco, mas contribui e pretendo continuar contribuindo. Eu olho pro Buritis IV e digo: – Nossa, esse lugar precisa de mais árvores! Por que a gente não pensa em reorganizar os moradores? Porque agora é a minha vez! Já sou adulta, é minha vez de mobilizar, de correr atrás.

Eu penso um pouco assim, de reorganizar os moradores, de talvez fazer um projeto de arborização local, já penso mais nessa questão do que falta, do quê pode ser feito. Pretendo continuar militando, eu gosto de participar das atividades, de saber o quê acontece pela cidade, de saber quais são as lutas: só não tenho mais tantas condições, por enquanto, porque a Ana Tereza ainda é

bebê. Mas eu penso de estar acontecendo alguma coisa e *d'eu* sair e levá-la comigo. Dela participar comigo nas atividades.

Pra cidade se tornar um lugar melhor ainda falta bastante coisa! Inclusive de políticos, que ao falarem do “amor” que “dizem ter” pela cidade, que traduzam isso em ações. Trabalhando na área de Educação vejo como está a situação das escolas. Vi, no início do ano, como foi a confusão pros professores escolherem escolas, escolherem turmas. Parte da própria cidade está abandonada. No Buritis IV, por exemplo, falta policiamento nas ruas, falta arborização e sobra mato. Cadê uma praça? Às vezes saio daqui do Buritis IV, eu, minha mãe, meus dois irmãos, César e Juliano e minha filha, Ana Tereza. Vamos até a pracinha de São Sebastião, porque lá tem um parquinho,

Rejane Araújo

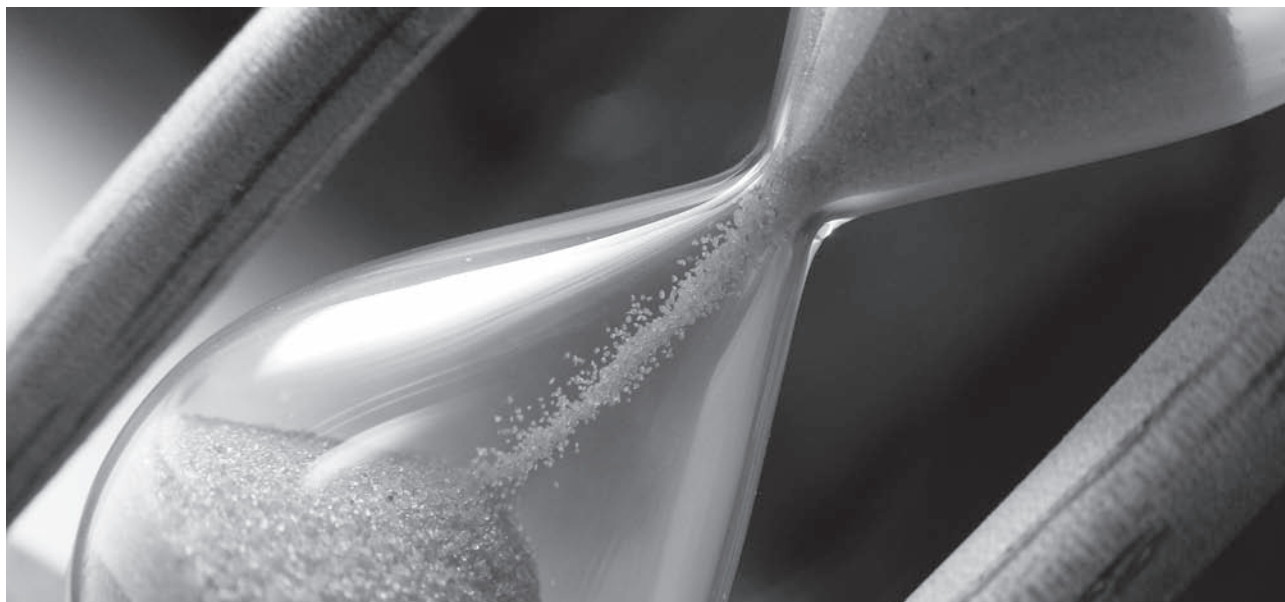


Ana Tereza, filha de Maria Clara, 2011

tem uma praça legal pra gente estar, tem um ar diferente, tem uma coisa diferente e a gente pensa: – Por que aqui próximo não constroem áreas como essa? Seria muito bacana, né? A gente não precisaria ir tão longe.

Engraçado, fiquei nervosa ao ser entrevistada! E olha que já entrevistei muita gente! Mas estar do outro lado, gera um pouco mais de ansiedade: o que tenho que lembrar, o que tenho pra dizer?! Aqui, do outro lado, tive que pensar nas minhas próprias memórias e ver que não é tão fácil quanto a gente pensa, falar de si. Ah, é só lembrar o que aconteceu com a sua vida! Não é bem assim. É mesmo um filme que vai passando na cabeça: tudo que eu já fiz, pensar um pouco mais, estar mais atenta nas coisas. É uma experiência bacana! Agora posso dizer que já fiz de tudo na Utopia!

TERCEIRA GERAÇÃO



LETÍCIA,
filha de Bartolomeu e
neta de D. Dos Anjos



Bartolomeu, Letícia e D. Dos Anjos

eu sempre soube, nunca tive dúvida
nenhuma!
que havia uma música, dentro da música
que só eu ouvia.

queria partilhá-la de alguma forma.
torná-la audível pra quem do meu lado.
raramente conseguia.
então ouvia as músicas
que todos ouviam, mesmo sem gostar
de algumas delas.
depois apressava ou retardava o passo
pois sabia – n'algum lugar existia alguém
que dentro de si também tinha uma música, dentro da música
que só esse alguém ouvia.

o tempo passou. a lua iluminou as noites
noites sem conta... e a música
que só eu ouvia
aos poucos se fundiu a outra música
como a água do mar na areia da praia.

CONTEXTO

85 – Literatura infantil

“Era uma vez...” Assim começa a maioria dos contos infantis desde o tempo dos nossos avós. Mas, até o início do séc. XVI, não era assim. Naquela época as crianças eram percebidas como adultos em miniatura. Por isso, as histórias populares (que dariam origem aos contos de fadas) podiam ser assustadoras, escatológicas e sexualizadas. A literatura infantil, como a entendemos atualmente, muito deve a Perrault, Irmãos Grimm e Andersen.



Contos da Mamã Gansa, Ilustração de Doré

Charles Perrault (1628-1703), francês, pioneiro em adaptar histórias de domínio popular, atenuou as conotações sexuais ou mais violentas, presentes nos relatos orais na França e outras regiões da Europa (caminho seguido mais tarde pelos Irmãos Grimm). Seu livro “Contos da Mamã Gansa”



Meu nome é Letícia Carvalho de Oliveira, nasci no dia 17 de outubro de 1992. Moro com meu pai, Bartolomeu, minha mãe, Cilene e meus dois irmãos, Vinicius e Vítor. Eu e meus

irmão nascemos em Brasília e sempre moramos em Planaltina.

Meu pai veio da Paraíba e minha mãe do Maranhão. Vieram pequenos pra cá. A família de minha mãe veio por uma questão de sobrevivência. Brasília estava crescendo e atraía todo mundo. As pessoas vinham pra cá com expectativa de ter emprego, de ter uma vida melhor. Acho que a família de meu pai veio pelas mesmas razões e aqui conseguiu se desenvolver.

Lembro que os meus pais trabalhavam desde cedo e deixavam sempre alguém pra cuidar da gente. Então sempre fui muito *molecona* porque tive influência dos meus irmãos. Meu pai não gostava de deixar a gente ficar na rua porque tinha medo da violência. Ele ficava preocupado porque passava o dia todo fora. Eu e meu irmão mais novo sempre fugíamos pra brincar na casa dos vizinhos. No final da tarde meu pai levava a gente pra brincar na rua, jogar bola. Na época eu ainda não sabia andar de bicicleta. Ficava vendo os meninos pedalando e achava muito legal. Gostava de pular corda e brincar de elástico. Eu lembro também que tinha um tambor que não tinha muito uso. A gente enchia de água, se enfiava dentro dele e descia a ladeira da rua, até bater

no poste! Lembro dos meus pais chegando à noite, pra cuidar da gente. Pela manhã minha mãe me arrumava, fazia minha lancheirinha e meu pai me levava pra escola. Às vezes meu pai me levava à pé, outras vezes de bicicleta. A minha festa é quando ele ia me levar e me buscar de bicicleta! Nessa época o meu irmão mais velho estudava em escola pública (eu sempre estudei em escola particular). Quando meu pai comprou um opala eu gostei porque dava pra escutar ele chegando da esquina. Meu pai às vezes me esquecia na escola, tipo a aula começava meio dia, meu pai ia me pegar uma hora da tarde! E eu ficava esperando... aí quando escutava o som do Opala chegando eu achava legal!

Acho que até os dez, onze anos eu morei na quadra 2, depois mudei pra quadra 4 da Vila Buritis, que é onde moro até hoje. Na quadra 2 conhecia muitas crianças, principalmente as vizinhas mais próximas. As do final da rua nem tanto, mas as mais próximas a gente ia na casa, brincava de fazer comidinha, de fazer brigadeiro de panela. Quando se é criança a gente não sente obrigação de estudar. Criança quer aprontar e eu brigava com meus irmãos, mas não era porque a gente não se dava bem, era pra *caçar* alguma coisa pra fazer! Na quadra 2 o quintal tinha muita planta, era grande e a gente corria e brincava de polícia e ladrão. Tentávamos nos entreter com alguma coisa dentro de casa, sabe? Lembro que eu pegava as bonecas, quando já não tinha mais o que fazer, inventava festa de aniversário, chamava as vizinhas pra ficarem comigo. A gente sempre teve uma relação muito boa com as empregadas. Lembro de

uma, Rosa, o nome dela. Não era empregada de ficar cuidando da casa: ela sempre brincou muito com a gente, tentando preencher o tempo de quando não estávamos na escola. Com quatro anos eu já estava na escola, pois já sabia ler. Eu via meu irmão mais velho indo pra escola, aí eu tinha essa vontade de ir também, então minha mãe me matriculou. Por isso, quando estava fora da escola a gente tentava criar algo pra fazer, pra não ficar naquele tédio. Meu pai sempre manteve uma regra de não ter mais de uma televisão em casa. Ele não deixava assistir qualquer coisa. Hoje eu vejo que é diferente, criança assiste o que quer, bota no canal que quer e fica acordada até a hora que quer. Quando eu e meus irmãos ficamos mais “velhinhos” e tinha aqueles filmes de animação a gente gostava de assistir, mas a televisão não era muito o nosso forte não, eu tinha muitos livrinhos e preferia ler⁸⁵.

Por tudo isso a mudança da quadra 2 pra quadra 4 foi um pouco difícil. Na quadra 4 nossa rua até hoje é mais de idosos. Não tinha muita criança pra brincar. Lembro quando a gente vinha brincar com meus primos Filipe e Luiza, na casa deles ou na casa da avó Dos Anjos, mãe de meu pai. A gente vinha pra brincar de escolinha, essas coisas, então a gente brincava na rua, mas na minha rua, na quadra 4 só fui brincar quando era adolescente.

Desde criança percebia a diferença de tratamento entre meninos e meninas. Eu ganhava muita boneca. Tinha época que até brincava com elas, mas não era uma coisa que eu gostasse muito, porque eu via os

apresenta “Chapeuzinho Vermelho”, “A Bela Adormecida”, “O Barba Azul”, “O Gato de Botas”, “Pequeno Polegar”, etc.

Irmãos Grimm, Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859), alemães, fizeram um trabalho de coleta das histórias populares na Alemanha, chegando a mais de duzentas: “A gata borralheira”, “Branca de Neve”, “Os Músicos de Bremen”, “João e Maria”, “Rapunzel”, etc., além de incluir histórias anteriormente coletadas por Perrault.

Hans Christian Andersen (1805-1875), dinamarquês, escreveu “O Patinho Feio”, “O Soldadinho de Chumbo”, “A Pequena Sereia”, “A Roupas Nova do Rei”, etc.



A Gata Borralheira, ilustração de Carl Offterdinger (1829-1889), pintor alemão. A exemplo de Gustave Doré, foi muito requisitado pelos escritores e editores da época para ilustrar contos de fadas e romances.

Na literatura infantil o que mais prende a atenção dos ouvintes e leitores é o *maravilhoso*, que estimula a imaginação da criança, fazendo-a transcender a realidade, e ao mesmo tempo ajudando-a no processo de amadurecimento e na integração no seu convívio social. Mas, junto com o *maravilhoso*, vêm embutidos valores e conceitos do tipo “bom” e “mau”, “certo” e “errado”, “aceitável” e “não aceitável”, etc. Tais conceitos e valores, alguns fraternos e universalistas; outros, a maioria, objetivam a manutenção da ordem vigente. Além disso, tais histórias, por terem sido coletadas e (re) criadas por europeus, primam pela ausência

meus irmãos com coisas mais dinâmicas: bola, jogo de tabuleiro, velotrol e eu tinha só as bonecas! Tinha que inventar uma história muito grande pra ser divertido, sabe? Até minha adolescência eu ganhava boneca de porcelana. Aquilo pra mim não tinha sentido: ganhar boneca de porcelana?! Porque é algo que vai ficar parado. Hoje em dia eu vejo que é legal pra enfeitar. Eu sentia diferença de tratamento não só nas questões dos brinquedos. Eu gostava de brincar na rua, de correr descalça e quando tinha muito menino e não tinha ninguém cuidando da gente meu pai não gostava. Quando a gente mudou aqui pra quadra 4 só tinha menino na rua. Eu gostava de soltar pipa, de ficar brincando de dar murro nos meninos, eu tinha um jeito meio moleque assim. Daí quando meu pai me via na rua eu já saía correndo pra dentro de casa, pra me esconder. Meu irmão mais novo sempre me cobria: “Vai que eu fico aqui no final da rua, pra vigiar se o pai vem”. Aí eu ficava brincando lá. Quando meu pai levava a gente no Morro da Capelinha, lá não tinha problema, podia soltar pipa com os meus irmãos.

A minha avó Adalgisa também tinha um olhar diferente pra mim. Às vezes me vestia com uma saia mais curtinha. Aí eu queria brincar, pular, mas “não pode ficar pulando, porque está de saia”. Eu olhava pro meu irmão de shortinho que estava pulando. Por que eu não podia estar de shortinho? Minha mãe tem loja de roupas, aí ela me vestia com vestidos e saias. Eu ficava revoltada porque queria vestir short igual menino! Aí eu trocava a roupa, botava uma bota em cima da meia, tentava inventar, mas sempre foi as-

sim, querendo ou não a criação é diferente. Na escola também, sempre havia o grupinho das meninas e dos meninos. Tinha aquele negócio que menina junto com menino, não! Criança sempre tem isso devido a educação mesmo! Aí eu sempre tive amigas, mas poucos amigos na escola. Sempre convivi com a minha prima Camila, inclusive na mesma sala de aula. Acho que isso até difi-

cultou fazer amizade com pessoas diferentes, tanto que só fui fazer mais amizades quando mais velha. Quando novinha brincava mais com meus primos e primas.

Minha avó Adalgisa sempre quis que a gente fosse católico. Tentou com meu irmão mais velho, mas não deu certo. Ele ia pra catequese e voltava pra casa com raiva. Às vezes “matava” a catequese: falava que ia, mas ia pra outro canto. Minha avó me botava no teatro da igreja onde eu fazia apresentações, porque eu sempre gostei muito de falar e de brincar. Minha avó me levava junto pras festinhas da igreja, mas não era muito minha praia não. Nunca gostei de estar quietinha, prestando atenção na missa. Talvez seja por isso que eu tenho uma visão diferente de religião. Não é a visão que minha avó queria que eu tivesse. Meus pais são católicos, mas

Acesso de família



Letícia, irmãos e primos

o meu pai não é praticante. Acho que meu pai não é bem católico. Por ser batizado, ter feito primeira comunhão e ter se casado na igreja católica ele se diz católico, mas ele acredita em outras coisas que vão além do catolicismo. Quanto a minha mãe, durante muito tempo participou da igreja mesmo, fazendo parte de pastoral, de rezar novena. Eu acho que o importante é você ter fé, você acreditar em alguma coisa, querer fazer o bem. Eu vou a igreja, às vezes, quando estou com um problema, pra ouvir alguma palavra de conforto fora de casa, algum conselho que você não encontra com amigo. Eu gosto, mas não é algo que faço com frequência. Quando eu estava dentro da igreja tinha um negócio de confessar que eu nunca gostei. Lembro que a primeira vez que eu me confessei eu chorei muito. Quando termi-

de elementos de outras culturas; seus heróis e heroínas brancos(as) ajudam a disseminar a ideologia da supremacia eurocêntrica. Tal influência perduraria por muito tempo nas colônias ultramarinas, inclusive no Brasil.

A literatura infantil brasileira do final do século XIX até a segunda década do século XX era formada basicamente por adaptações dos clássicos europeus. Isso só mudaria com

Monteiro Lobato (Taubaté-SP, 1882-1948, São Paulo-SP), escritor, tradutor e editor. Em pleno século XXI continua no topo dos escritores do gênero infantil. Seus livros são reeditados com sucesso desde o seu lançamento, há mais de 90 anos: “Reinações de Narizinho”, “Caçadas de Pedrinho”, “Aritmética da Emília”, “O poço do Visconde”, etc.

Cecília Meireles (1901-1964, Rio de Janeiro-RJ), poetisa, educadora, pintora e jornalista. Obras infantis: “O cavalinho branco”, “Colar de Carolina”, “Sonhos de menina”, “O menino azul”, “Ou isto ou aquilo”, etc.

Maria Clara Machado (Belo Horizonte-MG, 1921 - 2001, Rio de Janeiro-RJ), escritora, dramaturga, professora, fundadora do grupo Tablado. Obras: “Pluft, o Fantasminha”, “O Boi e o Burro a caminho de Belém”, “O Rapto das Cebolinhas”, “A bruxinha que era boa”, etc.



Ruth Rocha (1931, São Paulo-SP), escritora e socióloga, membro da Academia Paulista de Letras. Obras: “Marcelo, marmelo, martelo”,

nou a confissão pensei: – Mas eu não contei todos os meus pecados! Tudo que você faz é pecado?! Gosto de acreditar em Deus, tenho as minhas convicções, mas não são relacionadas a nenhum tipo de igreja.

Desde criança percebia a diferença de tratamento entre meninos e meninas.

A minha primeira escola ficava no Setor Tradicional. Era pra quem tinha um uma condição financeira melhor. Gostei muito dali, porque tinha muitas atividades relacionadas com teatro. Estudei ali até a primeira série. Como os meus amiguinhos estavam mudando pra uma nova escola eu quis ir junto. Chorei até que meu pai consentiu que eu mudasse. Não tive uma experiência muito boa, não. Era uma escola muito fechada, escura, com muita grade, não tinha verde. Eu senti o impacto e não gostei. Nessa época meu irmão mais velho saiu da escola pública e foi estudar numa escola particular na Vila Buritis. Fiquei receosa de mudar outra vez, mas mudei na terceira série. Nessa escola senti o mesmo impacto negativo da escola anterior: não tinha verde, não tinha parquinho – parquinho mesmo, com areia e escorregador! –, e não parquinho artificial, com

emborrachado. De todo modo, como meu irmão estudava lá era melhor eu estar lá do que numa escola que eu também não gostava. Demorei pra me acostumar porque exigiam muito da gente, era muita cobrança. Sempre gostei de ler, sempre fui boa com português, já em matemática sempre tive dificuldade e eles cobravam muito nessa matéria. Cheguei a chorar em prova por causa disso. Sempre tive um emocional sensível e me cobrava que eu tinha que ser aluna nota dez. Nessa escola, além de muita cobrança, tinha um negócio de “estrelinha”, pra premiar com brinquedo os melhores alunos. Foi uma felicidade quando ganhei essa estrelinha: um papagaio que falava! Com o tempo fui me acostumando e me formei lá, no terceiro ano. O engraçado é que a minha turma meio que se manteve desde a segunda, terceira séries. Ficamos juntos, crescemos juntos, passamos pela adolescência juntos, foi um processo legal, mas o nosso convívio era mais dentro da escola, a gente não tinha esse negócio de sair, principalmente quando a gente era mais nova. Minha mãe não gostava que eu ficasse na casa de amiguinhas, porque não conhecia os pais, por isso a gente convivia mais dentro da escola mesmo. Quando tinha trabalho era difícil também, porque a escola tinha uma política de não deixar aluno fazer trabalho fora da escola. Se a gente se reunia na casa de amigos e a direção descobria, levávamos bronca!

Eu percebia, mesmo quando era criança, que havia uns coleguinhas que tinham uma questão ligada com o sobrenome. Tinha pessoa que parecia ter mais acesso a certas coisas na escola do que quem não tinha determina-

do sobrenome. Lembro que tinha uma família “Fulana” e outra “Sicrana”. Quem tinha um sobrenome desses era “rei” dentro da escola. Uma mentalidade tão conservadora dentro de uma escola do século XXI! Tinha gente do nariz empinado: “Ah, você não é Sicrano!” Eu nunca me adaptei muito bem a esse tipo de pessoa. Eu sabia que os grupinhos eram coisas que os pais colocavam na cabeça das crianças. Essa questão de estratificação, sabe? – eu percebi dentro da escola. Meu primeiro olhar pra isso foi dentro da escola.

Eu sempre tive dificuldade pra me relacionar com as pessoas. Principalmente com pessoas de fora. Então minha adolescência não foi lotada de amigos. Mas eu tinha meus amigos e gostava de sair pra lanchonete. Lembro que *teve* uma época que eu queria ir pra festa, mas era um pouco complicado: pai tinha que buscar e eu queria ficar um pouco mais... e pai tinha que buscar às dez horas da noite! Já mais recente parei de gostar disso. A gente foi vendo que não eram umas festinhas tão saudáveis como nas festas de nossos pais. Eu via certas coisas e achava um absurdo. Eu achava que não era pra minha idade, sabe? Eu não sei se foi porque eu sempre fui muito moleca que a minha cabeça não ia junto. A minha adolescência foi um processo difícil, porque eu ainda tinha uma mentalidade de criança. Esse processo de amadurecer demorou. Na escola você não podia ser vista assim, tipo levar um brinquedo pra escola com quinze anos. Se você levasse ficava deslocada, sabe? E eu gostava! Até hoje eu gosto de brincar na rua. Eu tive um choque na adolescência, mas também foi a época que comecei a me dedicar mais a

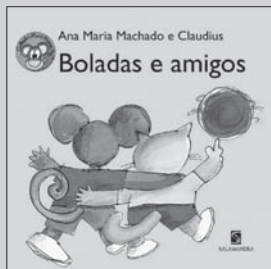
“uma história com mil macacos”, “Palavras, muitas palavras”, “Mil pássaros”, “Declaração Universal dos Direitos Humanos para Crianças”, etc.

Ziraldo (1932, Caratinga-MG), cartunista, escritor, pintor e jornalista, foi também fundador/colaborador de “O Pasquim”. Obras: “Flicts”, “O bichinho da maçã”, “O Menino Maluquinho”, “O menino marrom”, etc.



Ana Maria Machado (1941, RJ), escritora, pintora, professora, jornalista, membro da Academia Brasileira de Letras. Obras: “Uma vontade louca”, “Dona Baratinha”, “Do outro mundo”, “O canto da praça”, “Bem do seu tamanho”, “Era uma vez três”, etc.

Pedro Bandeira (1942, Santos-SP), escritor e professor, trabalhou como ator, diretor e com teatro de bonecos. Obras: “O fantástico mistério de Feiurinha”, “O dinossauro que fazia au-au”, “Rosafior e a Moura Torta”, “Alice no País da Mentira”, “A Contadora de Histórias”, etc.



estudar. Sempre fui muito organizadinha. Tinha meus planos, minhas metas. A gente não teve esta criação de ir pra festa, nem nada disso não. Mesmo assim acho que fui a que gostava mais de sair, mas passou essa época.

Quando eu era mais nova via Planaltina como um lugar onde estava tudo bacana. Estava crescendo, brincava na rua, ia pro Morro da Capelinha, achava aquilo o máximo! Gostava quando meu pai levava a gente pra fazer caminhada. Eu não tinha uma visão mais crítica. Sabia da violência pelo que ouvia dos outros. Hoje eu já tenho uma visão diferente. É uma cidade que luta entre o tradicional e o avanço. Vejo que mudou a estruturação da cidade, bairros que não existiam agora existem. A cidade se desenvolveu. Cresceu a cidade e junto com isso, a violência. Vejo que as crianças estão mais dentro de casa, porque os pais têm medo. Hoje, se eu saio à noite, minha mãe fica preocupada. Eu vejo a violência como um reflexo desse crescimento desordenado. Antigamente não tinha uma visão mais clara do que era Planaltina. Era o lugar onde eu morava e estava bacana pra mim. Não tinha cobrança, não tinha necessidade de ir pra outro lugar, o que eu precisava tinha aqui. Hoje eu vejo que Planaltina está crescendo sim, mas existem certas carências que a gente percebe, principalmente se compararmos com Brasília. Hoje eu vejo que está tendo iniciativas de fazer com que o jovem tenha possibilidade de viver aqui e de se desenvolver. Tanto é que teve a iniciativa da Universidade de Brasília (UnB) de trazer o Campus pra cá. Lógico que com cursos mais

reduzidos, mas são alternativas pro jovem estar se desenvolvendo.

Hoje eu estudo na UnB, no Plano Piloto. Minha vida praticamente é lá no Plano. Venho pra Planaltina no final de semana. Teatro, cinema e shows você encontra mais em Brasília, isso eu gosto muito. Não tem cinema em Planaltina, não tem sequer um teatro. Mas fico feliz quando vejo iniciativas de grupos de teatro aqui da cidade com bons espetáculos e bons atores. Ao ficar mais tempo em Brasília tive um choque: se você passar na rua ninguém fala “oi!” No Plano Piloto as pessoas são assim. Em Planaltina a gente se preocupa com o outro. Eu acredito que por ser um lugar mais afastado ela foi se desenvolvendo, meio que criando sua própria cultura. Com influências, lógico, de gente que veio do Nordeste, de gente que veio do Sul, de todos os lugares do país, mas ela criou uma identidade. A questão do Vale do Amanhecer, por exemplo, é de uma cultura riquíssima! E muitas pessoas não conhecem, mesmo morando aqui. Em Brasília isso é muito mais marcante – as pessoas não se conhecerem. Aqui, se eu passo na minha rua os vizinhos me dão bom dia, sabem o meu nome. No Plano Piloto isso é muito difícil. Você mora num apartamento, num edifício residencial onde existem muitas pessoas morando e não sabem quem você é. Uma coisa que eu gosto aqui é que as pessoas se conhecem. Se você fica doente, o vizinho sabe que você está doente. Se você viaja, o vizinho sabe que viajou, ele vai ficar de olho na sua casa.

Minha perspectiva de trabalho não é aqui, porque escolhi o curso de Jornalismo.

Rejane Araújo

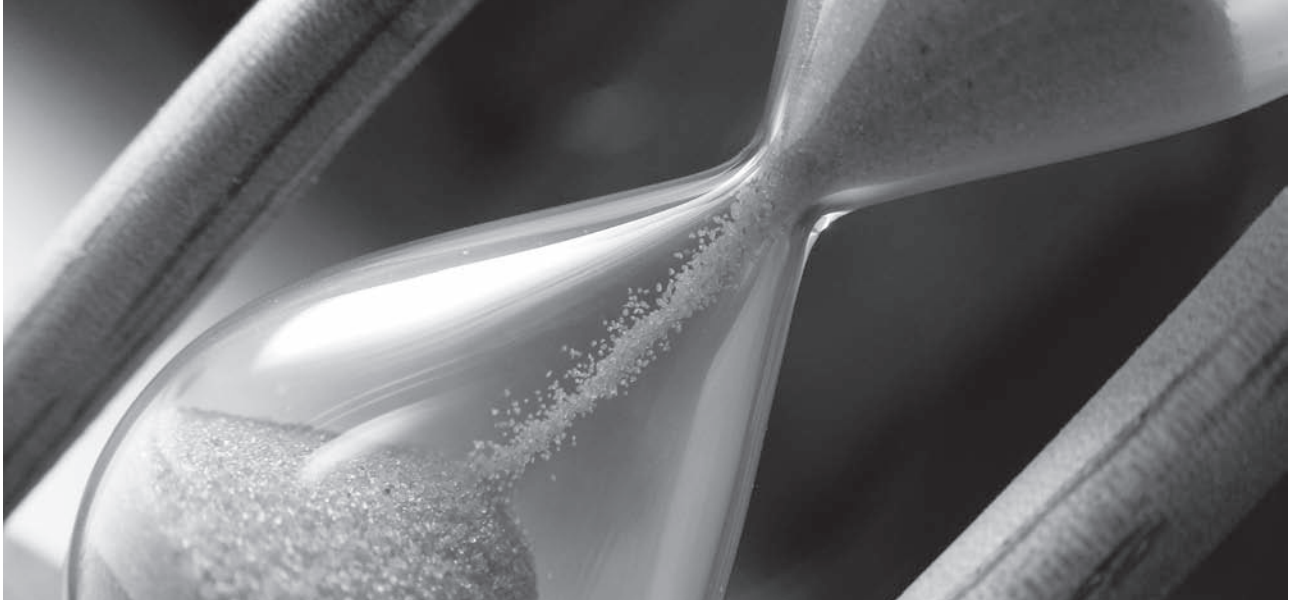


Letícia e seu pai Bartolomeu

É o que eu sonho desde criança e é o que quero pra minha vida. Pra ser jornalista em Planaltina é difícil. Não tem um mercado de trabalho que ofereça condição financeira pra você se sustentar e criar uma família. Eu vejo jornalismo como uma questão de cidade grande, com muito movimento, onde tudo acontece. A minha perspectiva não é trabalhar aqui. É o que eu penso agora. Mas às vezes as coisas mudam – e ao mudarem a gente também pode mudar a forma de pensar.

É muito bacana ser entrevistada desse jeito. É bom porque a gente revive. Eu nunca tinha parado pra pensar assim. Acho que deve passar alguma coisa, lógico, mas é muito legal, sério. Gostei muito e espero ter ajudado!

TERCEIRA GERAÇÃO



BRANDON,
filho de Leila e
neto de D. Maria



D. Maria, Leila e Brandon

TERCEIRA GERAÇÃO

ando
como quem voa
nas asas de um sonho.

sigo
na direção da lua
até ela sumir nas nuvens densas.

tem nada não.
sempre haverá lugar
pra se contar uma boa história
do tempo em que
andava como quem voa
nas asas de um sonho
guiado pelo brilho
da lua.

CONTEXTO

86 – Natal x Papai Noel

Para os cristãos, o Natal remete ao nascimento de uma criança nascida humildemente numa estrebaria, e que trouxe consigo a mensagem do Amor mais sublime. Tal mensagem deveria fazer com que todos os seres se reconhecessem como irmãos, e que ao invés de desperdiçarem o tempo numa competição estúpida para se imporem uns sobre os outros, deveriam exercitar a prática da cooperação, da partilha e da Paz.



Pastores adoram o Menino Jesus - Gerard van Honthorst, 1622

No Brasil, até o início do século XX, praticamente não existia menção a Papai Noel. Os presépios é que davam o tom no período natalino. Oferecer presentes nessa época do ano era uma tradição onde se demonstrava o apreço que se tinha por vizinhos e familiares, ao mesmo tempo em que se fortaleciam os laços de pertencimento às comunidades. Resaltamos que a tradição da troca de presentes



Meu nome é Brandon Gabriel Gomes Cosmo, nasci no dia 15 de março de 1994, no Rio de Janeiro, não sei bem a cidade. Morei lá, acho, três ou quatro anos, depois a gente veio pra Planaltina. As lembranças que tenho do Rio são do meu pai soltando pipa na rua, jogando bola... Outra coisa que lembro é que tinha um fliperama. Até teve um dia que eu sumi! Eu tinha três anos. Pequenininho, eu sumi. E foram me achar no fliperama. Outra lembrança que tenho é de minha mãe correndo, eu pedalando o velotrol e rindo. Estava tendo um tiroteio e ela correndo atrás de mim e eu pedalando o velotrol e rindo da cara dela. Depois eu perguntei pra minha mãe se foi isso mesmo. Não cheguei a estudar lá, porque eu era muito pequeno. Eu lembro de ter visto o Papai Noel!⁸⁶ Foi o seguinte: numa noite de Natal tinha uma árvore, lembro de vultos... aí eu levantei, olhei e vi que alguém botou um presente na árvore e saiu correndo. E estava com uma blusa vermelha. Aí eu pensei que era o papai Noel! Quando fiz uns seis anos falei pra minha mãe: – Mãe, lembro que vi o Papai Noel quando eu era pequeno. Aí ela me disse: “Acho que você viu o seu tio que estava com uma blusa vermelha. Ele colocou o presente e saiu correndo, porque você acordou”. Lembro também da casa da minha avó, que pra mim era muito grande. Ano retrasado fui lá no Rio, visitar meu pai. Aproveitei e fui

na casa que minha avó morou. Era uma casinha muito apertada, muito pequena. Eu olhei e pensei: – Poxa, é a mesma casa, só que menor! Encolheu ou eu cresci? E essas são as lembranças que tenho de quando era pequeno e morava no Rio...

Aí a gente mudou pra cá, pra Estância, que é um setor residencial em Planaltina. Quando a gente chegou a casa era grandona com um quintalão! Não precisava nem ir pra rua, porque o quintal era tão grande que a gente brincava lá mesmo. E aí morava todo mundo junto. Era uma união muito grande. Eu lembro até que meu tio-padrinho tinha um quartinho que era só dele, na direita do corredor. No final do corredor era o da minha avó e tinha o da minha mãe, que era pra esquerda, sei lá! O do Bruno também era pra esquerda. Eu lembro assim, alguns vultozinhos. Quase não brincava na rua, porque como eu disse, o quintal era muito grande, então eu chamava meus amigos. A maioria dos colegas da escola morava um pouco longe da minha casa. Mas o menino que eu brincava mais, morava de frente. Então eu só chamava ele pra minha casa e a gente brincava no quintalão. Como era muito barro no quintal, mesmo sem eu brincar na rua eu vivia encardido dentro de casa! Porque eu era muito de rolar no chão, de brincar com terra, entendeu? Outra diversão minha era pegar garrafa pet, aquelas garrafas de dois litros e encher de água. Como o quintal não era totalmente plano, ele era meio que uma descidinha, eu fazia a corrida das garrafas. Na horta da minha avó tinha muito caracol. Eu sempre brincava com aqueles bichos,

por isso que eu vivia sujo também. Sempre brincava com os bichinhos que eu achava. Bonecos?! Pegava meus bonecos e “pá, pá, pá!” – quebrava tudo!

A primeira escola que estudei eu não gostei nada, nada! Não sei porquê. Quando eu entrava e via minha mãe indo embora, eu começava a chorar. Eu não gostava de lá, não gostava mesmo! Normalmente quando eu ia entrar na escola, eu chorava no primeiro dia. No segundo dia: – Ah, que legal, meus amiguinhos estão lá! Mas nessa primeira escola não: todo dia eu chorava o mesmo tanto que chorara no primeiro! Aí minha mãe me tirou de lá. Fiquei só uns três, quatro dias naquela escola. Depois minha mãe alugou a lotação de um vizinho pra eu estudar no Jardim da Escola da Vivência, em Planaltina. Lá tinha piscina, um parquinho e eu consegui me adaptar. A gente brincava muito. Tem um menino que mora aqui no Vale que estudou comigo lá no jardim de infância. Lá eu era muito cobrado, porque eu fazia futebol nos bombeiros e eles cobravam pra gente se comportar no jardim, porque eles tinham contato, e se a gente se comportasse mal os treinadores do futebol davam bronca na gente. E isso ajudou muito no desempenho lá dentro, entendeu? Na Escola da Vivência eu só chorava assim, de vez em quando. Que eu era chorão mesmo! Acho que eu era mimado demais. Depois do jardim de infância eu fui pra Escola Paroquial, fazer a primeira série. Nessa escola eu achava que era mais coisa de adulto, eu falava: – Caramba, eu estou indo pra uma escola onde a minha tia e meu tio estudam! Nos intervalos eu encon-

com igual motivação não se restringia aos católicos ou ao Brasil.

O surgimento e caracterização do Papai Noel como o conhecemos foi criação da Coca-Cola no final do século XIX, mas só a partir de 1931, com campanhas publicitárias cada vez mais agressivas, consolidou-se como ícone da cultura de massas, transformando o Natal no período de maior consumismo do ano. Não é à toa que à proporção que a figura do “bom” velhinho ganha mais e mais projeção o caráter religioso do Natal perde a sua força e impacto junto às sociedades.

Segundo Gibran, poeta libanês, *“Pouco dais quando dais de vossas posses. É quando derdes de vós mesmos que dareis realmente”* – e dentre o que não pode ser comprado ou vendido –, e sim doado, partilhado, destacamos Amor e Fraternidade: sentimentos que verdadeiramente retratam o Espírito Natalino.

B7 – Legião Urbana e Mamonas Assassinas

A Legião Urbana, banda de rock de Brasília, e para muitos a mais importante do país, contribuiu para transformar a década de 1980 na época de ouro do rock nacional. Mas em que contexto ela surgiu? Depois de duas décadas a Ditadura militar-civil agonizava, não sem antes dar mostras de toda a sua insanidade com o atentado do Riocentro em 1981! – o que não diminuiu o ímpeto de quem queria “Diretas já!” – o que ainda levaria um bom tempo para se tornar realidade. Passava a hora de exercitar (ou seria reaprender?) o que era liberdade de expressão. Toda uma gama de sentimentos sufocados explodiam nas canções de jovens roqueiros, dentre eles: Renato Russo, Dado Villa-Lobos, Marcelo Bonfá, Renato Rocha, Paulo Paulista, Eduardo Paraná, Ico Ouro-Preto (Legião Urbana); Nando Reis, Marcelo Fromer, Arnaldo Antunes, Charles Gavin, Paulo Miklos, Sérgio Britto, Tony Bellotto, Branco Mello (Titãs); Cazuzza, Frejat, Fernando Magalhães, Rodrigo Santos, Guto Goffi,

trava a Leilane e o Bruno, meus tios, pois eles estudavam lá. Era bem legal, porque é massa estudar com a tia e o tio na mesma escola! Depois eles foram saindo e eu fui ficando sozinho. Estudei ali até a terceira série. A quarta eu já fiz no Vale.

Minha mãe casou novamente. Meu padrasto eu chamo de pai, acostumei. Ele já tinha uma filha que ficou sendo minha irmã. Aí a gente arrumou um cachorro. E esse cachorro quase enforcou minha irmã. Ela botou a corrente no pescoço dela e o cachorro puxava. Desceu a escada com a corrente no pescoço e o cachorro puxando. Todo mundo ficou desesperado, até desenrolar os dois.

Aí meu tio-padrinho se mudou da Estância e veio morar aqui no Vale. Ele foi o primeiro a sair de lá. Eu me sentia mó triste, porque a família estava se separando. Minha avó se mudou também e a gente ficou lá: eu, minha mãe, meu pai e minha irmã. E a gente ficou morando sozinho, naquela casa imensa! Ficamos lá um tempo e depois mudamos aqui pro Vale.

Quando a gente se mudou pra cá era todo mundo mais junto dos outros, de novo! A minha avó morava na quadra 41. Era um lotezão horroroso. Era cheio de tralha, com um pé de goiaba no meio. Tinha uns quartinhos do lado e uma casa feia no meio: uma casa gigante! Eu lembro de um corredor que tinha uns quartinhos e que a gente morou... não sei se a gente vinha só final de semana... Sei que eu conheci um cara que tinha vários instrumentos, ele morava lá, e aí eu achava muito legal porque meu pai sempre tocava violão. Só que esse cara não gostava de mim

porque eu era um pirralhinho que ia lá, mexer nos instrumentos dele. Agora sei como é que é porque hoje eu sou músico e a gente fica muito apegado aos instrumentos. Lembro também que tinha um pezinho de árvore na frente. Eu e meu tio ficávamos brincando com uns bichinhos brancos. Até hoje não sei nem o que era aquilo. Na minha infância, eu via muito vagalume, hoje não vejo mais. Eu não sei o que está acontecendo com os vagalumes: só vejo um ou dois. Aqui no Vale mesmo, quando a gente brincava, quando o pessoal ia pro Templo, ficávamos eu, meu tio e minha tia... tem uns quartinhos ali embaixo do templo e uma graminha lá. A gente costumava ficar por ali e sempre achava muito vagalume. A gente ficava brincando, tirava os tênis e corria na grama. É isso aí que lembro da infância no Vale. Foi muito legal a minha infância aqui.

Comecei a estudar aqui na escola Mestre d'Armas, na quarta série. Tinha uns marmanjões cabulosos. Uns caras grandões. Eu ficava: – Caramba véi, eu sou pequenininho! Mas o pessoal era gente boa, tinha meio que aquela marra de “Ah, eu sou o fodão daqui!”, mas era normal, entende? Porque aqui sempre foi uma cidade meio que todo mundo fala que é perigosa, do gueto, só tem bandido. E o pessoal age como se fosse mesmo, por causa da fama. Na quinta série eu e minha irmã mudamos pra escola que foi inaugurada no Pacheco, que é um setor residencial do Vale do Amanhecer.

O que me aproximou da música eu nem sei, mas sempre gostei. Contou o fato de nascer ouvindo meu pai e um colega tocando

Arquivo de família



Leila e Brandon

violão na porta de casa. Tocavam Mamonas Assassinas, Legião Urbana⁸⁷ e eu gostava de ficar escutando. Na segunda vez que eu fui no Rio, achei mó legal. Quando chegava a noite eu ficava tocando violão com meu pai, porque eu já tinha mais um pouco das manhas. Mas o meu primeiro instrumento mesmo foi a flauta, a flauta doce, que é um instrumento de fácil acesso: só dois e cinquenta na lojinha e já vem com um papelzinho ensinando mais ou

Peninha, Maurício Barros, Dé Palmeira (Barão Vermelho); Herbert Vianna, João Barone, Bi Ribeiro (Os Paralamas do Sucesso).



Legião Urbana

A composição que transcrevemos abaixo é de autoria de Renato Russo, vocalista da banda Legião Urbana. Foi a música nacional mais tocada nas emissoras de rádio no ano do seu lançamento, 1987:

Que país é esse?

Nas favelas, no Senado

Sujeira pra todo lado

Ninguém respeita a Constituição

Mas todos acreditam no futuro da nação

Que país é esse?

Que país é esse?

Que país é esse?

(...)

Integrada por Dinho, Bento Hinoto, Júlio Rasec, Samuel Reoli e Sérgio Reoli a banda *Mamonas Assassinas*, com este nome, teve duração muito breve, menos de um ano (junho de 1995 a 2 março de 1996), mas vendeu mais de 3 milhões de cópias com o único álbum. Um acidente aéreo causou a morte de todos os seus integrantes.

menos. Eu era ligado em videogame. A trilha sonora dos jogos ficava na minha cabeça. As músicas dessas trilhas é que eu tentava tirar na flauta. O primeiro violão que eu comprei me passaram a perna, porque eu paguei 200 reais num violão véi, todo quebrado. Foi meu pai que me deu o primeiro violão mais ou menos. As primeiras músicas que aprendi foram da Legião e dos Mamonas. Depois de um tempo é que passei pra guitarra solo. Pra melhorar meus solos aprendi a solar as musiquinhas dos jogos que marcaram minha infância.

Eu não gosto de festa, não gosto de sair, sempre fui de ficar em casa desenhando, brincando, jogando videogame. Tem um pessoal na quadra em que moro que gosta de jogar bola, de ficar na rua, aí eles me chamaram. Eu nunca fui muito de jogar bola. Fiz escolinha de futebol, mas saí rápido, tanto que hoje o pessoal marca o futebol e sou o goleiro, porque quem não sabe jogar bola ou é goleiro ou é juiz, né? Depois veio a banda. As minhas amizades estão na banda e no pessoal lá da minha rua.

Minha primeira experiência de trabalho foi no Projeto de Iniciação Científica da UnB, em parceria com a Rádio Utopia. A gente fez uma entrevista na escola com representantes do projeto e eu fui selecionado. Foi uma coisa que me agradou muito. No começo desse projeto separaram grupos e temas que a gente gosta de falar, passar o que a gente gosta pras pessoas. E eu achei bem legal e até hoje estou lá.

Daqui pra frente espero terminar os estudos, arrumar emprego. Vamos tentar levar a banda pra frente, se não der certo, tudo bem, tentamos, temos história pra contar pros ne-



Acervo de família

Leila e Brandon

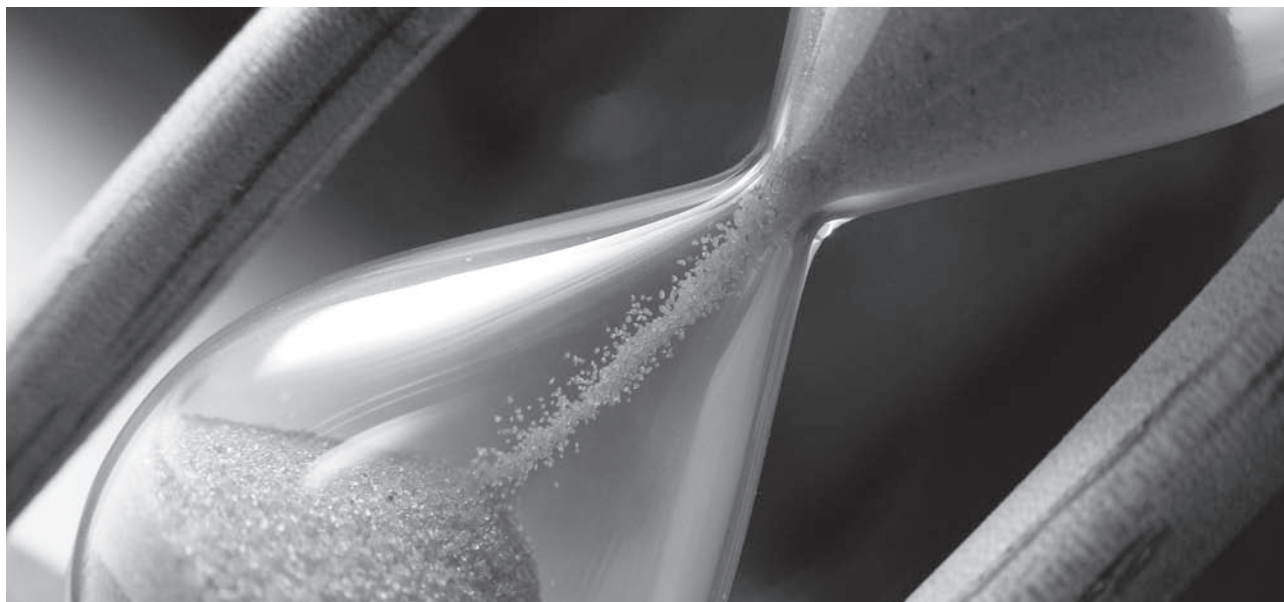
tos. Penso em fazer Pedagogia e Artes Musicais. Pedagogia, porque me identifico muito com criança. Artes Musicais, porque mexo com música. Eu acho errado nos Prezinhos não familiarizar a criança com a música. Eu não tive contato com a música assim, no Prezinho. Tinha aquelas cantorias, mas nunca vi um instrumento, entendeu? Eu fui ver bem depois. No Prezinho as crianças tendo música, vendo um violão, vendo um teclado, acho que seria legal pra dar valor na música, na cultura também. A música tem que ser passada desde cedo pras crianças.

Pela religião prefiro ficar aqui no Vale. Pela família também, porque acho que ninguém vai sair daqui. Infelizmente, Planaltina

não oferece muita oportunidade pra quem quer trabalhar. É uma cidade pequena, o “grande” está lá pelo Plano Piloto. Agora, o curso que eu vou fazer é Pedagogia, então eu posso ficar por aqui e dar aula em alguma escola local, porque eu gosto de ficar mais com minha família. Agora, na questão da banda, se der certo, é uma coisa que eu “puff!” – vou sumir. Mas a minha vontade mesmo é de sempre ficar perto da minha família.

Quando soube que seria entrevistado eu pensei: – Não vou falar nada, já que eu não vivi nada. Mas veio vindo detalhes, pequenos detalhes que foram importantes pra mim, que eu acho que deu pra enrolar sobre a minha vida.

ARTIGOS



Luiza Oliveira
Regina Coelly F. Saraiva
Rejane Araújo
Elias Manoel da Silva
Leonio Matos Gomes
Fernando O. Paulino/Juliana S. Mendes
Marcelo Bizerril

A reconstrução do passado sob as lentes do presente: Memória, Identidade e Pertencimento

Luiza Oliveira*

Cada indivíduo carrega consigo lembranças. Durante toda a vida, o ato de rememorar nos proporciona alegrias, aflições, surpresas e uma infinidade de outros sentimentos. O que vivenciamos e a forma como acessamos as experiências do passado por meio da memória, é parte daquilo que nos constrói e nos possibilita ser quem somos hoje.

A memória é o instrumento que nos permite reter e preservar o tempo, driblando o esquecimento e a perda. Mas é mais que isso. A *memória social* atua na construção de *identidades*. O ato de lembrar possibilita uma ampla gama de representações que colaboram na construção dos sujeitos individuais e sociais. Dessa forma, se articula

também com a noção do *pertencimento*. As reconstruções históricas e coletivas de uma memória vivida, podem nos auxiliar pensar em pertencer, seja a um grupo, a um bairro, a uma classe social, etc.

Para compreender os nexos entre memória, identidade e pertencimento, é importante delimitar o próprio conceito de memória social. Os estudos da memória envolvem diversas áreas do conhecimento humano. Indo além da abordagem psicológica ou neurofisiológica, o sociólogo Maurice Halbwachs define a memória enquanto fenômeno eminentemente coletivo. A sociedade é a trama que permeia e possibilita as reconstruções e representações do indi-

víduo por meio de suas lembranças, pois é nela em que as memórias são adquiridas, reconhecidas e localizadas.

A memória é uma construção porque depende do papel ativo que o sujeito coletivo tem ao atuar no presente e, que a partir daí, refaz, reconstrói e repensa as experiências do passado. A memória coletiva não é reflexo da totalidade das vivências do grupo, ela admite descontinuidades e esquecimentos. O reconhecimento do caráter seletivo da memória é o que permite Benjamin (2008, p.234) afirmar que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”.

Muitas vezes a seletividade da memória, essa capacidade para o esquecimento, ocorre a partir de sua funcionalidade para indivíduos e grupos específicos. Grupos dominantes buscam monopolizar a memória:

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, p. 422)

Por outro lado, existem possibilidades de leituras do passado que ocorrem a partir da esfera do local e do particular. A memória se constitui como um campo de disputa que também pode dar voz aos/às silenciados/as e marginalizados/as pelos discursos dominantes e impulsionar processos de resistên-

cia à dominação. Isso é importante porque ao se tratar de uma *partilha* entre indivíduos de um grupo, ela se conforma enquanto elemento constituinte de noções de identidade social e pertencimento, que por vezes fogem do processo homogeneizante e excludente do atual sistema político e econômico.

Na medida em que os indivíduos partilham de uma reconstrução do passado em comum, expressa pela memória social, se identificam com esse grupo, e constroem conjuntamente uma própria percepção de si em relação aos outros. Assim, a reconstrução da memória vai construindo também identidades sociais. Um dos elementos que distingue um grupo é a memória que desenvolve do seu próprio passado. Esse é um processo dinâmico e permanente de construção, que reflete conflitos, interesses antagônicos e relações de poder e dominação.

Para Benjamin, a tradição e a memória são atuantes na transmissão de bens culturais de geração à geração. As referências que constituem a identidade do indivíduo representam quadros de referências simbólicos que atravessam presente e passado. A memória assume toda uma dimensão social e, torna-se, portanto, *elemento socializador*. Ao estar imerso em uma sociedade, as memórias dos indivíduos se mesclam com a memória socialmente construída pelo grupo e por meio dessa memória social o grupo se distingue dos demais. O reconhecimento de uma identidade coletiva traz também uma noção de pertencimento ao grupo. Novamente, é a partilha em comum do passado vivido.

Se incluirmos nessa análise a esfera da dis-

puta, do conflito e da interação entre grupos, o sentimento de *pertencer* assume um caráter ambivalente. Por um lado, notamos certa positividade, que se relaciona com o sentimento do indivíduo de reconhecimento no outro ao seu redor, e na partilha de valores e sentimentos, que o identificam com o grupo, que o tornam um dos elementos constitutivos da coletividade. Por outro lado, há uma perspectiva que traz em si uma noção de negatividade, que se relaciona com o choque entre aquilo que o indivíduo percebe enquanto sua singularidade, e o que a memória social e a sociedade apresentam. Se a memória liga o indivíduo ao grupo e lhe dá a noção de pertencimento, na medida em que o conflito e a contradição se fazem presentes, abre-se espaço para a negação. O indivíduo olha para o grupo, reconstrói uma memória social que lhe permite racionalizar e construir o presente, mas ocorrem fissuras entre o que emana dessa memória e da sociedade e os pontos de vista do indivíduo enquanto singularidade.

Assim, podemos afirmar que as lembranças que os indivíduos carregam não são ape-

nas suas lembranças. Fazem parte de uma reconstrução social que se dá através de noções e representações oriundas da sociedade. A memória social interage com a memória individual e permite, além de reconstruir as experiências vividas, expressar formas de organização da vida social, bem como sentimentos de identidade e pertencimento.

Os estudos da memória social podem nos contar muito acerca de um povo, uma cidade, um grupo. Não só aquilo que é lembrado, mas também o esquecimento e a ausência são indicadores da vida social: expressam valores e interesses. Dar voz à memória das pessoas marginalizadas pelo discurso oficial e hegemônico é disputar uma visão de mundo valorizada pela variedade das interpretações e experiências humanas. É visibilizar histórias que os senhores da memória e do esquecimento se esqueceram de contar. É fortalecer identidades sociais e sentimentos de pertencimento que neguem a homogeneização e dominação que o atual sistema político e social propõe, e que afirmem a pluralidade das culturas e histórias dos povos.

NOTA

* **Luiza Paula Araújo de Oliveira** - graduanda de Ciências Sociais da UnB. Comunicadora comunitária, participa de projetos de educomunicação com estudantes de escolas públicas do DF.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2008.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas: Unicamp, 1999.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** *Estudos Históricos.* Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

História, memória e identidade

Regina Coelly F. Saraiva

Existe uma concepção arraigada entre nós de que a história é a ciência que estuda o passado e sua função seria somente resgatar esse passado para nos ajudar a compreender o presente e o futuro. Esse modo de ver a história quase a torna uma vidente que, diante de uma bola de cristal, daria resposta a tudo. Conceber a história desse modo pode transformá-la numa ciência passiva e linear.

O estudo da história é complexo. A história ao (re)construir o passado assume um compromisso com o presente, levando os homens a fazer reflexões sobre suas próprias experiências como sujeitos coletivos, contribuindo, desse modo, para posicioná-los diante do futuro. Assim, podemos afirmar que a história é a ciência que estuda o passado, mas com o compromisso crítico de nos fazer compreender, questionar e tentar transformar o presente e nos direcionar para um futuro que desejamos. Ver a história sob esse ponto de vista recupera sua dimensão política e emancipatória, tal como nos lembra o filósofo Walter Benjamin.

A partir desse entendimento, podemos dizer que a história também é a “ciência da identidade”. Ao buscar o passado, são trazidas memórias de um tempo que revela quem somos e revela nossas experiências. A memória, em sua relação com a história, nos salva do esquecimento e da perda. Ela retém e preserva o tempo; transforma o passado em coisa viva, arraigada de experiências que revelam as ações dos sujeitos na história. Todos já ouvimos dizer que “um homem sem memória, é um homem sem passado”.

A memória é o campo de atuação da história. Mas durante muito tempo, a história se preocupou em registrar experiências somente de alguns grupos, excluindo outros. Deixava muito claro que sua opção era fazer registros somente de pessoas ilustres, fatos políticos e econômicos das elites, desconsiderando outros sujeitos históricos, seus saberes e fazeres. Mas, a história foi revista e novas formas de concebê-la foram incorporadas ao seu campo de interpretação. O campo da história, ao ser ampliado, tornou pos-

sível reconhecer que memórias/experiências de outros homens e mulheres também eram importantes para a história.

Neste sentido, a história oral foi fundamental. Como metodologia que busca (re)construir o passado, tornou possível que o campo de interpretação da história incorporasse memórias dos vários sujeitos, transformando-os em sujeitos históricos. A história oral tem como principal fonte de pesquisa a memória. Ao dar voz a homens e mulheres, a história oral torna possível reconhecer a história em suas múltiplas dimensões. Ela torna viva a relação entre a história, a memória e a identidade.

Essa “história a contrapelo” está preocupada em registrar narrativas de grupos relegados ao esquecimento. Traz para o campo da história aquilo que foi silenciado; desvenda identidades, saberes e fazeres anteriormente relegados. Reconhece nas narrativas o elemento capaz de permitir a compreensão do processo ativo de construção de significados sociais que são dados pelos diversos sujeitos.

Reconstruir narrativas significa, para Benjamin, que as “interpretações sociais”, “interpretações de mundo” não estão fundadas em visões essenciais, mas em “múltiplas interpretações” dos vários sujeitos da história, construídas a partir da sua experiência na e com a cultura. Para ele, a experiência de homens e mulheres, de carne e osso, é que interessa para a história. Considerar essas experiências significa não se conformar com os conteúdos e possibilidades cristalizados, fixos em determinadas visões, em determinados projetos identitários. Incorporar visões, experiências,

memórias dos oprimidos significa construir uma alternativa para irromper silêncios.

Para Benjamin, é a memória que “arranca a tradição do conformismo”, procurando no passado, nas tradições, sementes de uma outra história possível. Para ele, a memória é a redenção da história. Esse é o maior desafio do trabalho com a memória, a possibilidade de ver a história ser reconstruída a partir de múltiplos olhares.

No pensamento benjaminiano está presente o princípio construtivista de evocar a memória na arte de narrar; (re)construir memórias não no sentido de fazer um resgate do passado puro e simples, ou ainda fazer uma descrição desse passado “tal qual ele ocorreu de fato”, mas “fazer emergir esperanças não realizadas desse passado, inscrever em nosso presente seu apelo por um futuro diferente. Para isso, é necessária a obtenção de uma experiência histórica capaz de estabelecer uma ligação entre esse passado submerso e o presente” (GAGNEBIN, 1993, p. 58).

A narrativa da história parte de uma fonte, a experiência coletiva, aquela ligada a uma “tradição viva e coletiva” que traduz “um passado comum, permanentemente vivo no relato dos narradores” (BENJAMIN, 1987). As experiências de homens e mulheres, ao serem redimidas pela memória, criam condições para se escrever no presente os apelos do passado. Assim, a (re)construção das experiências permite refletir sobre seus significados nas ações da vida cotidiana onde a história transcorre.

Nas memórias estão presentes identidades que se manifestam ao serem (re)constru-

ídas, numa ação que Benjamin compreende como libertadora. Nessa ação “não só o que foi dito e feito é reconstruído, mas também o que foi sonhado, o que foi desejado e ficou reprimido” (MAGALHÃES, 1997, p. 22). (Re)construir memórias permite que outras histórias sejam escritas. Infinitas historicidades são evocadas. Desse modo, pluraliza a presença dos sujeitos na cena social e histórica; rompe exclusões, dando à história um caráter plural, democrático, onde cada homem e cada mulher pode ver sua experiência de vida registrada como algo importante

e como parte da história.

A partir dessa perspectiva de conceber a história e a memória, a metáfora da vidente (que tudo pode ver) também se transforma. Sua bola de cristal não serve mais para ver o passado e prever o futuro, mas para revelar uma proliferação de experiências dos vários sujeitos; seu papel não é mais o de dizer a verdade, mas de traduzir verdades (no plural), revelando histórias, complexidades e identidades.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política.** Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOSCHI, Caio César. **Por que estudar história?** São Paulo: Ática, 2007.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória.** Ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- GAGNEBIN, Jeane Marie. “**Walter Benjamin ou a história aberta**” In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I. Magia e técnica, arte e política.** Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas, São Paulo: Ed. Unicamp, 1996.
- MAGALHÃES, Nancy A.; NUNES, José Walter; PAIVA-CHAVES, Teresa. “**Memória e história: diálogo entre saberes**”. Revista Participação, no. 02, Brasília: Decanato de Extensão/UnB, 1997.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória.** A cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1992

Memória: a trama do cotidiano

Rejane Araújo*

“Quando fecho os meus olhos vejo tantas coisas que não existem. Coisas do meu tempo de menina...”

A memória compreendida em suas múltiplas dimensões constitui a argamassa que sustenta as raízes do passado, alimenta o presente e lança sementes para o futuro. O longo fio urdido e desurdido nas idas e vindas. A fala aos borbotões jorrando sem dar conta do pensamento. O turbilhão de sentimentos enraizados no lugar de origem ou na experiência marcante que se viveu num minuto, numa hora, num dia ou numa eternidade. A tentativa de buscar caras, nomes, características com quem se compartilhou a trajetória de vida. O tempo não linear conduzindo ao presente e ao passado. Memórias significativas que marcam discursos recorrentes.

A linguagem viva, cheia de nuances, o corpo que fala, colorindo a narrativa, instigando o ouvinte a ir além das palavras e a buscar

fragmentos de suas próprias memórias porque cada história é, também, universal.

Para algumas, o sentimento de ruptura e de perda ao sair de sua terra é tão forte que as mantém presas ao lugar de origem. Impulsionadas pela necessidade, partem e se repartem, dividem-se entre dois mundos: o possível e o sonhado. O espaço geográfico se torna um lugar de memórias, de identidade, de sonhos e de idealizações. Para outras, a dureza das pedras, do dia a dia, da lida suplantando o sentimento de pertencimento. Apesar das múltiplas rupturas, a coragem de se reinventar e criar novos significados para a experiência vivida.

O partir, presente nas narrativas das primeiras gerações, adquire cores e nuances para cada uma dessas pessoas, mas um eixo

perpassa por todas elas: a busca por melhores condições de vida. O sonho de trabalho, de estudo para os (as) filhos (as) e de moradia. Impulsionadas por um ideal, deixam o seu quinhão de terra e se aventuram por terras desconhecidas.

Nas falas, o que lembrar? O que manter oculto? O choro contido, o riso, o muxoxo, o silêncio enfatizando a fala. Desta forma revelando, denunciando ou afastando uma ideia, um fio da memória que se rompe ou se junta à outros para esconder ou fortalecer uma linha de pensamento. As narrativas pungentes falando das esperanças e dos sonhos. Falando dos dias de meninice, de traquinagens, de brincadeiras e das dificuldades.

As narradoras da primeira geração com seu contexto vivencial, político e social desmistificam a ideia da Brasília que nasce em espaço vazio de conteúdos culturais e históricos. Quem se deslocou para cá, na década de sessenta, trouxe, não apenas os teréns nas malas; trouxe sua terra, sua cultura, seus afetos e esperanças para preencher os espaços da Brasília pensada e construída. Em cada tijolo, em cada pedaço de pão, a marca das mãos calosas daqueles(as) que ajudaram a construir a cidade e que não tiveram o direito de morar nas asas abertas ao poder econômico.

A reconstrução da memória nos dizendo sobre aqueles (as) que foram despejados no cerrado, na chuva e na poeira de futuros bairros e futuras cidades satélites. Daqueles que encontraram em Planaltina um lugar de pertencimento, de vivências e de construção de um espaço de reconhecimento pessoal e de cidadania.

O recorte de gênero visibilizando a divisão do trabalho, das brincadeiras, dos lugares das mulheres e dos homens. No foco central das narrativas das mulheres da primeira geração situa-se o espaço doméstico que, aos poucos, vai diminuindo a sua importância, adquirindo novos contornos e se ampliando. O trabalho formal ganha espaço e as mulheres, *status* de trabalhadoras. Elas rompem regras e normas sociais, desafiam abertamente ou de forma velada as relações de poder, constituindo-se em verdadeiros pilares da família. Na tecelagem da trama cotidiana alinhavam pontos a fim de construir outra via de poder e dessa forma revelam as contradições e as repressões de uma sociedade patriarcal.

Planaltina, cidade-mãe da Capital Federal, até a década de 1980 guardava um ar interiorano. No entanto, quem chegava da “roça” sentia um inevitável choque cultural entre o urbano e o rural. Brasília no imaginário popular, quase inacessível. Uma quase abstração. Aparece para as gerações anteriores, principalmente, nas relações que tangem ao trabalho. Os mais novos conseguem desvelar melhor a geografia da cidade com seus espaços de trabalho, de estudo, de lazer e de convivência.

Para as novas gerações, o desafio de viver em um mundo midiático, de experiências efêmeras e fragmentadas e, ao mesmo tempo, serem guardadores(as) da memória e do fazer dos antepassados, cabendo-lhes o papel de refletir e questionar sobre valores que devem ser mantidos ou descartados em uma sociedade em radical transformação.

Nesse sentido, esse livro procura despertar para a valorização das memórias de quem semeia palavras, engravida a terra, colhe o trigo, faz o pão, caminha descalço, estende as mãos, abraça ideias, constrói casas... Um olhar à vida que brota incessantemente, seguindo caminhos, rompendo trilhas, contornando pedras e construindo histórias que valem a pena serem contadas e lembradas.

Glossário

Muxoxo: estalo com a língua e os lábios, acompanhado de som, demonstrando desprezo ou desdém.

Teréns: móveis e demais objetos de uso caseiro, trastes.

NOTA

Rejane Araújo de Oliveira - Arte-educadora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal; Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília, graduada em Educação Artística pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes. Realização de cursos de extensão e capacitação nas áreas de Educação a Distância, Educação Ambiental, História Oral, Memória e Teatro. Participação nos projetos desenvolvidos pela Rádio Utopia FM: Rádio Diversidade I e II, Raízes Sonoras, livros de Poesia e Prosa I e II.

REFERÊNCIAS

- LUIZ, Edson Beú. **Os filhos dos candangos: exclusão e identidades**. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília. 2007
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. *Revistas Estudos Históricos*, V. 05, nº 10. Rio de Janeiro. 1992

A História Oral e os caminhos trilhados...

Elias Manoel da Silva*

Geralmente, ao intentarmos conhecer a história de uma localidade ou instituição, vamos “fuçar” os arquivos públicos e particulares a procura de leis, projetos, atas, mapas... enfim, toda e qualquer documentação que permita fundamentar a história que se está construindo.

Sem negar esse aspecto importante das fontes escritas, houve nos últimos anos a busca por outros tipos de fontes: a história oral. “Trata-se de dados saídos de reminiscências e de lembranças que surgem com a naturalidade própria da oralidade. Ao se repetirem e ao se cruzarem, se legitimam e se reforçam reciprocamente, constituindo a trama de fundo perfeita pra nela recaírem os dados arquivísticos tradicionais”¹. Caracterizada essencialmente como uma **fonte narrativa**, esse modo de “guardar” a História quer ser uma **fonte a mais** a lastrear a “História Escrita”.

Mesmo conscientes de que “a memória é sempre uma reelaboração, socialmente determinada, e que a história oral corre o risco de fazer um uso extremamente inocente dos

relatos por ela produzidos”², hoje sabemos que a história oral **parece ser mais confiável para acontecimentos de grande impacto que impressionaram muito o entrevistado, ou para rotinas e fatos regularmente repetidos**³. Nesse sentido, a memória narrativa a respeito de uma localidade se torna, por meio da história oral, uma importantíssima fonte porque nasce do contexto vital do entrevistado, cujas memórias estão ligadas à rotina de sua vivência naquele ambiente e, portanto, traz à tona elementos que dificilmente os documentos escritos ofereceriam ao historiador. É aquilo que alguns pesquisadores chamam de “história local e enraizada”⁴. Nem sempre os documentos oficiais, por mais eloquentes que sejam, conseguem transmitir a mentalidade, os pensamentos e as paixões dos atores históricos.

E, no caso do Distrito Federal, uma região onde muitas localidades e bairros são bastante jovens, a história oral se torna mais importante ainda, pois convivem ali, lado a lado, os seus pioneiros e as novas gerações. Muitos daqueles que iniciaram tantas vilas e

idades estão vivos. Essa peculiaridade para a história oral no Distrito Federal, cuja inauguração da capital completou pouco mais de cinquenta anos, vai ao encontro de um traço cultural de nossa região, onde os mais novos procuram acessar um passado tão recente e aqueles que vieram construir nova vida nessa região desejam compartilhar suas lembranças. Nesse sentido, não tenho a menor dúvida em afirmar que o depoimento dos que aí chegaram e seus primeiros descendentes é tão importante quanto os documentos escritos espalhados pelos Arquivos, até porque, um dos mandamentos de nossa profissão é nunca confiar numa única fonte.

Além do mais, é importante ressaltar que a história oral não é uma fonte oficial e, portanto, não é obrigatoriamente recolhida em Arquivos Públicos. Contudo, é extremamente importante porque carrega “a urdidura necessária que completa a trama do sentido humano que todo fato histórico necessariamente carrega em si”⁵. Como o conhecimento histórico tem a pretensão de ser a ciência do homem no tempo, a riqueza antropológica dessa experiência tão complexa não pode ficar limitada a um tipo específico de documentação.

Isso não quer dizer que devemos preguiçosamente deixar de pesquisar zelosamente os arquivos, principalmente para aquelas localidades e elementos culturais e sociais que existiam nessa região muito antes de a nova capital ser inaugurada no Planalto Central. De fato, não há nenhum motivo intrínseco à história oral para que o historiador deixe de consultar outras fontes escritas que pos-

sam de certa forma aprofundar as memórias do passado, até porque sabemos muito bem como a memória pode nos enganar. Além disso, como é materialmente difícil interrogar um grande número de testemunhas, não raro corremos o risco de ficarmos com um conjunto de entrevistas limitado em relação à representatividade, outro problema bastante sério na história oral.

Contudo, é bom lembrar que além de servir para complementar criticamente os documentos históricos, muitas publicações que envolvem entrevistas nascem com a intenção de “**guardar a memória**”, como é o caso desta “**Memórias de Gerações**”. O entrevistado não é abordado para esclarecer algum objeto específico que o historiador está interessado previamente para que, como fonte de informação complementar, possa produzir teses e pesquisas. Esse tipo de produção de história oral, construído em função de hipóteses e do tipo de informação que o pesquisador considere necessário é extremamente complexo. E foi exatamente por se misturar demais a função de “**informação complementar**” com a de “**guarda de memória**” que a história oral recebeu críticas severas sobre sua superficialidade e falta de reflexão metodológica. Enquanto “guarda de memória” a história oral tenta “captar numa conversa o que brota do recôndito da memória, onde uma lembrança puxa a outra, expressando o que raramente se encontra escrito, na inesperada informalidade da linguagem falada, que muitas vezes permite entender sob a ótica da emoção a razão dos atos e as suas conexões”⁶. Enquanto intenciona ser “guarda da memória”, a his-

tória oral procura, acima de tudo, valorizar a palavra falada, o bate-papo, como suporte de informação e o diálogo como um meio de acessar e motivar as lembranças.

Lembro-me que muitas publicações com entrevistas de descendentes de imigrantes italianos e alemães que eram severamente criticadas em meu curso de História, hoje são livros raros, caros e essenciais para se entender a formação de várias colônias no sul do país. Aquelas pessoas contavam alguma coisa de seu passado, mas também, muita vivência do presente delas. Décadas depois, aquele presente virou passado e pode ser acessado por meio das entrevistas que foram publicadas. É claro que “o fato de a história oral ser largamente praticada fora do mundo acadêmico, entre grupos e comunidades interessados em recuperar e construir sua própria memória, tem gerado tensões, pois as perspectivas, os objetivos e os modos de trabalho de acadêmicos e não acadêmicos, podem diferir muito”⁷. Portanto, **não se deve antecipadamente construir restrições críticas sobre a história oral sem levar em conta os objetivos a que ela se destina.**

Portanto, se por causa de questões técnicas e teóricas há incisivas críticas à história oral, por outro lado, entendida como técnica para guardar as experiências de pessoas, a história oral torna-se essencialmente **produtora de fontes primárias** que servirão para contar a história das localidades dessa região e a cosmovisão daqueles que as construíram.

O mundo digital com sua tecnologia tornou muito mais fácil e acessível a pro-

dução de entrevistas para a história oral. As filmadoras, mesmo que simples, permitem alcançar no entrevistado, além da voz, as nuances da linguagem corporal e facial envolvidas na própria fala. Almejo que essa publicação motive a todas as famílias, comunidades eclesiais das diversas igrejas, empresas, bares... a guardarem suas memórias por meio da história oral. Que os professores de História de nossa cidade criem projetos com seus alunos e os envolvam no fascinante processo de “**guarda de memória**”, as quais se tornarão fontes primárias para os historiadores que virão. Já participei de rodas de conversas em bares que, ao terminar, lamentei profundamente não ter jogado sobre a mesa um gravador para ter guardado aquele bate-papo tão grávido de conteúdo histórico. Um gravador ou uma câmera poderá ser para as gerações futuras o único meio pelo qual poderão conhecer a fala, o rosto, enfim a visão de mundo de seus parentes que já partiram. **As famílias e instituições de hoje tem responsabilidade em deixar a suas memórias** que servirão para alimentar o desejo das gerações futuras de conhecer seus antepassados.

Mas tenhamos cuidado. Como historiador tenho visto muitas famílias se desfazerem de importantes “documentos velhos”, vídeos e fotografias, a partir da morte de pais e avós. Num primeiro momento, por motivo sentimental, são guardados. Contudo, quando, mais tarde, os documentos, fotos e entrevistas caem nas mãos de um descendente sem ligação afetiva com estas “memórias” são jogados fora. Nesse sentido, conclamo a todos

que procurem conhecer o Arquivo Público de sua cidade ou região. Essas instituições oficiais poderão ser parceiras na guarda de arquivos particulares ou poderão assessorar as famílias em como guardar mais adequadamente esses documentos que futuramente poderão ajudar a algum parente, ou profissional contratado, a escrever a história da família ou localidade. Essa mesma sugestão vale para os pesquisadores que fizeram tra-

balhos acadêmicos para os quais produziram “documentos sonoros”.

Não podemos nos esquecer de que somos mortais e como seres humanos, demasiado humanos, nossas memórias se esvaem como lágrimas na chuva. O tempo não irá esperar para que nos convençamos de que temos responsabilidade em guardá-lo. Portanto, entrevistemos e publiquemos. Que o tempo julgue se fomos suficientemente zelosos.

NOTA

* **Elias Manoel da Silva** - Historiador, Arquivo Público do Distrito Federal.

REFERÊNCIAS

- 1 BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Catálogo de Depoimentos Oraís**. Arquivo Público do Distrito Federal, Brasília, 1994, p. 13.
- 2 HALL, Michael M. **História Oral: Os riscos da inocência**. Texto apresentado no seminário “História e Memória”. p.157-160.
- 3 Ibidem, p. 157-160.
- 4 FRANCOIS, Etienne. **A fecundidade da história oral**. IN FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000, p. 4.
- 5 BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Catálogo de Depoimentos Oraís**. Arquivo Público do Distrito Federal, Brasília, 1994, p. 13.
- 6 BICCA, Briane. **Catálogo de Depoimentos Oraís**. Arquivo Público do Distrito Federal, Brasília, 1994, p. 17.
- 7 FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2000, p. XV.

História, oralidade e memória

Leonio Matos Gomes*

A História sempre se ocupou em narrar ou trazer à tona atos e feitos de pessoas que se “notabilizaram”. No entanto, a História somente por esta ótica fica incompleta porque é incontestável que esses personagens “notórios” não estavam sozinhos no período em que viveram. Eles estavam rodeados por pessoas que também presenciaram os mesmos fatos e acontecimentos e por vezes tiveram até atuação mais destacadas que os personagens reverenciados pela história.

Saindo do geral para o específico, o pensamento de que a História deveria ser contada, também por aqueles, que viviam ou ainda vivem em Planaltina, enriquece sobremaneira a história do conhecimento sobre a cidade na tentativa de amplificar uma História que sempre priorizou a elite (SHARPER, 1992, p. 41).

A escrita desta História implica em afirmar que antes, áreas e pessoas que eram consideradas inexistentes, podem e devem ser pesquisadas e mesmo pesquisadoras, advindas assim, novas versões da História. Além

disso, essa História escrita e narrada por aqueles que são excluídos, traz uma significação de identidade e origem, até então, não conquistada. Assim, essa nova formulação histórica expõe a identidade dos moradores de Planaltina que não é somente estruturada por médicos, fazendeiros e advogados, mas, também por donas de casas, pedreiros, lavadeiras dentre outros.

Os que se consideram detentores da História duvidam de uma “história” formada por meio da oralidade. Além disso, a História Oral traz insegurança aos historiadores que ainda não a dominam. Eles alegam que os narradores dessa nova “versão histórica”, não detêm os métodos científicos para as devidas conclusões e análises. Em prefácio à edição do livro de Paul Thompsom, “A voz do Passado”, Sônia M. Freitas nos fala:

“... para alguns historiadores tradicionais os depoimentos orais são fontes subjetivas por nutrirem-se da memória individual, podendo ser falível e fantástica. No entanto a subjetividade é um

dato real em todas as fontes históricas, sejam elas orais, escritas, ou visuais.” (FREITAS in THOMPSON, 1992, p. 18)

É pertinente assinalar que a respeito do processo seletivo realizado pelos entrevistados em suas falas, em seu lembrar e seu esquecer, é um retrospecto que a memória realiza para a formação das ideias acerca do passado. É a respeito da memória na formação de nossa história, que Antônio A. Sá em seu trabalho “Memórias em confronto nas comemorações dos centenários de Canudos” discute no capítulo “Memória e História”:

“... qual o papel do estudo da memória no debate teórico e metodológico de uma historiografia que se pretenda crítica e renovadora? Essa discussão do problema da memória, pensada enquanto produção simbólica e parte do imaginário social, pode levar o historiador a duvidar de suas certezas e a rever também a sua produção como produto de imaginário delineado por memórias específicas” (SÁ apud. SANTOS, 1988, p. 6-7).

A citação acima remete à análise das lembranças que os entrevistados têm sobre os acontecimentos. Suas narrações nos fazem pensar que a História de Planaltina estava incompleta, e o quanto ela era/é sectária, favorecendo uma história muito mais idealizada que realista.

A História enquanto (re)construção que resgata o passado, aponta para a elucidação do presente e acaba por projetar o futuro, possibilita afirmar que este exercício encontra em cada indivíduo um método semelhante (passado, presente, futuro) por meio da

memória. Autores que trabalham com história oral elaboraram, conforme Sá (2003), perspectivas diferenciadas e conclusões próximas a esta afirmativa.

De acordo com Frisch (1996), os estudos recentes estão assinalados por situações, nas quais a história modificou a maneira de se pensar a memória e a memória modificou a maneira de se pensar a história. Apesar da contradição ou paradoxo, essa tensão foi útil para direcionar os historiadores a focalizarem a problemática da própria memória coletiva, situando-a tanto como fonte de alternativas e resistências ao “status quo” quanto como objeto de direcionamento ideológico preponderante por parte das estruturas do poder cultural e político. A reunião da memória à história propiciou uma tensão promissora às novas abordagens conceptivas tanto da história, quanto da memória:

“... nas quais o processo de dar sentido ao passado é entendido como uma capacidade mais geral, expressa de várias formas e modos, que podem ser mais bem entendidos como organizados em vetores de diferentes espectros, em vez de estarem agrupados em torno de noções polarizadas de história e memória” (FRISCH. 1996. p. 77-78)

Em estudos sobre a relação memória e história, Le Goff, fala que a memória humana tem como função a preservação de informações, das quais é possível revisitar na construção do que ele chama de passado (LE GOFF, 1999, p.11). Ecléa Bosi completa este pensamento dizendo que o lembrar não é viver novamente, mas refazer, repensar com imagens

e ideias dos dias presentes (BOSI, 2002, p. 17). Com estes dados é possível verificar que o ser humano está em constante construção de seu passado, tendo em vista que esta memória varia de acordo com as influências que este sofre. As variações estão contidas nos atos de lembrar e esquecer. Deste modo:

“...tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos e dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.” (LE GOFF, 1999, p. 13).

Nas narrativas do livro é visível uma preocupação dos narradores em precisar datas, locais e nomes. Acredita-se que a preocupação com a exatidão de dados seja para eles, a confirmação de que estão falando verdades e de que não restem dúvidas quanto a essas narrativas..

A oportunidade de apropriação de uma história que deveria ser de cada um e de todos, revoluciona a História e permite ouvir aqueles que antes falavam, mas não eram levados em consideração por não terem a suposta legitimidade que se exige aos que querem “fazer” História.

NOTA

* **Leonio Matos Gomes** - Professor de História, Especialista em História da América e graduado em Licenciatura em História pela Universidade Estadual de Goiás. Desenvolve projetos em educação, diversidade cultural e diversidade ambiental na Rádio Comunitária Utopia FM de Planaltina-DF. Participação em projetos do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Vale do Amanhecer e no Inventário do Setor Tradicional de Planaltina-DF.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade - Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BURKE, Peter. **A escrita da história - Novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- FRISCH, Michael. **Os Debates sobre Memória e História: Alguns Aspectos Internacionais**. In: FERREIRA, Marieta de M. & AMADO, Janaína (orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1999.
- SÁ, Antônio Fernando de Araújo. **Canudo Plural: Memórias em confronto nas comemorações dos centenários de Canudos (1993-1997)**. Disponível em:
< http://www.infonet.com.br/canudos/canudos_plural.htm.> Acesso em: 12 de janeiro de 2004.
- THOMPSON, Paulo. **A voz do passado - História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Memória, diversidade e Comunicação Comunitária

Fernando Oliveira Paulino¹ e Juliana Soares Mendes²

Registrar e disseminar cultura são missões primordiais das instituições de comunicação. Jornais, emissoras de rádio ou de tevê e portais na internet, por exemplo, acompanham e divulgam permanentemente atividades ligadas ao patrimônio material e imaterial. Os diferentes veículos se configuram, então, como canais essenciais de difusão da tradição e do legado histórico. Contudo, existem limites desse processo informativo, muitas vezes compreendido como linear, unilateral (por exemplo, dos idosos para os jovens) ou pouco suscetível a transformações. A comunicação pode ultrapassar tais fronteiras uma vez que não se restringe a ser um transporte de pacotes fechados de conhecimento. Isto é, pela linguagem, a comunicação constrói nossas interações cotidianas, nossa realidade social e nossas identidades culturais. Como di-

ria Juan Díaz Bordenave (1997:17), “diz-me como é tua Comunicação e te direi como é tua sociedade”.

Por detrás dessas lentes que revelam nossas trajetórias e valores culturais, vemos ou ouvimos, a cada segundo, sobre acontecimentos mais ou menos relevantes. Porém, como toda ação humana, é preciso treino e estímulo para lançar olhar diversificado que promova o registro de público plural num mosaico que será mais belo se tiver mais cores. Também é preciso educação para perceber que a memória não se congela no tempo e que a história pode ser contada a cada respiração.

A proposta deste livro é promover a memória e a diversidade. Aproveitamos a oportunidade para neste texto relatar o trabalho desenvolvido pelo Programa Co-

municação Comunitária em Planaltina a partir de 2007.

Acreditando na força do arco-íris sobre fundo monocromático e no canto e encanto múltiplo em relação a vozes limitadas, a Faculdade de Comunicação da UnB tem oferecido as disciplinas Comunicação Comunitária, Comunicação Comunitária 2 e Comunicação Comunitária 3 (Imprensa e Sociedade), integradas ao Projeto de Pesquisa “Comunicação Comunitária e Cidadania” (CNPq) e ao Programa de Extensão de

Ação Contínua “Comunicação Comunitária” (www.comcom.fac.unb.br) .

Desde 2002, o trabalho é desenvolvido compartilhando ensino, pesquisa e extensão com atividades dentro e fora da sala de aula, em parceria com organizações comunitárias e o Poder Público, a exemplo de grupos de mulheres, associação de moradores e ativistas ligados ao patrimônio cultural. As ações de mobilização social pretendem apoiar a promoção de direitos humanos e da cultura com jovens e reeditores locais.

NOTAS

1. *Professor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília*, onde coordena o Programa de Extensão de Ação Contínua “Comunicação Comunitária” (www.comcom.fac.unb.br) e integra o Laboratório de Políticas de Comunicação (www.lapcom.unb.br). Diretor da Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (ALAIIC). Jornalista, radialista, mestre em doutor em Comunicação pela UnB. Email: paulino@unb.br

2. *Professora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília*, onde participa do Programa de Extensão de Ação Contínua “Comunicação Comunitária” (www.comcom.fac.unb.br). Jornalista, publicitária e mestre em Ciências Sociais pela UnB. Email: jusoaresmendes@unb.br.

REFERÊNCIA

DÍAZ BORDENAVE, Juan. **O meio ambiente social da Comunicação/** Do grunhido ao satélite. In: O que é comunicação. São Paulo: Brasiliense, 1997.

História, sociedade e universidade

Marcelo Bizerril*

Vejo nesse livro, *Memórias de gerações*, uma importantíssima contribuição à reflexão histórica sobre Planaltina. Dentre suas diversas qualidades, uma das mais interessantes é a sua propriedade de nos fazer pensar a história de modo diferente do senso comum. No artigo “História, memória e identidade”, a professora Regina Coelly nos apresenta essa forma de ver a história ao afirmar que a mesma não pode se limitar a ser o mero “estudo do passado”, uma “ciência passiva e linear”, mas como ela própria enfatiza, “a história é a ciência que estuda o passado, mas com o compromisso crítico de nos fazer compreender, questionar e tentar transformar o presente e nos direcionar para um futuro que desejamos.” Outro aspecto que quero destacar naquele capítulo é a ideia de que a história tradicionalmente “registrava experiências apenas de alguns grupos”, excluindo outros pontos de vista.

Esse livro trata da superação dessa visão ultrapassada da história ao revelar, a partir dos depoimentos de três gerações de planal-

tinenses, aspectos importantes da história de Goiás e de Planaltina, assim como criar possibilidades de reflexões a respeito do futuro dessa comunidade. O que um livro como esse deixaria a desejar em relação a um livro escrito apenas pelas mãos de um estudioso da região? Por que fomos moldados a entender que esse seria menos científico que o outro, e por isso menos confiável?

Boaventura de Sousa Santos é um filósofo português que discute, com muita propriedade, as crises da ciência e da universidade. Na sua argumentação destaca que a racionalidade científica é uma das formas de entender o mundo, e que não tem dado conta de responder isoladamente as questões e inquietações dos seres humanos na atualidade. Assim, propõe que um diálogo entre os diferentes saberes surge como possibilidade de superação da dominação do pensamento científico sobre as demais formas de entender o mundo, que são igualmente válidas e complementares.

A universidade, particularmente a Universidade de Brasília (UnB), e mais particu-

larmente ainda, a Faculdade UnB Planaltina, que é o campus da UnB em Planaltina, tem duas importantes relações com esse livro: (1) pela parceria com escolas públicas e a sociedade civil organizada, notadamente a Radio Utopia FM, na organização do livro; (2) por ser citada em algumas falas ao longo do livro pelo papel desempenhado junto à comunidade de Planaltina desde sua inauguração em 2006.

Mas que papel seria esse? Para que serve, afinal, uma universidade?

Juntam-se aqui dois temas ligados ao livro: a história e a universidade. Falo dessa “história viva”, que não se reduz ao estudo do passado mas que mira a reflexão e a ação sobre o presente e o futuro, assim como me refiro a universidade de hoje que se impõe o dilema de se reduzir à sua tradição ou se reinventar para se tornar também “viva”, e assim enfrentar com vigor os problemas do país e do mundo.

Cada vez mais se fortalece a ideia de que a universidade não pode permanecer como uma estrutura estanque, imutável que se apresenta como um “templo do saber”, ou como diz o professor Cristovam Buarque, um convento do século XI. Da mesma forma, a universidade não pode seguir discutindo os problemas do mundo apenas a partir das experiências e dos conhecimentos dos cientistas, fechando-se aos saberes populares e à capacidade de trabalho, reflexão e ação da sociedade “não-acadêmica”.

No livro “Universidade para quê?”, Darcy Ribeiro nos lembra da missão original da UnB de pensar o Brasil como problema e

encontrar soluções para suas contradições, universidade que ele define como “ambiçãõ mais alta da inteligência brasileira”. Há muita história a ser analisada nos últimos 50 anos que se passaram desde sua inauguração, e o campus de Planaltina, a FUP, nasce em 2006 buscando contribuir para que a UnB realize seu destino.

Nesses primeiros anos de funcionamento a FUP logrou êxito em estabelecer boas relações e parcerias com a comunidade de Planaltina, graças ao esforço, respeito e insistência de ambas partes. Foram diversos projetos ligados à valorização da cultura, defesa do patrimônio histórico, desenvolvimento da agroecologia e da educação ambiental, apoio à formação inicial e continuada de professores, elaboração de estudos e implantação de parque urbanos, notadamente o Parque Sucupira, dentre outras ações. A estrutura física da FUP também tem sido muito utilizada pela comunidade para reuniões e discussões diversas que envolvam a participação da comunidade na gestão pública. Recentemente foi implantado o Conselho Comunitário da FUP, um espaço institucional para diálogo entre a universidade e a sociedade, o qual a comunidade de Planaltina precisa se aproximar.

Volto a citar o texto da professora Regina Coelly quando analisa a importância de “(re)construir memórias, não no sentido de fazer um resgate do passado puro e simples, ou ainda fazer uma descrição desse passado ‘tal qual ele ocorreu de fato’, mas ‘fazer emergir esperanças não realizadas desse passado, inscrever em nosso presente seu

apelo por um futuro diferente.”, para reforçar o convite que a FUP faz à comunidade de Planaltina: que a presença da universidade não signifique apenas a melhoria do acesso dos jovens aos cursos do ensino superior, mas que a universidade possa ser um

meio de viabilizar os desejos da comunidade por uma cidade diferente. Que a aproximação entre sociedade e universidade seja uma realidade da geração atual para que as próximas colham os benefícios desse trabalho coletivo.

NOTA

* **Marcelo Ximenes Bizerril** - Prof^o da Faculdade UnB de Planaltina - FUP; graduado em Ciências Biológicas (UnB), doutor e mestre em Ecologia (UnB); ex-diretor da Faculdade UnB-Planaltina; professor na Pós-graduação em Educação Ambiental (UnB).

REFERÊNCIAS

- Buarque, C. (2013). *A síndrome dos conventos e a pós-universidade*. Recuperado em 26 setembro, 2013, da Universidade de Brasília, UnB-Futuro Web site <http://www.unbfuturo.unb.br/index.php/artigos>
- Ribeiro, D. (1986). *Universidade para quê?* Brasília, Editora Universidade de Brasília.
- Santos, B.S. (2005). *Um discurso sobre as ciências*. 3a. Ed, São Paulo: Cortez.
- Santos, B.S. & Almeida Filho, N. (2008). *A universidade do século XXI: para uma universidade nova*. Coimbra: Almedina. 184p.
- Universidade de Brasília. Faculdade UnB Planaltina. (2013). *Projeto Político Pedagógico Institucional da Faculdade UnB Planaltina*. Recuperada em 26 setembro, 2013, da Universidade de Brasília, Faculdade UnB Planaltina Web site <http://www.fup.unb.br>

ROTEIROS

Roteiro Educativo–Cultural

Quando pensamos a elaboração do livro *Memórias de Gerações* tínhamos como intenção seu uso pelo professor em sala de aula, bem como pelo Movimento Social, nas suas mais diversas formas de associação e atuação.

O roteiro educativo-cultural que ora apresentamos foi elaborado para atender essa intenção. O roteiro é apenas propositivo, cabendo aos professores de qualquer nível de ensino, do básico ao superior, buscar a melhor forma de trabalhar e desenvolver metodologias com as memórias, narrativas, contextos e informações aqui presentes.

A proposta elaborada privilegiou atividades que podem ser desenvolvidas no ensino fundamental e médio, por meio de atividades interdisciplinares e do trabalho conjunto entre professores, intencionando a potencialização do trabalho do livro com os estudantes. Com isso, desejamos que o livro *Memórias de Gerações* seja manuseado, debatido e saboreado com intensidade por crianças, jovens e adultos das escolas públicas e privadas de Planaltina e de todo o Distrito Federal, com muita troca entre os professores e entre professores e alunos.

Para atender os ensinos fundamental e médio tomamos como referência as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (Brasil, Ministério da Educação, 2013), e as áreas de conhecimento em cada nível de en-

sino. Buscamos privilegiar ações/atividades que atendam as áreas de conhecimento sem a preocupação de definir em qual componente curricular as ações/atividades podem ser desenvolvidas. Desse modo, consideramos mais amplas as possibilidades de trabalho que professores desejem desenvolver em parceria ou ainda por meio do seu componente.

Além da sala de aula, o livro *Memórias de Gerações* pode ser utilizado em qualquer atividade educativo-cultural que tenha como preocupação trazer um novo olhar sobre história, cultura, memória, cidades, bem como, sobre comunicação, universidade, meio ambiente entre outras temáticas. O trabalho com memórias é diverso por natureza, pois nelas estão expressas a dinâmica da própria vida em toda sua complexidade. Desse modo, tematizar sempre é possível, e vai depender do enfoque/metodologia que será desenvolvido(a) nas atividades/ações propostas. Nas narrativas apresentadas fizemos alguns recortes e alguns temas sobressaem mais do que outros, mas muitos outros são possíveis de serem (re)construídos. Por isso, as *Memórias de Gerações* aqui apresentadas podem servir como suporte a atividades educativo-culturais bastante diversas, deixando apenas a criatividade fluir, ou simplesmente promovendo debates, discussões sobre o que nos trazem os narradores.

Ensino Fundamental

Áreas de Conhecimento	Atividades Propostas
I. Linguagens: a) Língua Portuguesa b) Língua Materna, para populações indígenas c) Língua Estrangeira moderna d) Arte, em suas diferentes linguagens: cênicas, plásticas e, obrigatoriamente, a musical e) Educação Física	<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração de “dicionário de verbetes” sobre a cultura popular apresentada nas memórias para reconhecimento das diferenças entre as gerações. - Sistematização de informações histórico-culturais para montagem de trabalho artístico sobre Planaltina e/ou lugares que aparecem nas memórias; ou a partir dos lugares onde está situada a escola. - Sistematização de informações histórico-culturais presentes em cada narrativa para estudo comparativo entre as gerações e compreensão dos processos históricos e a transformação da sociedade, da cultura e das tecnologias.
II - Matemática	<ul style="list-style-type: none"> - Construção da linha do tempo, a partir das narrativas, para desenvolver a capacidade de utilizar a Matemática na interpretação e intervenção no real. - Elaboração de gráficos, tabelas e expressões matemáticas, a partir dos contextos socioculturais de cada geração.
III - Ciências da Natureza	<ul style="list-style-type: none"> - Sistematização de nomes de plantas que aparecem nas narrativas das três gerações, para comparação com informações atuais. - Sistematização de informações sobre saúde, hábitos alimentares, medicina tradicional, entre outros temas que aparecem nas narrativas das três gerações, para comparação com informações atuais.
IV - Ciências Humanas: a) História b) Geografia	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura das memórias para sistematizar informações histórico-culturais existentes em Planaltina e regiões de origem das várias gerações presentes no livro. - A partir dos contextos presentes em cada narrativa, buscar aprofundar acontecimentos históricos, lugares, pessoas, elementos socioculturais, elementos políticos, entre outros aspectos. - Elaboração de textos a partir de memórias dos estudantes e de suas famílias, valorizando desse modo histórias de vida/família de cada estudante e a identidade com o lugar onde vivem. - Identificação de aspectos sociológicos presentes nas narrativas, buscando evidenciar as semelhanças e diferenças em cada geração.
V - Ensino Religioso	<ul style="list-style-type: none"> - Fazer reflexões sobre elementos religiosos presentes nas memórias de cada narrador e em sua geração.

Ensino Médio

Áreas de Conhecimento	Atividades Propostas
I. Linguagens: a) Língua Portuguesa b) Língua Materna, para populações indígenas c) Língua Estrangeira moderna d) Arte, em suas diferentes linguagens: cênicas, plásticas e, obrigatoriamente, a musical e) Educação Física	<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração de “dicionário de verbetes” sobre a cultura popular apresentada nas memórias para reconhecimento das diferenças entre as gerações. - Sistematização de informações histórico-culturais para montagem de trabalho artístico sobre Planaltina e/ou lugares que aparecem nas memórias; ou a partir dos lugares onde está situada a escola. - Sistematização de informações histórico-culturais presentes em cada narrativa para estudo comparativo entre as gerações e compreensão dos processos históricos e a transformação da sociedade, da cultura e das tecnologias.
II - Matemática	<ul style="list-style-type: none"> - Construção da linha do tempo, a partir das narrativas, para desenvolver a capacidade de utilizar a Matemática na interpretação e intervenção no real. - Elaboração de gráficos, tabelas e expressões matemáticas, a partir dos contextos socioculturais de cada geração.
III - Ciências da Natureza a) Biologia; b) Física; c) Química.	<ul style="list-style-type: none"> - Sistematização de nomes de plantas que aparecem nas narrativas das três gerações, para comparação com informações atuais. - Sistematização de informações sobre saúde, hábitos alimentares, medicina tradicional, entre outros temas que aparecem nas narrativas das três gerações, para comparação com informações atuais.
IV - Ciências Humanas: a) História; b) Geografia; c) Filosofia; d) Sociologia.	<ul style="list-style-type: none"> - Leitura das memórias para sistematizar informações histórico-culturais existentes em Planaltina e regiões de origem das várias gerações presentes no livro. - A partir dos contextos presentes em cada narrativa, buscar aprofundar acontecimentos históricos, lugares, pessoas, elementos socioculturais, elementos políticos, entre outros aspectos. - Elaboração de textos a partir de memórias dos estudantes e de suas famílias, valorizando desse modo histórias de vida/família de cada estudante e a identidade com o lugar onde vivem. - Identificação de aspectos sociológicos presentes nas narrativas, buscando evidenciar as semelhanças e diferenças em cada geração.

Roteiro para Entrevistas

Para quem tenciona desenvolver um trabalho de pesquisa e registro de Memórias, seja de Histórias de Vidas, seja de Histórias de Instituições (associações, movimentos, etc.), existe uma vasta bibliografia à disposição para pesquisa. O roteiro abaixo é o

que utilizamos, mas existem muitos outros, até porque cada entrevista deve ser adequada ao contexto dos objetivos propostos. Sendo assim, munido (a) de boa vontade é se colocar em campo e desenvolver um bom trabalho!

Primeira Geração

Dados gerais:

Nome

Local e data de nascimento

Profissão/formação

Estado civil

Experiências vividas no local onde morava (infância, adolescência, vida adulta):

Quando veio para Brasília? Por quê?

Onde morou quando veio para Brasília?

Por que escolheu Planaltina?

Impressões sobre a cidade:

Quando veio para Planaltina? Por quê?

Como era a cidade?

Como era viver em Planaltina, anteriormente?

Que aspectos marcavam mais a vida em Planaltina:

Amizades

Cultura

Trabalho

Lazer

Tradições

Natureza

Outros aspectos

As mudanças da cidade:

Como vê as mudanças que foram ocorrendo em Planaltina?

Planaltina hoje:

Como vê, quais as impressões que tem da cidade hoje?

Segunda Geração

Dados gerais:

Nome
Local e data onde nasceu
Profissão / formação
Estado civil

Experiências vivenciadas no local (lugares que morou em Planaltina):

Infância
Adolescência
Vida adulta

Impressões sobre a cidade:

O que é Planaltina para você?
Como era a cidade?
Como era viver em Planaltina (em outros anos)?

Que aspectos marcavam mais a vida em Planaltina:

Amizades
Cultura
Trabalho
Lazer
Tradições
Natureza
Outros aspectos

As mudanças da cidade:

Como vê as mudanças que foram ocorrendo em Planaltina?

Planaltina hoje:

Como vê, quais as impressões que tem da cidade hoje?
Qual a relação que mantém com a cidade?

Terceira Geração

Dados gerais:

Nome

Local e data onde nasceu

Profissão / formação

Estado civil

Quais os lugares que morou em Planaltina?

Viver em Planaltina:

Quais as lembranças da infância?

A adolescência em Planaltina:

O que fez? O que gostava de fazer?

Vida adulta:

Como é viver em Planaltina?

Que aspectos marcam mais a vida em Planaltina:

Amizades

Cultura

Trabalho

Lazer

Tradições

Natureza

Outros aspectos

As mudanças da cidade:

Como vê as mudanças que foram ocorrendo em Planaltina?

Planaltina hoje:

Como vê, quais as impressões que tem da cidade hoje?

Qual a relação que mantém com a cidade?

ENCERRAMENTO

Um último dedinho de prosa...

*Com a pressa
dos que não sabem
“quando” ou “se” chegarão...
Mas, convictos que chegarão!
Como quem tem a fome e a sede
que não é saciada somente com pão e água
seguem as veredas esculpidas nas palmas das mãos.
As pegadas impressas no caminho.
O longo caminho impresso na memória.
As pegadas, uma a uma, apagadas pelo vento.
O caminho, refeito pelo lembrar-esquecer, num ou noutra momento.*

*Que importa, quão longo o caminho ou o tempo?!
Contam e cantam suas vidas, deixando-as, indelévels, na História.*

COMO FINALIZAR UM LIVRO?!

Ao chegar nesse ponto da caminhada, quando concluímos(?) essas *Memórias de Gerações*, perguntas rondam, que nem mosquito com o seu *zum-zum-zum*: Quando e como finalizar um livro?! – E livro tem fim?! Alguns acham que sim, outros acham que não. Acreditamos que enquanto persistir um mínimo de interesse, ou restar uma única questão, suscitada pela leitura, páginas e mais páginas poderão crescê-lo, senão na forma impressa, pelo menos, virtualmente.

TRILHAS DE GENTE E DE GADO CULTURA POPULAR X ... DE MASSA

Quando sobrevoamos um campo, uma cidade... e miramos lá do alto, cá para baixo, percebemos, dentre outras coisas, sinais da passagem de pessoas e de reses: caminhos estreitos ou veredas, que ziguezagueiam em todas as direções. Veredas que nem sempre conseguimos identificar com clareza quem as fez, assim como muitas outras coisas na vida. Mas será sempre tão difícil assim, distinguir o caminho de gente do caminho de gado?!

*Vereda é caminho, caminho estreito – gostoso de ir e vir.
Vereda é atalho por onde se chega mais rápido, mesmo sem correr.*

*Vereda é nascente, água que brota, cultura que jorra,
irrigando os sonhos do povo.
Povo é Maria, Manuel e José.
Povo é gente que sabe que é – e cria o que quer.*

Povo é gente – e não massa!

*Massa é leito de riacho seco, onde nada viceja
chão arenoso, que só se move, quando sopra um vento mais forte.
Massa é gente fingindo ser o que a propaganda diz que é
... só consome: até não poder mais consumir
até se perder na poeira do tempo
sem deixar rastro ou lembrança
como poeira que é.*

*Vereda é nascente, água que brota, cultura que jorra
irrigando os sonhos do Povo.
Povo é Maria, Manuel e José.
Povo é gente que sabe que é e cria o que quer.*

*Vereda é rumo, é direção.
Vereda é vida e é gente.
Vereda é vida e é gente
... em construção!*

7 BILHÕES NO MUNDO 190 MILHÕES NO BRASIL

Esses números se referem a quem: gente ou gado? Gente, pessoas... com bilhões de histórias, das quais, pouquíssimas constarão nos livros e monumentos. Como membros de um veículo de

comunicação popular que integra o Movimento Social, temos interesse em conhecer e divulgar histórias de vida... e encontramos pessoas generosas que concordaram em partilhá-las conosco! Sentimo-nos felizes e prosseguimos na certeza que...

*Em meio a idas e vindas, encontramos pessoas de tantos ofícios:
repentistas, floristas, benzedores e benzedadeiras, bordadores e bordadeiras
lavradores e lavradoras, escultores e escultoras, professores e professoras...
cujas histórias fazem parte do poema disperso por becos, estradas e campos.*

*Tem gente que corre o mundo todo, que discorre sobre tudo, mas não se vê
nem se reconhece nas pessoas que vivem cultura e arte
fugindo da fome, clamando ao céu, aboiando sonhos
bordando as manhãs, semeando mais que o “ábecê”:
plantando, colhendo e fazendo
o que todos hão de comer.*

*Tem gente que julga conhecer o mundo todo e, do mundo todo, saber tudo
... e tudo que sabe, saber mais que todo mundo!
Mas não se vê, nem se reconhece na nossa gente:
repentistas, floristas, benzedores e benzedadeiras, bordadores e bordadeiras
lavradores e lavradoras, escultores e escultoras, professores e professoras...*

*Tem gente que se julga maior que a vida:
não percebe que é simplesmente
um verso
do poema inacabado
... ou que toda história é importante, merece ser contada
pois faz parte da Memória – somatório de todas as histórias!*

AGRADECIMIENTOS

Agradecimentos

*Às pessoas que compartilharam
suas histórias de vida
agradecemos
de coração*

A Coordenação agradece a todas as pessoas e instituições que colaboraram de alguma forma para a publicação dessas *Memórias de Gerações*, parte integrante do Projeto Rádio Diversidade.

ESCOLAS PÚBLICAS DE PLANALTINA - DF

Escola Classe 08 - Valdeck C. B. Júnior, Rosângela Guedes Meira e Flávia Lopes Peres.

Centro de Ensino Fundamental 04 (CEF 04) - Marly Dias Ribeiro, Maria do Socorro Dias Martins e Maria do Socorro Barbosa.

Centro Educacional Vale do Amanhecer - Wellington de Oliveira Soares e Marlene Beserra.

Sala de Recursos de Altas Habilidades (CEF 04):

Artes Visuais - Rejane Araújo de Oliveira.

Artes Cênicas - Isabel Cristina Cavalcante.

Língua Portuguesa - Marta Margareth da Costa.

Acadêmica (séries iniciais) - Agda Neide Vieira Tomas.

Itinerantes - Cleonice Barros e Eneida Fonseca (psicóloga).

Sala de Recursos Generalista (CEF 04) - Lúcia de Fátima S. Perinazzo e Emerson P. Evangelista.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Campus Darcy Ribeiro - Ivan Marques de Toledo Camargo, José Geraldo Sousa Júnior, David Renaut e Liziane Guazina.

Programa de Extensão de Ação Contínua “Comunicação Comunitária” - Juliana Soares Mendes, Duda Bentes, Sérgio Ribeiro, Leyberson Pedrosa, Marcelo Arruda, Jairo Faria, Luma Dutra, Cecília Bizerra, Flávia Rocha, Mécia Menescal, Johnatan Reis, Robson Goes, Ilze Héllen, Mariana Cardoso, João Paulo Mariano, Erika Ventura, Débora Milhomem, Tamara Vieira, Paulo Alziro Schnor, Nicolle Brandão, Pedro Paulo Souza, Gustavo Rolim, Eliana Machado, Amanda Monteiro, Lucas Ricci, Lucas Santos e Luiz Pedroza.

Projeto dissonante.org

Faculdade UnB Planaltina (FUP) - Luiz Antônio Pasquetti, Elizabeth M. M. da Costa, Nina Laranjeira e Marcelo X. Bizerril.

MOVIMENTO SOCIAL

TV Comunitária de Brasília

Centro de Integração, Esporte e Cultura - CIEC
miralto.com.br

COLABORADORES(AS)

Clélia Marra (professora), Fernando Duarte, Heleonídia Oliveira (bibliotecária), Marise Jardim (professora), Pedro Bezerra, Renato Souza (estudante de Jornalismo), Robson Eleutério (prof. de História), Simone Macedo, Maurício “Veredas”, Marley Medeiros, Igor Frederico de Freitas Arruda, Gabriel Yago de Freitas Arruda, Clayton Santos e paulocosta999@gmail.com (capa, projeto gráfico e diagramação)

COORDENAÇÃO DA RÁDIO UTOPIA JUNTO AO MinC/FNC

Leonio Matos Gomes, coord. pedagógico

Maria Clara R. Xavier, coord. de produção (1ª fase)

Karolina Rodrigues Xavier, coord. de produção (2ª fase)

Filipe André A. de Oliveira, coord. executivo (1ª fase)

Paulo R. C. Damasceno, coord. executivo (2ª fase)

Marcelo O. Arruda, assist. pedagógico

Nielson A. C. Ribeiro, assist. pedagógico (1ª fase)

Hortência R. Xavier, assist. pedagógico (2ª fase)

Rony S. Furtado, assist. pedagógico (1ª fase)

Rodrigo C. S. Campos, assist. pedagógico (2ª fase)

COORDENAÇÃO GERAL

Batista Filho, utopiafm.com

Rejane Araújo, prof.^a SEE-DF/utopiafm.com

Fernando Oliveira Paulino, prof. UnB

Marcelo X. Bizerril, prof. FUP (UnB)

Juliana Farias, em memória e espírito

Rádio
Diversidade 

Um projeto educativo que une escolas e comunidade por meio do rádio, desde 2006. Propõe discutir, conhecer e valorizar a diversidade sob uma ótica freireana.

REFERÊNCIAS

Referências Bibliográficas

- ANDERSEN, Hans Christian. **Contos de Andersen**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978.
- AQUINO, Rubim Santos L. et alii. **Sociedade brasileira: uma história através dos movimentos sociais: da crise do escravismo ao apogeu do neoliberalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. 3ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1984.
- BOSI, Ecléa. **Cultura de Massa e Cultura Popular, leituras de operárias**. 6ª ed. Petrópolis - RJ, Vozes, 1986.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1994.
- CARTER, Ângela. **A menina do capuz vermelho e outras histórias de dar medo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2011.
- EJA MODERNA. Sociologia. Ensino Médio. **Educação de jovens e adultos**. São Paulo: Moderna, 2013.
- ELEUTÉRIO, Robson. **Na rota das nascentes: a história da região do DF**. Brasília: Editora Instituto Cerrantense, 2013.
- ESCOBAR, Giane Vargas; GOTTERT, Marjorie Ediznez dos Santos. **A essência revolucionária em Abayomi: uma boneca negra de pano em movimento**. In: SOARES, A. L. R. (org) Anais do I Congresso Nacional Memória e Etnicidade. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2010.
- FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e terra, 1975.
- GRIMM, Jacob; GRIMM Wilhelm. **Contos maravilhosos infantis e domésticos**. Tomo 1 e 2. São Paulo: Editora Cosac naify, 2012.
- MAGALHÃES, Nancy Alessio; SINOTI, Marta Litwinczik (Orgs.). **Memórias e direitos: moradas e abrigos em Brasília**. Brasília: NECOIM, 2001
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996
- OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. **A invenção do Grito**. Revista de História da Biblioteca Nacional, São Paulo, ano 1, n. 05, p. 67-71, nov. 2005.
- OLIVEIRA, Cecília Helena de Salles. **Quadro Independência ou Morte!** Revista de História da Biblioteca Nacional, São Paulo, ano 1, n. 11, p. 16, set. 2004.
- PERRAULT, Charles. **Clássicos da Infância**. São Paulo: Editora Cultrix, 1965.
- VIANNA, Hélio. **História do Brasil. Período Colonial**. Vol. II. São Paulo: Editora Companhia Melhoramentos, 1966. 4ª edição.

ZATZ, Inês Gonzaga. **Catireiros e candangos: A construção da identidade no encontro do passado e do presente em Planaltina-DF**. Brasília: dissertação de mestrado, 1986.

Referências Eletrônicas

- ALVES, Cândido. **Folia de Reis: Tradição e Identidade em Goiás**. Goiânia-GO, 2009. Disponível em: <http://pos-historia.historia.ufg.br/uploads/113/original_IISPHist09_Aroldo-Cand.pdf>. Acesso em: 10/04/2013.
- BARBOSA, Flávia Maria. **Os movimentos sociais como instrumentos dos processos de criação e de implantação de unidade de conservação no DF**. Disponível em: <http://www.btdt.ucb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=643>. Acesso em: 12/05/2013
- BOLONI, Leonardo; CÂNTIA, Aline. **Projeto Brasil Quilombola**. 2004. Disponível em: <http://www.odonto.ufg.br/uploads/133/original_cantia-aline-boloni-leonardo-qui-lombo-kalunga.pdf>. Acesso em: 18/03/2013.
- CAMARGO, Aspásia. **História das Ligas Camponesas**. Disponível em <http://www.ligas-camponesas.org.br/?page_id=99>. Acesso em: 05/03/2013.
- DIÁRIO OFICIAL DO DISTRITO FEDERAL. **LEI nº 1.318, de 23 de dezembro de 1996**. Disponível em <<http://web01.cl.df.gov.br/Legislacao/consultaTextoLeiParaNormaJuridicaNJUR-3961!buscarTextoLeiParaNormaJuridicaNJUR.action>>. Acesso em: 08/03/2013.
- GOMES, Eliésio. **Mapeamento Cultural de Guaraciaba do Norte-Ce**. Disponível em: <<http://www.aprece.org.br/site/?prefeitura=74&acao=historico&subacao=listar&id=331#historico>>. Acesso em: 03-03-2013.
- LAMBDA, Maxuel. **O Brinquedo e a infância: uma construção histórica**. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/6604/6604_3.PDF>. Acesso em: 20/10/2013
- MORTADA, Samir Pérez. **Memória e Política: um estudo de psicologia social a partir dos depoimentos militantes estudantis**. Dissertação de mestrado. USP, 2002. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-20052005-210058/pt-br.php>>. Acesso em: 18/06/2013.
- ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Síntese de indicadores 2011. PNAD 2012, IBGE. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_anual/2011/Sintese_Indicadores/sintese_pnad2011.pdf>
- PERALTA, Elsa. **Abordagens Teóricas ao Estudo da Memória Social: uma resenha crítica**. Estudos de Etnologia Portuguesa. Antropologia, Escala e Memória N.2. 2007. Disponível em: <http://www.academia.edu/917013/Abordagens_Teoricas_ao_Estudo_da_Memoria_Social>. Acesso em: 10/03/2013

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Atlas de Desenvolvimento Humano**. Disponível em: <<http://www.camposbelos.go.gov.br>>. Acesso em: 10/04/2013.

ROJAS, Jucimara. **Jogos, brinquedos e brincadeira: a linguagem lúdica formativa na cultura**. Campo Grande: UFMS, 2007. Disponível em: <http://www.fllipe.ufms.br/material/fasciculo_Jucimara_Rojas__Jogos,_brinquedos_e_brincadeiras_a_linguagem_ludica_formativa_na_cultura.pdf>. Acesso em: 20/08/2013.

Referências Videográficas

COUTINHO, Eduardo. **Cabra marcado para morrer**. Rio de Janeiro: Globo Vídeo, 1984. VHS. 120 mim.

Tornar conhecidas, visibilizar as histórias de vida
de quem construiu e constrói a cidade,
é preservar a memória da cidade.

Uma cidade não é feita só de tijolo, pedra, argamassa, madeira, tinta. Antes de ser construída – sonhos e mais sonhos se encontravam nas esquinas imaginárias. Mãos maltratadas deram forma e cor aos sonhos. E tanto esses sonhos quanto essas mãos – pertencem a pessoas que têm nome e sobrenome –, embora a maioria permaneça inominada, invisibilizada. Se quero preservar a memória da cidade tenho de falar das ruas, das praças, das casas... e o fundamental: tenho de falar sobre as pessoas, não somente daquelas que batizam ruas e praças. Antes, porém, tenho de ouvi-las... mas, por que falar sobre elas – se elas mesmas podem fazê-lo?!

"Às vezes, a gente tem uma vidinha que é meio escondida... as pessoas não sabem, né? Se eu fosse falar sobre a minha vida, do tempo que eu aprendi a fiar na roda, até agora, daria um fio bem grande!" (Dona Jaci, narradora.)



PARCERIAS

Escolas Públicas
de Planaltina

UnB - FUP/FAC
Programa ComCom



REALIZAÇÃO



Ministério da
Cultura

